



ESCOLA SUPERIOR  
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Instituto Politécnico de Lisboa

*Existe espaço para a cultura durante um ciberataque e uma guerra?  
Análise da cobertura das artes da representação  
no Primeiro Jornal da SIC*

**Estela Sofia Silva dos Santos**

Relatório de Estágio submetido como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre em Jornalismo

Sob orientação da Professora Doutora Filipa Subtil,  
professora adjunta na Escola Superior de Comunicação Social

**Outubro de 2022**

*À professora Filipa Subtil, pelo rigor, minúcia  
e apoio de uma verdadeira orientadora.*

*E aos meus pais, os dois pilares que sustentam  
tudo o que sou – e tudo aquilo que ainda sonho um dia ser.*

## DECLARAÇÃO ANTI-PLÁGIO

Declaro que o presente relatório de estágio é um trabalho original da minha autoria para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo. Atesto ainda que todas as citações se encontram devidamente identificadas e acrescento ter consciência de que o plágio poderá levar à anulação do trabalho apresentado.

21 de outubro de 2022

A candidata,

A handwritten signature in black ink that reads "Estela Santos". The signature is written in a cursive style with a horizontal line underneath the text.

# RESUMO

A prática jornalística é pressionada pela lógica mercantil da empresa detentora do órgão de comunicação, principalmente no caso da sustentabilidade financeira das empresas privadas. No caso do jornalismo cultural, o desinvestimento na reportagem e da crítica são marcas de um jornalismo desprovido da missão de gerar debate em torno da cultura. À intenção inicial de analisar o jornalismo de teatro e cinema da SIC, dois acontecimentos no início de 2022 trouxeram novos rumos à investigação – para além de uma nova pertinência. O primeiro, de índole interna, foi o ataque informático do qual a redação foi alvo a 3 de janeiro. O segundo, de natureza externa, foi a invasão da Ucrânia a 24 de fevereiro, com repercussões irreversíveis na geopolítica mundial. Esta conjuntura atípica nunca tinha sido vivida ou estudada academicamente, surgindo assim a oportunidade de um estudo de caso pioneiro na área do jornalismo cultural.

O presente trabalho retrata a experiência de estágio de 31 de janeiro a 30 de junho, coincidente com esta realidade. Deste trajeto resultou o presente Relatório de Estágio, cuja estratégia metodológica é de pendor documental (revisão da literatura sobre jornalismo cultural e análise de conteúdo de 181 alinhamentos do Primeiro Jornal) e não documental (entrevistas exploratórias a profissionais da SIC e observação participante). A investigação revela como a cobertura das artes da representação se adaptou à rigidez da agenda monotemática imposta pelo conflito bélico e à mobilização dos profissionais da redação perante os entraves técnicos provocados pelo ciberataque.

**Palavras-chave:** SIC; Jornalismo cultural; Artes da representação; Ciberataque; Guerra

# ABSTRACT

The journalistic practice is pressured by the mercantile logic of the company that owns the media outlet, especially when it comes to the financial sustainability of private companies. In cultural journalism, the disinvestment in reportage and cultural criticism reflects journalism's growing incapacity of promoting debate around culture. The initial goal was to analyze SIC's coverage of cinema and theatre. However, two major events at the beginning of 2022 brought new directions to the investigation – and a new pertinence. The first one was of internal nature, when the newsroom suffered a brutal cyber-attack on January 3rd. The second event was external, regarding the invasion of Ukraine on February 24th, with irreversible repercussions on world geopolitics. This atypical conjuncture had never been experienced nor studied academically, creating the opportunity for a pioneering case study in the field of cultural journalism.

The present work portrays the internship experience from January 31st to June 30th, coincident with this new reality. The methodological strategy is documentary (literature review on cultural journalism and content analysis of 181 news lineups from the newscast *Primeiro Jornal*) and non-documentary (exploratory interviews with SIC professionals and participant observation). The research shows how the coverage of cinema and theatre adapted to the rigid monothematic agenda imposed by the war conflict and the mobilization of the newsroom professionals to face the technical obstacles caused by the cyberattack.

**Keywords:** SIC; Cultural journalism; Performing arts; Cyber-attack; War

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO .....	1
<b>CAPÍTULO I Cultura e Jornalismo Cultural .....</b>	<b>3</b>
1.1. Definir Cultura: dos eruditos às massas .....	3
1.1.1. A cultura de massas entre Apocalípticos e Integrados .....	5
1.1.2. A viragem culturalista .....	12
1.2. Jornalismo cultural: dilemas, dualidades e contradições.....	13
1.2.1. A prática do jornalismo cultural de teatro e cinema.....	13
1.2.2. Entre a informação e a lógica mercantil.....	18
1.2.3. O culto à celebridade.....	21
<b>CAPÍTULO II A experiência de estágio na SIC.....</b>	<b>23</b>
2.1. 30 anos de SIC: o primeiro canal de televisão privada do país .....	23
2.1.1. O universo da redação de Informação.....	26
2.2. Diário de Estágio.....	28
2.2.1. As madrugadas na SIC Notícias.....	29
2.2.2. O ataque informático.....	30
2.2.3. A Guerra na Europa.....	34
2.2.4. A vida em reportagem.....	39
2.2.5. A diluição de fronteiras entre informação e publicidade.....	46
<b>CAPÍTULO III As artes da representação no Primeiro Jornal.....</b>	<b>51</b>
3.1. Objetivo, escolha e pertinência do estudo.....	51
3.2. Estratégia metodológica .....	52
3.2.1. Pesquisa documental .....	53
3.2.2. As dificuldades impostas pelo ciberataque na recolha e análise do <i>corpus</i> .....	54
3.2.3. Pesquisa não documental.....	55
3.3. Análise do <i>corpus</i> e discussão dos resultados .....	57
3.3.1. Dimensão temporal .....	58
3.3.2. Dimensão espacial.....	63
3.3.3. Dimensão formal.....	72

CONCLUSÃO .....	111
BIBLIOGRAFIA.....	114
ANEXOS.....	120
Anexo 1. <i>Napalm Girl</i> (Vietname, 1972).....	120
Anexo 2. Peças realizadas durante o estágio no Primeiro Jornal .....	121
Anexo 3. Grelha de análise .....	123
Anexo 4. Entrevista a André Antunes.....	126
Anexo 5. Entrevista a Catarina Neves.....	136
Anexo 6. Entrevista a Graça Costa Pereira .....	140
Anexo 7. Entrevista a Iryna Shev .....	150
Anexo 8. Listagem do <i>corpus</i> .....	156
Anexo 9. Categorização do <i>corpus</i> .....	159

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Número de peças transmitidas por mês.....	58
Gráfico 2. Gráfico percentual da proveniência das peças .....	64
Gráfico 3. Gráfico percentual das peças de âmbito nacional .....	65
Gráfico 4. Posição das peças no alinhamento .....	69
Gráfico 5. Cruzamento das variáveis "Proveniência" e "Posição no alinhamento" .....	71
Gráfico 6. Gráfico percentual das equipas dos jornalistas .....	73
Gráfico 7. Gráfico percentual das áreas da representação.....	75
Gráfico 8. Protagonistas das peças .....	85
Gráfico 9. Género jornalístico das peças.....	94
Gráfico 10. Principal valor-notícia das peças.....	103
Gráfico 11. Gráfico percentual das peças repetidas .....	106

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Número de peças transmitidas por dia da semana.....	60
Tabela 2. Peças da categoria "Duração Longa" .....	62
Tabela 3. Número de peças de cada proveniência.....	63
Tabela 4. Número de peças por regiões do país .....	65
Tabela 5. Peças nacionais categorizadas em "Outras Regiões" .....	66
Tabela 6. Autoria das peças "Outras Regiões" .....	67
Tabela 7. Peças categorizadas em "Séries ou Novelas" .....	76
Tabela 8. Peças sobre teatro português .....	78
Tabela 9. Temáticas culturais das peças.....	83
Tabela 10. Realizadores ou encenadores protagonistas das peças .....	85
Tabela 11. Protagonistas das peças sobre a 94ª cerimónia dos Óscares.....	87
Tabela 12. Peças que referem a guerra na Ucrânia .....	90
Tabela 13. Peças do género Reportagem.....	97
Tabela 14. Peças do género Perfil .....	100
Tabela 15. Peças do género Entrevista.....	100
Tabela 16. Peças repetidas no Primeiro Jornal.....	107
Tabela 17. Temática cultural e valor-notícia das peças antecedidas de promo.....	109
Tabela 18. Peças com autopromoção de conteúdos SIC/Impresa .....	109

# INTRODUÇÃO

O presente Relatório de Estágio é o resultado de cinco meses de estágio curricular na redação de Informação da SIC (Sociedade Independente de Comunicação), em Paço de Arcos, de 31 de janeiro a 30 de junho de 2022. Desta experiência decorreu um exercício investigativo guiado pela seguinte pergunta de partida: “Qual o espaço editorial dedicado ao teatro e cinema no jornalismo da SIC, perante um ciberataque e uma guerra?”.

A motivação académica de analisar a cobertura jornalística do teatro e do cinema é anterior ao início do estágio. O título escolhido refere as artes da representação, de forma a incluir todas as formas de expressão artística enraizadas no cinema ou no teatro, de cariz profissional ou amador, antropológico e/ou tradicional. A esta intenção académica inicial juntaram-se dois acontecimentos imprevisíveis que marcaram o primeiro semestre de 2022 e que, conseqüentemente, trouxeram novos rumos à investigação. O primeiro, de índole interna, foi o ataque informático do qual a redação televisiva foi alvo a 3 de janeiro. O segundo, de natureza externa, foi a invasão da Ucrânia a 24 de fevereiro, com repercussões irreversíveis na geopolítica mundial. Perante este cenário, a editoria de Cultura foi obrigada a adaptar-se à rigidez monotemática imposta pelo conflito bélico e à mobilização dos profissionais da redação, de forma a darem resposta aos entraves técnicos resultantes do ataque informático. Tornou-se, desta forma, incontornável fazer uma análise da cobertura do teatro e do cinema perante este cenário atípico na SIC.

A pertinência do presente trabalho assenta no relato de uma realidade que nunca tinha sido vivida ou estudada academicamente. Assim, trata-se de um trabalho pioneiro na área do jornalismo cultural. A investigação académica tem alertado para o crescente desinvestimento nos tópicos da cultura no jornalismo (Santos Silva, 2012; Lourenço, 2022). A escassez de reflexão artístico-cultural resulta de uma orientação do conteúdo da agenda para o entretenimento, *infotainment*, *faits divers* e culto à celebridade, tendências que se refletem no esbatimento de fronteiras entre o informar e o entreter (Cascais, 2001; McChesney, 2008; Faro, 2014). A fraca aposta na crítica cultural e o desinvestimento na reportagem – enquanto géneros nobres do jornalismo de cultura – coincidem com a cedência do jornalismo cultural televisivo aos interesses financeiros e comerciais da estação. Este fenómeno reflete as marcas de um jornalismo cultural invadido pela lógica

mercantil, subordinado aos interesses de autopromoção dos bens culturais produzidos pela empresa-mãe. O cenário descrito intensifica-se quando a redação de Informação é detida por uma estação de televisão privada, que também produz bens culturais para a área do entretenimento ou do *streaming*. Para além desta pressão interna, o jornalismo cultural é exposto a pressões externas quando serve os interesses e a agenda de eventos das indústrias culturais, passando a ser um palco de divulgação de espetáculos – e não um palco que dá voz ao debate e reflexão artístico-cultural.

A presente investigação desenhou uma estratégia metodológica assente na análise intensiva de conteúdo através de pesquisa documental – revisão da literatura e análise de conteúdo temática – e não documental – observação participante durante o estágio e realização de quatro entrevistas exploratórias. O trabalho está dividido em três partes: a teoria, o estágio e a investigação. O capítulo inicial faz o levantamento teórico dos principais contributos académicos no debate em torno do conceito polissémico de cultura e do jornalismo cultural enquanto prática profissionalizada. O segundo capítulo começa com a retrospectiva dos 30 anos de história da SIC e desenha uma planta do vasto universo da redação de Informação. Termina com o Diário de Estágio, que relata a experiência vivida na Edição da Manhã da SIC Notícias e no Primeiro Jornal da SIC. Por último, o terceiro capítulo é dedicado ao exercício investigativo. Começa por descrever as estratégias metodológicas adotadas que permitiram fazer a recolha e análise do *corpus*. A discussão de resultados é desenvolvida graças à junção das conclusões interpretadas pela análise de dados com o debate desenvolvido ao longo das quatro entrevistas exploratórias aos profissionais da SIC André Antunes, Catarina Neves, Graça Costa Pereira e Iryna Shev.

# CAPÍTULO I

## Cultura e Jornalismo Cultural

*Hoje, “cultura” engloba Beethoven e Madonna, um quadro de Velásquez e um anúncio publicitário da Vodafone, os sonetos de Camões e a ciberpoesia de Bernstein.*

Dora Santos Silva (2012)

### 1.1. Definir Cultura: dos eruditos às massas

Há 20 anos, a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural da UNESCO propunha uma definição congregadora de cultura, enquanto termo agregador de uma tal diversidade capaz de reunir Beethoven e Madonna. A definição proposta pela agência das Nações Unidas reflete a natureza polissémica de um conceito complexo e difícil de delinear: “Conjunto de traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e em que se englobam, para além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de vida em comum, os sistemas de valores, as tradições e as crenças”. (UNESCO, 2002)

Para além de ser objeto de várias interpretações, a definição de cultura é metamórfica, uma vez que se foi adaptando e evoluindo no decorrer da História. Compreender as inúmeras *metamorfoses* do conceito ao longo do tempo é essencial para definir as tendências e desafios da prática do jornalismo cultural, já que a definição desta prática jornalística foi evoluindo de forma paralela à do conceito de cultura. O contexto histórico deste conceito leva-nos a recuar ao século XIX. Até então, o termo estava predominantemente associado à noção de cultura clássica e erudita, referente ao campo das “artes superiores” e criação artística – as “artes e as letras” (UNESCO, 2002) – restrita a uma elite erudita, um grupo minoritário e seletivo. A partir da segunda metade desse século, começa a desenvolver-se uma abordagem antropológica do conceito. A cultura

deixou de ser exclusiva de uma elite iluminada e passou a ser alargada às formas expressivas e simbólicas do povo. Assim, nasce a concepção de cultura popular, que reflete a índole antropológica das vivências em sociedade – “os modos de vida, as formas de vida em comum, os sistemas de valores, as tradições e as crenças” (Ibidem). Pode afirmar-se que a definição da UNESCO, na leitura de Dora Santos Silva, salienta a dupla significação do conceito, visto que congrega as concepções clássica e antropológica, “representando não só as manifestações artísticas comuns, mas também o espectro cultural alargado de uma sociedade – os modos de ser e fazer” (2009, p.92).

Edward B. Tylor, antropólogo britânico, foi pioneiro na definição antropológica de cultura tal como a conhecemos hoje, ao apresentar, em 1871, uma das primeiras definições científicas do termo como “todo o complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (1871, p.1). Com esta definição, o antropólogo abriu portas a uma visão mais ampla e inclusiva de cultura. Ademais, salienta o seu carácter pedagógico, definindo-a como algo socialmente adquirido em vez de ser transmitida via mecanismos biológicos, de forma genética ou inata. O trabalho de Tylor foi predominante para a concepção antropológica de cultura. O seu contributo foi frisado pelo antropólogo brasileiro Roque de Barros Laraia no livro *Cultura: um conceito antropológico*, que atribui a Tylor não só a autoria da primeira definição antropológica do conceito, mas também da origem etimológica da palavra. Segundo Laraia, foi Tylor que cunhou o vocábulo inglês *Culture*, ao sintetizar o termo germânico *Kultur* (utilizado no final do século XVIII e início do século seguinte para referir os aspetos espirituais de uma comunidade) e a palavra francesa *Civilization* (referente às realizações materiais de um povo) (Laraia, 1986, p.21).

Esta ideia de cultura transmitida através das vivências do indivíduo “como membro de uma sociedade” introduz-nos ao fenómeno de democratização da cultura, que veio alterar o paradigma da definição do termo. Como já referido, a cultura clássica pertencia apenas a quem tinha posses de a comprar, o que acabava por afastar o povo ao acesso à cultura da elite (como a pintura, escultura, livros, revistas literárias, concertos, peças de teatro, etc.). A segunda revolução industrial traz consigo a mediatização da cultura. Com o aparecimento e proliferação dos meios massivos de comunicação (os chamados *mass media*), a cultura passa a ser mediatizada e o seu acesso é ampliado. A divulgação da cultura nos jornais, rádio, cinema, fotografia, revistas e televisão para as

amplas camadas da população vai dar origem ao que se veio a designar de cultura de massas.

Deste modo, a cultura deixa de pertencer a uma pequena elite e passa a ser mercantilizada para as massas, “produzida segundo as normas maciças da fabricação industrial, propagada pelas técnicas de difusão maciça (...), destinando-se a uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos aquém e além das estruturas internas da sociedade” (Morin, 2002 [1962], p. 14). No livro *O Espírito do Tempo*, o sociólogo francês Edgar Morin, desenvolve a ideia da segunda industrialização como uma “industrialização do espírito”, uma vez que a massificação da cultura também pressupõe uma invasão do domínio interior dos indivíduos. O campo da cultura de massas ampliou-se e passou a invadir o íntimo da vida quotidiana com mercadorias culturais fabricadas de forma industrial e vendidas comercialmente. A cultura e a vida privada nunca tinham “entrado a tal ponto no circuito comercial e industrial” (Ibidem, pp. 7, 13). Os produtos culturais, tais como a edição de livros, peças de teatro ou as obras de arte expostas nos museus, passam a ser concebidos em função de um público massivo e indiferenciado (Santos Silva, 2012, p. 29).

### **1.1.1. A cultura de massas entre Apocalípticos e Integrados**

A mercantilização da cultura desencadeou, a partir dos inícios do século XX, um dos debates mais acesos no pensamento social ocidental, que viu surgir duas visões relativas à cultura de massas: uma moldada pelo pensamento marxista e outra pelo pensamento liberal<sup>1</sup>. Umberto Eco sintetiza estas duas abordagens em *Apocalípticos e Integrados*, uma das obras de referência do semiótico italiano, onde problematiza a cultura de massas na era tecnológica. Por um lado, os apocalípticos da tradição marxista tradicional vêem a cultura de massas como a anticultura, sinal de decadência irremediável, de destruição do pensamento crítico individual, da aura e da imaginação. A cultura é vista pelos apocalípticos num sentido aristocrático, enquanto cultivo zeloso, assíduo e solitário de uma interioridade refinada que se opõe à vulgaridade da multidão. A cultura de massas

---

<sup>1</sup> A receção deste debate em Portugal fica muito a dever a um artigo intitulado “Questionamento à volta de três noções (a grande cultura, a cultura popular, a cultura de massas)” da socióloga Maria de Lourdes Lima dos Santos (1988). A socióloga faz um mapeamento deste debate, focando-se nas mudanças no sistema de produção, divulgação e consumo de cultura.

remete a ideia de uma cultura partilhada e produzida de forma a adaptar-se a todos, elaborada à medida de todas as camadas sociais, fenómeno visto pelos apocalípticos como uma contradição perigosa.

Por outro, a tradição liberal norte-americana dos integrados tem uma leitura otimista da cultura de massas, vista como um mecanismo de democratização da cultura. Esta perspetiva salienta a ampliação do campo cultural promovido pelos meios de comunicação, que disponibilizam bens culturais a todos e tornam a absorção e transmissão de informação num processo agradável e leve. Este alargamento do âmbito cultural permite a circulação extensiva de uma arte e de uma cultura popular, que passam a ser consumidas por todas as camadas sociais (Eco, 1984[1968], p. 12-13).

Quer esta cultura surja de baixo ou seja fabricada de cima para consumidores indefesos, isso é um problema que a abordagem integrada não questiona. Isto deve-se em parte ao facto de, enquanto os apocalípticos sobrevivem precisamente através da teorização da decadência, os integrados raramente teorizam, mas preferem agir, produzir, transmitir as suas mensagens diariamente a todos os níveis. O Apocalipse é uma obsessão do dissidente, a integração é a realidade concreta daqueles que não discordam. (Ibidem)<sup>2</sup>

Comecemos pelos apocalípticos a que Eco se refere. Desde a fundação do Instituto de Investigações Sociais da Universidade de Frankfurt, em 1923, que se começou a desenhar aquilo que mais tarde se viria a designar como a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Um dos tópicos centrais deste coletivo de intelectuais, que integrou figuras como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Walter Benjamin, Leo Löwenthal, Herbert Marcuse, entre outros, foi a reflexão em redor do conceito de cultura de massas. Estes autores alemães denunciam uma apropriação de elementos culturais da cultura de elite pela cultura de massas para fins comerciais, o que acaba por denegrir a qualidade da cultura outrora pertencente às elites.

---

<sup>2</sup> Tradução livre. Na versão consultada da Editorial Lumen (Espanha): “Que esta cultura surja de lo bajo o sea confeccionada desde arriba para consumidores indefensos, es un problema que el integrado no se plantea. En parte es así porque, mientras los apocalípticos sobreviven precisamente elaborando teorías sobre la decadencia, los integrados raramente teorizan, sino que prefieren actuar, producir, emitir cotidianamente sus mensajes a todos los niveles. El Apocalipsis es una obsesión del disenter, la integración es la realidad concreta de aquellos que no disienten.”

A *mass culture*<sup>3</sup> torna os consumidores em massas; a *mass society*<sup>4</sup> é vista como um recetor passivo e sem julgamento crítico. Fortemente influenciada pela corrente de pensamento marxista, a teoria crítica alemã denuncia uma cultura refém da lógica de mercado e da industrialização. Um dos conceitos fundamentais desta visão teórica é o de “indústria cultural”, cunhado por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, em 1947, no ensaio “A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação de Massas”, que integra o volume *Dialética do Esclarecimento*. Segundo o conceito em análise, a cultura de massas produz bens culturais padronizados. Os autores descrevem um modelo de produção industrial aplicado à cultura, produzida com o principal objetivo de gerar lucro e de manipular a sociedade passiva: nas próprias palavras de Adorno e Horkheimer, mistificar as massas. Consequentemente, todos os objetos culturais passam a ter características semelhantes porque foram sujeitos a um processo de padronização e produção em série, para que possam servir e ser compreendidos pelo maior número possível de indivíduos. Ao massificar a cultura, assistimos a uma obstrução da autonomia, discernimento e pensamento crítico do indivíduo.

No ensaio “Pode o público querer?” (2003[1974]), Adorno desenvolve uma dura crítica a este fenómeno e questiona se o público poderá querer exercer algum tipo de influência sobre a televisão. Perante a estrutura de sentido único dos *mass media*, o autor admite que o público consegue remar nesse sentido inverso através de alguns mecanismos mais ou menos simbólicos: a escrita de cartas dirigidas às empresas de rádio e televisão, telefonemas ou a participação do público em algumas emissões televisivas (Adorno, 2003, p. 173). Porém, o sociólogo alemão comprova que estes mecanismos têm limites estreitos e que são insuficientes para uma representatividade pluralista do público geral, bem como a vontade desse mesmo público. Adorno sublinha que o público aceita passivamente aquilo que a *mass culture* lhe serve, num entorpecimento que o torna facilmente manipulável. Logo, surge a dificuldade de verificar o que é causa e o que é consequência: serão os *mass media* refletores do estado de consciência (e de inconsciência) dos seus consumidores, ou estes últimos é que já “se adequaram aos *mass media* de tal maneira que se fixaram num produto sempre igual, exigindo precisamente esse produto”? (Ibidem, p. 174). Desprovido da sua autonomia crítica, é um recetor passivo sem capacidade - nem poder - de querer algo mais.

---

<sup>3</sup> Cultura de massas

<sup>4</sup> Sociedade de massas

Os milhões de homens que consomem a cultura de massas feita por medida para eles, cultura que afinal transforma os consumidores em massas, esses milhões não têm uma consciência que em si mesma seja unitária. Apercebem-se vagamente, de modo pré-consciente, por baixo de uma camada ideológica sem grande espessura, de que são constantemente enganados, enganados pelas capas das revistas, enganados pelo invólucro de celofane do último êxito discográfico. É provável que só aplaudam com tanta força a razão que lhes é servida por precisarem de se defender da consciência desse facto enquanto não tiverem outra coisa (Ibidem, p. 179).

Deste modo, torna-se imperativo despertar a consciência do público para a cultura de massas, que se vê constantemente enganado. A visão marxista tradicional dos apocalípticos é alvo de inúmeras críticas por não apresentar uma resposta à problemática que levanta. Conhecida como a “filosofia negativa”, a Escola de Frankfurt é amplamente acusada de criticar e desmontar a cultura de massas, sem apresentar soluções concretas para mudar o seu estado decadente. Porém, numa leitura mais aprofundada destes autores, é possível encontrar algumas propostas de soluções para colmatar a alienação da sociedade perante a cultura de massas. Na parte final do ensaio de Adorno, o autor aponta duas soluções concretas para quebrar o estado de alienação coletiva. A primeira é a educação, de modo a remediar a infantilização do público e a formar jovens menos vulneráveis às imposições e conteúdo enganoso da cultura de massas:

(...) a condição de longo prazo seria a educação, enquanto ainda houver tempo. Se a indústria da cultura já mantém sob sequestro as crianças e os adolescentes para intensificar a infantilização geral, haveria então que trabalhar-se em sentido contrário no ensino, nomeadamente no ensino público. A começar por aquilo a que nos Estados Unidos se chama *sale's resistance*, a aversão contra toda a espécie de vigarice que leva as pessoas a comportarem-se como tolos (Ibidem, p.178).

A segunda solução proposta é a constituição de organizações televisivas, que não se limitem a “ruminar a oferta já existente, mas antes num sentido crítico, ou seja, apostadas em não deixar que lhes seja servida idiotice em doses calculadas” (Ibidem). Adverte para que não se deixe que o centralismo cultural impeça a manifestação de produções desviantes. Estas organizações deveriam ser constituídas por especialistas com um sentido crítico, em permanente contacto vivo com a vanguarda da indústria cultural massificada. Dotados de flexibilidade, os especialistas seriam capazes de enriquecer as organizações televisivas com as “perspetivas negadas pelo sistema da indústria da

cultura” sem, no entanto, se limitarem a “repetir o que lhes é dito pela vanguarda”. (Ibidem, p.179).

Entretanto, o debate da perspectiva liberal norte-americana em relação à cultura de massas torna-se inevitável perante a proliferação de uma cultura que passou a ser transmitida pelos *mass media* dos Estados Unidos. Autores norte-americanos como Daniel Bell, Edward Shils, Paul Lazarsfeld, Robert K. Merton, David Manning White, entre outros, formularam uma perspectiva favorável da cultura de massas, ao considerarem que poderia ser uma forma de integração cultural. Os integrados não vêem na cultura de massas uma ameaça à civilização ocidental como os apocalípticos. Pelo contrário, celebram a globalização da cultura que passa a pertencer a todos: aos eruditos e às massas. A cultura de massas não é produto direto do capitalismo, mas sim fenómeno inevitável numa sociedade industrial, uma vez que todos os cidadãos partilham os mesmos direitos de participação na vida pública.

Daniel Bell celebra este poder de escolha que a sociedade de massas democrática oferece aos indivíduos, afirmando “o direito de conceber e de pronunciar juízos em todos os setores da vida, desde a política às artes” (Bell, 1971[1962], p. 27). Chega a advogar que o surgimento da produção e do consumo de massas nivelou os estilos de vida. Os chamados *mass media* como o cinema, a televisão e a publicidade são vistos como veículos de estimulação de exigências e de elevação do gosto. A perspectiva liberal salienta o papel significativo da cultura de massas na promoção de conhecimento da sociedade, globalização do mundo e disseminação de informação. De igual modo, “uma homogeneização do gosto contribuiria no fundo para eliminar as diferenças de casta, para unificar as sensibilidades nacionais”<sup>5</sup> (Eco, 1984, p. 55).

O debate na América em torno da cultura de massas é complexo e não se cinge apenas a esta visão integradora otimista. Umberto Eco assina a “Introdução” da obra coletiva *A Indústria da Cultura* (1971), uma breve antologia da produção americana dos anos 50/60 mais significativa para a discussão crítico-sociológica em torno da cultura de massas. Ao introduzir a crítica norte-americana, Eco distingue três filões: “Um é o dos críticos chamados radicais, o segundo o dos que, de uma maneira ou doutra, trabalham integrados no sistema da indústria cultural e dele tentam fazer uma racionalização crítica,

---

<sup>5</sup> Tradução livre. Na versão consultada da Editorial Lumen (Espanha): “Una homogenización del gusto contribuiría en el fondo a eliminar a ciertos niveles las diferencias de casta, a unificar las sensibilidades nacionales”

o terceiro o dos sociólogos académicos genuínos que têm elaborado, preferivelmente, métodos de realce” (Eco, 1971[1969], p.12). Paul Lazarsfeld e Robert K. Merton são exemplos desta última tendência investigativa, por desenvolverem métodos de realce e de análise sociológica (como inquéritos, estudos de caso, etc.) para estudar a cultura de massas. A distinção tripartida de Eco ajuda-nos a entender a vasta diversidade do contributo norte-americano para este debate. É redutor olhar para a discussão entre Apocalípticos e Integrados como uma simples dicotomia linear entre a Europa marxista e os Estados Unidos liberais. Na verdade, são vários os autores norte-americanos marxistas pertencentes ao filão da crítica radical referido por Eco. Tal é o caso de Clement Greenberg ou de Dwight MacDonald, com o seu célebre ensaio “Massicultura e Medicultura”, publicado em 1962. O autor criou os dois neologismos ingleses *Mass(es)cult(ure)* - cultura de massas ou baixa cultura - e *Mid(dle)cult(ure)* - média cultura - na sua proposta teórica.<sup>6</sup>

Contrastivamente, Edward Shils surge a título de exemplo como autor norte-americano pertencente ao filão dos integrados no sistema da indústria cultural, sendo um dos defensores mais otimistas do sistema. O professor da Universidade de Chicago vê a sociedade de massas como a nova ordem social que emergiu no mundo ocidental no pós-Primeira Guerra Mundial: uma sociedade moderna, tecnológica e industrial que “libertou as capacidades morais e intelectuais do indivíduo” (Shils, 1971[1960], p.155). A nova ordem social não só desperta esta individualidade, como também traz um novo sentido de pertença. De acordo com Shils, a sociedade de massas “gera no indivíduo um maior sentido de apego à sociedade no seu conjunto, e de afinidade com os seus semelhantes. Como resultado, talvez pela primeira vez na História, vastos agregados de seres humanos, que ocupam um território de amplas dimensões, têm podido associar-se de uma maneira relativamente livre e não coacta” (Ibidem, p.153). A democratização da cultura

---

<sup>6</sup> McDonald apresenta a Massicultura como “anti-arte”, uma vez que não oferece catarse emocional nem uma experiência estética, por ser um produto uniforme e distrativo de fácil assimilação para as massas. É uma paródia da Alta Cultura, a cultura tradicional pertencente à elite, por ser uma narrativa fabricada para o mercado e não possuir qualquer unidade de medida, a não ser alcançar a popularidade. Já a Medicultura surge numa posição intermédia entre as duas anteriores. O autor define-a como o “rebento recente” ou a “filha bastarda” da Massicultura. Possui a sua fórmula e qualidades, como a busca pela popularidade, e em ambas tudo se torna mercadoria para venda. No entanto, a Medicultura esconde estas semelhanças: “Na Massicultura o ardil está descoberto – agradar às multidões por qualquer meio. Porém, a Medicultura contém um duplo ardil: finge respeitar os modelos da Alta Cultura, enquanto, com efeito, os dilui e os vulgariza” (MacDonald, 1971[1961], p.107). Dissimulada e ambígua, a Medicultura apresenta-se como parte da Alta Cultura quando, na verdade, se apropria dos seus elementos culturais e os banaliza para fins comerciais. Modifica os seus significados e conteúdo, de forma que se torne de fácil compreensão para as massas e, conseqüentemente, seja mais rentável financeiramente.

conseguida graças à sociedade de massas não leva, contudo, ao desaparecimento das discrepâncias entre o consumo e a produção de cultura na sociedade. Shils não admite uma uniformização padronizada da cultura, precisamente porque existem inúmeras diferenças na capacidade de expressão e receção entre os vários indivíduos: “Mais fundamental do que os níveis de criatividade e alienação, é a disparidade das capacidades cognitivas, avaliadores e morais dos homens” (Ibidem, p. 157).

Como tal, distingue três níveis de cultura, que categorizam o nível de qualidade das produções culturais através da medida estética, intelectual e moral: cultura superior ou refinada, a cultura medíocre e a cultura brutal. A primeira distingue-se pela seriedade do assunto, ligada às belas-artes, poesia, filosofia, arquitetura, teoria e pesquisa científica, análises económicas e políticas, etc. A segunda, cultura medíocre, inclui as obras que não satisfazem os critérios para pertencerem à cultura superior, ou por falta de talento dos seus criadores, ou por se exprimirem em géneros relativamente novos que ainda não foram incorporados no nível de cultura acima (o autor refere a comédia musical, a título de exemplo). A terceira, cultura brutal, é a mais elementar, com conteúdo simbólico mais pobre e escassa criação original. Tem alguns géneros idênticos aos dois níveis de cultura anteriores, mas também inclui jogos, brincadeiras ou espetáculos. Devido à falta de produção cultural que conserve e transmita este nível de cultura, a transmissão oral assume aqui um papel mais importante do que nas culturas superior e medíocre. A cultura superior, agora democratizada para as massas, deve promover a manutenção da sua qualidade e influência sobre a sociedade. Shils nota que “nos *mass media*, na televisão ou no filme, (...) podem ver[-se] obras de qualidade superior, parece demonstrar que o talento genuíno não está irremediavelmente desperdiçado quando tenha abandonado os meios tradicionais e refinados” (Ibidem, p. 183). Para se manter viva no seio da sociedade de massas, a cultura superior deve conservar as suas tradições e coerência interior.

A academia europeia era fortemente marcada, até aos anos 1950, pela Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, que desenvolvia um marxismo crítico ideologicamente discordante com o empirismo dos Estados Unidos – a visão dos integrados. As duas correntes de pensamento “tinham praticamente hegemonizado a investigação e as ideias nas ciências sociais entre as duas guerras mundiais e o imediato pós-guerra” (Subtil, 2020, p.151). O debate intelectual europeu em torno de cultura via-se assim fechado numa dualidade restritiva, só ultrapassada nos anos 1960 pelo movimento dos estudos culturais que abriu espaço para o surgimento de novos empreendimentos de pesquisa mais focados

na sociabilidade, modos de vida e lazer que a cultura de massas tinha passado a estimular na sociedade. Este debate ganhou novos contornos a partir do final dos anos 50 e início dos anos 60, com a chamada “viragem culturalista”. Surge, nas palavras de Filipa Subtil, “uma nova sensibilidade crítica face a uma universidade que não estava a conseguir dar conta da complexidade social e cultural e rejeitava as tendências dominantes de uma investigação social que considerava redutora”. (2020, p.151).

### **1.1.2. A viragem culturalista**

Esta viragem começou por ter particular incidência em França e na Grã-Bretanha, com o surgimento de novas vias de investigação e reflexão teórica centradas no conceito de cultura, com particular interesse pelas culturas vivas e por vários tópicos até então desconsiderados pela academia. Em França, o Centre d’Études des Communications de Masse (CECMAS) fundado, em 1960, pelo sociólogo Georges Friedmann, foi pioneiro no estudo académico da cultura associada à comunicação de massas, ao estudar a dinâmica entre a sociedade e a comunicação mediática. O CECMAS propôs estudar objetos da cultura popular, tais como o cinema, as celebridades, mitos da sociedade de massas, “fotografia, romances ‘populares’, banda desenhada, livros infantis, consumo, corpo, relação entre as classes populares e a escola, etc.” (Subtil, 2020, p. 155). Para além destes objetos de estudo inovadores para a academia na época, o CECMAS combinou “preocupações sociológicas e antropológicas com a semiótica e as análises de discurso como método de análise” (Ibidem, p. 153). O seu principal veículo de divulgação, a revista *Communications*, cujo primeiro número foi publicado em 1962, atingiu prestígio internacional e publicou estudos da antropologia, sociologia e semiologia de autores como Georges Friedmann, Theodor W. Adorno, Umberto Eco, Paul Lazarsfeld, Edgar Morin, Roland Barthes, Christian Metz, Julia Kristeva, entre outros.

Nesta sequência, na Grã-Bretanha, em 1964, constituiu-se, na Universidade de Birmingham, o Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), fundado por Richard Hoggart. A Hoggart juntaram-se Raymond Williams, Stuart Hall e Edward P. Thompson, entre outros. Este grupo de pensadores identificavam-se com a crítica marxista à sociedade capitalista e inspiraram-se na crítica à indústria cultural dos teóricos críticos de Frankfurt, mas também no estruturalismo francês e no conceito de “hegemonia cultural”,

do teórico marxista italiano Antonio Gramsci. Comparativamente aos teóricos críticos alemães, têm uma abordagem mais compreensiva da cultura de massas. O lema deste grupo de intelectuais foi, desde o início das suas atividades, defender que “tudo é ou tende a ser cultura” (“Culture is Ordinary”), uma expressão esclarecedora de Williams.

Trabalharam o conceito de cultura num sentido lato e antropológico, ao debruçar-se sobre os modos de vida, lazer e práticas sociais das culturas jovens e operárias. Como tal, este quadro conceptual mobilizou “as Ciências Sociais para a investigação da publicidade, da música rock, dos movimentos feministas e LGBT ou das questões raciais e étnicas” (Lourenço, 2016, p. 12), bem como de outras subculturas juvenis, produtos culturais consumidos pelas classes populares, futebol, celebridades, programas de informação e entretenimento, etc. (Subtil, 2020, p.155). A organização do material discursivo de um medium também foi um dos temas centrais do CCCS, outro claro afastamento da tese apresentada pela teoria crítica alemã de que a interação entre emissor/recetor é meramente mecânica. Os *cultural studies* propõem distinguir os processos de codificação e decodificação dos media. Veja-se o caso do texto seminal sobre produção e receção dos media de Stuart Hall, “Encoding/Decoding” (1977). Para se produzir mensagens, há que ter em conta as referências culturais dos recetores. Para além desta análise de índole social e popular, os *cultural studies* também indagaram a implicação política da cultura, ao questionar se a cultura de um grupo ou das classes populares funciona como veículo de instrumentalização política, seja enquanto veículo de “contestação da ordem social” ou “de adesão às relações de poder” (Mattelart & Neveu, 2006, p. 8).

## **1.2. Jornalismo cultural: dilemas, dualidades e contradições**

### **1.2.1. A prática do jornalismo cultural de teatro e cinema**

A génese do teatro remonta à Grécia Antiga, com o nascimento do drama e da comédia grega, e com procissões em homenagem ao Deus Dionísio. A génese do cinema, porém, remonta a séculos mais tarde. Em dezembro de 1895, os irmãos Lumière apresentavam o cinema ao mundo. O edifício hoje ocupado pelo Hotel Scribe em Paris

tem, numa das paredes laterais, uma frase inscrita que evoca um outro lugar que não resistiu à passagem do tempo: "Aqui, a 28 de dezembro de 1895, realizaram-se as primeiras projeções públicas de fotografia animada com a ajuda do cinematógrafo, um dispositivo inventado pelos Irmãos Lumière"<sup>7</sup>. No século XIX, era aqui o *Le Grand Café*, o local escolhido por Auguste e Louis Lumière para apresentarem ao público e à imprensa uma nova invenção: o cinematógrafo<sup>8</sup>. A caixa de madeira com uma lente dianteira e uma pequena manivela do lado direito era mais leve, precisa e compacta do que os outros sistemas de filmagem desenvolvidos até então. Foi graças à capacidade do engenho de não só filmar, mas também de projetar o filme gravado, que os irmãos Lumière conseguiram organizar a primeira sessão pública e paga de pequenas produções cinematográficas de frações de segundo (Sabadin, 2018). A data é considerada o nascimento do cinema comercial, uma vez que se trata da primeira exibição pública de cinema. Foi no Salão Indiano, na cave do café parisiense, que se exibiram pela primeira vez 10 pequenos filmes que constituem hoje a génese do cinema: entre eles, os célebres *La Sortie de l'Usine Lumière à Lyon* ou *Arrivée d'un train em gare à La Ciotat*.

O crescimento do teatro e do cinema como artes do espetáculo e bens culturais de consumo e entretenimento levaram, conseqüentemente, ao desenvolvimento da vertente do jornalismo cultural especializado nestas artes do espetáculo. Segundo Fernando Cascais, “a comunicação surge sempre associada à cultura: a cultura é entendida como um processo de comunicação ou a comunicação é uma manifestação da cultura. (...) Media e cultura sempre se associaram, tanto sociológica como industrialmente”. (Cascais, 2001, p.64). Explorar a riqueza do conceito de cultura consciencializa-nos para a vasta amplitude temática do jornalismo cultural. Jorge B. Rivera afirma que todo o jornalismo é, na sua essência, um fenómeno cultural. Autor incontornável nos estudos sobre a temática, Rivera retrata o género como uma complexidade de “meios, géneros e produtos que abordam [... as áreas das] belas-artes, as ‘belas-letras’, as correntes de pensamento, as ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular e muitos outros aspetos que têm a ver com produção, circulação e consumo de bens simbólicos” (2003, p. 19). Advoga que o jornalismo cultural pode ser identificado não só como um espaço de “exploração e revelação da ‘verdade’ literária ou artística”, mas também pelo seu “papel periférico de

---

<sup>7</sup> Tradução livre. No original: « Ici le 28 décembre 1895 eurent lieu les premières projections publiques de photographie animée à l'aide du cinématographe, appareil inventé par les Frères Lumière. »

<sup>8</sup> A palavra cinematógrafo vem do grego κίνημα – kinema (movimento) e γράφειν (descrição). É uma evolução do cinetógrafo de 1888, inventado por Thomas Edison. (Ribeiro, 2021, 6 de janeiro)

divulgador que deve adequar o seu tratamento a outro tipo de regras de jogo, suspeitas de serem veículos de superficialidade e banalização: as regras da difusão massiva para públicos não-especializados" (Ibidem, p.17).

Em *El periodismo cultural*, Rivera (2003) afirma que o melhor jornalismo cultural é aquele que reflete sobre os problemas globais de uma época, satisfaz as exigências sociais concretas e interpreta a criatividade do homem na sociedade. Como tal, indica que é na primeira condição (enquanto espaço de revelação da verdade artística) que o jornalismo cultural se transforma “numa fonte de criação de capital, e é ela própria capital objetivado” (Ibidem, p. 11-16). Identifica ainda dois campos de circulação no jornalismo cultural: a reprodutora e a criativa. Esta dupla condição caracteriza-o como um meio de circulação e reprodução de capital cultural, objetivado na sociedade através de diferentes meios, tais como as escolas e universidades. Por outras palavras, o jornalismo cultural é simultaneamente produtor e reproduzidor de cultura.

Quanto aos géneros do jornalismo cultural, Rivera identifica cinco: a crónica, perfil, entrevista cultural, notas necrológicas e inquérito cultural. A crónica consiste num registo histórico dos “modos de ver”, que evoca episódios da vida intelectual e artística; o perfil é mais breve e preciso: destaca de forma exclusiva a figura ou temática escolhidas e cria um ponto de contacto entre a figura eleita e os leitores; a entrevista cultural, encontro entre o jornalista (entrevistador) e a figura pública, é o género que mais reitera os signos da cultura de massas, já que se destina a uma audiência massificada; a nota necrológica é realizada após a morte de uma figura cultural importante e destaca a sua trajetória de vida e carreira. Por último, o inquérito cultural é uma investigação feita sobre um tópico relacionado com a cultura, a fim de conhecer a sua realidade ou circunstâncias. Os cinco géneros teorizados por Rivera aplicam-se fundamentalmente ao jornalismo cultural da imprensa escrita, pelo que nem sempre se adequam a outros suportes do jornalismo, como o televisivo, radiofónico ou, agora, ao ciberjornalismo. Esta proposta de Ribera não se adequa especificamente ao jornalismo cultural televisivo, cenário de estudo do presente trabalho.

No âmbito da discussão em torno do perfil e papel do jornalista de cultura, é crucial começar pelo contributo de Pierre Bourdieu no que respeita à conceção do perfil destes profissionais. O sociólogo francês cunhou, em 1984, no livro *La distinction: Critique sociale du jugement*, o conceito de “intermediário cultural”, aplicando-o à ocupação profissional dos críticos culturais ou jornalistas culturais nos meios de

comunicação social. O sociólogo francês refere que os típicos “novos intermediários culturais” são precisamente “os produtores de programas culturais na televisão e rádio ou os críticos de jornais e revistas de 'qualidade', e todos os escritores-jornalistas e jornalistas-escritores” (Bourdieu, 1984, p. 325). Logo, do seu ponto de vista, os intermediários culturais têm um impacto na nossa ação enquanto consumidores de produtos culturais. O jornalista de cultura atua como intermediário cultural precisamente porque medeia entre a cultura e a sociedade de acordo com uma certa autoridade e credibilidade cultural que lhe é outorgada pela própria profissão.

O conceito-chave de Bourdieu tem vindo a ser alvo de reinterpretações que merecem ser aqui enunciadas. Destaco os trabalhos de Maguire e Matthews (2012; 2014), do Reino Unido, e de Kristensen & From (2013; 2015), na Dinamarca. O livro *The Cultural Intermediaries Reader*, da autoria de Maguire e Matthews, desenvolve uma argumentação segundo a qual os intermediários culturais trabalham na intersecção da cultura e da economia através da construção de legitimidade, acréscimo de valor e qualificação de bens (2014, p. 1). Segundo estes investigadores, existem três dimensões que distinguem os intermediários culturais (delimitando quem o é verdadeiramente e quem não é), consoante a sua ação e importância na sociedade contemporânea: 1. Enquadrar bens; 2. Reivindicar especialização; 3. Ter impacto<sup>9</sup>. Em primeiro lugar, o intermediário cultural avalia os bens ou produtos culturais e enquadra-os no contexto cultural: por outras palavras, constrói e atribui valor às produções da indústria cultural. Em segundo, distingue-se dos outros atores envolvidos no enquadramento de bens culturais e formação de valor porque reivindica a sua *expertise* (perícia/especialização) e autoridade. O nível de especialização e credibilidade profissional do intermediário cultural também depende da sua localização geográfica, assim como dos seus gostos pessoais e subjetivos. Por último, tem impacto, no sentido em que atribui legitimidade a artefactos, fenómenos ou tendências culturais. O seu trabalho de enquadramento e avaliação especializada cria impacto, no sentido em que influencia as preferências de consumo e gostos pessoais dos outros. (Idem, 2012, p. 554-559).

Kristensen e From também relacionam o papel do jornalista cultural com o conceito teórico de Bourdieu, numa extensa análise da cobertura jornalística da imprensa dinamarquesa de 1960 a 2012 sobre os sucessos de bilheteira enquanto fenómenos

---

<sup>9</sup> Tradução livre. No original: “1. Frame goods; 2. Claim expertise; 3. Have impact”

comerciais e culturais: os *blockbusters*<sup>10</sup>. As autoras salientam que os jornalistas de cultura enquanto intermediários culturais se caracterizam e distinguem pela sua perícia e capital cultural. O contexto histórico apresentado pelo estudo de Kristensen & From, elaborado com base numa análise de mais de cinco décadas, mostra que o papel do jornalista cultural mudou ao longo do tempo. Com a adaptação da indústria cinematográfica à lógica dos media, também os jornalistas de cultura redefiniram o seu papel enquanto intermediários culturais e passaram a fornecer novos quadros analíticos para a avaliação das produções da indústria cultural. O estudo comprova que a avaliação especializada do jornalista cultural ao cobrir *blockbusters* passou a ser cada vez mais ancorada em critérios profissionais dos meios de comunicação (como os perfis dos leitores e dos media, o paradigma das notícias, etc.), em vez de ideais estéticos (como a especialização em artes ou estética) (2013, p.55). Em todas as épocas, os jornalistas culturais que fazem a cobertura de *blockbusters* facilitam o debate e reflexão na cultura cinematográfica, mas partem de premissas e abordagens bastante distintas, diretamente relacionadas com as circunstâncias culturais e sociais do seu tempo. Por outras palavras, um jornalista cultural a exercer a profissão em 1960 nunca avaliaria um filme da mesma forma que um jornalista em 2022.

Em síntese, o jornalista cultural é um agente refletor do seu espaço e do seu tempo, responsável por enquadrar e contextualizar os bens culturais à luz dos dias que vive e dos debates que marcam a sua atualidade. De facto, o jornalismo cultural também faz do jornalista um instituidor do debate público, enquanto veículo de “discursos ético-políticos que têm na crítica cultural o pretexto da reflexão mais ampla” (Faro, 2014, p. 37) sobre os valores da sociedade. Historicamente, diversas gerações “encontraram na imprensa – e especificamente no jornalismo cultural – o suporte de disseminação das suas interpretações sobre o país, em boa parte dos casos transbordando para questões de ordem sociopolítica”. (Ibidem, p.37-38).

Na investigação desenvolvida em Portugal sobre o papel do jornalista cultural, realce-se o trabalho desenvolvido por Dora Santos Silva. A autora defende que o jornalista cultural “deve ter gosto pelo estudo, conhecimentos gerais e específicos e ter a

---

<sup>10</sup> Um *blockbuster* corresponde a um sucesso de bilheteira, um filme caracterizado por um elenco famoso, orçamento avultado e *marketing* de larga escala (Stringer, 2003). Definindo-o como um “fenómeno do segundo pós-guerra americano” (Kristensen & From, 2013, p.56), as autoras dinamarquesas escolheram analisar a cobertura jornalística de três filmes americanos desde a segunda metade do século XX: Ben-Hur (1959), Batman Forever (1995) e Sex and The City (2008).

noção de que está sempre a trabalhar, quer na redação, quer na rua, porque é necessário estar atento ao que se passa no mundo – sempre” (2012, p. 82). Santos Silva propõe três funções do jornalista cultural: papel social, papel de responsabilidade social e papel reflexivo: “O papel social, como mediador da obra cultural, o que o obriga a ter a capacidade de a compreender; o papel de responsabilidade social, veiculando a cultura a partir de uma abordagem aberta, sem paradigmas dominantes; o papel reflexivo, cumprindo simultaneamente uma função informativa e crítica”. (Ibidem, p. 84)

## **1.2.2. Entre a informação e a lógica mercantil**

Os estudos sobre jornalismo cultural recaem na oposição entre duas correntes de pensamento, uma dualidade relevante para a reflexão do género jornalístico enquanto prática social. Grande parte da contribuição académica em torno do jornalismo cultural identifica-o como espaço de produção discursiva voltada para o entretenimento, enquanto género que obedece à lógica de mercado e reitera os signos da cultura de massas (Faro, 2014). Porém, o jornalismo cultural também deve ser visto “como resultado da complexa relação que a reflexão sobre a produção estético-conceitual e política provoca” (Ibidem, p.37) nos agentes que atuam na esfera mediática – sejam eles os críticos intelectuais ou os jornalistas que atuam enquanto intermediários culturais (Bourdieu, 1984).

José Salvador Faro problematiza esta divergência teórica, ao apresentar um retrato da imprensa cultural brasileira e da sua dualidade enquanto veículo de entretenimento mercantil ou de reflexão artístico-intelectual. O autor brasileiro advoga que, por um lado, o jornalismo cultural é uma “instância reiterativa dos signos da Cultura de massa que carrega consigo elementos de forma e de conteúdo que o definem como género transitado pela lógica do mercado – e, nessa medida, caracterizado como território de entretenimento.” (Faro, 2014, p.34). Por outro, de forma contraditória, pode ser um veículo de análise crítica por amplificar “questões de natureza estético-conceituais e políticas que o transformam em local privilegiado da produção intelectual de uma determinada formação social” (Ibidem). Faro procura mostrar que o género é bem mais complexo do que referem grande parte dos estudos académicos sobre o tema.

A perspetiva teórica que realça a índole nitidamente económica do jornalismo cultural identifica a obediência do género a uma racionalidade mercantil hegemónica,

responsável pela forma final que o seu conteúdo adquire. Este fenómeno acaba por ser reflexo da crise geral da imprensa e transversal ao jornalismo. Enquanto área de especialização do jornalismo geral, o jornalismo cultural também é influenciado pelo panorama político-económico do respetivo país. Logo, também será afetado pelo fenómeno de mercantilização dos media. Os interesses empresariais impõem-se cada vez mais nos projetos editoriais e a produção noticiosa fica despojada do seu significado socialmente emancipador. O jornalismo cultural obedece a regras de mercado e tem os olhos voltados para o consumo de bens culturais (Faro, 2014).

Na verdade, o jornalismo está ligado ao mundo comercial desde praticamente as suas origens. A colonização do jornalismo pelo mundo comercial intensificou-se a partir de meados do século XIX, com o surgimento da *penny press*<sup>11</sup> nos Estados Unidos. Esta tendência de mercantilização foi-se adensando cada vez mais ao longo do século XX e XXI, em detrimento de uma lógica que tenha em conta o papel cívico e educacional, ligado à ideia de bem comum e conversação pública. A invasão da lógica de mercado no jornalismo foi teorizada, entre outros autores, por Robert W. McChesney em *The Political Economy of Media: Enduring issues, emerging dilemmas*, onde o autor disserta sobre a cedência do espaço informativo ao mercado financeiro e publicitário. “Na década de 90 (...), os media informativos comerciais passam a ser forçados a adaptarem-se à disciplina financeira imposta pelas empresas-mãe” (2008, p. 40). McChesney descreve, no contexto norte-americano, uma prática jornalística invadida por produtos de venda e interesses comerciais que corroem a integridade jornalística, o que se reflete numa proliferação de histórias sensacionalistas e de *infotainment* que fazem disparar as audiências (2008, p. 44 e 46).

De frisar que o *infotainment* resulta da contração das palavras *information* e *entertainment* (informação e entretenimento), devido a uma “aproximação entre os dois campos favorecida pela linguagem televisiva” que “pende mais para o entretenimento (a grande explosão do conteúdo televisivo)” (Cascais, 2001, p.113). Segundo o jornalista Fernando Cascais, o *infotainment* “tende a adotar algumas características do espetáculo para se tornar mais atraente” (Ibidem). Consequentemente, o objetivo central deixa de ser o de informar, e passa a ser o de entreter. Segundo Nelson Traquina, “para os jornalistas

---

<sup>11</sup> Jornais do tipo tablóide produzidos em massa nos Estados Unidos a partir da década de 1830. A produção em massa de jornais baratos tornou-se possível após a mudança da impressão artesanal para a impressão a vapor.

e para muitas vozes na sociedade, o polo negativo do campo jornalístico é o polo económico, que associa o jornalismo ao perfume do dinheiro e a práticas, como o sensacionalismo, em que o principal intuito é vender o jornal/telejornal como um produto que prende os leitores/os ouvintes/a audiência, esquecendo os valores associados à ideologia profissional” (Traquina, 2002, p.15)

A crescente mercantilização dos media reduz o jornalismo à procura de lucro, fenómeno que afeta o conteúdo informativo e torna a fronteira entre jornalismo e entretenimento cada vez mais ténue. Os vestígios de mercantilização dos media não são invisíveis no jornalismo cultural, que noticia as produções de inúmeras indústrias culturais. Os bens culturais “são apresentados como bens de consumo pelos jornais e suplementos, criando no leitor a necessidade de os consumir” (Santos Silva, 2014, p. 40 e 41). Como tal, o jornalismo cede à pressão financeira das indústrias culturais, onde reside a crítica mais frequente ao jornalismo cultural e aos seus editores: “a cobertura praticamente exclusiva das agendas de eventos das distribuidoras e a ausência de conteúdos fora do cartaz” (Santos Silva, 2012, p. 96). Consequentemente, esta realidade passa a coincidir com o quadro da crise da grande imprensa apresentado por José Salvador Faro (2014), resultando no empobrecimento da agenda cultural, uma abordagem superficial dos factos e o decréscimo do investimento na reportagem. Este quadro coincide com as tendências identificadas pelos teóricos portugueses.

Dora Santos Silva (2009) denuncia a fraca aposta na Cultura pelo jornalismo português, fator visível pelo igual desinvestimento na reportagem e no exercício jornalístico de índole mais investigativo. A Cultura está “subordinada ao puro ato da informação e/ou divulgação, sem espaço para crítica ou interpretação, daí que a maior parte das notícias não passe do género “notícia” ou “breve” (Santos Silva, 2009, p. 99) – fenómeno principalmente observável no jornalismo televisivo. As alterações no jornalismo cultural das últimas décadas devem-se à escassez de reflexão artístico-cultural e a uma orientação do conteúdo da agenda para o entretenimento, tendência que se reflete no esbatimento das fronteiras entre o domínio do consumo e do jornalismo (Santos Silva, 2009, 2015). No âmbito do jornalismo de cinema, a crítica “tem vindo a revelar um empobrecimento discursivo e argumentativo, limitando-se a descrever a narrativa do filme em questão e aproximando-se mais da *review* do que propriamente da crítica em termos argumentativos e retóricos.” (Lourenço & Centeno, 2021a, p.235). Uma das investigações mais recentes sobre o jornalismo cultural de cinema em Portugal, da autoria

de Jaime Lourenço (2022), confirma que a prática jornalística portuguesa “é largamente assente na divulgação e promoção das estreias de filmes e dos festivais, abordados de acordo com uma lógica consumista e apresentando uma abordagem interpretativa e reflexiva deficitária dos filmes e dos temas que tratam.” (Ibidem, p.V). A subordinação aos interesses e agenda de eventos das indústrias culturais transforma o jornalismo cultural num palco de divulgação dos bens culturais.

A vasta investigação de Kristensen & From ao longo dos anos, assente no jornalismo de cinema e na cobertura de *blockbusters*, não ignora “as vozes críticas que acusam os jornalistas culturais de prestarem favores à indústria cinematográfica” (2013, p. 53), ou de se deixarem pressionar pelas assessorias culturais. As autoras identificam uma profissionalização crescente dos esforços publicitários por parte da indústria cinematográfica – e, no geral, das restantes indústrias culturais – destinados aos jornais e o desenvolvimento de um contrato duplo (publicitário e comercial) no jornalismo cultural dos jornais (2015, p. 484). Observa-se uma profissionalização crescente da interação entre a indústria cultural e a imprensa, e entre os meios de comunicação social e a sua lógica. A abordagem evolutiva do jornalismo de cinema ao cobrir *blockbusters* ilustra o estreitamento das ligações entre o jornalismo cultural e a indústria cinematográfica.

### **1.2.3. O culto à celebridade**

De acordo com Kristensen & From, “quando os filmes se tornaram na forma de entretenimento favorita dos dinamarqueses, os filmes nacionais e internacionais, realizadores e estrelas também passaram a ser tópicos importantes na agenda cultural dos jornais” (2013, p. 52). As celebridades são parte integrante da indústria cultural e da mercantilização do jornalismo. A cobertura jornalística de *blockbusters* e de outras produções culturais de forma extensiva, juntamente com a “crescente personalização e sensacionalismo (...) na cobertura das artes e da cultura” (Ibidem) passaram a ser pejorativamente interpretados como uma tabloidização do jornalismo: “A mudança de uma reflexão crítica e cultural para um jornalismo movido pela publicidade, entretenimento e fofocas sobre celebridades, vista como um sinónimo de declínio nas artes e no jornalismo cultural”. (Ibidem)

Ainda assim, as autoras realçam que “o jornalismo cultural contemporâneo continua a ser crítico e contemplativo, ao mesmo tempo que providencia serviço cultural e *infotainment*.” (Ibidem, p.52). Para além disso, defendem que os argumentos críticos partilhados pela opinião pública e vários intelectuais dos países ocidentais (Gripsrud, 2000; Lund, 2005; Hellman & Jaakkola, 2012) sobre as tendências de culto à celebridade, hibridização de fronteiras entre entretenimento/informação e subjugação do exercício jornalístico a interesses financeiros “se focam sobretudo nas motivações comerciais das indústrias culturais e dos noticiários, e sugerem que os objetivos comerciais e publicitários da imprensa são quase mutuamente exclusivos” (Kristensen & From, 2013, p. 52). Segundo as investigadoras dinamarquesas, esta tendência é ainda mais marcante no jornalismo de teatro e cinema, dado que a cultura promocional da produção e “a atenção dedicada às celebridades do projeto (atores e realizadores) atraem as audiências dos media; enquanto o filme [ou peça] em si estimula o debate sociocultural sobre a estética, arte, cultura das celebridades, e as indústrias culturais” (Kristensen & From, 2015, p. 484; Reis, 2015).

Regressando à análise de Faro (2014), este aponta para um outro fator a ter presente que agudiza os interesses do mercado das celebridades no jornalismo: a relação simbólica do cinema nacional com o universo da televisão. Por um lado, esta proximidade permite ao público conhecer realizadores, produtores, atores e outros profissionais da indústria cinematográfica. Por outro, agudiza os tais interesses financeiros da empresa-mãe que McChesney (2008) referia, que passam a sobrepor-se aos principais valores que deveriam pautar o jornalismo. No caso do jornalismo televisivo, objeto de estudo central do presente relatório, estas relações simbólicas tornam ainda mais propício o enviesamento da cobertura jornalística da Cultura, principalmente quando a mesma estação televisiva produz simultaneamente conteúdo informativo e conteúdo cultural voltado para o entretenimento (tais como novelas, programas de *daytime*, *reality shows*, etc.). Um canal de televisão terá, à partida, mais tendência para conteúdos jornalísticos de autopromoção das suas próprias produções ou de caras associadas à estação.

# CAPÍTULO II

## A experiência de estágio na SIC

*As you become an adult, you realize that things around you weren't just always there; people made them happen. But only recently have I started to internalize how much tenacity everything requires. That hotel, that park, that railway. The world is a museum of passion projects.*

John Collison (2022)

### **2.1. 30 anos de SIC: o primeiro canal de televisão privada do país**

“No panorama mediático português, há um antes e um depois da abertura das televisões aos privados”. Começava assim a felicitação do Ministro da Cultura Pedro Adão e Silva no dia 6 de outubro de 2022, a propósito do aniversário dos 30 anos da SIC. Em 1992, nascia a primeira televisão privada do país, que ditou o fim da exclusividade e monopólio detido pela RTP no mercado televisivo português. A televisão a preto e branco tinha chegado a Portugal nos anos 50. Durante o Estado Novo, a RTP foi o principal aparelho ideológico de propaganda do regime, pertencente ao Estado. O 25 de abril de 1974 trouxe o processo de nacionalização da antiga estação estandarte da ditadura. Ainda assim, nos anos 90, a Informação da RTP era a área fragilizada da estação pública, depois de longos anos subjugada aos vários governos do país que se sucederam na era pós-ditadura (Traquina, 1997, p. 115).

Face a esta lacuna do canal de serviço público, a grande aposta da SIC para a emissão inaugural do canal foi precisamente a Informação, a área enfraquecida da concorrente hegemónica. Foi assim que, a 6 de outubro de 1992, a pivot Alberta Marques Fernandes fazia história ao apresentar-se como o primeiro rosto da televisão privada em

Portugal. Os outros protagonistas do momento, os da notícia, foram os estudantes da Universidade Nova de Lisboa, a propósito de uma luta que ainda hoje ecoa no mundo universitário: “Boa tarde. Estudantes de luto contra as propinas. Esta é uma semana de intensa contestação ao ministro Couto dos Santos<sup>12</sup>. Hoje de manhã, em Lisboa, os alunos da Universidade Nova fizeram mais uma manifestação de protesto”. A abertura da SIC impõe assim uma aposta clara na informação para o povo e não para o governo. Com um estatuto editorial inovador e irreverente, demarca-se assim da ligação estatal à qual a RTP tinha habituado o público durante tantos anos. Independente e inovadora, a nova estação não escondeu esta sua pretensão de querer informar sem constrangimentos políticos; de se demarcar da televisão dependente do financiamento do Estado. Pelas palavras da jornalista Fernanda de Oliveira Ribeiro, nasceu uma estação que rompeu com estereótipos e que deu ao país um espelho de si mesmo, o de uma sociedade portuguesa que estava dormente.

Mais tarde percebemos: foi mesmo uma revolução. (...) A primeira televisão privada nacional que nasceu da tenacidade e investimento de Francisco Pinto Balsemão e a que uma vasta equipa capitaneada por Emídio Rangel deu forma, cor, luz e voz. Muito importante: voz. Aquela que rompeu com estereótipos e deu ao país uma perspectiva dele próprio, que estava dormente. Fernanda de Oliveira Ribeiro (2022)<sup>13</sup>

Nascia assim a Sociedade Independente de Comunicação (SIC), fruto da vontade política do governo do primeiro-ministro Cavaco Silva de privatizar o setor televisivo em Portugal. Um ano antes do arranque do canal, a SIC e a TVI tinham sido as vencedoras de um concurso público para a concessão de dois canais privados. Pertencente ao grupo Impresa, a SIC nasce pela visão de Francisco Pinto Balsemão, também fundador do semanário *Expresso* em 1973, e do antigo Partido Popular Democrático (PPD), atual PSD, ao lado de Francisco Sá Carneiro e Joaquim Magalhães Mota. Através do partido social-democrata, Pinto Balsemão já tinha também ocupado o cargo de primeiro-ministro, de 1981 a 1983.

---

<sup>12</sup> Para tentar apaziguar as contestações dos estudantes, o presidente Aníbal Cavaco Silva transferiu o seu antigo Ministro Adjunto e da Juventude para a pasta da Educação. António Fernando Couto dos Santos foi Ministro da Educação de 1992 a 1993, no XII Governo Constitucional.

<sup>13</sup> Peça transmitida no Primeiro Jornal no aniversário da estação: “O nervosismo deu lugar ao silêncio e depois às palmas: o nascimento da SIC há 30 anos” <https://sicnoticias.pt/pais/2022-10-06-O-nervosismo-deu-lugar-ao-silencio-e-depois-as-palmas-o-nascimento-da-SIC-ha-30-anos-5cecf9a2>

Três anos depois de ser lançada, a SIC atingiu a liderança de audiências em 1995, destronando a hegemonia da RTP no mercado televisivo português. A SIC Internacional nasce dois anos depois, em setembro de 1997, com a ambição de chegar a toda a comunidade portuguesa espalhada pelo mundo, passando a ser emitida nos Países de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). No final dos anos 90, terminava assim o período de afirmação e consolidação da liderança do canal. Em 2000, o grupo Impresa torna-se o primeiro grupo de comunicação social cotado na bolsa em Portugal, ao ser admitido na Bolsa de Valores de Lisboa. O virar do século trouxe novas oportunidades de crescimento temático para a estação, que apostou em novos formatos na informação e entretenimento. A 8 de janeiro de 2001, nasceu a SIC Notícias. O jornalista Pedro Mourinho foi o rosto da inauguração daquele que ficou para a História como o primeiro canal informativo de uma estação generalista portuguesa. O mote era simples, mas pioneiro em Portugal: “Bom dia, são sete da manhã. Está no ar a SIC Notícias, 24 horas por dia, em direito e em português”.

Pensada para os consumidores que privilegiam a informação, a SIC Notícias foi a primeira novidade de um forte ano de expansão para o universo SIC. Foi também em 2001 que o grupo Impresa lançou a SIC Radical para captar o público jovem adulto e assegurou a sua presença no mundo digital, com a criação do site oficial da estação. O novo milénio trouxe a criação dos restantes canais temáticos: a SIC Mulher (2003), lançada no Dia Internacional da Mulher; a SIC K (2009), aposta no entretenimento infantojuvenil, e a SIC Caras (2013), sobre o mundo das celebridades.

A cultura ganha destaque na gala anual dos Globos de Ouro, organizada pela SIC e a revista *Caras*. A cerimónia de entrega de prémios premeia o mérito, talento e criação artística nas áreas da representação no cinema, teatro e ficção televisiva; música; moda; humor; apresentação; entretenimento digital; entre outras. A ficção da SIC atingiu um marco de reconhecimento internacional em 2011, ano em que a novela “Laços de Sangue” foi premiada com um Emmy de Melhor Novela Internacional. A fórmula de sucesso das novelas brasileiras sempre foi outra forte aposta da SIC, graças ao contrato de exclusividade estabelecido com a rede Globo desde a criação do canal privado (contrato outrora pertencente à RTP). Atualmente, a direção-geral de entretenimento da estação está a cargo de Daniel Oliveira, função que acumula com a direção de programas do canal. Desde março de 2016, a liderança executiva da Impresa está a cargo do CEO Francisco Pedro Balsemão.

O ano de 2019 ficou marcado pela mudança da redação de Carnaxide para Paço de Arcos, que acompanhou a centralização de todas as marcas e colaboradores do grupo no edifício Impresa. Considerado o maior grupo de comunicação social a operar em Portugal, a Impresa continua a apostar em novos formatos que prometem moldar o futuro da informação e do entretenimento. A criação da plataforma OPTO em 2020 foi uma aposta pioneira no *streaming*, um investimento do grupo numa plataforma que oferece produções culturais e conteúdos jornalísticos exclusivos aos subscritores. De olhos postos no futuro do *streaming*, esta novidade foi um sinal claro da vontade de modernização do grupo, que arrisca na conquista dos novos formatos que estão a moldar a distribuição e o consumo de conteúdo nos dias de hoje. Outro reflexo desta tendência foi a criação da marca ADVNCE no mesmo ano, que agrega a comunidade de *gaming* e *esports* do país.

### **2.1.1. O universo da redação de Informação**

A Direção de Informação da SIC e SIC Notícias é liderada por Ricardo Costa e composta pelos diretores-adjuntos José Gomes Ferreira e Bernardo Ferrão; e pelas subdiretoras Marta Reis e Patrícia Moreira. Cada noticiário é gerido por um coordenador, responsável pelo alinhamento editorial e pela gestão da equipa dos jornalistas na redação e dos repórteres no terreno.

Minutos antes do início da emissão, o coordenador desce até à régie, a cabine de controlo técnica da emissão televisiva. É aqui que se junta à equipa invisível aos olhos do público; a que dá vida à magia da televisão: o realizador, produtor, *line-producers* (que titulam as frases e os oráculos da emissão), infografista, e os operadores de controlo de imagem, áudio, mistura de som e mistura de imagem. É inesquecível o momento em que se entra pela primeira vez na régie e se ouve a contagem decrescente feita pelo realizador, que marca os 10 segundos antes da emissão entrar no ar. Se a régie é o coração da emissão televisiva; a redação é o cérebro.

Os jornalistas da redação integram as edições, editorias, equipas do Primeiro Jornal, Jornal da Noite, Reportagem Especial e Grande Reportagem, para além das equipas criadas para projetos especiais ou sazonais. As editorias e respetivos editores são as de Política (Cristina Figueiredo), Economia (José Gomes Ferreira), Sociedade (Luís Garriapa), Internacional (Cristina Boavida), Cultura (Graça Costa Freitas), Desporto

(Elisabete Marques) e Novas Tecnologias (Lourenço Medeiros). Já as quatro edições da SIC Notícias asseguram a transmissão de informação durante 24 horas: Edição da Manhã, Edição do Meio Dia, Edição da Tarde e Edição da Noite. Em julho de 2022, a Direção de Informação criou também a função de Editor do Dia da SIC Notícias, responsável por fazer uma gestão diária ao estabelecer a ligação e coerência editorial entre as várias edições do dia. O espaço da redação é partilhado com os jornalistas do *Expresso*.

A equipa da Agenda é “a porta de entrada da redação”, citando as palavras da jornalista Isabel Santana. É esta equipa que faz a primeira triagem de todas as informações que chegam à SIC, através dos cerca de 800 emails que recebem por dia, telefonemas do público e contacto permanente com assessorias de imprensa e instituições. É daqui que saem as chamadas “fichas da agenda”, com todos os detalhes da informação sobre os eventos previstos para o dia seguinte, maioritariamente de âmbito nacional. Nunca há fichas de agenda para o próprio dia: são serviços marcados para o planeamento do dia seguinte, já que os imprevistos e “últimas horas” são geridos diretamente pelos coordenadores, ao minuto. Estas fichas da agenda são o elemento-chave na reunião diária entre a direção de informação e coordenadores de cada jornal e editoria. Em conjunto, as chefias avaliam os eventos e fazem a decisão editorial dos temas a cobrir. O próximo passo cabe aos produtores, responsáveis por marcar os serviços no *Planning* da redação e atribuir os recursos técnicos para a saída em reportagem.

Este planeamento e marcação de serviços de reportagem é uma função comum tanto aos produtores editoriais como aos produtores de informação. A produção editorial agenda a vinda de comentadores ou convidados a estúdio e estabelecem contactos para os serviços de reportagem dos jornalistas. Em síntese, fazem a produção jornalística do conteúdo da emissão. Os produtores editoriais estão em permanente contacto com os pivots e coordenadores, para definirem os entrevistados da emissão e os temas a abordar em cada entrevista do noticiário. Principalmente na SIC Notícias, os formatos dos jornais dependem muito desta vinda de entrevistados e comentadores a estúdio, num esforço em prol da pluralidade de opiniões e pontos de vista sobre as notícias do dia. O debate e explicação da notícia vai para além da abordagem jornalística: convidam-se ativistas, médicos, representantes das Forças Armadas, meteorologistas, professores catedráticos, etc. para comentarem sobre os mais variados assuntos da atualidade. Já os produtores de informação, que se sentam na *Newsdesk*, põem no ar os sinais de todos os diretos do noticiário. São responsáveis pela produção técnica dos diretos dos repórteres,

correspondentes e enviados especiais, para além de contactarem as agências de notícias internacionais, para que estabeleçam o sinal necessário para o envio de imagens. Por exemplo, se o discurso de algum político internacional estiver a ser transmitido pela Reuters, a SIC recebe o sinal em direto da redação e pode utilizar as imagens nesse mesmo minuto.

Ao lado da *Newsdesk*, está a sala da *Central News*, a equipa de operadores de registo, tráfego de sinais e continuidade que fazem o chamado *ingest* (gravação) de todos os sinais, terrestres ou de satélite, que chegam à SIC e que sejam necessários gravar nos servidores da estação. Só depois é que todo este conteúdo em vídeo e som é agregado no sistema interno, para que possa ser utilizado pela redação. A *Central* também faz a transmissão de sinais da SIC (isto é, que estejam a ser gravados por repórteres de imagem da SIC) a outros canais portugueses ou internacionais, caso seja pedido.

Os serviços de reportagem são sempre assegurados aos pares: um jornalista e um repórter de imagem. Já os editores de imagens asseguram a edição do material recolhido em reportagem. O jornalista também pode optar por editar sozinho, visto que todos têm acesso individual ao programa de edição Media Backbone Hive da SONY. Por último, a redação agrega ainda a equipa do *Online*, responsável pela gestão do site e redes sociais da SIC Notícias. No primeiro piso do edifício Impresa, trabalham as equipas de Legendagem, Grafismo e Arquivo.

## 2.2. Diário de Estágio

“O estágio é o que tu fizeres dele”. Foi o primeiro conselho que recebi no dia em que cheguei à redação da SIC, a 31 de janeiro de 2022. Estagiar na redação de uma televisão é uma oportunidade única de observação participante e envolvimento na produção noticiosa do canal. O estagiário vê-se rapidamente inserido neste ambiente, por vezes alucinante, ao qual é desafiado a adaptar-se. A rotina na redação é uma corrida contra o tempo; um ritmo imposto pela exigência do Última Hora e pela pressão do canal de informação durante 24 horas.

Consequentemente, não existe um acompanhamento direto e constante do trabalho do estagiário, devido à falta de tempo e de recursos humanos para tal. Logo, o estágio torna-se precisamente no que cada um decide retirar da experiência. O estagiário pode optar por se envolver ao mínimo no cumprimento das tarefas que lhe são pedidas ou, pelo contrário, adotar uma atitude autodidata predisposta ao desafio pessoal, que lhe permita retirar conhecimento de cada interação com jornalistas, editores e repórteres de imagem.

A redação é um organismo vivo em constante frenesim e mutação, um ambiente envolvente de debate e entreajuda. A chegada a este meio põe à prova a capacidade de adaptação e versatilidade de qualquer um, o que constitui um dos principais desafios do estágio. Durante cinco meses, foi este o meu espaço de trabalho e aprendizagem, entre as equipas da Edição da Manhã e do Primeiro Jornal.

### **2.2.1. As madrugadas na SIC Notícias**

1 de fevereiro a 18 de março

O meu despertador passou a tocar às três da manhã. A Edição da Manhã é a primeira do dia a entrar no ar, transmitida das 6h às 10h na SIC Notícias<sup>14</sup>. O coordenador Miguel Veiga e o resto da equipa chegam cerca de duas horas mais cedo para preparem o alinhamento editorial dos quatro noticiários que compõem a Edição, um por hora. A produção noticiosa da equipa em redação consiste na escrita e hierarquização de notícias, bem como à montagem dos respetivos blocos de imagens. Os jornalistas fazem uma consulta constante das principais agências de notícias, como a Reuters, a Associated Press, a ENEX ou a Lusa, que enviam *scripts* com a informação em texto bruto e *feeds* com o conteúdo audiovisual da notícia. A equipa prepara os Destaques e os OFF's da emissão; corta os chamados Falsos Diretos ou TH's e, de forma menos rotineira, monta peças de reportagem.

Os OFF's são notícias lidas exclusivamente pelo pivot com cerca de 30 segundos a 1 minuto, enquanto que os Destaques, com cerca de 10 a 20 segundos, são escritos para a abertura de cada noticiário sobre os temas que marcam a atualidade. Os Falsos Diretos (*live-on-tape*) são enviados pelos repórteres no local do acontecimento, que gravam a

---

<sup>14</sup> É também transmitida em simultâneo na SIC generalista, das 6h às 8h10.

simulação de um direto com as informações mais relevantes sobre o tema que estão a reportar naquele dia. Cabe ao jornalista em equipa cortar a gravação e escrever o texto de lançamento lido pelo pivot, para introduzir o tema no noticiário. O método é o mesmo com os TH's (*talking heads*), breves declarações ou excertos de discursos de figuras jornalisticamente relevantes, com cerca de 30 a 45 segundos. O coordenador monta o alinhamento do noticiário com toda esta produção jornalística da equipa; os diretos dos repórteres no terreno; as rubricas<sup>15</sup> e as entrevistas com comentadores em estúdio ou por videochamada.

Trabalhar em qualquer uma das quatro edições da SIC Notícias é, a meu ver, a base de qualquer prática jornalística: um verdadeiro exercício de gestão de tempo, escrita concisa e identificação dos pontos-chave de qualquer acontecimento que seja relevante noticiar. Manuela Vicêncio, jornalista da SIC, diz que a rotina noticiosa numa Edição consiste em trabalhar “a realidade no seu estado mais puro e imediato. São as chamadas notícias de última hora, o *crème de la crème* do jornalismo”. Faz-se o trato jornalístico da realidade que está a acontecer, ao minuto. A minha passagem pela equipa da Edição da Manhã ficou marcada por dois acontecimentos que transformaram este período numa altura atípica para conhecer a SIC.

## **2.2.2. O ataque informático**

3 de janeiro de 2022

Quando cheguei no final de janeiro, a redação ainda vivia os danos causados por um ataque informático que congelou o normal funcionamento dos sistemas internos e afetou profundamente o método de trabalho de todo o universo da redação. Os sites do Grupo Impresa foram alvo de um ciberataque no dia 2 de janeiro de 2022, nos quais se incluem órgãos de comunicação social como o *Expresso*, a SIC e a *Blitz*. Na madrugada do dia 3 de janeiro, a redação da SIC foi atacada. Perderam-se as ligações de rede do sistema interno de produção jornalística ENPS, desenvolvido pela Associated Press, que agrega todo o conteúdo noticioso, e do sistema de edição de imagem Media Backbone

---

<sup>15</sup> À data, a Edição da Manhã tinha três rubricas fixas: os espaços de comentário “Nunca Mais É Sábado” à sexta-feira e “Malditas Segundas-Feiras” à segunda-feira; e a rúbrica de tecnologia “Planeta Lourenço” à quinta-feira, com o jornalista Lourenço Medeiros.

Hive da SONY. A Gestora de Redação Ana Marisa Silva recebeu os novos estagiários com um primeiro pedido: paciência, porque a SIC vivia tempos particularmente difíceis.

Foi na Edição da Manhã que assisti de perto às consequências de um ciberataque na rotina editorial de um canal de televisão. Por trazer inúmeros obstáculos à capacidade de informar, o ataque informático foi considerado um verdadeiro ataque à liberdade de imprensa. Os utilizadores dos domínios Impresa.pt ou Sic.pt (que agregam todos os utilizadores) deixaram de existir, pelo que os jornalistas deixaram de conseguir aceder aos sistemas com as suas credenciais de acesso. Perderam-se todas as ligações de rede da redação. Os sistemas passaram a funcionar em regime de *stand-alone*, ou seja, sem estarem ligados a uma rede que agregasse todo o trabalho de cada um. Como me foi explicado por Patrícia Moreira, subdiretora de Informação, “o sistema interno passou a ser tão inútil como um documento word em branco, uma vez que deixou de funcionar em rede”. Os sistemas não desapareceram; os jornalistas é que perderam o acesso porque todos os utilizadores foram apagados, ou seja, não conseguiam fazer *log in* em nenhum sistema.

Os jornalistas também ficaram impossibilitados de aceder ao arquivo da SIC. Os efeitos do ataque chegaram até a boicotar a função mais básica num canal de televisão: ir ao arquivo buscar imagens. Todas as notícias lidas pelo pivot passaram a ser acompanhadas de fotografias, às quais só se recorre quando não há tempo para editar imagens, no caso das notícias de Última Hora. Nas horas que se seguiram ao ataque, até os pivots ficaram sem teleponto. Tiveram de apresentar os noticiários com textos escritos à mão. Por precaução, e para evitar mais danos futuros, a direção decidiu deixar apenas os programas indispensáveis a funcionar, de forma a assegurar a emissão televisiva. Surpreendentemente, a SIC só deixou de emitir um noticiário: o primeiro do dia, às 6h da manhã, no dia do ataque. Tentaram o arranque do noticiário às 7 da manhã, com a pivot Mónica Martins a segurar a emissão, mas tiveram de o interromper devido a inúmeros percalços. Às 7h30, voltaram a tentar, e o método adotado resultou para assegurar a emissão. A partir daí, nunca mais foi interrompida. Neste primeiro dia pós-ataque informático, vários repórteres foram enviados para a rua de forma a encherem a emissão de ligações em direto – a única forma viável de conseguir manter a emissão em direto. Alguns repórteres chegaram a estar no ar durante mais de 10 minutos.

Durante os meses que se seguiram, o aparato tecnológico da redação recuou aos anos 90, uma nova realidade que fez muitos recordarem o famoso “jornalismo no tempo das cassetes”. Uma vez que o trabalho dos jornalistas e editores de imagem deixou de estar agregado num só sistema ao qual todos tinham acesso, foi adotado um novo método de trabalho coletivo que passou a depender de recursos como o email, pens, discos rígidos, Whatsapp e ferramentas da Google que funcionam em rede. Bastava cada pessoa ter acesso ao *link* do documento partilhado e podia visualizar ou editar o documento em tempo real. Desta forma, os alinhamentos passaram a ser criados em tabelas do Google Sheets e os textos dos pivots escritos no Google Docs.

Dada a impossibilidade de cada jornalista editar blocos de imagens, os OFF’s passaram a ser ANC’s (de *anchor*), uma vez que os textos passaram a ser acompanhados com fotografias carregadas diretamente na régie. Deixou também de ser possível transmitir mais de sete peças de reportagem seguidas no alinhamento de um jornal, que considero ser uma das consequências diretas mais significantes do ataque. Isto porque as peças de reportagem eram agora lançadas manualmente, através do programa de edição que os editores passaram a utilizar *offline*, fora da rede interna da SIC. Foi feita uma ligação da emissão em direto para o programa de edição. Deste modo, cada vez que se punha uma reportagem no ar, o editor de imagem aguardava pela indicação do realizador para dar *play* à peça. Este método, manual e falível, deixava o sistema de edição facilmente sobrecarregado. O programa não aguentava ter mais do que sete sequências abertas, uma vez que encravava e comprometia a emissão televisiva. Este impedimento levou à necessidade de encher os noticiários com convidados em estúdio e, especialmente, com diretos, por serem formatos de ligação direta cuja transmissão não corre o risco de falhar – e porque dão tempo ao editor de carregar as peças. Esta nova realidade aumentou substancialmente o número de repórteres no terreno. Consequentemente, o ciberataque acentuou a banalização do direto televisivo.

No meu primeiro dia de estágio na Edição da Manhã, acompanhei uma repórter que fez nove diretos em frente ao Palácio de Belém, sobre a receção do presidente Marcelo Rebelo de Sousa aos novos partidos com assento parlamentar, depois das eleições legislativas antecipadas de 30 de janeiro<sup>16</sup>. O primeiro direto estava marcado para

---

<sup>16</sup> Nos dias 1 e 2 de fevereiro de 2022, Marcelo Rebelo de Sousa recebeu em Belém os oito partidos que elegeram deputados para a Assembleia da República. Em outubro de 2021, o chumbo do Orçamento de Estado para 2022 instaurou uma crise política no país. Pela primeira vez na história da democracia em Portugal, a rejeição de um orçamento levou o Presidente da República a dissolver o Parlamento e a convocar

a abertura do jornal, às 6h da manhã. Ainda era noite cerrada e não se encontrava ninguém no local: as reuniões com os partidos começavam apenas às 15h. O acontecimento a noticiar ia decorrer apenas dali a nove horas, pelo que, naturalmente, a presença da repórter no local não lhe permitiu apurar qualquer informação jornalística sobre o assunto. Os diretos eram realizados, mesmo que não houvesse nenhuma informação nova, o que normaliza e contradiz a função primordial do direto televisivo: reportar algo novo.

Esta banalização do direto já era comum no panorama jornalístico português, como forma de espetacularização das notícias que procura entreter o telespetador – logo, um claro sinal de cedência às audiências. Porém, o ataque veio reforçar esta tendência, visto que surgiu uma necessidade de colmatar uma falha técnica através deste formato. A nova necessidade técnica de “encher” o alinhamento de diretos levou a várias opções editoriais da estação, cuja relevância jornalística pode ser posta em causa em vários contextos. Esta tendência já era observável antes do ataque informático e não é exclusiva à rotina editorial da SIC, como comprovam estudos prévios na área do jornalismo televisivo. É o caso do estudo “O Direto como valor-notícia no jornal da tarde da RTP1”, de Ana Filipa Ribeiro (2016), que disserta sobre esta vulgarização do formato na Informação do canal público. Através de entrevistas exploratórias a vários profissionais da estação, comprova-se que o direto já teve muito mais prestígio do que tem hoje, devido à facilidade – em termos técnicos e financeiros – de pôr um repórter em direto no ar. Entrevistada no contexto desta investigação de 2016, a editora de Sociedade da RTP, Rita Ramos, afirmou que a crescente facilidade técnica do equipamento vulgarizou o direto televisivo. A jornalista explicou ainda que o direto de hoje serve para “dar um carácter de imediatez, estar lá no local. (...) Basta ter esses equipamentos ligados, os acontecimentos estão a desenrolar-se e vai-se transmitindo em direto. Nesse sentido, o direto pode ser importante, mas deixou de ter esse carácter quase de luxo que víamos há cinco, seis, sete anos”. (Ribeiro, 2016, p.98).

O jornalista está agarrado ao cabo e imobilizado pela câmara, tal como o definiu Ignacio Ramonet, uma vez que muitas vezes é enviado para o terreno só para marcar presença televisiva no local. O direto é uma “censura invisível” (Ramonet, 1999, p.50), uma vez que o repórter perde a oportunidade de fazer reportagem, interrogar fontes e indagar causas e motivos. Vai consultando a informação relevante na internet através do

---

eleições antecipadas. A 30 de janeiro, o Partido Socialista venceu com maioria absoluta e António Costa foi reeleito primeiro-ministro.

seu telemóvel pessoal, pelo que não é possível fazer um aproveitamento da proximidade privilegiada que tem com o local da notícia. Por estar imóvel e preso à obrigatoriedade do direto (neste caso que escolhi a título de exemplo, dos nove diretos feitos ao longo de várias horas – o que também aumenta o cansaço da repórter), não consegue mover-se para ir procurar informação, nem apura nenhum dado jornalístico no local. O horário matutino da Edição da Manhã também fomenta este aspeto da cobertura de temas da atualidade política ou da sociedade civil, uma vez que os principais acontecimentos do dia não costumam ocorrer tão cedo – mais um reflexo da pressão exercida pelos canais de informação 24 horas. Nestes casos em específico, o repórter é enviado para o palco do acontecimento para fazer a chamada “antevisão” do que se vai passar dali a umas horas.

O sistema principal da redação foi recuperado a 28 de fevereiro. Pode dizer-se que a redação viu um pequeno vislumbre do regresso à normalidade. No entanto, apenas quatro dias antes, outro acontecimento inesperado provocou uma nova reconfiguração de toda a redação. Deu-se o segundo acontecimento que marcou o meu estágio.

### **2.2.3. A Guerra na Europa**

24 de fevereiro de 2022

O segundo acontecimento foi, pelo contrário, de natureza externa e geopolítica, com repercussões irreversíveis na história recente da Europa. Quando cheguei à redação da madrugada de 24 de fevereiro de 2022, a Rússia tinha acabado de invadir a Ucrânia. Em Kyiv, já soavam as primeiras sirenes de alerta de ataque aéreo, acionadas pela última vez durante a Segunda Guerra Mundial. As tropas do Kremlin deram início ao que Vladimir Putin denominou de “operação militar especial” pela desmilitarização e libertação da Ucrânia, dias depois de reconhecer a independência das duas regiões separatistas de Donetsk e Lugansk, no território ucraniano do Donbass.

A escalada de tensão política culminou num cenário bélico que poucos julgavam ser possível e que motivou a reconfiguração da rotina editorial. A redação passou a assegurar a emissão contínua da SIC Notícias, com a cobertura jornalística do conflito durante 24 horas ininterruptas. As editorias passaram a fazer peças maioritariamente relacionadas com a guerra, para além dos temas cuja cobertura fosse imprescindível. De repente, um jornalista de Economia passava a fazer peças sobre o avanço das tropas russas

no cerco a Kyiv; ou um repórter de Política largava os temas que sempre cobriu para escrever sobre a crise humanitária vivida em Mariupol. A redação reconfigurou-se para dar este destaque monotemático à guerra, e assim se manteve até ao início de abril. Quanto às editorias, as equipas mudaram de horários para assegurar a emissão contínua. O turno da nossa equipa passou a começar às três da manhã, hora em que nos cruzávamos com a equipa da Edição da Noite e retomávamos o trabalho desenvolvido por eles até então.

A guerra na Ucrânia começou numa altura em que a redação ainda se reerguia dos efeitos avassaladores de um ciberataque que obrigou à mobilização de várias pessoas dentro da redação e saturava os jornalistas há semanas. A junção das duas situações tornou a minha passagem pela Edição da Manhã no período mais difícil do estágio, juntamente com a extrema exigência física do horário. Para além disso, esta conjuntura dificultou bastante a integração do estagiário nos trabalhos da redação. Se os estagiários já tinham poucas tarefas para desenvolver devido à paralisação imposta pelo ataque informático, a guerra veio acentuar ainda mais essa realidade. O seu contributo torna-se muito pouco útil, pois sobra pouco ou nada para fazer. Por norma, os estagiários costumam trabalhar em temas diversos, beneficiando do tempo e disponibilidade dos jornalistas para aprenderem. Agora, quando caía alguma informação nova sobre o conflito nas agências, o tema era automaticamente entregue a alguém mais rápido e mais experiente. Mais uma vez, um claro reflexo da pressão dos noticiários de 24 horas. Apesar da recuperação gradual dos sistemas ter começado no final de fevereiro, só mais tarde é que foram entregues as credenciais de acesso aos estagiários: outro fator determinante que veio atrasar ainda mais nossa integração na redação. Sem credenciais de acesso ao sistema interno recentemente recuperado e já utilizado por todos, os estagiários ficaram completamente isolados do trabalho coletivo da redação.

Recebi as minhas credenciais em março e passei a aceder ao sistema interno, sistema de edição e à minha conta de utilizador nos computadores da redação. Este progresso deu-me, finalmente, alguma autonomia e independência comparado com a minha experiência de estágio até então. Passei também, aos poucos, a ter mais trabalho quando me atribuíram a função de ir atualizando o documento de Últimas Horas. Este Google docs foi criado no contexto da guerra para ir atualizando o pivot de todas as novas informações: por exemplo, novos ataques da ofensiva russa, bombardeamentos, incêndios, número de vítimas, avanço das tropas no terreno, novos corredores humanitários, atualização do número de refugiados ou deslocados, etc. Este documento

permitia que o pivot estivesse constantemente atualizado sobre a guerra enquanto estava no estúdio, fornecendo-lhe novos dados e informações que podia usar durante as entrevistas ou na moderação dos espaços de comentário.

O Telegram e o Twitter passaram a ser fontes de informação aos quais tínhamos de estar constantemente atentos, uma vez que o “jornalismo de cidadão” se torna ainda mais relevante num cenário de guerra, com todos os problemas que tal acarreta. Os autores Allan e Thorsen (2009) definem o *citizen journalism* como uma consequência da retórica da globalização: são “as ações espontâneas de pessoas comuns – mais frequentemente as que estão no lugar errado à hora errada – que se sentem compelidas a adotar o papel de um repórter”<sup>17</sup> (Ibidem, p.7). O jornalismo de cidadão é um fenómeno incontornável na era da “aldeia global”, expressão cunhada por Marshall McLuhan, autor de renome no estudo da comunicação de massas<sup>18</sup> e um visionário da internet tal como a conhecemos hoje. Para Greer & McLaughlin (2010), o jornalismo de cidadão transforma os circuitos da comunicação, mas traz consigo um novo paradoxo. Por um lado, “o jornalismo de cidadão do ‘aqui e agora’ pode trazer autenticidade, imediatismo e realismo às notícias, através da produção de provas dramáticas e visualmente poderosas à medida que os eventos acontecem”. Por outro, traz novos casos de “simulação, manipulação, partidarismo e falta de responsabilização” (Ibidem, p. 1045)<sup>19</sup>, uma vez que qualquer cidadão pode publicar nas redes sociais – seja a informação verdadeira ou manipulada.

Conscientes deste perigo, navegávamos pelas redes sociais à procura de informações em primeira mão. Se a fonte de algum vídeo ou nova informação nos parecesse suspeita, esperávamos pela notícia nas agências internacionais. Era no Telegram que saíam as principais informações ao minuto, principalmente nos canais de figuras como a vice-primeira-ministra Iryna Andriyivna Vereshchuk (que todas as manhãs publicava novas informações sobre os corredores humanitários e respetivos percursos), autarcas das cidades bombardeadas ou do conselheiro oficial do Ministério da

---

<sup>17</sup> Tradução livre. No original: “The spontaneous actions of ordinary people, caught up in extraordinary events, who felt compelled to adopt the role of a news reporter.”

<sup>18</sup> O contributo teórico do autor canadiano para o debate entre Apocalípticos e Integrados pertence à perspetiva integradora, que vê a cultura de massas como o arquétipo da democratização da cultura, logo forma de avanço social.

<sup>19</sup> Tradução livre. No original: “Novel forms of selecting, gathering, processing and disseminating ‘news’ are transforming communication circuits. On the one hand, there are real issues of simulation, manipulation, partisanship and lack of accountability. On the other, ‘right here, right now’ citizen journalism can bring authenticity, immediacy and realism to news stories through the production of dramatic and visually powerful ‘evidence’ of events ‘as they happen’”.

Administração Interna da Ucrânia, Pravda Gerashchenko. Também consultávamos a página de Facebook dos Serviços de Emergência Ucrânicos, que tinham informações recentes sobre novos incêndios, bombardeamentos, número de vítimas e ataques a novas cidades. Com toda esta informação, passei também a auxiliar o repórter designado para o quadro interativo – um mapa interativo na redação, onde se faziam diretos sobre estas novas atualizações sobre a guerra. Passou a ser comum fazer diretos a partir da redação, com o auxílio deste mapa interativo. Nos estúdios, outro repórter fazia o chamado “posto de escuta”, que atualizava em direto todas as novas imagens e vídeos que caíam no mundo digital, como os sites ou redes sociais.

Vivi a experiência de assistir ao desencadeamento de um conflito bélico que perturbou a ordem mundial no coração de uma redação. Apesar de todas as dificuldades, tive a oportunidade de estagiar numa altura única da história contemporânea. Aprendi que a contrainformação é uma das maiores armas de guerra. O trabalho do jornalista é dar a conhecer os factos dos dois lados, mas torna-se difícil aplicar este princípio numa guerra que tem sempre duas versões dos acontecimentos. Por exemplo, tínhamos sempre cuidado com o que usávamos da agência RIA Novosti, uma das maiores agências de notícias da Rússia, ou a NEXTA, da Bielorrússia. Os jornalistas russos passaram a estar proibidos de usarem palavras como “guerra”, “invasão” ou “agressão” para se referirem à “operação militar especial”<sup>20</sup>. A guerra dizimou o pouco espaço restante para a comunicação livre na Rússia<sup>21</sup>, o que também dificultou o nosso trabalho na cobertura imparcial do conflito. O último canal independente de notícias Dozhd (também conhecido por *TV Rain*) suspendeu operações depois de ter sido bloqueado. A equipa despediu-se num direto do Youtube, com o mote “Não à guerra”. Os media russos ficaram completamente controlados pelo Estado e afetos ao regime de Putin. A Rússia alienou os seus cidadãos, que passaram a ser informados, unicamente, por órgãos estatais ao serviço do regime. A população rural, idosa e isolada do país ficou totalmente absorta do resto do mundo. Ao ver jornalistas desprovidos do principal atributo da profissão – a liberdade para informar – não posso deixar de referir as palavras de Nelson Traquina, um dos professores de jornalismo mais influentes de Portugal: “A democracia não pode ser imaginada como um sistema de governo sem liberdade, e o papel central do jornalismo, na teoria democrática,

---

<sup>20</sup> <https://www.dn.pt/internacional/russia-passara-a-proibir-por-lei-noticias-falsas-sobre-aco-es-do-exercito-14749341.html>

<sup>21</sup> <https://expresso.pt/guerra-na-ucrania/2022-03-07-A-guerra-vista-a-partir-da-Russia-As-noticias-orwellianas-da-comunicacao-social-russa-que-resta-c7846ed0>

é informar o público sem censura”. (Traquina, 2002, p. 12). No caso da Rússia, ao qual assisti em primeira mão a partir de uma redação num país onde existe liberdade para informar, “o jornalismo é propaganda ao serviço do poder instalado”. (Ibidem)

É especialmente desafiante fazer bom jornalismo entre os escombros de uma guerra, devido ao dever ético de cobrir sempre os dois lados. A Rússia e a Ucrânia passaram a acusar-se mutuamente de ataques e a contrainformação chegava de todos os lados. Neste aspeto, onde se deve posicionar o jornalista europeu? É difícil aplicar o contraditório e dar a conhecer o lado da Rússia, que comete atrocidades e crimes de guerra, enquanto continua a negar que ataca civis e infraestruturas essenciais das cidades. Naturalmente, a SIC adotou a posição ocidental de apoio à Ucrânia e de repulsa à invasão de Putin. A liberdade de expressão em Portugal e na Europa permite-nos afirmar que estamos perante uma *guerra*, provocada pela invasão injustificada da Ucrânia, país soberano e independente. O comentador Alexandre Guerreiro, jurista e ex-espião pró-russo, chegou a participar em alguns debates iniciais na SIC e SIC Notícias sobre o conflito. Era a perspetiva mais pró-Rússia que tínhamos no canal, o que também gerou um debate interessante em torno da liberdade de expressão: até que ponto é benéfico para a SIC trazer uma perspetiva pró-Kremlin para o debate sobre a guerra? Mais tarde, os espaços de comentários passaram a ser assegurados principalmente pelos comentadores José Milhazes, Nuno Rogeiro e Germano Almeida.

Outro debate pertinente é o uso das imagens de guerra. A agressividade de algumas imagens que nos chegam à redação pelas agências passa por um filtro antes de se escolher o que passa no ar. Na redação, vi várias imagens atroztes do conflito das quais nunca me vou esquecer, mas que também abrem uma discussão importante sobre a responsabilidade social do jornalista de escolher o que mostrar ao seu público num contexto de guerra. Não mostrar a atrocidade ao telespetador é uma forma de branquear a guerra? Ou, pelo contrário, decidir mostrá-la é uma forma de espetacularização do sofrimento alheio, acervo ao interesse económico de querer gerar audiências?

Em março, a redação recebeu um email<sup>22</sup> de Ricardo Costa sobre o uso de imagens violentas e as diretrizes a adotar no caso da guerra na Ucrânia. O Diretor de Informação fez um breve contexto histórico sobre como as imagens de guerra mudaram o rumo de muitos conflitos bélicos da História. A título de exemplo, recordo a famosa fotografia de

---

<sup>22</sup> O Diretor de Informação da SIC autorizou a partilha desta informação de foro interno da estação.

1972 da guerra do Vietname<sup>23</sup>. Há exatamente 50 anos, o fotógrafo Nick Ut da agência AP captou a vietnamita Phan Thi Kim Phuc a fugir de um ataque de napalm. A imagem, mais tarde vencedora de um prêmio Pulitzer, eternizou Kim Phuc como um símbolo das atrocidades do conflito e do movimento anti-guerra. O poder da fotografia consciencializou o ocidente sobre o horror vivido pelas vítimas de uma guerra, até então, invisível. No caso do jornalismo televisivo, o formato subsiste graças a esta força indubitável da imagem. Pelas palavras de Ricardo Costa, “Numa guerra é impossível que não sejam usadas de quando em vez imagens violentas ou muito violentas. O jornalismo sempre as usou e deve continuar a usar, não só porque mostram os verdadeiros horrores da guerra como, muitas vezes, mudam o rumo dos acontecimentos ou a consciência que temos desses acontecimentos”. A dificuldade persiste precisamente na tentativa de informar sobre o horror sem ceder ao sensacionalismo, ao mesmo tempo que se filtra o conteúdo de forma a proteger as vítimas e a audiência. Este debate ético e deontológico assenta numa linha muito ténue entre o branqueamento das imagens violentas e a espetacularização do sofrimento humano. A SIC não tem nenhum Livro de Estilo que oriente o jornalista neste sentido, uma solução que podia ser adotada para orientar os profissionais que se deparam com este tipo de dilemas da profissão. Porém, “não cabe aos jornalistas branquear uma guerra ou torná-la visualmente aceitável. Cabe-nos, isso sim, saber usar imagens de forma racional e editorialmente ponderada, tendo em conta a sua importância. Se forem muito importantes, devem ser usadas. Se forem violentas, devem ser acompanhadas de aviso”.

## **2.2.4. A vida em reportagem**

21 de março a 30 de junho

Integrar a equipa do Primeiro Jornal foi a oportunidade mais enriquecedora e gratificante do estágio. A normalidade após o ataque informático estava praticamente retomada e, com o passar dos meses, o formato monotemático dos jornais adotado desde o início da guerra também se foi atenuando aos poucos. Este fator trouxe uma maior predisposição editorial para alinhar outras temáticas noticiosas não relacionadas com o conflito. Para além disso, a linha editorial do Primeiro Jornal, por si só, já inclui temas mais diversificados (até mais do que o Jornal da Noite, que permaneceu muito focado na

---

<sup>23</sup> Ver Anexo 1. *Napalm Girl* (Vietname, 1972)

guerra e nos espaços de comentário relacionados com o conflito), o que me permitiu passar a trabalhar outros tópicos jornalísticos mais abrangentes e com oportunidade de reportagem no local dos acontecimentos. Foi nesta equipa que me apaixonei pela vida em reportagem, e onde cresci mais, principalmente a nível pessoal. Sair para serviços fora da redação pôs-me inúmeras vezes fora da minha zona de conforto, e foi precisamente nesses momentos de confronto com o desconhecido que mais errei – e aprendi. Fazer peças jornalísticas trouxe-me a oportunidade de ser mais participativa e autónoma nas minhas tarefas, num claro contraste com os entraves que tinha vivido até então, no percurso de estágio. O Primeiro Jornal abriu-me portas a mundos e histórias que provavelmente nunca teria conhecido se tivesse ficado sempre fechada entre as quatro paredes da redação.

A rotina do Primeiro Jornal é totalmente diferente da Edição da Manhã, a começar pelo horário. Finalmente deixei as madrugadas e o meu despertador passou a tocar já depois do nascer do sol, para estar na redação pelas 9h. Passar a frequentar a redação a esta hora foi crucial para a minha integração. Foi aqui que finalmente conheci o ambiente “real” deste espaço de trabalho coletivo, que naturalmente costuma estar bastante vazio durante a madrugada e sem a típica azáfama que o caracteriza. Conheci vários jornalistas veteranos da casa, muitos deles os fundadores originais da SIC em 1992. Passei a aprender com outros jornalistas; conheci os vários editores e repórteres de imagem – vários profissionais da estação com quem nunca me tinha cruzado na Edição da Manhã.

A minha primeira semana foi passada a acompanhar jornalistas no terreno, de modo a observar os diferentes métodos de trabalho. Foi logo nesta fase inicial que me apercebi da extrema exigência e pressão do tempo exercida sobre esta equipa. “Quem faz Primeiro Jornal, faz tudo”, disse-me Paula Castanho, uma das jornalistas fundadoras da SIC Notícias em 2001, logo no primeiro dia em que integrei a equipa. Acabávamos de chegar de uma fábrica de farinhas para animais no Montijo, para uma peça<sup>24</sup> assinada pela Paula sobre o impacto da guerra na escassez de cereais importados da Ucrânia – considerada “o celeiro da Europa”. Normalmente, os serviços de reportagem são agendados para de manhã e a peça deve estar pronta a ser transmitida à hora do Jornal, com início marcado para as 13h. Muitas vezes, só conseguem voltar à redação pouco tempo antes desta hora: foi o caso deste dia, um serviço<sup>25</sup> que implicava pelo menos 50

---

<sup>24</sup> <https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-03-21-efeitos-da-guerra-aumentam-os-precos-dos-alimentos-para-animais>

<sup>25</sup> Na gíria jornalística, o “serviço” consiste no trabalho de recolha e tratamento de informação no local do acontecimento.

minutos de caminho de ida e volta. Vi a Paula a assegurar a montagem do formato da peça, escrita do texto, sonorização e edição em cerca de uma hora – um enorme desafio de gestão de tempo que, mais tarde, enquanto estagiária com muito pouca experiência, tive de aprender a enfrentar sozinha.

Ninguém se esquece do seu primeiro serviço fora da redação. Na segunda semana, o coordenador do Primeiro Jornal, André Antunes, falou-me da possibilidade de entrevistar o músico Laurent Filipe no palco da Aula Magna em Lisboa, sobre um concerto solidário do trompetista cuja receita revertia para a ajuda humanitária aos refugiados ucranianos, através da Cáritas Portuguesa. A peça acabou por ser também a primeira à qual me foi permitido dar voz. O jornalista estagiário não tem a técnica nem o enquadramento legal para se apresentar como jornalista, pelo que nem sempre lhe é permitido sonorizar as suas peças. Ainda assim, o André deu-me autorização para começar a sonorizar logo a partir da minha segunda peça televisiva, o que foi outro fator significativo para a minha evolução.

Gravar a *voz off* de um texto televisivo passou a ser uma das minhas etapas favoritas no processo de criação de uma peça, principalmente pelo desafio. É um processo de aprendizagem lento, que exige muita prática, boa dicção e, acima de tudo, sensibilidade para acentuar as palavras de valor certas ou utilizar a entoação adequada ao tema. Nos primeiros meses, comecei por gravar sozinha no estúdio de voz individual, onde estava mais à vontade para errar e repetir a gravação, sempre que achasse necessário. Depois de ganhar alguma experiência, ao longo dos meses, passei a gravar diretamente no estúdio com o editor de imagem, durante a edição da peça. Percebi que aprendo muito mais se sonorizar à frente do editor, graças às dicas e sugestões de melhoria que só um editor (e o seu ouvido treinado) nos podem dar.

A escrita de peças para o Primeiro Jornal exige um trato jornalístico diferente do que a informação diária que trabalhava na SIC Notícias. Antes, escrevia brevemente sobre os mais variados assuntos do dia: desde política, a economia, passando pelo internacional e até desporto. Agora, escrever e montar uma peça televisiva requer uma abordagem muito mais aprofundada do tema: logo, mais focalizada. Dei por mim a estar focada numa só temática por dia. Voltando a citar a jornalista Manuela Vicêncio, fazer uma peça distingue-se da rotina noticiosa da SIC Notícias por ser “um patamar onde a temática é analisada e refletida com tempo distanciado, problematizada segundo vários ângulos e discutida através do princípio do contraditório”. Aplicar este princípio foi particularmente

difícil quando comecei a fazer a cobertura de várias manifestações e greves de trabalhadores<sup>26</sup>. No terreno, ouvia os gritos de protesto dos funcionários e líderes sindicais sobre as condições precárias em que eram obrigados a trabalhar. Para fundamentar jornalisticamente a peça, tentava sempre contactar a entidade patronal de modo a confrontá-la com estas queixas e respetivas exigências. Algumas recusavam-se a prestar declarações. Mas as que aceitavam comunicar via email ou entrevista telefónica, diziam-me o contrário daquilo que os trabalhadores se queixavam. Assim, chegava à redação com dúvidas sobre como deveria contornar esta discrepância de informação, com receio de pôr no ar uma peça que se contradiz a si própria. A jornalista Teresa Canto Noronha dizia-me muitas vezes: “É sempre assim. Os trabalhadores dizem A e a empresa diz B. E a nós, jornalistas, cabe-nos ouvir e dar a conhecer os dois lados”.

Este acompanhamento em redação foi crucial. No Primeiro Jornal, fui acompanhada por uma equipa de jornalistas veteranos a quem devo tudo o que aprendi sobre a escrita de uma peça. Pessoalmente, foi também inspirador ver profissionais que fazem parte da história da SIC, vários deles com mais de 20 anos de experiência, a perderem tempo do seu trabalho para partilharem conhecimento com os mais novos. Os jornalistas Paulo Nogueira, Teresa Canto Noronha, Joana Latino, Paula Castanho, Elsa Gonçalves e Ana Paula Félix marcaram a minha passagem pelo Primeiro Jornal, graças à sua generosidade e disponibilidade em partilharem a sua sabedoria, fruto de décadas dedicadas à profissão.

A abertura e liberdade conferida pelo coordenador André Antunes é a principal razão pela qual integrar o Primeiro Jornal foi o momento mais recompensador do estágio. Dá-nos liberdade para aprender e crescer dentro da equipa. Um bom coordenador sabe delegar; e confia em quem delega. Para além disso, o André confia na visão do estagiário e mostra-se disponível para ouvir as nossas sugestões de temas para reportagem. Enquanto coordenador, tem um grande sentido de jornalismo regional que representa a cultura popular, costumes e notícias variadas sobre outras zonas do país (para além da redutora dicotomia Lisboa/Porto à qual assistimos nas televisões) e visão para temas alternativos e diversos que, a meu ver, enriquecem o alinhamento. Por esta razão, foi no Primeiro Jornal que tive a oportunidade de sugerir temas sobre feminismo e questões de

---

<sup>26</sup> <https://sicnoticias.pt/pais/cme-acusada-de-repressao-patronal-por-alegadamente-ter-tentado-despedir-o-delegado-sindical/>

género, uma temática pela qual tenho bastante interesse e gosto pessoal. O André não só me deu total liberdade para começar a escrever sobre estes tópicos, como também teve a sensibilidade de perceber rapidamente que eram uma preferência pessoal. Passou então a sugerir-me várias hipóteses de reportagem relacionadas com a temática, quando me via chegar à redação de manhã.

Foi graças a esta liberdade que me surgiram várias oportunidades de reportagem bastante enriquecedoras a nível pessoal. Uma delas foi conhecer uma das primeiras polícias a ser admitida na PSP, a primeira força e serviço de segurança em Portugal a admitir mulheres. Escrevi sobre a exposição de arte “Multiplicidade no Feminino”<sup>27</sup>, uma celebração da emancipação feminina a propósito dos 50 anos da integração destas primeiras mulheres polícias. Pude ouvir as suas histórias, as situações discriminatórias que viveram no início da sua inclusão na força policial, e testemunhos desta integração num mundo que, à data, era maioritariamente masculino. Dentro da mesma temática, o André propôs-me escrever sobre o acordo histórico da Federação de Futebol dos Estados Unidos<sup>28</sup> para acabar com a disparidade salarial entre as seleções feminina e masculina. Dentro das questões de género, escrevi sobre a Rebelião de Stonewall<sup>29</sup> para assinalar o Dia Internacional do Orgulho LGBT, bem como sobre estudos recentes sobre as discriminações de que a comunidade ainda é alvo em Portugal, e no resto do mundo.

Sentia agora na pele a pressão do tempo à qual tinha assistido no primeiro dia do estágio, ao acompanhar o serviço da jornalista Paula Castanho no Montijo. Também eu cheguei muitas vezes à redação vinda de um serviço pouco tempo antes do jornal começar (e as peças são, na maioria das vezes, para passar no próprio dia). Se na faculdade estava habituada a entregar cerca de três peças para avaliação num semestre; no Primeiro Jornal dei por mim a fazer uma por dia. Lembro-me de conseguir assegurar que muitas das peças fossem para o ar por ter conseguido escrever o texto na viagem de carro enquanto o repórter de imagem nos conduzia de volta à redação. Assim, bastava chegar, sonorizar o texto e ir ter com o editor de imagem para montar a peça. A situação mais radical que vivi foi com uma peça que o André me propôs fazer relacionada com feminismo, a propósito

---

<sup>27</sup> <https://sicnoticias.pt/pais/dia-internacional-dos-museus-com-exposicao-sobre-emancipacao-feminina/>

<sup>28</sup> <https://sicnoticias.pt/desporto/futebol-nos-eua-homens-e-mulheres-passam-a-receber-o-mesmo-salario/>

<sup>29</sup> <https://sicnoticias.pt/mundo/28-de-junho-uma-data-que-faz-historia-ha-53-anos/>

A rebelião de Stonewall foi uma série de motins entre 28 de junho a 3 de julho de 1969 em Nova Iorque, contra a opressão policial das pessoas gays, lésbicas, bissexuais e transsexuais. Os motins marcaram o início de uma revolução pela igualdade. Desde então, mais de 30 países legalizaram o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

da inauguração da exposição “Amor Veneris” em Oeiras<sup>30</sup>. Entrevistei a sexóloga e curadora da exposição Marta Crawford, para além da conceituada artista plástica Sophia Wallace, vinda de propósito de Nova Iorque para a ocasião. Devido à demora do serviço e das entrevistas, só foi possível regressar à redação com o repórter de imagem por volta das 13h15. A exposição seria inaugurada naquela noite e, por isso, o André pediu-me a peça pronta para a segunda parte do jornal. Graças a um esforço descomunal de equipa entre mim e a editora de imagem Ana Rita Sena, a edição da peça foi feita a cerca de 20 minutos de entrar no ar – e assim passou. “A melhor peça é a que entra no ar”, disseram-me muitas vezes ao longo do estágio.

Foi também graças ao Primeiro Jornal que descobri outras áreas editoriais que nunca tinha explorado e que se tornaram do meu especial interesse, por exemplo quando trabalhei em temas relacionados com Ambiente, Saúde, Cultura ou Internacional. Curiosamente, as peças desta última área eram as que mais me custavam escrever, por serem as que não exigiam que saísse da redação. Escrevemos e montamos uma peça de Internacional só com base na informação que nos chega das agências de notícias. Quando saio para o local do acontecimento, é mais fácil começar a traçar a estrutura de uma peça: estive lá, escolhi o ângulo, sei que imagens foram recolhidas pelo repórter de imagem, vivi a situação. A dificuldade aumenta com a informação da notícia desordenada e em bruto, sob a forma de *feeds* de imagens e *scripts* de texto. Fico sem saber que ângulo escolher, com que imagens começar, o que destacar. A jornalista Joana Latino abordou-me quando me viu nesta situação. Tentava escrever a minha primeira peça televisiva que passou no ar, acerca da morte de Taylor Hawkins, baterista dos Foo Fighters. Deu-me algumas técnicas para contornar esta dificuldade: o jornalista é quem recolhe esta imensidão de informação sobre a temática que, ao início, nos parece avassaladora. Só depois deve organizá-la e hierarquizá-la, antes de começar a escrita da peça.

Lembro-me muitas vezes das aulas de Jornalismo Televisivo na Universidade Nova de Lisboa lecionadas pelo professor Pedro Coelho, jornalista de investigação da SIC, que nos dizia que o texto televisivo é a legenda construtiva das imagens. Um dos aspetos mais interessantes de integrar a equipa do Primeiro Jornal foi a oportunidade que me trouxe de moldar a minha escrita neste sentido. Construir uma peça de reportagem é escrever para as imagens. A simplicidade e clareza do texto deve complementar o que o

---

<sup>30</sup> <https://sicnoticias.pt/cultura/inaugurada-exposicao-sobre-prazer-sexual-feminino-em-oeiras/>

telespetador vê. Logo no meu segundo dia de estágio, a jornalista Andreia de Melo deu-me um conselho que ainda hoje aplico no exercício da profissão: “Liga à tua avó e conta-lhe a notícia”. A tendência para recorrermos a palavreados e expressões floreadas, tão suscitada durante anos de escrita académica, cria ruído em televisão. Este obstáculo é facilmente colmatado se fizermos o exercício fictício de contar a notícia a alguém próximo, o que nos aproxima da linguagem coloquial utilizada no dia-a-dia. Fazer bom jornalismo é fazer o tratamento e contextualização da informação, de forma que todos a entendam. A escrita para televisão implica um exercitar constante da clareza e da simplicidade, assente no princípio democrático de que a informação deve ser compreendida pelos telespetadores de todas as classes e contextos socioculturais. Foi uma das lições que o estágio me deu: a simplicidade da televisão é, na verdade, extremamente complexa.

Este respeito que ganhei pela imagem enquanto legenda construtiva também me foi inculcado pela vivência com os repórteres de imagem no terreno. O jornalista deve estar atento aos ângulos captados pelo repórter, de forma a chegar à redação depois do serviço e escrever um texto que legende as imagens captadas. No terreno, a interação entre estes dois jornalistas deve ser simbiótica. Devem comunicar abertamente e trabalhar em equipa na criação da peça, segundo o ângulo da história que se quer contar. Trabalhar com um repórter de imagem diferente, todos os dias, é um desafio interessante, uma vez que põe à prova a nossa capacidade de maleabilidade para trabalharmos com várias pessoas, com todos os tipos de método – e mais importante, respeitar o trabalho de cada um. Enquanto o jornalista assegura o trato jornalístico do acontecimento; o repórter de imagem assegura a captação audiovisual da realidade. A peça só é feita graças à forma de um e ao conteúdo do outro – e, mais tarde e já de volta à redação, graças à edição assegurada pelo editor de imagem. Apesar de alguns jornalistas optarem por editar as suas peças sozinhos, esta é a principal função dos editores de imagem.

“A reportagem é o género nobre do jornalismo”, como sempre ouvi nas aulas do professor Pedro Coelho. Contudo, é um género raro no alinhamento dos noticiários diários, facilmente confundido com as “notícias com reações” às quais a gíria chama genericamente de “reportagem”: peças televisivas com uma notícia, e algumas reações institucionais, políticas ou civis sobre o tema. Denota-se, assim, uma clara discrepância entre os termos utilizados na gíria e os da academia. Enquanto a notícia com reações sobrevoa o acontecimento, a reportagem distingue-se por ser um mergulho mais profundo

na história, com um ângulo muito mais íntimo e particular, focado no verdadeiro acontecimento (Coelho *et al.*, 2021). Tive algumas oportunidades de explorar o género e o potencial da chamada “história que se encontra ao virar da esquina”. Trabalhei em algumas reportagens com um ângulo mais social, como, por exemplo, quando o André me sugeriu ir a uma horta urbana em Lisboa, para retratar a vivência dos agricultores depois do aumento dos preços das frutas e legumes devido à guerra<sup>31</sup>. Fiz o mesmo quando visitei uma coudelaria de cavalos e éguas lusitanas em Santarém, para averiguar um caso de roubo de vários animais<sup>32</sup>; ou quando entrevistei um doente diagnosticado com Esclerose Lateral Amiotrófica, para uma peça sobre uma nova app de telemonitorização desenvolvida por investigadores portugueses para monitorizar os sintomas e a evolução da doença em casa.<sup>33</sup>

## 2.2.5. A diluição de fronteiras entre informação e publicidade

O Primeiro Jornal também me abriu os olhos para a constante pressão exercida sobre o jornalista pelos interesses comerciais e publicitários – ou até mesmo políticos – dos assessores de imprensa e agências de comunicação. A responsabilidade social do jornalista ganha proporções ainda maiores, uma vez que a informação é poder e determina as escolhas políticas e comerciais da sociedade que informa. Esta responsabilidade assenta no facto do jornalista ter o controlo total sobre a história. Segundo Nelson Traquina (2002), o trabalho jornalístico é altamente condicionado por estas pressões. Porém, “o jornalismo tem uma autonomia relativa” e os jornalistas têm poder enquanto “participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (Traquina, 2002, p.14).

No caso das pressões políticas, durante o estágio apercebi-me pela primeira vez do verdadeiro papel que um assessor de imprensa tem perante os jornalistas, quando fiz duas reportagens diferentes com Carlos Moedas, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa: a primeira sobre uma nova Carreira de Bairro na cidade, e a outra no dia da assinatura do acordo que veio garantir transportes gratuitos em Lisboa<sup>34</sup>. Por exemplo, o

---

<sup>31</sup> <https://sicnoticias.pt/pais/viver-na-cidade-e-cultivar-para-consumo-proprio-lisboa-tem-mais-de-20-parques-horticolas/>

<sup>32</sup> <https://sicnoticias.pt/pais/gnr-investiga-roubo-de-oito-cavalos-lusitanos-no-ribatejo/>

<sup>33</sup> <https://sicnoticias.pt/saude-e-bem-estar/2022-06-21-Portugueses-desenvolvem-aplicacao-para-ajudar-doentes-com-Esclerose-Lateral-Amiotrofica-ce6e74ca>

<sup>34</sup> <https://sicnoticias.pt/pais/acordo-assinado-para-garantir-transportes-gratis-em-lisboa/>

assessor pergunta-nos atempadamente que perguntas queremos fazer ao político, antes do momento de prestar declarações aos jornalistas. Quanto às reportagens que envolvem marcas comerciais, o interesse já não é de índole tão política, mas sim comercial e publicitária. Tanto que é quase incontornável não nos questionarmos: “Estou a fazer jornalismo ou a ceder aos interesses de promoção publicitária da marca que propôs esta peça?”

Longe vão os tempos dos anúncios de publicidade tradicionais. A publicidade e o *marketing* estão cada vez mais aprimorados. As marcas têm cada vez mais interesse em ganhar a credibilidade aos olhos do público, ao aparecerem mescladas sob a forma de conteúdo jornalístico. Um *press release* de uma agência de comunicação chegou à caixa de entrada do André, com uma proposta de reportagem sobre Ambiente e Sustentabilidade que ele me sugeriu fazer. Um trimarã 100% sustentável, movido a energia eólica e velejado pelo skipper francês François Gabart, ia atracar em Cascais, numa ação de sensibilização pela poluição dos oceanos<sup>35</sup>. A iniciativa era patrocinada pela marca francesa de dermocosmética SVR, e quem nos contactou foi precisamente a agência que trata da comunicação da marca. A reportagem e entrevistas foram feitas em alto mar a bordo do trimarã, uma experiência da qual certamente nunca me esquecerei.

Antes de embarcarmos, a assessora de comunicação entregou-me o *press kit*, um conjunto de materiais de divulgação e promoção da marca e da iniciativa. Pediu-me ainda para referir o nome inteiro do barco, batizado de “SVR/Lazartigue”, coincidente com o nome da marca que financia o projeto. Chegada do alto mar, atraquei na Marina de Cascais e voltei para a redação, decidida a escrever e terminar a peça no próprio dia. Apanhei já o turno da Edição da Noite, e lancei a questão à jornalista Catarina Terroso: devo acatar o pedido de referir o nome da marca no texto da peça? Explicou-me que o devia fazer, não por ser o nome da marca, mas por ser o nome do barco. O nome do barco é o retrato da realidade que o jornalista se compromete a relatar; o nome da marca seria ser subversivo aos interesses publicitários da marca. O jornalista deve colmatar esta hibridização de fronteiras entre a promoção publicitária e o jornalismo, ao pensar naquilo que interessa ao telespetador e não aos interesses da marca. Referi o nome de batismo do trimarã na peça, e desenvolvi a história pelo ângulo da sustentabilidade. Dei especial enfoque à ação de sensibilização para a poluição marinha, com dados interessantes sobre

---

<sup>35</sup> <https://sicnoticias.pt/pais/trimara-100-sustentavel-atraca-em-cascais-em-iniciativa-contr-a-poluicao-marinha/>

o plástico nos oceanos e sobre o trabalho desenvolvido pela associação ambiental que entrevistei, associada ao projeto. Foi também com esta reportagem que me deparei, pela primeira vez, com a realidade dos *freebies* na profissão. Dias depois da transmissão da reportagem, chegou uma encomenda à redação em meu nome: a marca tinha-me deixado alguns produtos de dermocosmética de oferta. Estes pequenos gestos acabam por estreitar a relação de proximidade entre o jornalista e as fontes, o que acredito que possa, muitas vezes, fazer com que o jornalista se deixe inebriar no meio deste conflito de interesses e perca o rumo da imparcialidade que lhe é exigida.

A mesma agência de comunicação voltou a sugerir-me outro tema de reportagem algumas semanas mais tarde, desta vez a propósito dos 70 anos da Força Aérea, que queria assinalar a data com uma tentativa de se aproximar do público. Para tal, organizaram uma exposição num centro comercial com três aeronaves: um avião de caça F16, um helicóptero Alouette III e um Chipmunk, avião clássico operado pela Força Aérea desde a sua formação. Desta vez, a pressão comercial exercida pela empresa de comunicação era em relação ao centro comercial, outro cliente da agência. O interesse subjacente à ideia de realizar a peça era, claramente, atrair mais clientes para o *shopping*: chegaram a pedir-me para não o chamar de “centro comercial” no texto da peça; mas sim de “shopping resort”, mais um claro sinal do interesse publicitário da agência em promover o espaço – para além da iniciativa a decorrer. Nesse dia, saí em reportagem com o repórter de imagem Pedro Carpinteiro. Fomos recebidos pelo coronel Manuel Bernardo da Costa e pelo Gestor de Marketing do centro, os dois entrevistados da peça. Devido à nossa presença naquele dia, a banda da Força Aérea estava na exposição. Perguntaram-nos se podiam começar a tocar, assim que começássemos a gravar. Foram prontamente interrompidos pelo Pedro, que lhes explicou: “Nós somos jornalistas. E o jornalismo é o retrato do real”. Se a banda não costuma tocar em dias normais da exposição, não podíamos fazer uma manipulação da realidade. O *real* da história eram as pessoas curiosas que se aproximavam dos aviões expostos no meio de um centro comercial, uma imagem que, por si só, já fala pela sua atipicidade – e devia ser o principal ângulo da peça.

Debati-me com estas questões em várias das peças que fiz dali para a frente, inclusive quando o André me sugeriu ir ao El Corte Inglés fazer uma peça sobre o início dos saldos<sup>36</sup>. A responsável pela comunicação do centro também nos ofereceu *freebies*:

---

<sup>36</sup> <https://sicnoticias.pt/pais/saldos-de-verao-regressam-esta-quinta-feira/>

chocolates que deliciaram o resto da redação quando chegámos do serviço. Mais uma vez, a jornalista Teresa Canto Noronha explicou-me: “Não há razão nem obrigação nenhuma em referir o nome do centro comercial no texto”. O ângulo da peça é a abertura de uma época de descontos e o que isso significa para a indústria do comércio, especialmente no contexto da inflação que vivemos, motivada pela guerra e pelo contexto pós-pandemia. Ou, por exemplo, quando visitei o campus universitário da NOVA FCT na Caparica, para uma peça sobre o Dia Aberto da Faculdade<sup>37</sup>. Claro que é do interesse do diretor da faculdade ter presença televisiva no evento, como forma de promoção da instituição e captação de novos alunos a ingressar no ano letivo seguinte. Contudo, este é um dos exemplos em que os interesses da marca têm um ponto de convergência com os do dever do jornalista: foi também importante dar a conhecer a iniciativa aos telespetadores, principalmente aos estudantes do ensino secundário que decidem agora o seu futuro, informando-os sobre a possibilidade de ingressarem na instituição e sobre as opções académicas que podem seguir.

A sugestão da minha peça favorita do estágio chegou no final de maio, quando recebo uma chamada do André: “Não enjoas em barcos, pois não? Tenho aqui uma coisa para ti”. Fui ao arquipélago das Berlengas com o repórter de imagem Fernando Almeida, acompanhar um evento gastronómico da The Art of Tasting Portugal, uma plataforma de promoção da gastronomia portuguesa<sup>38</sup>. Viajámos com Rasmus Munk, chef dinamarquês com duas estrelas Michelin, e Alexandre Silva, chef português com uma estrela Michelin, que cozinham uma refeição com o marisco tradicional do arquipélago. Saímos da redação pelas seis da manhã para viajarmos até Peniche, e só voltámos por volta das nove da noite. No dia seguinte, voltei à SIC para montar a peça. Mais uma vez, pensei naquilo que poderia ser interessante dar a conhecer ao telespetador, e não quis fazer da peça uma mera promoção da entidade que organizou o evento. Contornei a ténue linha entre o jornalismo e a publicidade ao dar enfoque ao ângulo social, ambiental e gastronómico do acontecimento. Abordei a sustentabilidade em torno da prática de pesca de anzol das Berlengas, de forma a consciencializar o público sobre as práticas sustentáveis do arquipélago. E destaquei a presença dos dois chefs na ilha, principalmente a presença internacional do Rasmus e da sua equipa, para demonstrar que existe interesse estrangeiro

---

<sup>37</sup> <https://sicnoticias.pt/pais/dia-aberto-da-fct-nova-faculdade-recebeu-5-mil-alunos-do-secundario/>

<sup>38</sup> <https://sicnoticias.pt/pais/chefes-michelin-visitam-berlengas-para-alertar-para-pesca-sustentavel-e-seletiva/>

pela gastronomia portuguesa e pelos produtos de qualidade que o nosso mar tem para oferecer.

No total, fiz 42 peças televisivas<sup>39</sup> durante a minha passagem pelo Primeiro Jornal. Sair em reportagem abriu-me portas a lugares e histórias de vida que talvez nunca teria conhecido. A nível pessoal, o Primeiro Jornal trouxe-me vivências únicas, como a oportunidade de fazer reportagem em alto mar agreste; assinalar o 25 de abril num dos lugares mais emblemáticos da Revolução<sup>40</sup>; entrar no cockpit de um avião de caça F-16 da Força Aérea; e de aprender sobre gastronomia portuguesa com chefs de cozinha profissionais. Ouvi fontes, escrevi e aprendi sobre os tópicos mais diversos, desde arquitetura e arte, passando por política, saúde, cultura ou ambiente; e visitei vários sítios onde nunca tinha estado, desde um palácio do período Romântico do século XIX no coração de Sintra<sup>41</sup> a uma coudelaria de cavalos lusitanos, em Samora Correia.

Se o mundo é um museu de projetos movidos por paixões e vocações pessoais, o jornalismo deve ser a voz dessas histórias. Foi na SIC que aprendi a escolher o ângulo certo para contar muitas delas. Foi também por aqui que fiquei a trabalhar no final do meu estágio, e onde até hoje continuo a aprender, todos os dias, o que é ser jornalista. O mais importante não é a capacidade de dominar todos os temas – mas sim a de ser curioso em relação a qualquer um. Citando as palavras da jornalista Amélia Moura Ramos, “ser jornalista é ser um curioso crónico”. E, de facto, a curiosidade é o que move a vida em reportagem.

Este cenário excepcional descrito ao longo do presente Diário de Estágio acabou por trazer uma nova pertinência ao estudo inicial, baseado na cobertura jornalística do teatro e do cinema. Uma vez que o período de estágio coincidiu com o ciberataque e com a guerra, o estudo de caso passou a retratar os dois acontecimentos. As vicissitudes impostas pelo ataque informático nunca tinham sido vividas numa redação em Portugal. Já a invasão da Ucrânia é um acontecimento único na História contemporânea da Europa, de relevância jornalística incomensurável. Logo, a investigação proposta é única e pioneira, uma vez que nunca foi feito um estudo focalizado na cobertura do teatro e do cinema perante esta conjuntura externa e interna.

---

<sup>39</sup> Ver Anexo 2: Peças realizadas durante o estágio no Primeiro Jornal

<sup>40</sup> <https://sicnoticias.pt/pais/quartel-do-carmo-aberto-ao-publico-para-celebrar-os-111-anos-da-gnr>

<sup>41</sup> <https://sicnoticias.pt/cultura/palacio-biester-abre-pela-primeira-vez-ao-publico/>

# CAPÍTULO III

## As artes da representação no Primeiro Jornal

*Make it simple, but significant.*

Mad Men (2010)

### 3.1. Objetivo, escolha e pertinência do estudo

O estudo de caso proposto tem como principal objetivo analisar e discutir qual o espaço editorial dedicado às artes da representação. A área de investigação é o jornalismo cultural e o objeto de estudo é a cobertura jornalística do teatro e cinema no Primeiro Jornal da SIC. Este espaço noticioso corresponde ao estágio realizado na estação televisiva. O noticiário tem transmissão diária na SIC a partir das 13h, com uma duração de cerca de 1h45, dividido em duas partes por um intervalo com cerca de 13 minutos. Aos fins-de-semana e feriados, tende a ser mais curto. Este espaço noticioso é apresentado por Bento Rodrigues e coordenado por André Antunes. Os jornalistas João Moleira, Rita Neves, Fernanda de Oliveira Ribeiro e Teresa Dimas apresentam o formato na ausência de Bento Rodrigues. Na ausência de André Antunes, o noticiário é coordenado pelos jornalistas Luís Manso, Joel Soares, Luís Marçal, Graça Costa Pereira, Reinaldo Serrano ou João Moleira.

O Primeiro Jornal é o espaço noticioso comum ao percurso de todos os estagiários, e, por isso, o espaço de aprendizagem predileto para qualquer novato na redação. Uma vez que a grande parte do estágio curricular foi aqui realizado, esta é a equipa onde passei mais tempo e cuja orientação editorial fiquei a conhecer melhor. Assim, no início da investigação decidiu-se que a realidade vivida seria a realidade estudada. Outra razão para a escolha do Primeiro Jornal como objeto de estudo recai sobre uma maior predisposição editorial do noticiário para abordar temáticas culturais mais abrangentes, devido às escolhas editoriais do próprio coordenador, à forte presença do trabalho dos

correspondentes nos outros distritos do país, ao horário de transmissão e ao público-alvo. Já a escolha do teatro e do cinema como objetos de estudo foi feita meses antes do estágio, devido a um gosto pessoal pela representação aliado à minha formação pessoal e académica em ambas as áreas. Perante a conjuntura atípica imposta pelo ataque informático e pela guerra, tornou-se incontornável analisar as artes da representação à luz desta nova realidade. Este cenário inédito enriquece a investigação com uma pertinência acrescida, graças à possibilidade de contribuir com um dos primeiros estudos de caso sobre estes acontecimentos vividos na redação da SIC.

## **3.2. Estratégia metodológica**

O exercício investigativo é orientado por uma pergunta de partida: “Qual o espaço editorial dedicado ao teatro e cinema no jornalismo da SIC, perante um ataque informático e uma guerra?”. O presente trabalho indaga se existe, efetivamente, cobertura jornalística da cultura perante este cenário: e, caso exista, de que forma é feita? Esta primeira interrogação trouxe, naturalmente, outras questões subjacentes ao cenário que se propõe retratar:

- 1) De que forma é que o ciberataque (3 de janeiro) e a invasão da Ucrânia (24 de fevereiro) influenciaram a cobertura das artes da representação?
- 2) Quais as principais temáticas, protagonistas culturais, géneros jornalísticos e valores-notícia que caracterizam a cobertura do teatro e cinema?
- 3) Que interesses editoriais e financeiros movem a cobertura jornalística de certas produções culturais de teatro e cinema, em detrimento de outras?

Para responder às questões colocadas, foi feita uma análise intensiva que recorreu a técnicas de recolha de informação de natureza quantitativa e qualitativa. Os procedimentos metodológicos para a recolha e análise de informação foram mistos, tanto através de pesquisa documental, como de pesquisa não documental.

### 3.2.1. Pesquisa documental

A primeira etapa da investigação concentrou-se na pesquisa documental, através da leitura e análise crítica da literatura sobre as temáticas em estudo: cultura e jornalismo cultural de teatro e cinema. Esta revisão da literatura, o chamado estado da arte, resultou no Capítulo I do presente relatório, que serviu de base teórica para a investigação empírica que se seguiu. A pesquisa documental enquanto técnica metodológica também foi utilizada em várias fases da escrita do Capítulo II, dedicado à apresentação da SIC e ao Diário de Estágio. Foi consultada a documentação institucional da estação televisiva e outras fontes que permitiram contar a história do canal privado. Foram ainda estabelecidos paralelismos entre as vivências pessoais relatadas no Diário de Estágio com os contributos teóricos da academia.

A recolha dos dados da investigação foi feita numa segunda etapa do trabalho, também inserida na técnica de pesquisa documental, por se tratar de uma análise de conteúdo. Foram analisados todos os alinhamentos do Primeiro Jornal da SIC de 1 de janeiro a 30 de junho de 2022, num total de 181 alinhamentos. A ideia inicial era fazer corresponder o período de análise ao período do estágio, de 31 de janeiro a 30 junho. Porém, mais tarde, a investigação foi estendida a todo o mês de janeiro, de forma a retratar também as consequências imediatas logo após o ataque informático do qual a SIC foi alvo no início desse mês. Assim sendo, o *corpus* de análise do presente estudo de caso engloba todas as peças jornalísticas sobre as artes da representação no teatro e cinema (no qual se incluem documentários, séries e novelas) transmitidas no Primeiro Jornal durante o primeiro semestre do ano. O estudo de caso trabalha com o universo total das peças, pelo que não houve necessidade de selecionar uma amostra.

No total dos 181 alinhamentos analisados, foram recolhidas 89 peças televisivas. Foram consideradas para análise todas as peças direta ou indiretamente sobre teatro e cinema, ou que referissem personalidades destas artes da representação. Para efeitos de listagem, as peças foram numeradas e agrupadas por “Nome no alinhamento”, “Autoria”, “Hora”, “Data” e “Minutos”. Depois da fase de recolha, as 89 peças foram categorizadas através de uma grelha de análise<sup>42</sup>. Foi construída uma tabela no Microsoft Excel, com 16 variáveis qualitativas, organizadas em três dimensões:

---

<sup>42</sup> Ver Anexo 3: Grelha de Análise

**Variáveis de dimensão temporal:** 1. Mês; 2. Dia da semana; 3. Duração;

**Variáveis de dimensão espacial:** 4. Proveniência; 5. Âmbito nacional; 6. Posição no alinhamento;

**Variáveis de dimensão formal:** 7. Equipa do jornalista; 8. Área da representação; 9. Temática cultural; 10. Protagonista; 11. Refere guerra na Ucrânia; 12. Género Jornalístico; 13. Principal valor-notícia; 14. Repetição; 15. Promo; 16. Autopromoção SIC/Impresa.

As categorias de cada variável de análise serão explicitadas no subcapítulo 3.3., dedicado à discussão dos resultados obtidos. Depois do *corpus* recolhido e devidamente categorizado, fez-se a estatística descritiva dos dados: foram contabilizadas todas as peças de cada categoria de análise. De seguida, fez-se o cruzamento de algumas variáveis através da ferramenta “Tabelas Dinâmicas” do Excel, que permitiu construir tabelas e gráficos dos dados a cruzar. Este cruzamento de variáveis completou a análise e discussão dos resultados obtidos, após a fase de recolha e análise dos dados isolados. Cruzar variáveis permitiu “fazer perguntas aos dados” e daqui interpretar as conclusões do estudo.

### **3.2.2. As dificuldades impostas pelo ciberataque na recolha e análise do *corpus***

O ataque informático veio dificultar a fase de recolha de dados no Arquivo da SIC. Uma vez que os sistemas só começaram a ser recuperados em março, os alinhamentos de janeiro e fevereiro eram inexistentes no histórico do sistema interno da redação, o ENPS. Por esta razão, no início da investigação, apenas os meses de março a junho seriam contabilizados para análise. Porém, decidi tentar colmatar este lapso e contactar diretamente a equipa do Arquivo. Os arquivistas disponibilizaram-me os alinhamentos e pivots de janeiro e fevereiro, ainda em formato word e excel. Eram os mesmos documentos utilizados durante o período de recuperação do ciberataque, que ainda não tinham sido arquivados no ENPS. Estes documentos facultados eram os alinhamentos do Primeiro Jornal construídos através das ferramentas do Google Sheets, o mesmo cenário vivido na Edição da Manhã e descrito no Diário de Estágio do presente relatório. No título

das peças de janeiro e fevereiro consta também a data: uma técnica adotada pelos coordenadores para promover a melhor organização possível das peças transmitidas.

Houve apenas um alinhamento que a equipa do Arquivo não me conseguiu facultar: o de dia 2 de janeiro. Tal como me explicou Tiago Botelho, arquivista da SIC, os alinhamentos dos jornais costumam ser arquivados pela equipa no dia seguinte à transmissão. Como os sistemas da redação foram hackeados no dia 3, tal não se sucedeu com os alinhamentos do dia anterior porque a equipa ficou sem sistema para os poder arquivar. A única solução encontrada para analisar o Primeiro Jornal deste dia foi recorrer à ferramenta Invenio, o programa de arquivo ao qual todos os jornalistas acedem a partir da redação, que guarda as emissões televisivas da SIC desde 1992. Ao conseguir encontrar a transmissão gravada do Primeiro Jornal de dia 2 de janeiro, o noticiário desse dia foi visionado na íntegra, de forma a assegurar que os 181 alinhamentos do período de análise fossem todos estudados.

Uma vez feita a recolha e listagem do *corpus*, surgiram novas dificuldades impostas pelo ataque na fase de categorização e análise das peças de janeiro e fevereiro. A transcrição destas peças não constava no sistema interno nem nos alinhamentos fornecidos pelos arquivistas. A única opção era tentar encontrá-las no site da SIC Notícias – que tem por hábito importar grande parte das peças televisivas que passam na antena. Porém, o ciberataque também veio boicotar esta rotina de migração do conteúdo da antena para o site. As peças nº 1 (10 de janeiro), nº2 (12 de janeiro), nº3 (21 de janeiro), nº7 (12 de fevereiro) e nº11 (15 de fevereiro) não estão disponíveis no site da SIC Notícias. O Invenio acabou por ser, mais uma vez, a única solução a adotar. Procurei a gravação do Primeiro Jornal de cada um destes dias e visionei as peças, o que me permitiu categorizá-las.

### **3.2.3. Pesquisa não documental**

Por fim, a pesquisa não documental consistiu na observação participante ao longo do estágio e nas entrevistas exploratórias. Esta é a técnica de recolha de informação conseguida através da posição privilegiada de estar inserida no cenário que se propôs estudar. Estagiar na redação durante o período de análise permite-me desenvolver uma análise mais aprofundada e fidedigna. Ao longo do estágio, foi desenvolvido um pequeno

diário com breves impressões pessoais e a descrição das atividades realizadas dia após dia. Este processo facilitou a fase posterior de escrita do Diário de Estágio.

Numa fase final do estudo de caso, já em setembro de 2022, foram realizadas quatro entrevistas exploratórias aos seguintes profissionais da SIC:

- 1) André Antunes, coordenador do Primeiro Jornal;
- 2) Catarina Neves, jornalista e realizadora de documentários sobre teatro;
- 3) Graça Costa Pereira, editora de Cultura;
- 4) Iryna Shev, jornalista luso-ucraniana. Membro da editoria de Cultura e enviada especial da SIC para a Ucrânia.

A realização das entrevistas objetivou recolher dados e impressões, partindo da experiência de profissionais que todos os dias se deparam com os questionamentos e as decisões editoriais descritos ao longo deste trabalho. As quatro entrevistas encontram-se transcritas em anexo<sup>43</sup>. A entrevista ao coordenador André Antunes visa explorar as predisposições editoriais que motivam o alinhamento das peças sobre teatro e cinema no Primeiro Jornal. A entrevista a Graça Costa Pereira pretende ir à origem de criação dessas mesmas peças, maioritariamente oriundas da editoria de Cultura, e perceber qual a rotina editorial dos jornalistas culturais da SIC. A entrevista a Iryna Shev surge no contexto da reconfiguração da editoria perante a urgência de cobrir jornalisticamente a guerra. Pertencente à equipa de Cultura, a jornalista luso-ucraniana acabou por abandonar as suas funções enquanto jornalista cultural no início de fevereiro para ir cobrir a tensão geopolítica em Kyiv – que se tornou, no final desse mês, num conflito armado. Por último, a entrevista a Catarina Neves pretende enriquecer a análise focada na cobertura do teatro. A jornalista já realizou inúmeros documentários sobre os palcos e bastidores das companhias de teatro portuguesas. Em 2007, adquiriu o grau de Mestre em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A entrevista visa desenvolver o debate em torno da visibilidade editorial que o teatro tem na SIC. O levantamento estatístico e a análise dos resultados permitiram questionar cada um dos entrevistados sobre as tendências encontradas ao longo do estudo. A análise dos resultados não foi somente feita através dos dados, mas também enriquecida com a diversidade dos pontos de vista recolhidos em cada entrevista.

---

<sup>43</sup> Ver Anexo 4. Entrevista a André Antunes; Anexo 5. Entrevista a Catarina Neves; Anexo 6. Entrevista a Graça Costa Pereira e Anexo 7. Entrevista a Iryna Shev.

### 3.3. Análise do *corpus* e discussão dos resultados

A construção de uma grelha de análise permitiu listar as 89 peças jornalísticas<sup>44</sup>, categorizadas em 16 variáveis qualitativas<sup>45</sup>. O presente subcapítulo vai percorrer as dezasseis variáveis e respetivas categorias. Em cada uma, será feita a descrição da variável e respetiva análise, no contexto geral da investigação. As conclusões retiradas, através dos dados, serão interligadas com o conteúdo das quatro entrevistas exploratórias feitas a profissionais da SIC, através das quais se procuraram obter justificações para os dados recolhidos. Este cruzamento de informação será também fundamentado com a revisão da literatura do Capítulo I sempre que for oportuno.

Os principais acontecimentos no âmbito do teatro e do cinema, que marcaram o período de análise, foram a morte do ator Jorge Silva Melo, a 14 de março (peça transmitida a 15 de março); a cerimónia dos Óscares, marcada pela agressão do ator Will Smith a Chris Rock (28 de março); o julgamento por difamação entre Johnny Depp e Amber Heard (11 abril a 1 de junho); a morte de Eunice Muñoz, a “primeira-dama do teatro português” (15 de abril); a ação judicial contra o ator Alec Baldwin devido à morte da diretora de fotografia Halyna Hutchins, durante a produção do filme “Rust” (peças transmitidas a 16 de fevereiro; 26 e 27 de abril) e o festival de cinema Cannes (17 de maio a 28 de maio).

As peças consideradas para análise foram numeradas de 1 a 89 na tabela de categorização do *corpus*, no anexo 9. Sempre que for oportuno mencioná-las a título de exemplo ao longo da análise que se segue, serão referidas pelo número que lhes foi atribuído na tabela. O presente subcapítulo está dividido em três partes distintas, dedicadas às variáveis de dimensão temporal, espacial e formal.

---

<sup>44</sup> Ver Anexo 8. Listagem do *corpus*

<sup>45</sup> Ver Anexo 9. Categorização do *corpus*

### 3.3.1. Dimensão temporal

#### VARIÁVEL 1 / MÊS

A primeira variável de análise corresponde ao mês de transmissão da peça jornalística, que parte da coluna “Data” na listagem das 89 peças. De salientar que a data em que a peça foi transmitida no Primeiro Jornal nem sempre coincide com a sua data de criação pelo jornalista. A peça pode ter sido feita dias antes, mas só transmitida depois, caso o acontecimento não seja “perceível” (isto é, a notícia possa ser dada noutro dia sem que perca a atualidade). Pode também já ter sido transmitida noutro noticiário da SIC/SIC Notícias, e só depois ter sido alinhada no Primeiro Jornal.

Já que a coluna “Data” não permite criar um padrão estatístico relevante para análise, uma vez que as datas são todas diferentes, torna-se interessante analisar a cobertura por mês. Esta variável reflete de forma clara os efeitos imediatos do ataque informático em janeiro e do início da guerra em fevereiro. Ao todo, foram transmitidas 3 peças sobre teatro e cinema em janeiro; 11 peças em fevereiro; 16 peças em março; 19 peças em abril; 24 peças em maio e 16 peças em junho.

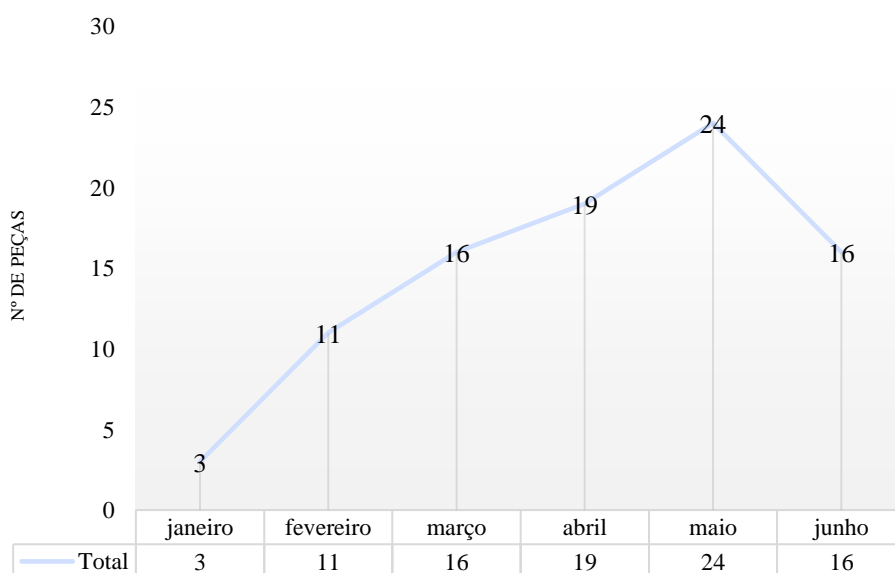


Gráfico 1. Número de peças transmitidas por mês

A linha traçada no gráfico supra ilustra o crescimento do número de peças de janeiro até março e o decréscimo do número de peças em junho. O período de análise foi, efetivamente, um período atípico. A caracterização deste período começa logo por responder à primeira subquestão da investigação: “1) De que forma é que o ciberataque (3 de janeiro) e a invasão da Ucrânia (24 de fevereiro) influenciaram a cobertura das artes da representação?”. O mês de janeiro foi o mês que registou a maior escassez de peças sobre teatro ou cinema. Uma clara consequência do ciberataque, que limitou os recursos técnicos e humanos da redação. O ataque informático obrigou à mobilização de dezenas de pessoas dentro da redação, que passaram a ocupar cargos que não ocupavam anteriormente. Com esta reestruturação e reforço de equipas, os membros da editoria de Cultura acabaram por ser destacados para cobrir jornalisticamente outras temáticas.

Ainda durante o ataque e antes do início da guerra, há um outro fator a ter em conta: a pandemia de Covid-19. A editoria de Cultura ficou profundamente prejudicada perante o cenário de crise imposto pela pandemia. Em 2020, foi interrompida a transmissão diária do programa cultural “Cartaz”, na SIC Notícias. A editoria passou a fazer apenas um programa semanal de 10 minutos, transmitido ao fim-de-semana. Em 2022, o ataque informático veio interromper totalmente a transmissão do programa. No ano da presente análise, a cobertura jornalística da equipa foi profundamente afetada pelos efeitos da pandemia, com estreias de peças de teatro e filmes adiados ou cancelados. Os alinhamentos de janeiro, fevereiro e março são ainda reflexo da escassez de eventos culturais, o que causou a inatividade dos jornalistas de cultura que saem à rua para cobrir estes eventos. Nascido em 2020, o movimento #ACulturaÉSegura tentou reverter esta tendência, através de uma campanha cujo principal objetivo foi sensibilizar as pessoas para a segurança dos espaços culturais durante a pandemia. Porém, foi impossível evitar a quase paralisação do setor, que se viu profundamente prejudicado com a pandemia. A Covid-19 ainda era um foco de grande preocupação para a saúde pública no início de 2022, tanto na sociedade como no jornalismo: os alinhamentos de janeiro e fevereiro são caracterizados por uma forte presença editorial de inúmeras temáticas relacionadas com a crise pandémica, entre elas a vacinação de crianças, reuniões do Infarmed, situação epidemiológica do país, novas regras e restrições da DGS, etc.

Esta forte presença temática da Covid-19 abrandou com a intensificação da tensão geopolítica entre a Rússia e a Ucrânia. Tal como referido no Diário de Estágio, o início da guerra a 24 de fevereiro impôs uma agenda monotemática no jornalismo da SIC. Esta

tendência reflete-se nas 11 peças de fevereiro e nas 16 peças de março do Primeiro Jornal. Segundo a coordenadora Graça Costa Pereira, a editoria de Cultura foi então desafiada a reinventar-se a e trazer conteúdos de jornalismo cultural relevantes e, de uma forma ou de outra, associados ao conflito.

O crescimento visível desde o ataque informático (janeiro) e do início da guerra na Ucrânia (fevereiro) até à chegada da primavera coincidiu com a recuperação dos sistemas após o ciberrataque; o atenuar da estrutura monotemática do conflito bélico e o alívio das restrições da Covid-19 – entre elas, o fim do uso obrigatório de máscara em espaços fechados e os limites impostos à lotação das salas de espetáculo. A grande atenção editorial outrora dada à pandemia desapareceu, quase por completo, a partir de março. Os eventos culturais aumentaram na primavera graças à melhoria da situação pandémica no país, uma vez que 2022 foi um ano de forte recuperação para a Cultura. Segundo Graça Costa Pereira, “os eventos culturais voltaram em força”, com elevada oferta e procura.

## VARIÁVEL 2 / DIA DA SEMANA

Esta segunda variável de análise contabiliza o número de peças sobre teatro e cinema transmitidas em cada dia, de forma a definir a dispersão das peças ao longo da semana. Ao todo, foram transmitidas 12 peças à segunda-feira; 16 peças à terça-feira e quarta-feira; 10 peças à quinta-feira; 18 peças à sexta-feira; 8 peças ao sábado e 9 peças ao domingo.

Dia da semana	Número de peças
segunda-feira	12
terça-feira	16
quarta-feira	16
quinta-feira	10
sexta-feira	18
sábado	8
domingo	9
Total	89

*Tabela 1. Número de peças transmitidas por dia da semana*

O dia de sexta-feira registou o maior número de peças. Esta tendência explica-se principalmente pelo facto de a morte da atriz Eunice Muñoz ter sido noticiada a uma

sexta-feira, na madrugada do dia 15 de abril, com o Primeiro Jornal praticamente dedicado à atriz. No noticiário desse dia, foram transmitidas seis peças relacionadas com a vida e o perfil de Eunice. Este número de peças à sexta-feira também pode ser explicado com a aproximação do fim-de-semana, tempo mais propício a programas culturais. A editora de Cultura Graça Costa Pereira, que também costuma assegurar a coordenação de noticiários, confirmou esta tendência em entrevista: “Quando coordeno ao fim-de-semana, esses dias são mais apetecíveis para essas áreas [da cultura]”. Porém, tal não se observou neste estudo. Os dados da tabela 1 contrariam uma das tendências mais conhecidas na gíria televisiva: passar mais peças de Cultura ou *fait-divers* sobre a vida das celebridades ao fim-de-semana. Contrariamente ao que era esperado no início da investigação, os sábados e domingos do período de análise foram os dias que registaram o menor número de peças sobre teatro e cinema.

### VARIÁVEL 3 / DURAÇÃO

Um minuto em televisão é uma eternidade. A variável “Duração” foi criada a partir do tempo em minutos de cada peça, listada individualmente na coluna “Minutos” da tabela do *corpus* em anexo. A variável desdobra-se em três categorias de análise: Curta (que engloba peças com menos de 2 minutos); Média (peças entre os 2 e os 3 minutos) e Longa (peças com mais de 3 minutos). No total das peças analisadas, 34 são de duração curta; 46 são de duração média e 9 são de duração longa. Estes valores são um claro reflexo da falta de espaço dedicado ao teatro e cinema. Para além disso, reflete ainda uma problemática já abordada na revisão da literatura: o desinvestimento na reportagem na cobertura das artes da representação. Quando questionada acerca da curta duração das peças, a editora de Cultura Graça Costa Pereira explica que a própria rotina de trabalho do jornalista cultural da SIC já inclui o esforço de fazer peças o mais curtas possível, de forma que os coordenadores as escolham ao alinharem os noticiários: “Se as nossas peças com 2 minutos nem sempre entram, imagina se tivessem mais do que isso. Toda a gente na equipa já tem esse foco, esse limite na duração”.

Cerca de 10% das peças analisadas ultrapassam os 3 minutos de duração. As 9 peças de duração longa, num total de 89 peças, foram ordenadas na tabela que se segue, da maior para a menor:

Duração	Número e nome da peça	Autoria da peça	Data	Dia
04:51min.	58. Produção Netflix Portugal	Tomás Duran	15 maio	domingo
03:51min.	38. Direto Amareleja (terra Eunice)	Pedro Galego	15 abril	sexta-feira
03:38min.	24. Óscares 2022 PJ	Mariana Xavier	28 março	segunda-feira
03:30min.	64. Ucravianos no Teatro PJ	Márcia Torres	20 maio	sexta-feira
03:10min.	80. Warhol Exposição	Maria José Mendes	10 junho	sexta-feira
03:07min.	43. Eunice Últimas reaxs	André Pacheco	16 abril	sábado
03:07min.	46. Johnny Depp Testemunho	Andreia de Melo	26 abril	terça-feira
03:05min.	39. Eunice Muñoz Alta Definição PJ	André Pacheco	15 abril	sexta-feira
03:05min.	40. Eunice Muñoz reax	Miguel Domingos	15 abril	sexta-feira

Tabela 2. Peças da categoria "Duração Longa"

A peça de maior duração tem 4 minutos e 51 segundos. É da autoria de Tomás Duran<sup>46</sup>, a propósito de uma nova produção cinematográfica da plataforma de *streaming* Netflix em Portugal, no Convento de Cristo e Mosteiro da Batalha (peça n.º58)<sup>47</sup>. A segunda maior duração pertence a um direto. À partida, um direto costuma ser de maior duração do que uma peça jornalística, já que tem de justificar a presença do repórter no local. No Primeiro Jornal do dia 15 de abril, o jornalista Pedro Galego<sup>48</sup> esteve em direto da Casa da Memória de Eunice Muñoz na terra-natal da atriz, nascida em 1928 na freguesia da Amareleja, pertencente ao município de Moura, em Beja.

Mais uma vez, a notícia da morte da atriz volta a ganhar destaque no panorama geral da investigação, desta vez por ter quatro peças de longa duração. A peça n.º39 remonta à entrevista da atriz no programa Alta Definição. Trata-se, naturalmente, de uma peça mais longa por ter mais *vivos*, expressão da gíria que se refere aos “pedaços de entrevista que o jornalista integra na estrutura” da peça (Coelho *et al.*, 2021, p. 173-174), isto é, sem a *voz-off* do jornalista. As peças n.º 40 e 43 sobre a morte de Eunice Muñoz têm *reax*, tal como o nome das peças o indicam – isto é, as reações à morte da atriz. Incluem vários *vivos* com as reações e homenagens de outros artistas, figuras institucionais e celebridades.

As restantes peças de longa duração da tabela debruçam-se sobre temáticas que exigem uma narrativa jornalística com mais tempo de *vivos* e *respirações*, outra expressão da gíria televisiva que advém da expressão de deixar as imagens “respirar”: por exemplo,

<sup>46</sup> Tomás Duran é correspondente da SIC para a região do Médio Tejo e Região do Oeste.

<sup>47</sup> Os *links* das peças estão listados no Anexo 8. Listagem do *corpus*

<sup>48</sup> Pedro Galego é correspondente da SIC para a região do Alto Alentejo e Médio Tejo.

durante um momento musical. Tal é o caso da quarta peça na tabela, sobre os artistas ucranianos a quem foram atribuídas bolsas artísticas pelo Teatro Nacional de São João, no Porto. Para além de incluir gravações dos ensaios, a peça é mais longa por dar voz aos testemunhos destes artistas, refugiados da guerra. A peça nº24 sobre os Óscares, a terceira mais longa do *corpus*, alonga-se por ser um apanhado das premiações mais relevantes, para além do momento insólito da agressão do ator Will Smith ao comediante Chris Rock. Uma das inúmeras peças a propósito do processo judicial Depp vs. Heard superou os 3 minutos: é o caso da peça nº46 da tabela, cujo ângulo foi o testemunho de Johnny Depp. Trata-se de uma peça que exige mais tempo de antena devido à quantidade de *vivos* do ator a testemunhar e das gravações constituídas como provas do processo. Por último, a exposição de obras de arte do pintor e cineasta Andy Warhol, na Casa São Roque, no Porto, resultou numa peça jornalística que deixou “respirar” vários momentos do cinema experimental e das fotografias que definem a carreira do artista. Tal como nas restantes peças listadas na tabela, esta também inclui vários *vivos* das entrevistas com o presidente da Casa São Roque; a diretora artística e a curadora da exposição, que explicam o significado das obras à medida que vão sendo ilustradas pela imagem.

### 3..2. Dimensão espacial

#### VARIÁVEL 4 / PROVENIÊNCIA

Mais de metade das peças analisadas são de âmbito internacional: ao todo, 46 (uma percentagem equivalente a 52% do *corpus*). Outras 29 peças são de proveniência nacional e 14 foram categorizadas como “ambas”.

Proveniência	Total
Internacional	46 peças
Nacional	29 peças
Ambas	14 peças
Total	89 peças

Tabela 3. Número de peças de cada proveniência

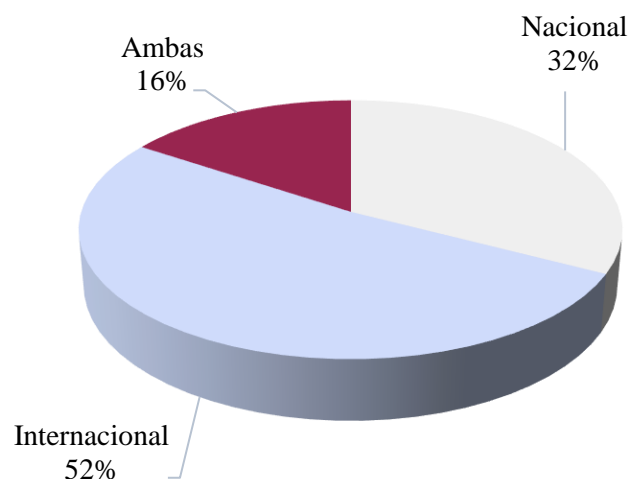


Gráfico 2. Gráfico percentual da proveniência das peças

A categoria “Ambas” refere, a título de exemplo, produções internacionais da Netflix gravadas em Portugal (peças nº 14 e 58); a visita do realizador Terry Gilliam a Lisboa, que se encontrou com os humoristas Ricardo Araújo Pereira e Nuno Markl (peça nº5); a inclusão de artistas ucranianos refugiados de guerra nos espetáculos do teatro São João (peça nº64); a produção cinematográfica do filme “Viagem de Pedro” com artistas portugueses e brasileiros, a propósito da celebração dos 200 anos de independência do Brasil (peça nº65); comemorações internacionais celebradas em Portugal como o Dia dos Museus (peça nº62) ou o Encontro de Estátuas Vivas (peça nº81); entre outras.

Constata-se que a maioria das peças é de origem internacional. Isto pode explicar-se pelo facto de as peças nacionais exigirem uma força acrescida de logística: a deslocação ao local de reportagem, que custa mais tempo e dinheiro à estação televisiva. As peças de âmbito Internacional são feitas a partir da redação através dos *feeds* das agências de notícias. Para além disso, a maioria das peças internacionais são do universo do cinema anglo-saxónico, uma tendência justificada pela editora de Cultura da SIC. Em causa está a maior disponibilização deste tipo de material pelas agências: “É uma questão absolutamente prática: tem a ver com o material que nos é disponibilizado pelas agências de notícias como a Reuters e a AP. É a partir do que nós recebemos e ao qual temos acesso, que nós conseguimos trabalhar (...) Se deres uma vista de olhos pelas agências e olhares para os vídeos de entretenimento, vês que a maior parte das coisas está focada nos Estados Unidos e Inglaterra”.

De facto, as produções internacionais são maioritariamente relacionadas com a guerra na Ucrânia ou com o universo de Hollywood, com forte influência no consumo cultural da sociedade portuguesa. Não são noticiadas produções culturais nem artistas de outras partes do mundo. A jornalista Iryna Shev explicou este fenómeno: “O que é uma notícia? Tens de ter alguns fatores para aproximar o público, para criar essa proximidade”. Logo, os jornalistas consideram as histórias relevantes por incluírem figuras cultural ou historicamente familiares aos olhos do público.

As produções nacionais dependem da estreia de filmes e séries portuguesas, ou de acontecimentos de magnitude suficiente que justifiquem a notícia. Ora, a falta de peças sobre teatro e cinema de origem exclusivamente portuguesa é um sintoma da menor aposta cultural do país nestas áreas e na paralisação das produções imposta pela pandemia. Os assuntos internacionais ganham maior destaque no Primeiro Jornal precisamente porque há mais assuntos de interesse noticioso lá fora.

#### VARIÁVEL 5 / ÂMBITO NACIONAL

Perante a existência de peças jornalísticas sobre teatro e cinema de âmbito nacional, tornou-se interessante perceber quais as áreas do país com maior representatividade no jornalismo cultural da SIC. A soma das 29 peças categorizadas em “Nacional” e das 14 peças categorizadas em “Ambas” na variável “Proveniência” perfaz as 43 peças da presente variável. Destas 43 peças, 79% incidem sobre as duas áreas urbanas mais desenvolvidas e povoadas do país: Lisboa e Porto.

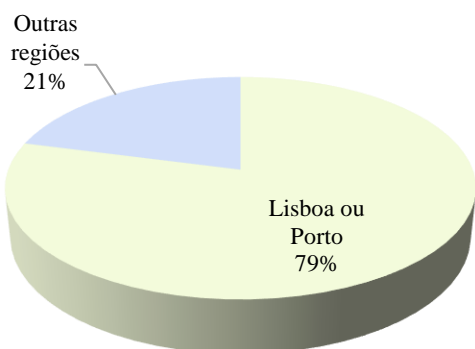


Gráfico 3. Gráfico percentual das peças de âmbito nacional

Tabela 4. Número de peças por regiões do país

Âmbito nacional	Total
Lisboa ou Porto	34 peças
Outras regiões	9 peças
Total	43 peças

A distribuição geográfica das peças é, com efeito, profundamente dicotómica entre o litoral e o interior do país. O presente estudo de caso confirma a falta de representatividade jornalística das áreas mais despovoadas e isoladas no interior do país, que perpetua a dicotomia Lisboa/Porto *versus* resto do país. Contudo, Portugal não é só Lisboa e Porto. As próprias cidades são vistas como cidades-cartaz para representar o centro e Sul do país, com Lisboa, e todo o Norte com o Porto. O jornalismo regional em Portugal ganha uma importância acrescida no combate a esta tendência, uma vez que mobiliza meios e jornalistas para outras regiões do país, aumentando o potencial de reportagem nesses locais. Portugal precisa de jornalismo regional, principalmente por vivermos num país com um contraste polarizado entre o litoral e o interior.

Naturalmente, Lisboa e Porto são as áreas metropolitanas com maior aposta no teatro e cinema, com mais iniciativas artísticas, mais infraestruturas físicas que beneficiem a Cultura (salas de espetáculos) e mais apoios financeiros que a desenvolvam (população consumidora das produções culturais e apoios públicos do governo e autarquias). Posto isto, até que ponto podemos culpar o jornalismo do Primeiro Jornal perante esta discrepância estrutural no país? Apesar desta dicotomia, o esforço de representatividade regional praticado no Primeiro Jornal não deve ser ignorado. É uma das características que mais define o formato e que merece ser destacada. Na tabela abaixo, foram listadas as 9 peças que constituem a categoria “Outras Regiões”, para além do respetivo local e distrito (ou Região Autónoma, no caso da Madeira).

<b>Data</b>	<b>Número e nome da peça</b>	<b>Local</b>	<b>Distrito/Região Autónoma</b>	<b>Autoria da peça</b>
12/02	7. Palhaços O'Pital PJ 12.02	Aveiro	Aveiro	Catarina L. Carvalho
12/02	8. Monólogo Funchal 12.02	Funchal	Madeira	Marta Caires
15/04	38. Direto Amareleja (terra Eunice)	Amareleja	Beja	Pedro Galego
15/05	58. Produção Netflix Portugal	Batalha e Tomar	Leiria e Santarém	Tomás Duran
5/06	76. Mercado Quinhentista de Machico	Machico	Madeira	Marta Caires
13/06	81. Encontro Estátuas Vivas	Espinho	Aveiro	Paulo Ravara
20/06	84. Recriação Romana Conímbriga PJ	Conímbriga	Coimbra	Nelson Mateus
22/06	85. Mordomas Exposição	Caminha	Viana do Castelo	Maria José Mendes
30/06	89. Ensaaios Velocidade Furiosa PJ	Castro Daire	Viseu	Frederico Correia

*Tabela 5. Peças nacionais categorizadas em "Outras Regiões"*

Tal como referido no capítulo dedicado à experiência de estágio, o coordenador André Antunes faz um nítido esforço para trazer para o noticiário a cultura popular e notícias provenientes de outras regiões de Portugal. O jornalismo cultural do Primeiro Jornal pode concentrar-se bastante nas duas grandes cidades do país, mas também dá voz aos trabalhos dos correspondentes nacionais. Tal como se observa pela autoria de cada peça, todos estes jornalistas são correspondentes nacionais da SIC noutras regiões do país.

Local da peça	Autoria da peça	Função
Aveiro	Catarina L. Carvalho	Correspondente da SIC em Aveiro e Região
Funchal	Marta Caires	Correspondente do Expresso na Madeira e colaboradora da SIC
Amareleja, Moura	Pedro Galego	Colaborador da SIC para a região do Alto Alentejo e Médio Tejo <sup>49</sup>
Batalha e Tomar	Tomás Duran	Correspondente da SIC para a região do Médio Tejo e Região do Oeste
Machico	Marta Caires	Correspondente do Expresso na Madeira e colaboradora da SIC
Espinho	Paulo Ravara	Correspondente da SIC em Aveiro e Região
Conímbriga	Nelson Mateus	Correspondente da SIC em Coimbra
Caminha	Maria José Mendes	Redação da SIC em Matosinhos, Porto
Castro Daire	Frederico Correia	Correspondente da SIC em Viseu

*Tabela 6. Autoria das peças de "Outras Regiões"*

A tabela 6 permite concluir que, se não fosse a rede de correspondência nacional da SIC, as peças categorizadas em “Outras Regiões” não existiriam nos alinhamentos do Primeiro Jornal. O coordenador André Antunes sabe tirar proveito desta presença jornalística espalhada pelo país, de forma a dar voz aos costumes e acontecimentos culturais destas regiões menos representadas na televisão portuguesa: “Eu faço questão que os correspondentes nacionais contribuam para o alinhamento do Primeiro Jornal, porque acho que isso enriquece as próprias peças. Porque é que há de ser um jornalista aqui de Paço de Arcos, sentado no conforto da redação, a falar sobre o aumento do preço do gás em Leiria? Pode ser um corresponde a fazer essa peça, que se calhar até terá uma

<sup>49</sup> Segundo o coordenador André Antunes, Pedro Galego auxilia o trabalho do correspondente da SIC Hugo Alcântara, correspondente da SIC na região.

visão diferente do problema. Eu exploro bastante o recurso extra do correspondente. Acho que é, de facto, uma riqueza que nós temos e que nem sempre é bem aproveitada”.

Para além da redação principal da SIC em Paço de Arcos, há outra redação em Matosinhos com uma equipa residente de cerca de 20 jornalistas. A SIC tem ainda delegações em vários distritos e regiões do país, constituídas, pelo menos, por um jornalista e um repórter de imagem. As duas maiores delegações são as de Coimbra e de Faro, com pequenas equipas que asseguram a cobertura jornalística destas zonas. Os correspondentes nacionais podem trabalhar exclusivamente para a estação ou em regime de *freelancer*.

Normalmente, um destes jornalistas assegura todas as peças sobre determinada região, seja qual for a área editorial: Cultura, Desporto, Política, Economia, etc.<sup>50</sup> Logo, é plausível que as peças de cultura nem sempre tenham o mesmo peso nem a atenção devida por parte destes profissionais. Esta realidade comprova que existe uma falta de recursos humanos, de investimento financeiro e de melhoria nas infraestruturas do canal de televisão de forma a ter presença fixa em todo o país. Isto acaba por boicotar a cobertura da cultura, principalmente, noutras regiões fora do raio das áreas urbanas.

## VARIÁVEL 6 / POSIÇÃO NO ALINHAMENTO

A variável de análise “Posição no Alinhamento” foi criada a partir da coluna “Hora” na tabela do *corpus*, que define a hora da transmissão de cada peça. De forma a englobar todas as horas de transmissão e transformá-las numa variável de análise que permitisse tirar conclusões interessantes, foi criada a variável de posição no alinhamento: isto é, onde se posiciona a peça no seguimento lógico das temáticas do jornal. Todas as transmissões do Primeiro Jornal têm um intervalo a meio, com uma duração aproximada de 13 minutos. Esse intervalo divide o jornal em duas partes. A presente variável de análise tem quatro categorias: “Abertura” (início do jornal); “Primeira Parte” (depois da abertura e antes do intervalo); “Segunda Parte” (depois do intervalo e antes do fecho do jornal) e “Fecho” (fim do jornal).

---

<sup>50</sup> Também há delegações que têm mais do que um jornalista, pelo que se vão revezando as tarefas. A título de exemplo, é o caso da delegação de Aveiro, cujos horários e funções são alternados entre o jornalista Paulo Ravara e Catarina Lúcia Castro.

O teatro e cinema não ocupam os espaços de abertura ou de destaque do jornal. De facto, apenas uma peça do *corpus* de análise foi notícia de abertura: a da morte da atriz Eunice Muñoz, que abriu o Primeiro Jornal no dia 15 de abril. Nesse dia, a notícia abriu e fechou o noticiário.

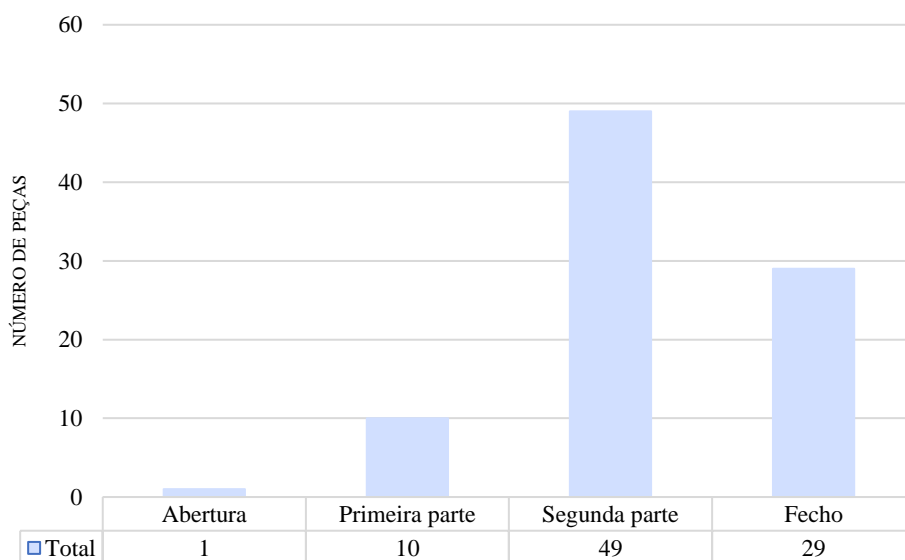


Gráfico 4. Posição das peças no alinhamento

O gráfico de barras comprova que a cultura é maioritariamente deixada para a segunda parte ou para o fim do noticiário. A segunda parte do Primeiro Jornal é o espaço do posicionamento com mais peças de cultura, com 49 peças num total de 89 da análise. O fecho é partilhado entre as peças sobre cultura e desporto. Por serem empurradas para o fecho, são as primeiras a cair caso o jornal precise de ser reformulado. Questionado sobre o seu critério de seleção para alinhar uma peça de teatro ou cinema no jornal, André Antunes admite que “é raro entrarem. Vão sempre para o fim, são sempre assuntos um pouco mais ligeiros. Mas o Primeiro Jornal é muito ingrato para a Cultura – e não só, para o Desporto também”. A jornalista Catarina Neves expressou a frustração em torno desta resistência por parte das chefias: “A maior dificuldade para mim, como jornalista na SIC a trabalhar temas de cultura, é conseguir convencer os coordenadores a colocar essas peças nos alinhamentos”. Graça Costa Pereira descreveu que passa pelas mesmas dificuldades, na condição de jornalista de cultura: “Quando tu estás a trabalhar para os jornais generalistas, naturalmente que a tendência é oferecer aquilo que o jornal generalista te pede. E isso passa, por exemplo, por convencer o coordenador. Se eu for

ter com o coordenador com uma ideia de uma peça sobre algo que ele nunca ouviu falar, ele vai torcer o nariz. E eu sei que, a determinada altura, essa é a peça que vai cair”.

Porém, não se trata apenas de uma mera preferência ou predisposição pessoal do coordenador. Aliás, tanto André Antunes como Graça Costa Pereira, afirmaram o mesmo nas respetivas entrevistas: quando coordenam, não fazem o jornal que gostariam de ver, enquanto telespetadores. André Antunes explicou que a fraca presença jornalística do teatro ou cinema no Primeiro Jornal se trata, na verdade, de uma questão de logística e *timing*. O coordenador compara o noticiário a um “organismo vivo que se vai construindo à medida que o tempo avança”. Logo, “o fim do jornal é sempre uma incerteza”. Basta que um direto ou uma peça demorem mais um minuto do que o previsto, para que o tempo do jornal fique *over*: ou seja, tenha tempo a mais, e seja preciso cortar as peças que estão no fecho.

Imagina que compras um jornal em papel. Todas as páginas daquele jornal estão impressas: tem notícias para leres, desde a primeira página até à última. No Primeiro Jornal, isso não acontece. Quando o jornal começa, é como se tivesse páginas em branco lá pelo meio. Tu vês isso no nosso alinhamento: às 13h estamos com o jornal no ar e, às vezes, a segunda peça não está pronta. (...) Como o jornal não está pronto quando começa, eu muitas vezes não sei a duração das peças. Caso tenha de alinhar uma peça a meio de maior duração, isso faz com que o trabalho de outro colega que há de vir mais à frente tenha de cair. (...) E o que é que está sempre no fim do jornal? A cultura, o desporto ou assuntos um pouco mais ligeiros.

Excerto da entrevista a André Antunes, transcrita na íntegra no Anexo 4

Esta responsabilidade editorial do coordenador, obrigado a decidir a peça que cai e a peça que fica com o jornal em direto, segue a lógica de que os alinhamentos obedecem à ordem de importância dos acontecimentos. Quando há falta de tempo, cortam-se as peças que não têm uma atualidade muito rígida e que “podem passar amanhã”, como as de cultura. Outra conclusão a salientar é o facto de as peças de cultura internacional ocuparem maioritariamente a segunda parte do noticiário. Ao cruzar as variáveis “Proveniência” e “Posição no Alinhamento”, confirma-se que os dados analisados seguem esta tendência generalizada na Informação da SIC: o internacional, assinalado a azul no gráfico que se segue, ocupa maioritariamente a segunda parte e o fecho do noticiário.

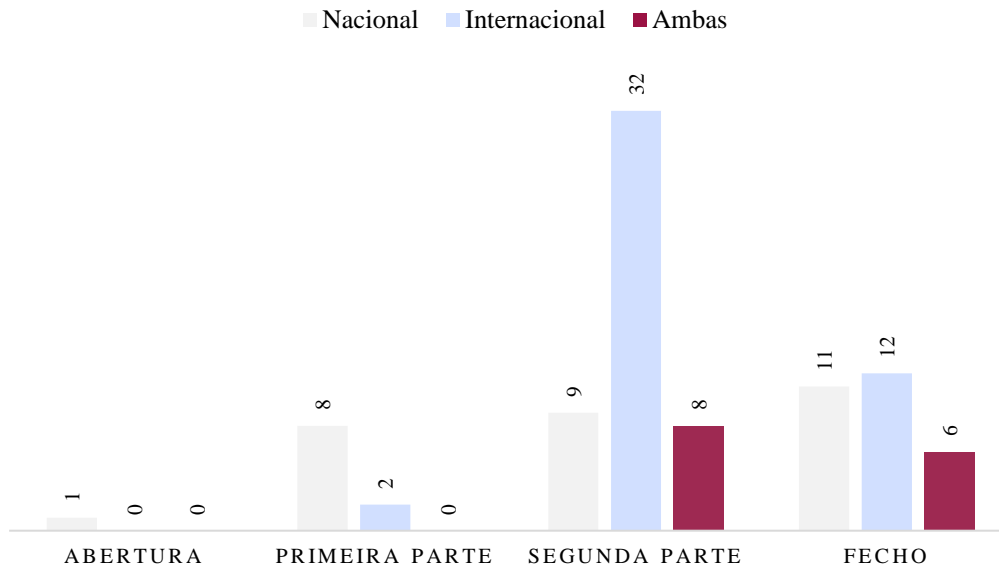


Gráfico 5. Cruzamento das variáveis "Proveniência" e "Posição no alinhamento"

Se já é comum, no panorama geral do jornalismo televisivo, que as peças de Internacional sejam empurradas para a segunda parte dos noticiários; as peças de cultura internacional vão acentuar ainda mais esta mesma tendência. As peças na segunda parte e no fecho do Primeiro Jornal têm menor audiência. André Antunes explica que as audiências do noticiário são “sempre a descer. Tem a ver com a erosão do público e com a aproximação da programação da tarde da SIC. O início do Primeiro Jornal é também a hora de almoço: as pessoas que foram almoçar a casa veem as notícias e logo a seguir voltam ao trabalho. Os primeiros 40 minutos do jornal são sempre altamente vistos. Temos quase um milhão de espetadores, muitas vezes”. Desta forma, conclui-se que a cultura acaba por ser prejudicada em termos de visibilidade do público se só for destacada na segunda parte, dado o menor número de telespetadores desta secção do jornal.

A falta de seriedade atribuída ao tópico da cultura também está patente nesta variável: o fim do jornal fica reservado para os *fait-divers*; para os “assuntos um pouco mais ligeiros” e de entretenimento. A cultura acaba por ser vista como a editoria que alimenta essa quota, o que descredibiliza a sua importância dentro do universo da redação e o trabalho dos jornalistas culturais.

### 3.3.3. Dimensão formal

#### VARIÁVEL 7 / EQUIPA DO JORNALISTA

A sétima variável parte da coluna “Autoria” da tabela do *corpus*, com o nome do jornalista que assina cada peça. Como não é possível encontrar padrões estatísticos relevantes para análise somente a partir do nome do jornalista, cada autor da peça foi categorizado conforme a sua equipa no universo de informação da SIC. A variável “Equipa do Jornalista” tem três categorias principais: “Editoria de Cultura”; “Primeiro Jornal”; “Correspondência nacional”.

O *corpus* de análise inclui uma peça da Sky News, a televisão britânica parceira da SIC (peça nº15), pelo que a categoria “Sky News” foi também inserida nesta variável. No decorrer da análise de dados, foram encontradas outras quatro peças feitas por jornalistas do Jornal da Noite da SIC, da Edição da Noite e da Edição da Manhã da SIC Notícias, e só mais tarde transmitidas no Primeiro Jornal. Ou seja, estas peças já existiam e já tinham sido transmitidas nos respetivos noticiários. Posteriormente, o coordenador do Primeiro Jornal alinou-as no seu noticiário. Estas três equipas foram também adicionadas às categorias da variável, apesar de representarem estatisticamente entre 1% a 2% da totalidade do *corpus*.

A presente variável pretende analisar a contribuição real da editoria de Cultura da SIC para a cobertura do teatro e cinema no Primeiro Jornal. A ideia é comparar o número de peças feitas por jornalistas da editoria de Cultura e por jornalistas de outras equipas, de forma a responder à seguinte questão: O Primeiro Jornal importa mais conteúdo de jornalismo cultural da editoria-chave, ou depende mais dos restantes jornalistas da própria equipa do Primeiro Jornal, de outras editorias ou dos correspondentes nacionais? Pela análise dos dados recolhidos, constata-se que a editoria de Cultura contribuiu com o maior número de peças durante o período analisado: um total de 39, que compõem 44% do *corpus*.

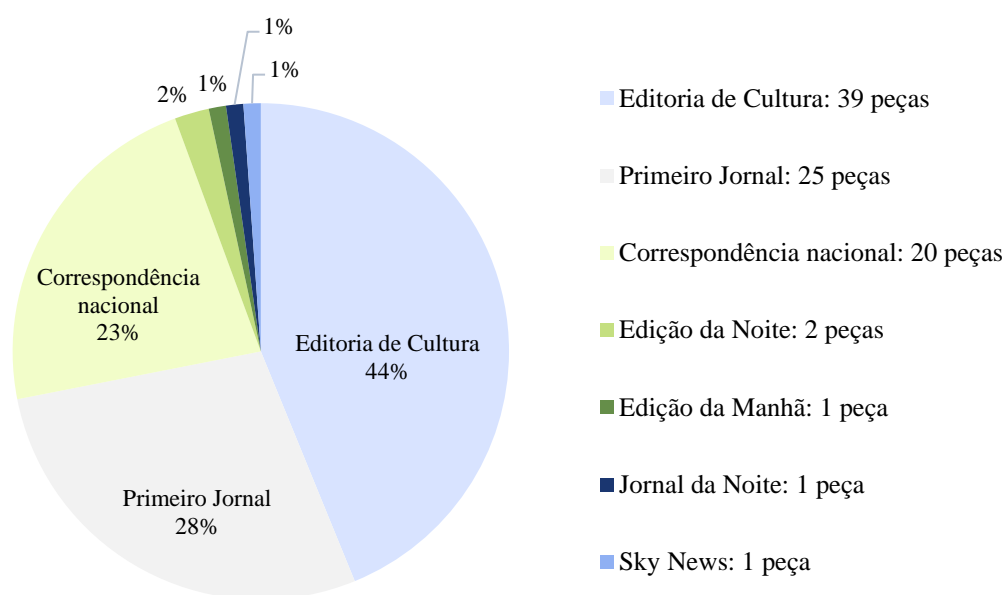


Gráfico 6. Gráfico percentual das equipas dos jornalistas

A editoria de Cultura é a equipa da redação que mais contribui para a representatividade jornalística do teatro e do cinema no Primeiro Jornal. A equipa é composta por cinco jornalistas: a editora de Cultura Graça Costa Pereira e os jornalistas Sílvia Lima Rato, Cristiana Reis, Mariana Xavier e André Pacheco. A jornalista Iryna Shev também fazia parte da editoria, antes de assegurar a função de repórter de guerra na Ucrânia. Em 2020, a editora Graça Costa Pereira passou a assegurar também a coordenação dos noticiários da SIC e SIC Notícias. Devido a esta exigência profissional de assegurar ambas as funções, a própria editoria de Cultura acabou por ficar sem a líder da equipa a tempo inteiro.

Contrastivamente, a equipa do Primeiro Jornal é um organismo vivo e mutável, uma vez que nunca tem os mesmos jornalistas todos os dias. Para além da equipa de jornalistas residentes que nunca saem do Primeiro Jornal, também recebe constantemente inúmeros estagiários e outros jornalistas das diferentes edições da SIC Notícias ou editorias da redação, nos dias em que são destacados para fazer outras escalas e horários – de forma que todos tenham as folgas e as férias asseguradas. Uma vez que o *modus operandi* da redação implica que os jornalistas mudem frequentemente de equipa, as

peças categorizadas na equipa “Primeiro Jornal” são de todos os jornalistas ou estagiários que estiveram nessa equipa, no dia em que fizeram a peça.

A categoria “Correspondência nacional” engloba todos os jornalistas que não trabalham na redação de Paço de Arcos: isto é, a equipa residente da redação no Porto ou os correspondentes nacionais das outras regiões do país. Os correspondentes pelo país fora contribuíram com 20 peças do *corpus*. Este número considerável, que constitui 23% do *corpus*, demonstra que estes jornalistas também contribuem para o alinhamento do Primeiro Jornal, apesar da maioria pertencer às equipas de Cultura e do Primeiro Jornal que trabalham na redação principal, em Paço de Arcos.

Outra conclusão importante é o facto de não existirem correspondentes internacionais ou enviados especiais a produzirem peças sobre teatro e cinema. Normalmente, estes enviados asseguram a cobertura de temáticas internacionais muito específicas relacionadas com Sociedade, Justiça ou Política. Uma vez mais, a Cultura é a última opção de cobertura jornalística.

## VARIÁVEL 8 / ÁREA DA REPRESENTAÇÃO

A variável “Área da representação” pretende especificar qual o tipo de produção cultural destacado por cada peça jornalística. Desdobra-se em três categorias de análise: “Cinema”, “Teatro” e “Séries ou Novelas”. Ressalve-se que a categoria dedicada ao cinema também inclui cinema documental. Foram contabilizadas todas as peças que referem, direta ou indiretamente, produções culturais de teatro, cinema, documentários, séries ou novelas – bem como quaisquer profissionais ligados às artes do espetáculo. Por outras palavras, foram analisadas todas as peças jornalísticas não só diretamente sobre uma peça de teatro ou um filme, mas também as que referem uma dessas produções ou incluem um ator, realizador, produtor, etc. No total das 89 peças em análise, 56 correspondem a cinema; 27 são sobre teatro; 5 incidem sobre séries ou novelas e apenas 1 foi categorizada como simultaneamente de teatro e cinema. As peças de cinema são uma clara maioria no *corpus* de análise, representando 63% do total.

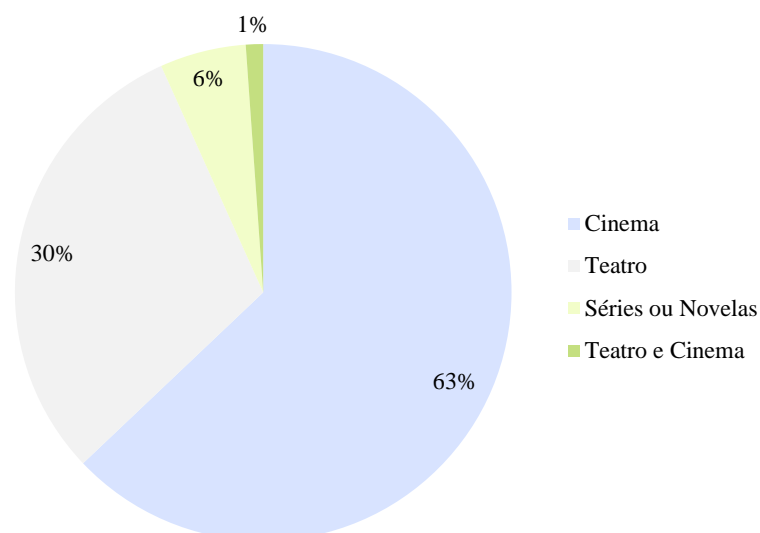


Gráfico 7. Gráfico percentual das áreas da representação

As produções culturais para televisão e plataformas de *streaming* também foram contabilizadas para análise, apesar do foco de análise do presente relatório de estágio ser o teatro e o cinema. As séries e novelas também são produções da indústria cinematográfica e seria redutor não contabilizar esta área da representação. Para além disso, inserir produtos culturais da televisão portuguesa abre uma maior potencialidade de análise crítica, uma vez que permite estudar as tendências de autopromoção da SIC no que toca às séries e novelas produzidas para o entretenimento da estação e para a plataforma de *streaming* OPTO, pertencente ao Grupo Impresa. Para além disto, permite ainda analisar a aplicação prática de um fenómeno já estudado na teoria: a relação simbólica do cinema nacional com o universo da televisão descrita por José Salvador Faro (2014), abordada no capítulo teórico do presente relatório.

As 5 peças (6% do *corpus*) sobre “Séries ou Novelas” referem apenas uma série internacional, a propósito de uma exposição nos estúdios da série Guerra dos Tronos na Irlanda do Norte (peça nº4). As restantes 4 peças são sobre novelas nacionais: todas elas da SIC. Esta tendência de autopromoção da estação televisiva no jornalismo cultural será desenvolvida adiante, a propósito da variável “Autopromoção SIC/Impresa”. Curiosamente, todas estas quatro peças foram o fecho do Primeiro Jornal do respetivo dia.

Número e nome da peça	Autoria da peça	Data	Proveniência
4. Guerra dos Tronos Irlanda JN 3.2	André Pacheco	05 fevereiro	Internacional
11. Nova novela SIC JN 14.2	Mariana Xavier	15 fevereiro	Nacional
13. Banda sonora série SIC JN 18.2	Cristiana Reis	20 fevereiro	Nacional
68. Nova Novela SIC	Ana Paula Almeida	24 maio	Nacional
77. Lua de Mel Nova	Ana Paula Almeida	07 junho	Nacional

Tabela 7. Peças categorizadas em "Séries ou Novelas"

A única peça categorizada como “Teatro e Cinema” foi a nº27, relativa ao fim de carreira da cantora e atriz Simone de Oliveira, que deu um concerto para assinalar a sua despedida dos palcos. Apesar da artista ser mais reconhecida pelo seu trabalho musical, seria redutor não considerar esta peça para análise, uma vez que Simone também é atriz. Tal como se ouve no final da peça: "Será a cantar que deixa os palcos. Todos... mesmo os da representação. Premiada, por exemplo, com um Globo de Ouro de Mérito e Excelência, condecorada por 2 vezes com a Ordem do Infante D. Henrique, diz que não sabe de onde lhe veio a liberdade para dizer sempre o que pensa...”. Porém, perante o seu contributo nas áreas da representação, Simone de Oliveira não pode ser considerada uma atriz exclusivamente do teatro ou exclusivamente do cinema. Logo, a peça foi categorizada como sendo de ambas as áreas<sup>51</sup>.

### --- CINEMA ---

No que toca às peças sobre cinema (63%), ao cruzarmos as variáveis “Área da Representação” e “Proveniência”, conclui-se que o cinema internacional assegura a larga maioria das peças sobre cinema no Primeiro Jornal. Das 56 peças que incidem sobre cinema, 43 são sobre cinema internacional, 2 sobre cinema nacional e 11 incidem sobre ambas as proveniências. As 56 peças sobre cinema do estrangeiro são maioritariamente sobre as cerimónias anuais do mundo do cinema e julgamentos em tribunal, mortes e outros acontecimentos relacionados com a vida de artistas/celebridades internacionais.

Por sua vez, as 11 peças sobre cinema nacional e internacional (proveniência “ambas”) abordam casos em que a sétima arte liga Portugal a outros países. Tome-se

---

<sup>51</sup> A peça foi contabilizada para análise porque refere especificamente que Simone de Oliveira também é atriz. Ao longo do período de análise, foram transmitidas outras peças no Primeiro Jornal sobre a artista. Essas peças não foram selecionadas para integrarem o *corpus*, uma vez que abordam exclusivamente o trabalho musical de Simone e nunca referem o seu contributo para as artes da representação.

como exemplo a peça nº65, a propósito da estreia em Portugal do filme brasileiro “Viagem de Pedro”, cujo elenco inclui os atores portugueses Isac Graça e Victoria Guerra, ambos entrevistados pela jornalista Mariana Xavier. Outro exemplo deste cruzamento de variáveis é o caso da peça nº89 sobre os ensaios e produção cinematográfica do filme *Fast X*, da saga *Velocidade Furiosa*, em Castro Daire, no distrito de Viseu.

Apenas duas peças foram simultaneamente categorizadas na área “Cinema” e na proveniência “Nacional”: a peça nº6 relativa à estreia de um documentário nacional sobre o jogador Paulo Futre na plataforma OPTO e a peça nº61, sobre um projeto educativo promovido pelo festival de cinema Porto/Post/Doc, no qual mais de 300 alunos do Porto trabalham em pequenos filmes (que serão depois exibidos no festival, em novembro de 2022). Posto isto, conclui-se que nenhum filme exclusivamente de âmbito nacional foi abordado jornalisticamente durante o período de análise, apesar da editora de Cultura assegurar, em entrevista, que tem “por princípio fazer sempre as estreias portuguesas: podes não tê-las encontrado no Primeiro Jornal, porque muitas vezes elas vão parar ao Jornal da Noite. Lá está, porque as coisas acontecem à tarde”. Porém, na perspetiva da jornalista Catarina Neves, “praticamente só se trabalha cinema americano. Mesmo o português, é preciso que haja alguma ligação à SIC: ao leque de atores associados ao canal, aos Globos de Ouro, à OPTO”. Esta visão crítica da jornalista e realizadora vai de encontro à proposta teórica de J. Faro (2014) sobre a relação simbólica do cinema nacional com o universo da televisão. Este fenómeno, segundo o autor, acentua as tendências de culto à celebridade e a pressão dos interesses comerciais da empresa-mãe sobre o jornalismo.

### --- TEATRO ---

Ao contrário do que se observou no cinema, a área do teatro tem maior representatividade nacional, com 22 peças sobre teatro português. Este fator explica-se pela lógica do jornalista cobrir o teatro do próprio país, por serem as produções teatrais geograficamente mais próximas do público (devido à própria dinâmica “presencial” que a arte teatral exige). O mesmo não acontece com o cinema, uma arte que permite que um filme seja produzido num país e transmitido nos ecrãs do mundo inteiro. Na tabela seguinte, estão listadas todas as peças transmitidas sobre teatro em Portugal.

<b>Data</b>	<b>Número e nome da peça</b>	<b>Jornalista</b>
12 janeiro	2. Aniversário Rivoli PJ 12 JAN	Susana Bastos
12 fevereiro	7. Palhaços O'Pital PJ 12.02	Catarina Lúcia Carvalho
12 fevereiro	8. Monólogo Funchal 12.02	Marta Caires
15 março	18. Morte Jorge Silva Melo PJ	Cristiana Reis
23 março	21. Artistas condecorados MC	Cristiana Reis
7 abril	32. Protesto Artistas Unidos JN	Sílvia Lima Rato
15 abril	36. Eunice Muñoz morte	André Pacheco
15 abril	37. Eunice Muñoz perfil - 15 abril	Cristiana Reis
15 abril	38. Direto Amareleja (terra Eunice)	Pedro Galego
15 abril	39. Eunice Muñoz Alta Definição PJ	André Pacheco
15 abril	40. Eunice Muñoz reax	Miguel Domingos
15 abril	41. Fecho Globos Ouro Eunice	Sílvia Lima Rato
16 abril	42. Eunice Cerimónias Fúnebres	André Pacheco
16 abril	43. Eunice Últimas reaxs	André Pacheco
19 abril	44. Direto Velório Eunice Muñoz	Silva Lima Rato
19 abril	45. Funeral Eunice Muñoz	Fernanda de O Ribeiro
1 maio	51. Teatro Futebol	Mariana Xavier
24 maio	67. Cultura Fecho Avenida da Liberdade JN	Sílvia Lima Rato
3 junho	75. Festa do Livro em Belém	André Pacheco
5 junho	76. Mercado Quinhentista de Machico	Marta Caires
8 junho	79. Sem-abrigo no Teatro	Gaspar Castro
20 junho	84. Recriação Romana Conímbriga PJ	Nelson Mateus

*Tabela 8. Peças sobre teatro português*

As 10 peças destacadas na tabela são referentes à morte da atriz Eunice Muñoz a 15 de abril de 2022, considerada “a primeira-dama do teatro português”. Apesar do teatro nacional ter maior representação do que o cinema nacional, convém também salientar que, caso a morte da atriz não tivesse ocorrido durante o período de análise, seriam menos dez peças para análise. Face à falta de representatividade noticiosa do teatro (que ocupa apenas 30% das peças do *corpus*), a jornalista Catarina Neves garante que não se faz mais cobertura do teatro por preconceito: “a maioria de nós, e os jornalistas são pedra basilar nisto, somos preconceituosos e barramo-nos à partida. Nós não abrimos espaço para o teatro, e é muito triste que o jornalista faça isso”. A jornalista defende ainda que o fraco investimento na cobertura do teatro não é um reflexo do interesse do público, pelo contrário: “Há quem vá ao teatro, não há desinteresse por parte do público. As salas de Lisboa estão a abarrotar. O Meridional, o Teatro Nacional, a Comuna, o Teatro Aberto... estão cheios. (...) Eu acho que é preconceito de quem coordena”. Catarina Neves garante que a cobertura do teatro não serve os interesses financeiros da SIC: “há uma necessidade

muito grande de vender um produto. [Não se investe na Cultura] porque se acredita que é mais fácil vender esse produto, dando conteúdos de Sociedade, alguma coisa de Política, alguma coisa de Justiça. Porque há o preconceito, que começa nos jornalistas, de que a cultura é tendencialmente elitista. E que, portanto, só o que é Hollywood, novelas ou séries com atores muito conhecidos é que o público quer ver”. Catarina Neves diz que a missão do jornalista é tornar o teatro cativante para o público, descodificá-lo: “Ao jornalista cabe descodificar, ser eficaz na transmissão da mensagem. E isso é tão complexo quando analisas o Orçamento do Estado, como quando analisas uma peça de Shakespeare ou de Beckett”.

Para além da morte de Eunice Muñoz, o ano de 2022 ficou ainda marcado pela morte do ator e encenador Jorge Silva Melo no dia 14 de março, fundador da sociedade artística e companhia de teatro Artistas Unidos, e igualmente considerado um dos nomes de referência do teatro português. De frisar que a notícia da morte de Jorge Silva Melo ocupou apenas uma peça no Primeiro Jornal, transmitida no dia a seguir à sua morte, numa nítida discrepância com o destaque jornalístico dado à morte de Eunice Muñoz. Para além destes dois falecimentos no mundo do teatro português, as restantes notícias em análise incidiram sobre peças de teatro em exibição, eventos culturais, representações teatrais amadoras e reivindicações dos artistas portugueses.

Esta última temática merece especial destaque na análise: não por serem apenas três peças, mas por darem voz às contestações dos artistas nacionais. É o caso das peças nº21 Artistas Condecorados MC (23 março); nº32 Protesto Artistas Unidos JN (7 abril) e nº67 Cultura Fecho Avenida da Liberdade JN (24 maio). A peça nº21, assinada por Cristiana Reis da editoria Cultura, é sobre a atribuição de medalhas de mérito cultural por parte do Governo, no Teatro Nacional Dona Maria II, em Lisboa. Foram homenageados encenadores, atores e intérpretes do teatro português. A peça inclui uma breve declaração da Ministra da Cultura, Graça Fonseca, e vários excertos dos discursos de agradecimento dos artistas distinguidos, que reivindicam a valorização da cultura. Inclui ainda excertos dos discursos de agradecimento dos atores e encenadores Luís Miguel Cintra, do antigo Teatro da Cornucópia; João Lourenço, do Teatro Aberto e da atriz e encenadora Maria do Céu Guerra, do Teatro A Barraca, que faz um pedido: “Queremos continuar a recebê-los em Lisboa, na nossa casa, e agora não podemos porque a casa não tem condições e esperamos umas obras há 8 anos. Se merecemos esta homenagem, então também merecemos umas obras na nossa casa”. A cerimónia contou também com uma

homenagem póstuma ao ator Jorge Silva e Melo, referido no discurso do ator Jorge Meireles, da companhia Artistas Unidos: “Falta cumprir o grande desejo do Jorge: dar-lhe uma casa. Um teatro. Até fevereiro de 2023, os Artistas Unidos estarão no teatro da Politécnica. Depois, segundo a decisão da Universidade de Lisboa, ficaremos mais uma vez sem casa”. Este conflito vivido pelos Artistas Unidos foi abordado posteriormente pela SIC, na peça nº32 Protesto Artistas Unidos, desta vez da autoria da jornalista Sílvia Lima Rato, da editoria de Cultura. A peça nº67 também deu voz às reivindicações dos artistas do teatro nacional, que contestaram a decisão da autarquia de Lisboa de fechar a Avenida da Liberdade aos domingos – um fator que se traduz na diminuição de receitas nas salas de espetáculo nesta zona da cidade.

O que estas três peças têm em comum é o facto de reiterarem os pedidos de valorização da cultura proferidos pelos próprios profissionais. O jornalismo cultural também tem a missão de retratar as dificuldades diárias vividas pelos artistas. Para tal, as peças sobre artes e cultura merecem ter uma conotação política e social; e não se restringirem ao resultado final das produções culturais. O teatro e o cinema, principalmente no contexto português, merecem uma abordagem jornalística que interpele o Ministério da Cultura, que exponha os obstáculos burocráticos que os artistas enfrentam e que denuncie a precariedade financeira do setor. Apesar de serem em número reduzido, estas peças comprovam que o jornalismo televisivo pode – e deve – ser o palco que dá voz às contestações dos artistas. Um jornalismo que olhe apenas para os casos de sucesso de bilheteiras; de artistas bem pagos e bem-sucedidos; de guiões de filmes e de peças de teatro que conseguem chegar às salas de espetáculo, não está a retratar a realidade do mundo das artes. Isto porque muitos dos guiões nunca chegam a ver a luz do dia, por falta de financiamento e de valorização do setor. Assim, o jornalismo cultural não deve ser um veículo de romantização da arte, mas sim o palco da representatividade dos gritos de protesto e das dificuldades dos artistas.

Dentro da categoria do teatro, foram também contabilizadas para análise as peças que incluíam representações teatrais de âmbito antropológico ou de teatro amador, uma vez que não deixam de ser formas de expressão artística enraizadas na arte teatral. O teatro amador surge no caso da peça nº7 sobre o projeto “Palhaços O’Pital”, que retrata uma forma de arte performativa, ainda que fora de um palco de teatro profissional. Estes artistas mascarados de “doutores palhaços” na visita aos doentes hospitalizados são também, de certa forma, atores ao serviço de uma representação teatral. Outro exemplo

desta vertente de análise é materializado na peça nº79 Sem-abrigo no Teatro, a propósito de uma peça teatral do Teatro Municipal do Campo Alegre, no Porto, com atores em situação de sem-abrigo (e cujas histórias de vida inspiraram o argumento da peça).

As representações teatrais de âmbito antropológico surgem no caso da peça nº10 sobre o Carnaval de Veneza, uma representação teatral de milhares de pessoas, que contou com performances e a participação de artistas. A peça nº76 sobre o Mercado Quinhentista de Machico retrata uma representação teatral com trajes, música, comida e artesãos típicos da época – uma iniciativa que levou milhares de pessoas ao município madeirense. A peça inclui entrevistas a um ferreiro e um tanoeiro do Mercado, hoje em dia, profissões praticamente inexistentes, e evoca a época do povoamento da Madeira, há 600 anos. O mesmo se observa na peça nº84, sobre a recriação do circo romano nas ruínas de Conímbriga, num evento que pretende valorizar a herança da Roma Antiga. O último caso desta vertente do *corpus* é a peça nº81, relativa ao encontro internacional de Estátuas Vivas, um evento de referência para criadores e artistas. A abertura da peça começa por destacar a presença de artistas ligados ao teatro: “Gente do teatro, um punhado de alunos de Belas-Artes e a Câmara de Espinho foram pioneiros, há 25 anos, na organização deste tipo de encontros”.

Perante a presença destas formas de arte performativa no *corpus* de análise, torna-se pertinente debater sobre a conceção de cultura presente nestas peças. Voltando à pesquisa teórica que fundamenta a investigação, o Capítulo I do presente relatório identificou três conceções diferentes de cultura, uma discussão teórica que pode agora ser aplicada nos exemplos práticos em análise<sup>52</sup>. A cultura clássica aborda uma conceção artística ou erudita das produções culturais, antagónica aos bens culturais produzidos industrialmente pela cultura de massas: por outras palavras, as indústrias culturais, na aceção de Adorno e Horkheimer (1947). Uma peça de teatro, filme, documentário, novela ou série poderiam ser avaliados mediante estas duas conceções teóricas. Porém, uma terceira noção de cultura é a que melhor serve para representar estes eventos de recriações de época e celebrações históricas, não podendo, por isso, ser deixada de parte no âmbito

---

<sup>52</sup> Numa fase inicial da investigação, as três noções de cultura clássica (erudita/artística); de massas (industrial) e popular (antropológica) constituíam uma variável de análise intitulada “Noção de Cultura”, que pretendia avaliar a conceção de cultura patente em cada peça jornalística. Contudo, esta variável acabou por ser retirada do estudo, por se tratar de uma categorização demasiado taxativa e restritiva perante a vasta diversidade do conteúdo do *corpus*. Tornou-se impossível categorizar todas as peças em cada uma das três conceções de cultura, dado que muitas das notícias não referem diretamente um bem cultural do teatro ou cinema.

desta análise: a cultura popular, uma conceção antropológica de cultura cunhada por Edward B. Tylor em 1871. Os casos específicos enumerados acima representam artisticamente a cultura e os costumes de um povo. Outro caso que exemplifica perfeitamente esta tendência é a peça nº85, categorizada em “Cinema” (por abordar cinema documental), a propósito de uma exposição e de um documentário sobre os grupos etnográficos de Caminha, em Viana do Castelo – um ponto de bifurcação das rotas do caminho de Santiago. O documentário aborda as danças folclóricas das Mordomas de Caminha e dos Mayordomos da Andaluzia e a ligação destes dançarinos com a peregrinação.

A abordagem jornalística destas tradições e costumes das Mordomas de Caminha, do Carnaval de Veneza, da recriação da época romana nas ruínas de Conímbriga ou da recriação do século XV no Mercado Quinhentista de Machico denota que o Primeiro Jornal também é espaço representativo da cultura antropológica. Esta tendência parte de uma decisão pessoal do coordenador André Antunes, que faz questão de alinhar o trabalho dos correspondentes nacionais sobre os costumes e tradições de diversas regiões do país: “Para mim, isto também é Cultura”. O Primeiro Jornal acaba por acolher estas formas de expressão artística e teatral graças às escolhas editoriais do coordenador, público-alvo do formato e ao espaço editorial dado ao trabalho dos correspondentes nacionais espalhados pelo resto do país.

## VARIÁVEL 9 / TEMÁTICA CULTURAL

A variável “Temática cultural” é a primeira que ajuda a responder à segunda subquestão da investigação: “2) Quais as principais temáticas, protagonistas culturais, géneros jornalísticos e valores-notícia que caracterizam a cobertura do teatro e cinema?”, juntamente com as variáveis de dimensão formal “Protagonista”, “Género Jornalístico” e “Principal Valor-Notícia”. No caso da temática cultural, foram classificadas em 14 categorias diferentes, listadas na seguinte tabela.

<b>Categorias da variável</b>	<b>Número de peças</b>
Artistas/celebridades	21
Morte de ator/atriz	13
Cerimónia de entrega de prémios	12
Estreia de um filme	6
Evento Cultural	6
Outra	5
Festival de cinema	4
Produção cinematográfica	4
Sala de espetáculos	4
Estreia de uma peça	3
Estreia de uma série ou novela	3
Fim de carreira	3
Exposição	3
Estreia de um documentário	2
<b>Total</b>	<b>89</b>

*Tabela 9. Temáticas culturais das peças*

Tal como se observa na tabela, as temáticas artistas/celebridades, mortes de artistas e cerimónias de entregas de prémios ocupam o topo no número de peças. De destacar que a categoria “Morte de ator/atriz” foi contabilizada em 13 peças apenas porque, como já referido, a morte e homenagens a Eunice Muñoz contabilizam um total de 10 peças. As restantes três mortes noticiadas foram as do ator português Jorge Silva e Melo (peça n°18) e dos atores norte-americanos Meat Loaf (peça n°3) e William Hurt (peça n°17).

A categoria “Artistas/Celebridades” ocupa o maior número de peças, referente a episódios da vida de figuras públicas ligadas ao mundo das artes e do espetáculo, tais como processos de divórcio, casos judiciais, ações de voluntariado, mensagens políticas de artistas, etc. Algumas destas peças refletem a tendência de culto à celebridade no jornalismo cultural, já debatida anteriormente. Regressando a Kristensen & From (2013; 2015), quando os filmes ganharam destaque perante o público e perante o mundo jornalístico, as estrelas de cinema também se tornaram tópicos de enorme relevância na agenda cultural dos jornais. O caso de maior destaque mediático desta categoria foi o julgamento por difamação de Johnny Depp contra a ex-mulher Amber Heard em Fairfax, no estado da Virgínia. O caso “apaixonou a opinião pública”, segundo André Antunes. “Tinhas o público dividido. Houve milhões de pessoas na América e no mundo inteiro a seguir aquele caso”. O julgamento foi um dos circos mediáticos de maior magnitude dos

últimos tempos, transmitido em direto para todo o mundo. Incendiou rapidamente as redes sociais e chegou à televisão portuguesa em força. Esta categoria da variável não engloba apenas peças relacionadas com a vida pessoal das celebridades do mundo do teatro e do cinema, numa aproximação das tendências do jornalismo cor-de-rosa, mas também ações sociais praticadas por estas personalidades na esfera da vida pública e que têm impacto direto nas suas carreiras. A título de exemplo, é o caso das peças nº50 sobre a visita da atriz Angelina Jolie à Ucrânia ou nº 78, sobre o ator Matthew McConaughey numa campanha de sensibilização na Casa Branca, onde apelou a medidas mais rigorosas para o controlo da venda e porte de armas nos Estados Unidos.

As cerimónias de entrega de prémios são a terceira temática mais frequente, apesar de terem ocorrido apenas quatro cerimónias durante o período de análise. Isto porque o incidente entre Will Smith e Chris Rock na 94ª cerimónia dos Óscares, a 27 de março, ocupa 9 das 12 peças desta categoria. Durante a cerimónia, o ator Will Smith agrediu física e verbalmente o humorista, um acontecimento com magnitude mediática em todo o mundo. O momento insólito acabou por ofuscar as notícias sobre a premiação em si e obstruir o debate cultural em torno dos vencedores. As restantes três peças incidem sobre os Globos de Ouro nos Estados Unidos a 10 de janeiro; os Bafta no Reino Unido a 14 de março e a entrega de medalhas culturais a artistas portugueses condecorados pelo Governo a 23 de março. O festival de cinema de Cannes, de 18 de maio a 29 de maio, foi categorizado em “Festival de cinema”. De salientar que nenhuma peça incidiu sobre festivais de teatro, uma discrepância entre o teatro e cinema a salientar nesta discussão dos resultados.

## VARIÁVEL 10 / PROTAGONISTA

De forma a descobrir quais os protagonistas culturais com mais peso na cobertura jornalística do teatro e do cinema, procurou especificar-se o protagonista de cada peça, tendo em mente as seguintes interrogações: “Quando se trabalha jornalisticamente o cinema e teatro, o que é destacado? São mais valorizados os realizadores ou encenadores, os atores, o público ou outras celebridades?”. Posto isto, esta décima variável de análise desdobra-se nas categorias apresentadas no seguinte gráfico.

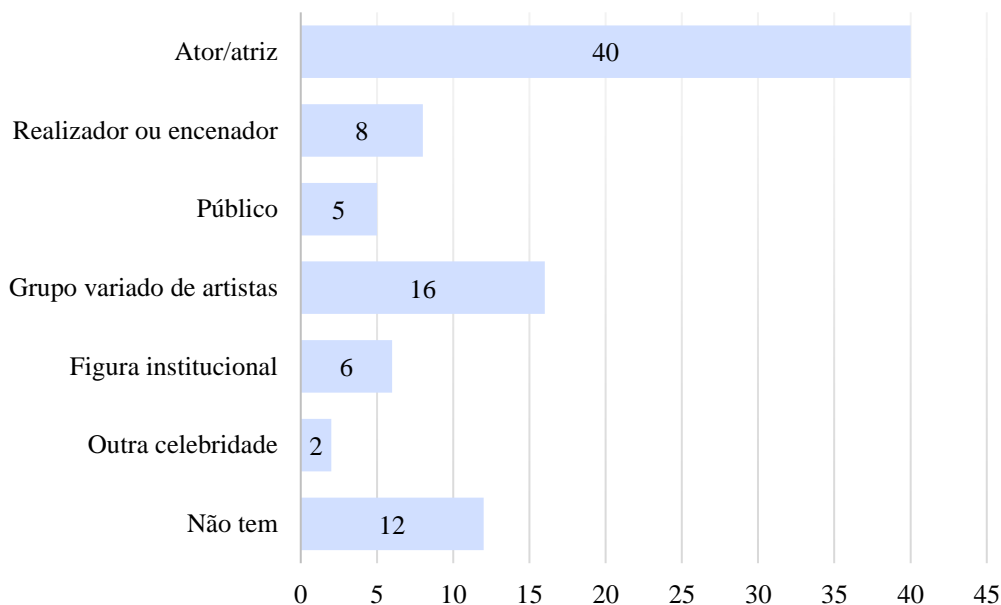


Gráfico 8. Protagonistas das peças

Os atores têm mais destaque do que os realizadores, ou qualquer outro profissional envolvido na criação de um filme ou de uma peça de teatro. Os realizadores ou encenadores ganham destaque apenas nas oito peças listadas na tabela abaixo. No caso da peça nº83, a produtora do filme Galyn Susman é também a protagonista, para além do realizador. De salientar ainda que apenas duas personalidades portuguesas são protagonistas: a encenadora Sara Barros Leitão, na peça nº8, e a realizadora Cristina Rodrigues, na peça nº85. Os restantes protagonistas são todos homens realizadores de cinema internacional, oriundos dos Estados Unidos, do Reino Unido e da Ucrânia.

Data	Número e nome da peça	Realizador(a) / Encenador(a)
10 fevereiro	5. Terry Gilliam com RAP PJ 10.02	Terry Gilliam
12 fevereiro	8. Monólogo Funchal 12.02	Sara Barros Leitão
9 abril	34. Entrevistas Filme Belfast	Kenneth Branagh
25 maio	69. Realizador Ucrâniano Cannes JN	Sergei Loznitsa
10 junho	80. Warhol Exposição	Andy Warhol
17 junho	83. Filme Buzz Lightyear	Angus MacLane
22 junho	85. Mordomas Exposição	Cristina Rodrigues
29 junho	87. Fim Carreira Woody Allen	Woody Allen

Tabela 10. Realizadores ou encenadores protagonistas das peças

As figuras institucionais correspondem a vozes políticas das autarquias ou do governo, sendo o caso da peça nº14 Netflix na Baixa PJ, que aborda o desagrado de moradores de várias freguesias na Baixa de Lisboa perante uma produção cinematográfica da Netflix no local – uma posição representada na peça pela voz do presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior. Para além do setor político, as figuras institucionais também incluem os agentes culturais, organizações e instituições relacionadas com a cultura e as artes do espetáculo. A peça nº67 dá voz às contestações dos principais agentes culturais descontentes com o encerramento ao trânsito da Avenida da Liberdade aos domingos e feriados, por provocar grandes prejuízos financeiros às salas de espetáculo e pôr fim a centenas de postos de trabalho<sup>53</sup>. A jornalista Sílvia Lima Rato, da editoria de Cultura, entrevistou vários agentes do setor cultural, entre eles Paulo Dias, diretor-geral da produtora de espetáculos UAU (detentora do Teatro Tivoli) e o encenador Filipe La Féria, do Teatro Politeama.

As “figuras institucionais” não envolvem apenas a “máquina humana” do setor cultural, mas também as salas de espetáculos enquanto instituições culturais. Tome-se como exemplo o protagonista da peça nº2, o teatro Rivoli no Porto, a propósito do aniversário da sala de espetáculos e a peça nº15, centrada no Teatro Les Kurbas na cidade ucraniana de Lviv, transformado num refúgio de guerra para vários artistas e civis. As instituições culturais que organizam cerimónias de entregas de prémios e festivais de cinema também foram protagonizadas em duas peças, no caso da peça nº1 sobre os Globos de Ouro e na peça nº60 relativa ao festival de cinema de Cannes.

Já a categoria “Público” remete para as peças centradas na audiência dos filmes e peças de teatro. A título de exemplo, a peça nº9 foi feita a propósito de um cineconcerto do filme *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, centrada na plateia de 11 mil pessoas a assistir na Altice Arena. A categoria “Grupo variado de artistas” engloba todas as peças que não abrangem apenas um só profissional do mundo das artes e do entretenimento, mas sim um coletivo. A categoria “Celebridade” foi criada para incluir duas peças do *corpus*, cujos respetivos protagonistas não são do setor do teatro ou cinema, mas sim figuras públicas de outras áreas: Paulo Futre (protagonista da peça nº6, que noticia o novo documentário da OPTO sobre o jogador de futebol) e Miguel Araújo (entrevistado na peça nº13, sobre

---

<sup>53</sup> No dia 11 de maio, a Câmara de Lisboa aprovou uma proposta do partido Livre, que proíbe a circulação automóvel na Avenida da Liberdade aos domingos e feriados. À data, previa-se uma quebra de receitas de 18% a 20% na Cultura.

a banda sonora da série Esperança da OPTO). Curiosamente, ambas as peças são sobre produções culturais da plataforma de *streaming* do Grupo Impresa.

A maior parte das notícias analisadas são concentradas num ator ou atriz. Este fator da análise segue o da variável anterior, que analisou as temáticas específicas de cada peça: os artistas/celebridades ocupam a maioria da cobertura jornalística. O ator Johnny Depp foi protagonista de oito peças diferentes da análise, a propósito do caso judicial com a ex-mulher Amber Heard. O ator Alec Baldwin também protagonizou três peças, no âmbito de outro caso que marcou o período da análise: o processo contra o ator, que segurava um revólver quando atingiu mortalmente a diretora de fotografia Halyna Hutchins, durante a produção do filme “Rust”. O caso dos Óscares de 2022 nos Estados Unidos merece especial destaque na análise da variável “Protagonista”. Will Smith acabou por protagonizar grande parte das peças sobre os Óscares, no seguimento da agressão física e verbal a Chris Rock, durante a cerimónia de entrega dos prémios. Smith cometeu um crime público depois do humorista ter feito uma piada sobre a alopecia de Jada Smith, mulher do ator. Se olharmos para todas as peças transmitidas a propósito da cerimónia, o ator é o grande protagonista da maioria.

<b>Data</b>	<b>Número e nome da peça</b>	<b>Autoria da peça</b>	<b>Protagonista</b>
25/03	22. Óscares antecipação	Mariana Xavier	Grupo variado de artistas
27/03	23. Óscares antevisão	André Pacheco	Grupo variado de artistas
28/03	24. Óscares 2022 PJ	Mariana Xavier	Ator/atriz (Will Smith)
28/03	25. Red Carpet Óscares	Susana Bastos	Grupo variado de artistas
29/03	26. Will Smith Últimas PJ	Susana Bastos	Ator/atriz (Will Smith)
30/03	28. Will Smith Últimas	Raquel Loureiro	Ator/atriz (Will Smith)
31/03	29. Will Smith Últimas	Teresa Canto Noronha	Ator/atriz (Will Smith)
02/04	31. Will Smith sai da Academia	Cristiana Cardoso	Ator/atriz (Will Smith)
09/04	35. Will Smith banido 10 anos OFF	Francisca Carrapatoso	Ator/atriz (Will Smith)

*Tabela 11. Protagonistas das peças sobre a 94ª cerimónia dos Óscares*

O facto de Will Smith protagonizar a maioria das peças sobre a cerimónia dos Óscares comprova que o crime de agressão física ofuscou praticamente toda a oportunidade de reflexão crítica e jornalística em torno da premiação em si. Só a peça nº24 se debruçou sobre os premiados, uma oportunidade de reflexão artística sobre os vencedores. A opção editorial de destacar a agressão segue a lógica do lucro das

audiências. O próprio pivot da principal peça sobre as premiações, bem como a promo que a antecedeu, referiram apenas o incidente entre o ator e o humorista:

**13h30** Neste jornal... o escândalo dos Óscares. Will Smith agride o apresentador, momentos antes de ganhar o prémio de Melhor Ator.

**14h28** A maior festa do cinema acabou manchada pela violência. Em plena cerimónia dos Óscares, diante de uma plateia mundial, o ator Will Smith respondeu a soco a uma piada do apresentador.

Promo e pivot da peça nº24 “Óscares 2022 PJ”  
Primeiro Jornal de 28 de março

Em contrapartida, também se deve frisar que certamente não se teria falado tanto da 94ª cerimónia dos Óscares caso o estalo não tivesse acontecido. A coluna correspondente à autoria de cada peça, na tabela 11, evidencia que a notícia foi trabalhada por vários jornalistas diferentes, pelo que não se tratou de uma tendência pessoal que pudesse ser justificada pelo enviesamento de um só profissional na abordagem deste tópico. O assunto acabou por gerar um debate intensificado nas redes sociais sobre a normalização da violência e os limites do humor. A peça nº26 chegou a incluir um vivo do humorista Bruno Nogueira a comentar o sucedido. O Primeiro Jornal continuou a acompanhar os últimos desenvolvimentos da notícia, mais tarde, apenas concentrada em Will Smith e não na cerimónia em si, com as chamadas peças de *follow-up*.

A palavra “Últimas” surge escrita no nome da peça quando se trata de um assunto de grande cobertura mediática antecedente, na qual se dá continuidade ao assunto, com novos desenvolvimentos da notícia. Por ordem de transmissão das peças, este caso foi acompanhado a cada novo avanço: o pedido de desculpas público do ator a Chris Rock, ao fim de 24 horas do sucedido (peça nº26); a descoberta de um vídeo com 30 anos, que se tornou viral na internet, em que Will Smith faz piadas sobre a calvície de um músico (peça nº28); as declarações da Academia a garantir que o ator se recusou a sair da sala depois de agredir Chris Rock (peça nº29); a demissão do ator da Academia de Cinema de Hollywood (peça nº31) e, por último, a notícia de que a Academia banuiu o ator nos próximos 10 anos (peça nº35).

A agressão teve de tal forma repercussão mediática, que chegou ainda a outras peças não relacionadas com os Óscares. Foi o caso da peça transmitida a 4 de abril sobre

os Grammys de 2022<sup>54</sup>, que abre com um vivo do músico Questlove, antes de introduzir uma categoria de prémios, que diz: “I’m going to present this award and I trust that you people stay 500 feet away from me”, numa clara referência ao acontecimento da semana anterior entre Will Smith e Chris Rock. A peça não faz parte do *corpus* de análise, uma vez que é sobre jornalismo musical e não incide sobre teatro ou cinema, mas o texto do pivot recorda o sucedido: “Os Óscares da música foram entregues a semana passada. A cerimónia ficou marcada pelo presidente da Ucrânia e ainda pelos ecos de uma chapada”. O acontecimento repercutiu-se ainda noutra peça<sup>55</sup> transmitida um mês mais tarde, a 4 de maio de 2022, sobre o ataque contra o comediante Dave Chappelle durante um espetáculo. Chris Rock, que também atuava neste espetáculo, sobe ao palco e pergunta depois do sucedido: “Was that Will Smith?”.

## VARIÁVEL 11 / REFERE GUERRA NA UCRÂNIA

Boa tarde e bem-vindos. A Rússia começou a invadir a Ucrânia esta madrugada, num dos episódios mais graves entre nações europeias desde a Segunda Guerra Mundial. Os russos têm atingido alvos em todo o país para liquidar a capacidade militar ucraniana e as forças terrestres entraram pelas fronteiras, numa ação em larga escala. O Ocidente condena a invasão, mas Vladimir Putin avisa que quem desafiar a Rússia terá uma resposta imediata e de consequências nunca vistas.

Pivot de abertura do Primeiro Jornal de 24 de fevereiro de 2022

Começava assim o Primeiro Jornal no dia 24 de fevereiro de 2022. Como já referido em vários momentos do presente trabalho, a invasão da Ucrânia impôs uma rigidez monotemática no jornalismo da SIC, durante as semanas iniciais da ofensiva russa, à qual a Cultura se viu obrigada a adaptar. Antes do início da guerra, o presente estudo de caso centrava-se apenas na cobertura jornalística do teatro e do cinema no Primeiro Jornal. Porém, a invasão eclodiu durante o período de estágio, pelo que a abordagem deste tema se tornou incontornável. De tal forma, que a principal questão da pesquisa indaga se existe espaço para a Cultura durante uma guerra – e, ao existir, de que forma foi feita essa cobertura jornalística. A variável “Refere Guerra na Ucrânia” é de

---

<sup>54</sup> Peça sobre os Grammys de 2022, transmitida a 4 de abril: <https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-04-musico-jon-batiste-o-grande-vencedor-dos-grammys>

<sup>55</sup> Peça sobre o ataque a Dave Chapelle, transmitida a 4 de maio: <https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-04-comediante-dave-chappelle-atacado-durante-espetaculo>

resposta dicotômica entre o “Sim” e o “Não”, permitindo concluir que a guerra foi referida nas 13 peças listadas na tabela abaixo, que englobam 15% do *corpus* de análise<sup>56</sup>.

<b>Data</b>	<b>Número e nome da peça</b>	<b>Área</b>	<b>Temática cultural</b>	<b>Protagonista</b>
4/03	15. Sky News Teatro Lviv	Teatro	Sala de espetáculos	Figura institucional
14/03	16. Bafta PJ	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Grupo variado de artistas
21/03	19. Famosos Apoio Ucrânia	Cinema	Artistas/celebridades	Grupo variado de artistas
22/03	20. Criança Refugiada Frozen JN	Cinema	Outra	Público
25/03	22. Óscares antecipação	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Grupo variado de artistas
27/03	23. Óscares antevisão	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Grupo variado de artistas
28/03	24. Óscares 2022 PJ	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Ator/atriz
08/04	33. Atriz Lista de Schindler	Cinema	Artistas/celebridades	Ator/atriz
01/05	50. Angelina Jolie Ucrânia	Cinema	Artistas/celebridades	Ator/atriz
09/05	56. Famosos Ucrânia	Cinema	Artistas/celebridades	Não tem
18/05	60. Festival de Cannes	Cinema	Festival de cinema	Figura institucional
20/05	64. Ucrânicos no Teatro PJ	Teatro	Artistas/celebridades	Grupo variado de artistas
25/05	69. Realizador Ucrâniano Cannes JN	Cinema	Festival de cinema	Realizador ou encenador

*Tabela 12. Peças que referem a guerra na Ucrânia*

Começando pelo cruzamento das variáveis “Mês” e “Refere Guerra na Ucrânia”, o mês de março teve, naturalmente, o maior número de peças (dado que a guerra começou no final de fevereiro), seguindo-se o mês de maio, durante o qual decorreu o festival de cinema de Cannes com várias homenagens e referências ao conflito. O restante cruzamento de variáveis na tabela 12 comprova ainda que a maior parte das peças é da área do cinema. A temática cultural predominante é o impacto da guerra nas cerimónias dos Bafta, Óscares e Festival de Cannes (peças nº 16, 22, 23, 24 e 69). Nos Bafta, a guerra na

<sup>56</sup> De notar que a peça nº81 “Encontro Estátuas Vivas” refere a guerra da Síria, a propósito de uma homenagem feita aos refugiados sírios durante o evento. Está caracterizada como “Não” por não se tratar de uma referência direta à guerra na Ucrânia.

Ucrânia dominou o tema das entrevistas na passadeira vermelha, uma vez que decorreu no início de março, cerca de uma semana após o início da invasão russa. Deste modo, a única peça do *corpus* dedicada ao evento britânico inclui vários vivos dos artistas a condenarem o conflito. Também a apresentadora Rebel Wilson fez várias referências à guerra durante a apresentação da cerimónia, chegando mesmo a dirigir uma mensagem a Vladimir Putin. As três peças sobre os Óscares referem os 30 segundos de silêncio durante a cerimónia e o discurso da atriz Jessica Chastain<sup>57</sup> que referiu “os crimes de violência e de ódio perpetuados em civis inocentes de todo o mundo”<sup>58</sup>. Meses mais tarde, a 8 de agosto, a atriz visitou o presidente Zelensky, em Kyiv.

No festival de cinema de Cannes, um vídeo de Volodymyr Zelensky apareceu, inesperadamente, na abertura da 75ª edição, num discurso repleto de referências cinematográficas. O presidente ucraniano foi aplaudido de pé. A peça nº60 noticiou ainda que o festival de cinema francês exibiu o filme *Mariupol 2*, do realizador lituânio Mantas Kvedaravičius, morto pelas tropas russas enquanto filmava o documentário sobre a destruição daquela cidade ucraniana. A peça relata ainda que a organização banuiu as delegações oficiais da Rússia, à exceção do filme *Tchaikovsky's Wife* do realizador russo exilado Kirill Serebrennikov. Já a peça nº69 é centrada na participação do realizador Sergei Loznitsa no festival de cinema. O realizador, radicado na Lituânia, apresentou em Cannes um filme sobre a morte de civis na Alemanha durante a II Guerra Mundial – um paralelismo com o que se passa atualmente na Ucrânia.

A única reportagem de cultura no cenário de guerra transmitida no Primeiro Jornal foi feita pela Sky News (peça nº15). A única peça de cultura produzida cá em Portugal, com protagonistas ucranianos, foi a propósito da integração de artistas refugiados da Ucrânia no teatro São João, do Porto (peça nº64). Foram ainda transmitidas três peças sobre ações de apoio de artistas e outras celebridades dos Estados Unidos e Reino Unido. A maioria representa apenas celebridades e artistas do universo anglo-saxónico e de Hollywood, ou líderes políticos do mundo ocidental. Quando questionada se estes acontecimentos seriam notícia caso não estivessem envolvidos maioritariamente famosos norte-americanos, a jornalista Iryna Shev salientou a importância da proximidade e do reconhecimento dessas

---

<sup>57</sup> Jessica Chastain venceu o Óscar de Melhor Atriz de 2022 com a interpretação no filme *The Eyes Of Tammy Faye*, do realizador norte-americano Michael Showalter.

<sup>58</sup> Tradução livre. No discurso original: “There's violence and hate crimes being perpetuated on innocent civilians all over the world. And in times like this I think of Tammy and her radical acts of love”.

personalidades pelo telespetador: “Ao teres alguém conhecido que fale de uma causa, torna a situação numa notícia mais fácil de ser levada para o público”.

Tal como já referido ao longo do Capítulo II dedicado à experiência de estágio, a editoria de Cultura também sofreu com a reconfiguração da redação no início da guerra. As peças desta editoria eram as primeiras a cair dos alinhamentos. Por serem alinhadas no fim dos noticiários, acabavam por cair caso surgisse alguma informação de última hora relacionada com o conflito:

Já antes de tudo isto, as peças de Cultura era sempre as primeiras a cair, infelizmente. Mas para isso também há uma explicação muito lógica. A maior parte das peças de Cultura que nós fazemos não são necessariamente temporais do próprio dia. Se tu passares a peça no dia a seguir, não perde atualidade. Se passares uma peça sobre o míssil que caiu em Zaporíjia e matou 10 pessoas, é daquele dia: não é propriamente uma coisa que faça sentido podes no dia a seguir.

Excerto da entrevista a Iryna Shev, transcrita na íntegra no Anexo 7

Alguns jornalistas da editoria tiveram de reforçar as restantes equipas e auxiliar na cobertura da guerra, abandonando assim os temas culturais sobre os quais escreviam todos os dias. Os jornalistas de Cultura passaram a fazer peças sobre os temas mais variados relacionados com a guerra, como a ofensiva em Kharkiv, a crise humanitária em Mariupol, as tensões diplomáticas, reações de líderes mundiais, etc. O caso de Iryna Shev é de particular interesse neste contexto, uma vez que personifica esta reconfiguração dos recursos humanos da redação. Tal como conta na entrevista, a jornalista luso-ucraniana pertencia à editoria de Cultura quando pediu à Direção de Informação da SIC para ir para a guerra, quando as tensões geopolíticas se intensificavam. A jornalista acabou por ser uma das primeiras repórteres de guerra da estação televisiva, enviada para Kyiv no início de fevereiro. Passou pela capital ucraniana e por Kharkiv. Regressou a Portugal e, em maio, voltou à Ucrânia, dessa vez para Odessa. Acabou por ficar na equipa do Jornal da Noite quando voltou para Portugal e, até à data de outubro de 2022, não voltou à editoria de Cultura.

“A guerra tem muitas faces. Quando um país está envolvido numa guerra, todas as faces do país estão em guerra. E a Cultura da Ucrânia, nesta altura, está a sofrer imenso com as consequências do que está a acontecer”. Para Iryna Shev, é importante “falar da guerra nas suas diferentes dimensões e abordá-la com vários ângulos e temáticas – não

ser só o puro e duro da guerra no seu dia-a-dia mais estratégico e militar”. No contexto da entrevista, a jornalista explicou a importância de abordar a guerra na Ucrânia nas peças de Cultura, como uma ponte de consciencialização que crie a empatia da audiência perante as atrocidades vividas durante o conflito. “Para um cidadão que está do outro lado, é mais próximo e consegue criar uma ligação maior com aquilo que está a ver (...). A cultura tem mesmo muito poder. Acho fantástico o poder que a cultura tem de aproximar diferentes povos para se falar de questões que realmente importam”.

## VARIÁVEL 12 / GÉNERO JORNALÍSTICO

Foram considerados para análise oito géneros jornalísticos. A classificação das peças por género jornalístico segue duas propostas teóricas distintas: os géneros do jornalismo televisivo “OFF”; “Notícia”; “Notícia com reações”; “Reportagem” e “Direto” desenvolvidos no *Manual de Reportagem* (Coelho *et al.*, 2021) e os géneros do jornalismo cultural “Crónica”; “Perfil” e “Entrevista cultural” de Jorge B. Rivera, teorizados no livro *El periodismo cultural* (2003). Os conceitos apresentados no *Manual de Reportagem* foram também desenvolvidos nas aulas de Jornalismo Televisivo do professor Pedro Coelho, que frequentei no ano letivo de 2019-2020, na Universidade Nova de Lisboa. Estes conceitos académicos não correspondem totalmente à linguagem coloquial da gíria televisiva, que adota os termos OFF, Reportagem, Reportagem Especial, Grande Reportagem e Direto.

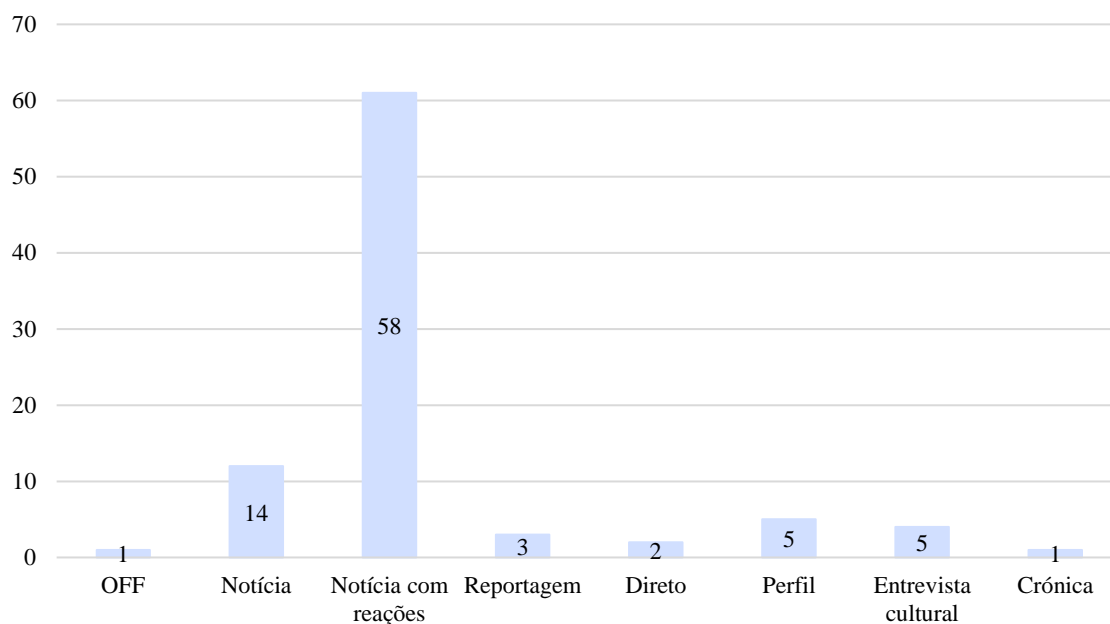


Gráfico 9. Género jornalístico das peças

--- OFF ---

Tal como descrito no subcapítulo 2.2.1. sobre a experiência de estágio na Edição da Manhã da SIC Notícias, um OFF é uma notícia lida pelo pivot com cerca de 30 segundos a 1 minuto. A frase de arranque da notícia é lida com a imagem do pivot ainda no ecrã, e só depois entra o bloco de imagens associado ao assunto, transmitido enquanto se ouve a leitura da notícia. Tal como demonstra o gráfico supra, o período de análise só contém um OFF: “Will Smith banido 10 anos OFF”, transmitido no dia 9 de abril. Este fator explica-se pelo facto de o Primeiro Jornal ter um formato completamente diferente dos noticiários da SIC Notícias. O OFF enquanto género noticioso é relativamente raro nos noticiários da SIC, que privilegiam as peças jornalísticas. De facto, esta notícia foi importada do Jornal da Meia Noite da SIC Notícias do dia anterior e transmitida no Primeiro Jornal. Os OFF’s marcam presença num noticiário do canal generalista quando o assunto é de Última Hora (o que não era o caso), quando o coordenador não considera que o assunto seja relevante o suficiente que justifique fazer uma peça ou, ainda, quando não há imagens suficientes para a montagem da peça. Quando dar a notícia é importante, mas o material ou os recursos humanos da equipa impossibilitam a elaboração de uma peça, dá-se num OFF.

## --- NOTÍCIA & NOTÍCIA COM REAÇÕES ---

Esta é uma das principais distinções trabalhadas nas aulas do jornalista Pedro Coelho, um dos autores do *Manual de Reportagem*: “O conceito ‘notícias com reações’ não integra a gíria televisiva nem foi definido academicamente. Este artigo representa também o nosso contributo para definir as bases do conceito, num primeiro passo para lhe atribuir estatuto académico” (Coelho *et al.*, 2021, p.171).

Segundo a contribuição teórica dos autores supracitados, a notícia em jornalismo televisivo é uma peça sem vivos – isto é, sem declarações ou reações. A peça é construída apenas com as imagens e o texto em *voz off* do jornalista. Pelo contrário, a notícia com reações junta o relato jornalístico do acontecimento e os vivos com reações à notícia. “A estrutura ou *esqueleto* da peça televisiva intercala, no fundo, os pedaços de *off* (texto) do jornalista com os vivos” (Ibidem, p.174). Estes vivos podem ser de especialistas, figuras políticas ou institucionais que fundamentem jornalisticamente a peça ou de testemunhas e intervenientes na notícia. Assim que as partes do texto lido e os vivos formam a estrutura, fica a faltar “pintar a peça” – ou seja, adicionar as imagens que a ilustrem. A abordagem jornalística da notícia com reações consiste apenas num “sobrevoar” do acontecimento, sem o detalhe que caracteriza e eleva a reportagem ao patamar de “género nobre do jornalismo”.

Na notícia com reações o jornalista, como um pássaro, limita-se a sobrevoar o acontecimento; apenas pousa, sem se deter, para recolher a reação, ou as reações, que o acontecimento suscita. Do acontecimento, o jornalista recolhe um plano geral, ou acumula imagens - desligadas do detalhe, porque desconhece o detalhe - que usará, sem critério, para pintar a peça. Pintar a peça. A expressão integrou a gíria televisiva e nela se instalou. Partilhada de geração em geração – ecoando como uma voz invisível de origem incerta – a expressão impôs-se como lei absoluta do fazer televisivo. (Coelho *et al.*, 2021, p.173)

As peças de Cultura não são exceção à regra desta generalização da notícia com reações. Das 89 peças analisadas, a esmagadora maioria são notícias com reações: 58 peças, equivalente a 65% do total. Para além de ser “lei absoluta do fazer televisivo”, os autores do *Manual de Reportagem* explicam ainda que “a pressão do tempo forçou a que os jornalistas de televisão adotassem um método comum de edição de uma peça televisiva” (Ibidem). Devido a esta pressão do tempo no mundo televisivo, as peças acabam muitas vezes por serem “pintadas” com imagens aleatórias “desligadas do

detalhe”, sem ligação do texto à imagem. Logo, a peça não segue a regra da imagem enquanto legenda construtiva do texto.

### --- REPORTAGEM ---

A discrepância entre o termo “reportagem” utilizado na gíria televisiva e a conceção académica do conceito reside nesta linha ténue entre a notícia com reações e a reportagem, ambas englobadas no termo genérico de “peça”<sup>59</sup>. Ao chamar de “peça” a todas as notícias, notícias com reações e reportagens que compõem um noticiário, surge esta hibridez na definição dos géneros trabalhados. Porém, as diferenças estão bem definidas na academia. Se a notícia com reações é o sobrevoar do acontecimento; a reportagem é o mergulho. Tal como o definiu a jornalista do Expresso Joana Beleza, “a definição de mergulho é a que melhor se aplica à reportagem - ir ao fundo, engolfar-se e embrenhar-se num tema. Nem todos os jornalistas são talhados para o tempo e o investimento que uma reportagem exige, mas cada órgão de comunicação social deve cultivar e investir em repórteres com vocação para este género jornalístico” (Beleza, 2021, p. 263). Enquanto género nobre do jornalismo, a reportagem parte de uma notícia e desenvolve-se com um mergulho nessa realidade noticiosa. Ora, o mergulho pressupõe um estreitamento do ângulo da peça, partindo do geral para o particular. Quanto mais específico for o ângulo de abordagem, maior é a potencialidade de uma boa reportagem. Por sua vez, a notícia com reações pressupõe uma abordagem mais leve, geral e exterior ao acontecimento.

Na *Sebenta Criativa para Estudantes de Jornalismo*, Luís Carmelo (2008) vai ao encontro da definição proposta por Pedro Coelho da reportagem enquanto género que parte de um tema da atualidade e o desenvolve a partir daí, o que explica a “pertinência e amplitude” do género: “Compete, pois, à reportagem aprofundar um facto, através da abordagem de temas e situações que o envolvem, legitimam e configuram. Ao aprofundar esse facto, o repórter tenta encontrar antecedentes, procura indagar contiguidades e deseja perseguir conjecturas, embora sem jamais se fechar numa conclusão estrita e definitiva” (Carmelo, 2008, p.106). Ademais, o escritor indica que os temas que aparentam ser mais pequenos podem ser ótimas oportunidades de reportagem: “Nem sempre os chamados

---

<sup>59</sup> Esse termo genérico de “peça” é, inclusivamente, utilizado ao longo desta discussão dos resultados.

‘grandes temas’, reflexo das agendas massificadas ou da correção irradiada pelo *mainstream* (...) se constituem como garantia de uma boa reportagem. Muitas vezes, existem temas interessantíssimos de reportagem escondidos nas entrelinhas, ou nos detalhes de certos factos ou notícias” (Ibidem). É o caso das únicas três peças do *corpus* categorizadas como reportagem.

Data	Número e nome da peça	Autoria	Área	Temática cultural
4 março	15. Sky News Teatro Lviv	Sky News	Teatro	Sala de espetáculos
18 maio	61. Alunos realizadores	Maria José Mendes	Cinema	Produção cinematográfica
30 junho	89. Ensaios Velocidade Furiosa PJ	Frederico Correia	Cinema	Produção cinematográfica

Tabela 13. Peças do género Reportagem

A primeira reportagem (peça nº15) é da autoria de jornalistas da Sky News, que contam a história de um teatro em Lviv transformado num centro de acolhimento para refugiados de guerra. A peça *mergulha* nesta realidade em contexto de guerra e as imagens mostram as condições de vida destes artistas e civis refugiados, a viver em comunidade. Há uma clara ligação entre o texto e a imagem, e o espetador é transportado para a realidade noticiada. Num cenário bélico, verifica-se ainda mais esta potencialidade descrita por Luís Carmelo: a oportunidade de reportagem surge em cada entrelinha, ao fundo da rua ou em cada esquina de uma cidade constantemente bombardeada. A segunda reportagem (peça nº61) transporta-nos para o Porto, a propósito de um projeto educativo promovido pelo festival de cinema Porto/Post/Doc, através do qual mais de 300 alunos trabalham em pequenos filmes. Uma notícia com reações, provavelmente, diria este número de grande magnitude e abordaria o assunto de forma generalizada com imagens genéricas. Mas no caso desta peça, escolheu-se uma só turma para fazer reportagem. A jornalista estreitou o ângulo da peça ao escolher apenas um número específico de alunos, uma espécie de amostra dos 300 participantes, e explorou os processos de tentativa-erro, as expectativas e impressões destes jovens sobre o projeto. O telespetador é transportado para dentro da sala de aula. Por fim, a terceira reportagem (peça nº89) é outro exemplo da potencialidade de reportagem ao virar da esquina. Com a chegada das filmagens de um filme da saga *Velocidade Furiosa* a uma pequena aldeia de Castro Daire, o jornalista

partiu dessa notícia e fez uma reportagem com as reações da população que assistia à produção cinematográfica. A peça resultou então num autêntico mergulho na realidade daqueles habitantes, desde o jogo de matraquilhos no café ao local onde vários habitantes se amontoavam para tentarem ver os carros utilizados nas filmagens.

A escassa existência de apenas três casos de reportagem é um sintoma do desinvestimento do género no jornalismo cultural, diretamente ligado à vulgarização do termo, descrita nos parágrafos anteriores. Esta tendência, anteriormente exposta no estado da arte do presente trabalho, é agora visível na análise do *corpus* da investigação. Há uma fraca aposta neste “mergulho da realidade” cultural sobre teatro e cinema. Este fator explica-se pela dificuldade logística e financeira de fazer reportagem, especialmente no âmbito da cultura, cuja grande parte das notícias sobre cinema são de âmbito internacional. É óbvio que fica muito mais barato para a estação que um jornalista faça as peças sobre a cerimónia dos Óscares a partir dos *feeds* das agências de notícias que caem na redação, do que enviar um jornalista e um repórter de imagem durante vários dias para Los Angeles, pedindo-lhes que acompanhem de perto os bastidores da cerimónia. Ou seja, o sobrevoar do acontecimento (notícia com reações) é sempre mais rentável do que mergulhar na realidade (reportagem). As únicas três reportagens da análise foram feitas pelos correspondentes nacionais no Porto e em Viseu, ou pelos jornalistas da Sky News, uma estação televisiva com maior capacidade de investimento e mobilização de jornalistas do que a SIC. A rotina editorial e jornalística é significativamente marcada por este desinvestimento na reportagem, principalmente na área da cultura, uma vez que poupa recursos humanos e financeiros à estação.

### --- DIRETO ---

Não existe unanimidade entre os profissionais da área quanto à classificação do direto enquanto género jornalístico. A título de exemplo, a jornalista da RTP Rita Marrafa de Carvalho diz que o direto “é uma especificidade própria do meio e não tanto um género jornalístico” (Ribeiro, 2016, p.99). Por outro lado, o direto pode ser entendido como um novo género, uma vez que abarca todos os outros: num direto pode dar-se a notícia, fazer reportagem, entrevista e até a crónica do acontecimento (Traqueia, 2014, p.4). A grelha de análise deste estudo inclui o direto enquanto género, por englobar várias técnicas do

jornalismo, e por ser uma tendência significativamente frequente no jornalismo televisivo.

Apesar da banalização do direto ser uma realidade premente na SIC Notícias devido à necessidade de encher o alinhamento, fruto da pressão das 24 horas, o direto no âmbito do jornalismo cultural é pouco frequente na SIC. Os dois únicos diretos televisivos presentes no *corpus* foram feitos a propósito da morte de Eunice Muñoz. No dia 15 de abril, o correspondente nacional Pedro Galego entrou em direto no Primeiro Jornal a partir da Amareleja, terra da atriz. Já no dia 19 de abril, a jornalista de Cultura Sílvia Lima Rato esteve em direto do velório da atriz, na Basílica da Estrela em Lisboa. Nestas duas situações específicas, o direto justificou-se pela magnitude do acontecimento. No primeiro caso, o jornalista conseguiu recolher impressões e imagens em direto da Casa da Memória de Eunice Muñoz. Já o direto a partir do velório, em Lisboa, foi feito no dia de luto nacional, decretado pelo Governo. A repórter descreveu as várias homenagens prestadas pelos presentes, na Basílica da Estrela.

### --- GÉNEROS DE RIVERA ---

#### PERFIL, ENTREVISTA CULTURAL & CRÓNICA

A utilização de géneros do jornalismo cultural de Jorge B. Rivera (2003[1995]) para a categorização da grelha de análise deve ser ressalvada, uma vez que o contributo teórico do autor não incide sobre o jornalismo cultural da televisão, mas sim o da imprensa escrita. Ainda assim, neste estudo de caso tomou-se a decisão de fazer o cruzamento de três géneros de Rivera no mundo televisivo. Isto porque a entrevista cultural, a crónica e principalmente o perfil, também marcam presença no jornalismo televisivo apesar de, naturalmente, não partilharem exatamente a mesma forma e narrativa do jornalismo de imprensa. Algumas peças do *corpus* têm inclusive a palavra “Perfil” no nome apresentado no alinhamento.

Este género surge maioritariamente aquando da morte de um artista ou figura pública, uma vez que se trata de uma homenagem póstuma à vida e carreira da figura escolhida, num “ponto de contacto entre a figura eleita e os leitores” – tal como já explicitado no subcapítulo teórico 1.2.1., que trabalha os géneros de Rivera. O cruzamento das peças categorizadas no género “Perfil” com a variável “Temática cultural” ilustra esta tendência: todas as peças que noticiam a morte de uma personalidade

cultural tendem para o género do perfil. A única exceção é o perfil de Paulo Futre, feito a propósito da estreia do documentário da OPTO sobre o jogador de futebol.

<b>Data</b>	<b>Número e nome da peça</b>	<b>Personalidade</b>	<b>Temática cultural</b>
21 janeiro	3. Morte Meat Loaf PJ 21.01	Meat Loaf	Morte de ator/atriz
11 fevereiro	6. Estreia OPTO - Futre JN 10.2	Paulo Futre	Estreia de um documentário
14 março	17. Morte William Hurt PJ	William Hurt	Morte de ator/atriz
15 março	18. Morte Jorge Silva Melo PJ	Jorge Silva Melo	Morte de ator/atriz
15 abril	37. Eunice Muñoz perfil - 15 abril	Eunice Muñoz	Morte de ator/atriz

*Tabela 14. Peças do género Perfil*

As cinco peças categorizadas no género “Entrevista cultural” baseiam-se principalmente nas respostas da personalidade entrevistada. Segundo Carmelo, “a palavra entrevista tem a sua origem no termo francês *entrevoir* que, entre outras aceções, significa ‘o que se vê entre...’, ‘o que se vislumbra’”. (2008, p.49).

<b>Data</b>	<b>Número e nome da peça</b>	<b>Entrevistados</b>	<b>Temática cultural</b>
20 fevereiro	13. Banda sonora série SIC JN 18.2	Miguel Araújo	Outra
29 março	27. Despedida dos palcos Simone JN	Simone de Oliveira	Fim de carreira
9 abril	34. Entrevistas Filme Belfast	Elenco	Estreia de um filme
15 abril	39. Eunice Muñoz Alta Definição PJ	Eunice Muñoz	Morte de ator/atriz
17 junho	83. Filme Buzz Lightyear	Realizador e produtora	Estreia de um filme

*Tabela 15. Peças do género Entrevista cultural*

As quatro peças categorizadas neste género não são apenas entrevistas com um princípio, meio e fim: até porque este formato raramente existe nos noticiários com menos de 2 horas transmitidos na SIC. Porém, o formato destas quatro peças tem um denominador comum: não existiriam sem a entrevista e só possuem vivos desse mesmo encontro entre o repórter e o entrevistado. É o caso das peças sobre uma banda sonora feita por Miguel Araújo; a despedida dos palcos de Simone Oliveira; as entrevistas feitas ao elenco do filme *Belfast*; os melhores momentos da entrevista de Eunice Muñoz no Alta Definição em 2011 e a entrevista ao realizador e produtora do filme de animação *Buzz Lightyear*.

Por último, apenas uma peça vai ao encontro da crónica de Rivera: a peça nº41, intitulada “Fecho Globos Ouro Eunice”. Foi o fecho do Primeiro Jornal no dia da morte da atriz, um gesto de homenagem da estação televisiva, que recuperou um vídeo transmitido nos Globos de Ouro de 2008, antes da atriz subir ao palco para receber o Globo de Mérito e Excelência. Pelas palavras do pivot que lançou a peça, “um retrato da grandeza e da carreira da atriz”. A peça é composta por música e editada com fotografias da vida de Eunice Muñoz, num formato pouco aproximado da estrutura jornalística. O texto é em verso, numa narrativa mais poética, que nos aproxima do registo histórico dos “modos de ver” de Rivera, com a evocação de episódios da vida artística e pessoal da atriz. Apesar de ser também um conteúdo promocional da SIC (pela ligação aos Globos de Ouro), a peça foi categorizada como a única crónica do *corpus* de análise.

Considerada o género de excelência do jornalismo cultural, a crítica é inexistente no *corpus* de análise. Este fator denuncia o declínio da crítica no jornalismo cultural, tendência estudada na revisão de literatura deste relatório. O declínio da crítica é um fator ainda mais vigente no panorama do jornalismo televisivo da SIC, devido à inexistência de rubricas de debate ou de comentário com profissionais ligados às artes da representação, sobre as temáticas que marcam a atualidade cultural do país.

## VARIÁVEL 13 / PRINCIPAL VALOR-NOTÍCIA

A categorização das peças consoante o principal valor-notícia foi feita de acordo com a proposta teórica de Harcup & O’Neill (2016). Os autores revisitaram os valores-notícia que tinham proposto em 2001 (numa atualização da proposta teórica de Galtung & Ruge [1965]), por já não se adequarem à realidade mediática das redes sociais e do século XXI, no geral. Posto isto, em 2016 publicaram um novo conjunto de valores-notícia, uma atualização da investigação que tinham feito há mais de uma década.

- 1) Agenda do órgão noticioso: histórias que sirvam a agenda do próprio órgão de comunicação social (sejam por interesses ideológicos, comerciais, financeiros, etc.);
- 2) Audiovisuais: histórias complementadas com fotografias, vídeos, áudios ou infográficos;
- 3) Boas Notícias: histórias com um tom particularmente positivo, tais como recuperações, descobertas, curas, vitórias e celebrações;
- 4) Celebridade: histórias sobre pessoas que já são famosas;
- 5) Conflito: histórias centradas em algum tipo de conflito, tais como controvérsias, troca de argumentos, separações, greves, lutas, insurreições e guerra;
- 6) Drama: histórias sobre fugas, acidentes, buscas, cercos, resgates, batalhas ou casos de tribunal;
- 7) Elite do poder: histórias sobre indivíduos, organizações, instituições ou corporações com poder;
- 8) Entretenimento: histórias leves sobre sexo, mundo do espetáculo, desporto, tópicos leves de interesse humano, animais, ou que ofereçam oportunidades de tratamento noticioso com um tom humorístico;
- 9) Exclusividade: histórias exclusivas do órgão de comunicação, resultado de entrevistas, correspondência, investigações, inquéritos, sondagens, entre outros;
- 10) Magnitude: histórias suficientemente significativas, quer seja devido ao elevado número de pessoas envolvidas, quer seja pelo impacto potencial; ou que envolvam um grau de comportamento extremo ou de ocorrência extrema;
- 11) Más Notícias: histórias com um tom particularmente negativo, tais como a morte, injúria, derrota, perda (de emprego, tal como exemplificam os autores), conflito ou tragédia;
- 12) Potencial de Partilha: histórias que tendem a gerar *engagement* nas redes sociais (partilhas e comentários no Facebook, Twitter ou outras formas de *social media*);
- 13) Relevância: histórias sobre grupos ou nações que sejam cultural ou historicamente familiares ao público – e que exerçam influência sobre o mesmo;
- 14) Seguimento: histórias sobre assuntos que já são notícia.
- 15) Surpresa: histórias com um elemento incomum, de surpresa ou contraste.

---

<sup>60</sup> Tradução livre. No original: “News organization's agenda, Audio-visuals, Good news, Celebrity, Conflict, Drama, The power elite, Entertainment, Exclusivity, Magnitude, Bad news, Shareability, Relevance, Follow-up, Surprise.”

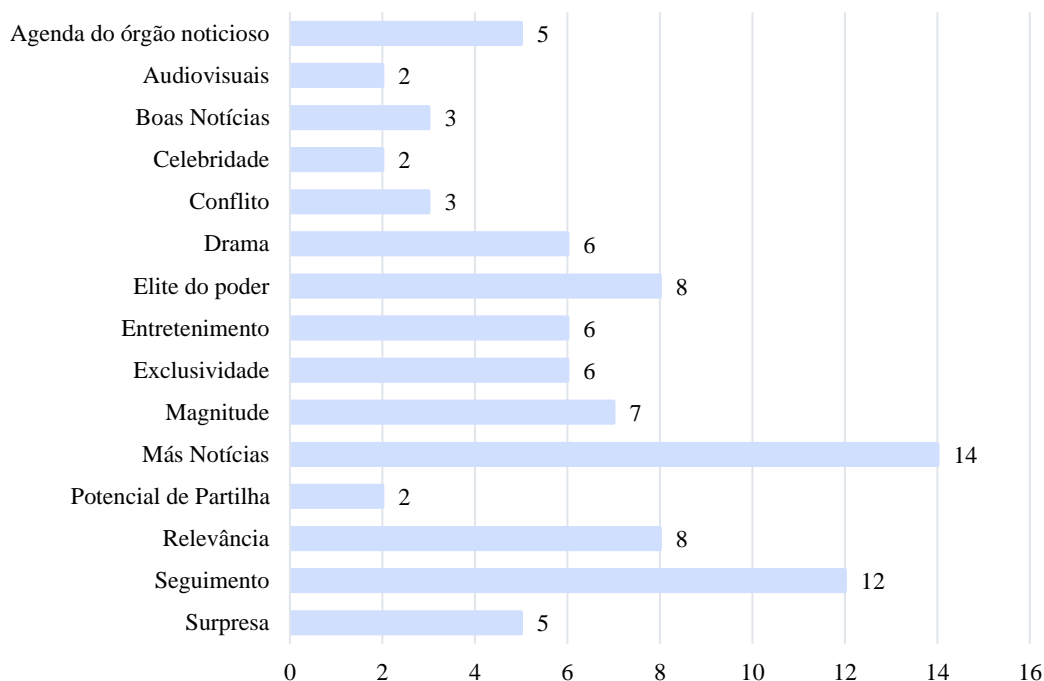


Gráfico 10. Principal valor-notícia das peças

O valor “Más-Notícias” representa o maior número de peças. Remonta a histórias com um tom particularmente negativo, tais como a morte, injúria ou prejuízo, derrota e perdas (de emprego, como exemplificam os autores). Tal como se concluiu pela análise da variável “Temática cultural”, a morte de um ator ou atriz é o segundo maior tópico noticioso do *corpus*. Logo, as 13 peças relativas à morte dos atores Meat Loaf, William Hurt, Jorge Silva Melo e Eunice Muñoz categorizadas nessa temática são agora também categorizadas neste valor-notícia. Fica apenas a faltar a peça nº30, relativa ao fim de carreira do ator Bruce Williams, por motivos de doença incurável: o ator foi diagnosticado com afasia, o que afeta as suas capacidades cognitivas.

As notícias de “Seguimento” ocupam o segundo lugar na lista. Tal como já referido, referem todas as peças com o nome “Últimas”, uma nomenclatura muito usada na gíria quando se pretende fazer uma peça com os últimos desenvolvimentos de assuntos que já estão nas notícias. Este *follow-up* foi feito no jornalismo da SIC a propósito dos três maiores escândalos em Hollywood durante o período de análise, à medida que iam saindo novas informações e material audiovisual sobre os respetivos casos: o caso de agressão de Will Smith nos Óscares; o processo judicial entre Johnny Depp e Amber

Heard e o processo contra Alec Baldwin, devido à morte da diretora de fotografia Halyna Hutchins.

Os valores-notícia “Elite do poder” e “Relevância”, são ambos contabilizados em 8 peças. As histórias que envolvem a *power elite* protagonizam indivíduos, organizações, instituições ou corporações com poder. Aqui foram incluídas as peças cujas temáticas culturais recaem sobre as cerimónias de entregas de prémios e o único festival de cinema na análise, o de Cannes, uma vez que todas estas premiações e respetivas cerimónias são votadas e organizadas pelas instituições mais poderosas da indústria cinematográfica. Os Golden Globe Awards são votados pela Hollywood Press Association, constituída por fotógrafos e jornalistas de renome da indústria. Por sua vez, a votação dos Óscares é feita pela Academy of Motion Picture Arts and Sciences, composta por quase 10 mil profissionais da elite do cinema. Os Bafta são votados pela Academia Britânica de Cinema e Televisão. Já o Festival Internacional de Cinema de Cannes é organizado pela Associação Francesa do Festival Internacional de Cinema, juntamente com a Federação da Indústria do Cinema e Audiovisual e da Associação Francesa dos Críticos de Cinema. Estas elites restringem-se a grupos privilegiados e minoritários, compostos por indivíduos com influência cultural e poder socioeconómico na indústria das artes e do espetáculo. Já o valor-notícia “Relevância” refere histórias sobre grupos ou nações influentes, ou cultural e historicamente familiares ao público, no qual foram categorizadas todas as notícias sobre figuras públicas e artistas conhecidos.

A “Magnitude”, em quarto lugar nesta categorização, é o principal valor-notícia de todas as peças que envolvam um grande número de pessoas. São todos os acontecimentos significativos devido ao grande número de pessoas envolvidas, ou que envolvam ocorrências/comportamentos extremos. A mobilização de várias pessoas para assistirem aos ensaios da produção do novo filme da *Velocidade Furiosa* (peça nº89) é o caso de um comportamento extremo, com impacto potencial na região de Castro Daire, já para não falar do aparato criado pela produção de Hollywood e do dispositivo de segurança recrutado. Os outros casos envolvem eventos culturais nos quais participaram centenas ou até milhares de pessoas: foi o caso do Cineconcerto do Harry Potter (peça nº9) com mais de 11 mil espetadores, ou a magnitude do evento do Carnaval de Veneza (peça nº10), que levou cerca de 50 mil pessoas mascaradas para as ruas da cidade italiana.

A “Exclusividade” inclui as histórias geradas ou disponíveis em primeira mão ao órgão de comunicação social, como resultado de entrevistas, correspondência,

investigações, questionários, sondagens, etc. As peças incluídas neste valor-notícia remontam a casos em que a peça só existe graças à presença de correspondência nacional no local. É o caso da peça nº8 sobre a estreia da peça de teatro *Monólogo de uma mulher chamada Maria com a sua patroa*, no Funchal. Por outro lado, inclui ainda histórias cujo cerne está na entrevista exclusiva conseguida pela SIC. Por exemplo, vejam-se as peças nº65 e nº83, nas quais a SIC conseguiu entrevistar, respetivamente, alguns atores e a realizadora do filme *Viagem de Pedro*, bem como o realizador e a produtora do filme de animação *Buzz Lightyear*. Neste último caso, os entrevistados pronunciaram-se, em exclusivo para a SIC, sobre a polémica gerada pelo facto de o filme ter sido banido em mais de uma dezena de países do Médio Oriente e da Ásia, devido à existência de personagens homossexuais.

#### VARIÁVEL 14 / REPETIÇÃO

Ao analisar as equipas do jornalista na variável 7, constatou-se que existem peças provenientes de outras equipas da redação. Algumas dessas peças não foram especificamente feitas para transmissão inédita no Primeiro Jornal: são casos de peças repetidas. A variável 14. “Repetição” é de resposta dicotómica entre “Sim” e “Não”, pretendendo avaliar se o Primeiro Jornal tem maioritariamente conteúdo exclusivo do noticiário ou se repete a transmissão de conteúdo jornalístico das restantes equipas. Saliente-se que, naturalmente, nenhuma peça noticiosa é repetida duas vezes no Primeiro Jornal em dias diferentes. A variável “Repetição” distingue apenas as peças que passaram – ou não – noutros noticiários e que depois foram migradas para a transmissão do Primeiro Jornal.

A peça é proveniente de outro noticiário?

■ Sim ■ Não

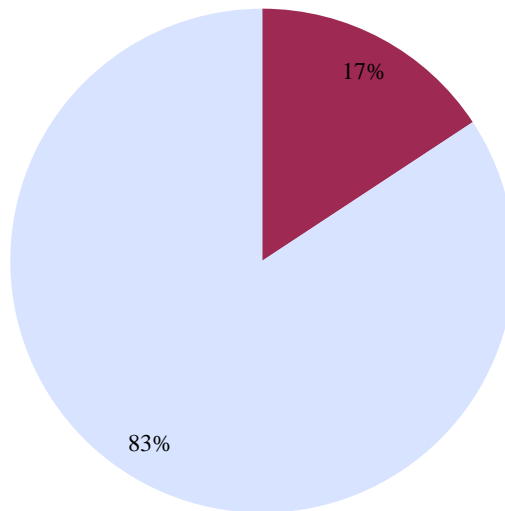


Gráfico 11. Gráfico percentual das peças repetidas

A grande maioria das peças do Primeiro Jornal são transmitidas pela primeira vez no noticiário. Das 89 peças sobre teatro e cinema analisadas, apenas 15 são uma repetição de noticiários anteriores (17% do *corpus*). Estes dados comprovam que o noticiário é maioritariamente composto por peças novas. Na entrevista a Graça Costa Pereira, a editora explicou que o Primeiro Jornal renova o dia noticioso, outro fator que explica esta tendência encontrada. O Jornal da Noite é um resumo do dia que passou, enquanto o Primeiro Jornal renova o ciclo das notícias. Introduce um novo dia e remonta maioritariamente aos eventos culturais que se sucederam durante a manhã: “uma peça do Jornal da Noite roda depois durante o resto da noite na SIC Notícias e toda a manhã do dia seguinte. Portanto, o Primeiro Jornal pretende fazer um *refresh*”. Na tabela seguinte, foram listadas as 15 repetições transmitidas.

<b>Número e nome da peça</b>	<b>Autoria da peça</b>	<b>Equipa do jornalista</b>
4. Guerra dos Tronos Irlanda JN 3.2	André Pacheco	Editoria Cultura
6. Estreia OPTO - Futre JN 10.2	Catarina Coutinho	Jornal da Noite
11. Nova novela SIC JN 14.2	Mariana Xavier	Editoria Cultura
13. Banda sonora série SIC JN 18.2	Cristiana Reis	Editoria Cultura
20. Criança Refugiada Frozen JN	Kathleen Araújo	Correspondência nacional
21. Artistas condecorados MC	Cristiana Reis	Editoria de Cultura
27. Despedida dos palcos Simone JN	Cristiana Reis	Editoria Cultura
32. Protesto Artistas Unidos JN	Sílvia Lima Rato	Editoria Cultura
35. Will Smith banido 10 anos OFF	Francisca Carrapatoso	Edição da Noite
46. Johnny Depp Testemunho	Andreia de Melo	Edição da Manhã
67. Cultura Fecho Avenida da Liberdade JN	Sílvia Lima Rato	Editoria Cultura
69. Realizador Ucrainiano Cannes JN	Sílvia Lima Rato	Editoria Cultura
77. Lua de Mel Nova	Ana Paula Almeida	Jornal da Noite
78. Armas EUA Biden-McConaughey JMN	Bárbara Lima	Edição da Noite
83. Filme Buzz Lightyear	André Pacheco	Jornal da Noite

*Tabela 16. Peças repetidas no Primeiro Jornal*

Tal como se observa na primeira coluna da tabela, o nome das peças no alinhamento também indica, na maioria das vezes, a origem da peça. A peça oriunda do Jornal da Meia Noite foi registada com “JMN” a seguir ao nome. O mesmo se observa em várias das restantes peças provenientes do Jornal da Noite (“JN”). Reflexo da organização interna entre coordenadores e editorias, as siglas das equipas indicam se a peça foi especificamente pedida pelo coordenador do Primeiro Jornal ou se já foi feita por jornalistas de outras equipas e transmitida. De salientar ainda que 4 das peças repetidas são de autopromoção de conteúdos da SIC ou da OPTO. André Antunes garante que a repetição de uma peça nem sempre surge por uma razão editorial específica: porque precisa de completar o alinhamento ou porque a notícia continua relevante e atual.

## VARIÁVEL 15 / PROMO

Uma promo corresponde à promoção de uma peça no alinhamento do jornal antes de ser transmitida na íntegra. Em média, são feitas cerca de seis promos em cada Primeiro Jornal. As promos servem dois propósitos fundamentais. O primeiro é o de promover a peça, de forma a captar a atenção e curiosidade do telespetador para o que ainda aí vem. Corresponde a uma frase curta, lida pelo pivot durante poucos segundos. A título de exemplo, a peça nº33 “Atriz Lista de Schindler” transmitida no dia 8 de abril teve promo: “Neste jornal... vamos saber por que razão uma das imagens mais poderosas do cinema ganha hoje uma nova atualidade”. O segundo propósito das promos é a criação de separadores entre temáticas, como explica André Antunes: “As promos também ajudam a quebrar os assuntos. É muito estranho passares de um furacão na Ásia para, a seguir, um jogo da seleção. É estranho; não faz ligação. As promos ajudam-te a fazer essa quebra de forma natural”.

Devido aos entraves técnicos impostos pelo ataque informático, só houve promos a partir do dia 17 de fevereiro, o que fez com que 12 das 89 do *corpus* fossem categorizadas como “Não há promos”. Outras 29 tiveram uma promo antes da transmissão e as restantes 48 não foram promovidas. A presente variável procurou saber quais foram essas 29 peças de teatro e cinema e que razão editorial esteve por detrás da decisão de as anteceder com uma promo. Que temáticas culturais merecem este destaque prévio? Serão as que geram maior Surpresa para manter o telespetador no canal; as que têm um maior fator de Magnitude ou as que constituem Más Notícias? As palavras do coordenador ajudam a perceber a lógica por detrás desta decisão editorial: “Nós trabalhamos em televisão, não nos podemos esquecer que a imagem conta. E pode ser uma imagem espetacular, extraordinária, que faz com que a pessoa olhe para a televisão e queira ver mais à frente. A promo tem esse efeito”. Para responder a estas questões, as 29 peças precedidas de promo foram cruzadas com as variáveis “Valor-Notícia” e “Temática”. Concluiu-se que há mais peças precedidas por promo quando a temática é relacionada com artistas/celebridades, cerimónias de entregas de prémios ou falecimentos no mundo artístico. No caso dos valores-notícias, há mais promos quando o principal valor da peça é a Relevância, Seguimento ou Elite do Poder.

<b>Temática cultural</b>		<b>Valor-notícia</b>	
Artistas/celebridades	9	Relevância	6
Cerimónia de entrega de prémios	8	Seguimento	6
Morte do ator/atriz	3	Elite do poder	5
Estreia de um filme	2	Más Notícias	3
Festival de cinema	2	Surpresa	2
Produção cinematográfica	2	Magnitude	2
Evento Cultural	1	Exclusividade	1
Outra	1	Audiovisuais	1
Fim de carreira	1	Entretenimento	1
Total	29	Drama	1
		Agenda do órgão noticioso	1
		Total	29

*Tabela 17. Temática cultural e valor-notícia das peças antecedidas de promo*

## VARIÁVEL 16 / AUTOPROMOÇÃO SIC/IMPRESA

A última variável de análise remete para a última subquestão da investigação: “3) Que interesses editoriais e financeiros movem a cobertura jornalística de certas produções culturais de teatro e cinema, em detrimento de outras?”. A autopromoção de conteúdos da SIC ou do Grupo Impresa é observável nas seguintes 7 peças:

<b>Data</b>	<b>Número e nome da peça</b>	<b>Área</b>	<b>Temática</b>
11 fevereiro	6. Estreia OPTO - Futre JN 10.2	Cinema	Estreia de um documentário
15 fevereiro	11. Nova novela SIC JN 14.2	Séries ou Novelas	Estreia de uma série ou novela
20 fevereiro	13. Banda sonora série SIC JN 18.2	Séries ou Novelas	Outra
15 abril	39. Eunice Muñoz Alta Definição PJ	Teatro	Morte de ator/atriz
15 abril	41. Fecho Globos Ouro Eunice	Teatro	Morte de ator/atriz
24 maio	68. Nova Novela SIC	Séries ou Novelas	Estreia de uma série ou novela
07 junho	77. Lua de Mel Nova	Séries ou Novelas	Estreia de uma série ou novela

*Tabela 18. Peças com autopromoção de conteúdos SIC/Impresa*

O cruzamento das variáveis relacionadas com a “Área da representação” e “Temática cultural” das peças permite concluir que as peças sobre estreias de novelas da SIC são o principal veículo de autopromoção de conteúdos do canal. As produções da

OPTO, plataforma *streaming* do Grupo Impresa, também ganham destaque nas peças nº6 e nº 13. Resta a peça com um *best of* da entrevista de Eunice Muñoz no Alta Definição, programa de destaque da SIC desde 2009 e apresentado pelo Diretor de Programas da estação, Daniel Oliveira.

A promoção de novelas no jornalismo da SIC também fortalece a proximidade simbólica das figuras da televisão com o teatro e o cinema, tal como descrito por José Salvador Faro (2014). É ainda um exemplo de *infotainment*, uma vez que a notícia da estreia da produção cultural da SIC se mescla com o entretenimento – a aproximação dos dois campos faz com que uma peça jornalística sobre uma nova novela da SIC adote características do espetáculo para se tornar mais atraente.

Esta variável remete para a abordagem de Robert W. McChesney (2008) sobre a subordinação do jornalismo aos interesses da empresa-mãe. Tal como descreveu Bourdieu, “os índices de audiência imperam na mente de todos. Impera, atualmente, uma «mentalidade de níveis de audiência» nas salas de redação, nas editorias, etc. Em todas as partes se pensa em termos de êxito comercial” (Ibidem, 1997 [1996], p. 36)<sup>61</sup>. Esta mentalidade das audiências naturaliza as tendências de *cross-promotion* entre o conteúdo de entretenimento e de informação da SIC. A editora de Cultura, Graça Costa Pereira, defende que os interesses financeiros e publicitários da estação privada não se sobrepõem aos deveres do serviço jornalístico: “Não se sobrepõem, acompanham-se. Não podemos ser ingénuos: para que continuemos a fazer jornalismo de forma independente, precisamos de depender apenas de nós próprios. (...) Se nós temos um produto, que é um jornal, que ainda para mais é um jornal alargado que nos permite falar de um outro produto – porque não?”

---

<sup>61</sup> Tradução livre. Na versão consultada da Editorial Anagrama (Espanha): “...los índices de audiencia están en la mente de todos. Impera, en la actualidad, una «mentalidad de índices de audiencia» en las salas de redacción, en las editoriales, etcétera. En todas partes se piensa en términos de éxito comercial”.

# CONCLUSÃO

Existe espaço para a Cultura durante um ciberataque e uma guerra? “Existe espaço. Mas existe *menos* espaço”. As primeiras palavras da entrevista ao coordenador do Primeiro Jornal, André Antunes, sintetizam o cenário estudado. Perante cenários de crise, a Cultura é uma das primeiras temáticas editoriais obrigada a adaptar-se para não desaparecer dos alinhamentos. A realidade estudada foi, de facto, um período atípico no jornalismo da SIC. A investigação conclui que o mês de janeiro, fortemente afetado pelos obstáculos técnicos do ciberataque, foi o mês com maior escassez de peças dedicadas ao teatro e cinema. Perante a reconfiguração dos jornalistas da redação, os membros da equipa de Cultura foram muitas vezes destacados para outras equipas diferentes, passando a trabalhar noutras temáticas jornalísticas que marcavam a atualidade. Para além deste fator, o mês de janeiro coincidiu ainda com um período de fortes restrições da DGS no combate à pandemia de Covid-19, o que provocou a paralisação dos espetáculos e eventos culturais. Perante o agravamento da situação epidemiológica do país e a forte presença da pandemia nos alinhamentos do Primeiro Jornal, houve menos serviços de Cultura em janeiro e fevereiro – o que se refletiu diretamente no escasso número de peças nestes meses da análise. Já durante o período inicial da guerra, o teatro e o cinema tiveram uma maior presença no Primeiro Jornal do que na altura do ciberataque. Várias peças passaram a associar o conflito na Ucrânia a cerimónias de entrega de prémios, festivais de cinema e ações de solidariedade social de celebridades do mundo das artes da representação. A primavera de 2022 trouxe também uma forte recuperação para a indústria da cultura nacional, com o regresso de inúmeros eventos culturais que tinham desaparecido do panorama cultural desde o início da pandemia.

Este relatório de estágio propôs fazer o levantamento da cobertura jornalística do teatro e do cinema durante um período especialmente conturbado na história da Informação da SIC. A experiência de estágio trouxe-me a confirmação empírica de inúmeras tendências apontadas pela academia: a pressão das 24 horas; o ritmo a contrarrelógio; a banalização do direto televisivo; a desvalorização da reportagem, entre muitas outras. O estudo de caso conclui também que as notícias de cultura são frequentemente alinhadas na segunda parte ou no fecho do jornal. Para além disso, conclui que há mais peças de proveniência internacional e, no caso das peças nacionais, incidem

maioritariamente sobre o panorama cultural de Lisboa ou do Porto. Esta distribuição é dicotómica, tanto a nível nacional, onde há mais peças centradas nas cidades do litoral do que no interior do país; como a nível internacional, com uma forte presença anglo-saxónica ou ucraniana (a propósito da adaptação temática da cultura à guerra).

O estudo de caso comprova que existe um claro desinvestimento na reportagem, tendência que se reflete diretamente na curta duração das peças. O Primeiro Jornal é um “livro em aberto” quando entra no ar às 13h. Isto é, não tem uma estrutura definida, uma vez que a maior parte das peças não estão prontas (outro reflexo da pressão do tempo no quotidiano do jornalista). Com as peças de cultura a ocupar o fecho do jornal, tornam-se facilmente as primeiras a cair, caso haja algum conteúdo jornalístico que seja mais demorado. Se já existe um esforço interno para que as peças de Cultura passem no Primeiro Jornal, os jornalistas são ainda confrontados com a pressão de produzir peças de curta duração – dada a maior possibilidade de serem alinhadas.

Graças ao debate desenvolvido nas entrevistas exploratórias, conclui-se que as audiências do Primeiro Jornal vão decrescendo à medida que o jornal avança. Um fenómeno com uma explicação sociológica: o início do noticiário acompanha a hora de almoço do telespetador. Seria interessante desenvolver uma investigação na área do jornalismo cultural alargada ao Jornal da Noite que, pelo contrário, tem o fenómeno exatamente oposto: à medida que o jornal avança, ganha mais audiências. Logo, as peças de Cultura, quase sempre alinhadas na segunda parte ou no fecho, são vistas por muito mais telespetadores. Um estudo recente prova ainda que a “Cultura é a editoria que, em média, tem maior audiência” nos jornais (Pinto, 2019, p.47). Este dado deixa uma pista para trabalhos futuros. O coordenador André Antunes explica que este fenómeno se justifica pela aproximação do horário das novelas do serão e que o telespetador liga a televisão momentos antes do início da novela (assistindo, assim, à parte final do Jornal da Noite). Por sua vez, a editora de Cultura Graça Costa Pereira defende que este pico de audiências também se deve à qualidade e ao conteúdo cultural em si. Afinal, as audiências das peças de cultura valem por si, ou ficam à mercê da programação da SIC generalista, maioritariamente voltada para o entretenimento?

A experiência de estágio na SIC e SIC Notícias, de 31 de janeiro a 30 de junho, passou por todos estes questionamentos sobre as predisposições editoriais do canal. A experiência deu-me a oportunidade de conhecer a rotina jornalística durante um conflito armado na Europa, para além do aparato tecnológico de um cenário muito próximo do

jornalismo dos anos 90. Viver a realidade diária de um ataque informático no seio de uma redação é uma verdadeira viagem no tempo, o que me permite valorizar as inúmeras possibilidades que as novas tecnologias do século XXI trouxeram à prática jornalística. Para o bem e para o mal, a informação quer-se cada vez mais rápida, mais completa e mais fidedigna. Estas novas exigências são fruto da pressão das audiências, da sustentabilidade financeira e da concorrência (principalmente desde a chegada da CNN Portugal em novembro de 2021, que rapidamente se consolidou como a concorrente direta da SIC Notícias). Tal como disserta Robert W. McChesney (2008), os interesses da empresa-mãe sobrepõem-se à prática jornalística, que se vê muitas vezes refém dos interesses comerciais e publicitários impostos pelas chefias. O jornalismo do setor privado, para além de ser uma missão com responsabilidade social, é também um produto comercial – uma vez que tem de gerar lucro. Segundo Francisco Pinto Balsemão, citado pelo coordenador André Antunes no contexto da entrevista: “Somos um canal privado, vivemos das audiências. Vivemos do lucro gerado graças aos resultados. A única forma que temos de nos manter livres e independentes é darmos lucro. No dia em que deixarmos de dar lucros e tivermos de pedir dinheiro a um banco, a uma instituição financeira, deixamos de ser livres”.

# BIBLIOGRAFIA

Adorno, T. (2003[1974]). Pode o público querer? In *Sobre A Indústria da Cultura*. Angelus Novus, 173-179.

Adorno, T. & Horkheimer, M. (1985[1947]). *Dialética do Esclarecimento – Fragmentos Filosóficos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.  
[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/fil\\_dialetica\\_esclarec.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf)

Allan, S., & Thorsen, E. (Eds.) (2009). *Citizen journalism: Global perspectives* (Vol. 1). Peter Lang.

Beleza, J. (2021). A máquina do tempo e a arte dos mergulhos. In *Manual de Reportagem*. Labcom Comunicação e Artes, 263-266 <http://labcom.ubi.pt/book/357>

Bell, D. (1971[1962]). Modernidade e Sociedade de Massa: Variedade da Experiência Cultural In *A Indústria da Cultura*. Meridiano, 19-66.

Bourdieu, P. (1984). *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*. Harvard University Press.  
[https://monoskop.org/images/e/e0/Pierre\\_Bourdieu\\_Distinction\\_A\\_Social\\_Critique\\_of\\_the\\_Judgement\\_of\\_Taste\\_1984.pdf](https://monoskop.org/images/e/e0/Pierre_Bourdieu_Distinction_A_Social_Critique_of_the_Judgement_of_Taste_1984.pdf)

Bourdieu, P. (1997). *Sobre la televisión*. Editorial Anagrama  
<https://sociologiaycultura.files.wordpress.com/2014/02/p-bourdieu-sobre-la-television.pdf>

Carmelo, L. (2008). *Sebenta criativa para estudantes de jornalismo*. Publicações Europa-América

Carmo, T. M. (2006). Evolução Portuguesa do Jornalismo Cultural. In *Janus 2006: A nova diplomacia*. (cap.2). [https://www.janusonline.pt/arquivo/2006/2006\\_2\\_2\\_9.html](https://www.janusonline.pt/arquivo/2006/2006_2_2_9.html)

Cascas, F. (2001). *Dicionário de Jornalismo: as palavras dos media*. Editorial Verbo.

Greer, C., & McLaughlin, E. (2010). We Predict a Riot? Public Order Policing, New Media Environments and the Rise of the Citizen Journalist. *The British Journal of Criminology*, 50(6), 1041–1059. <https://doi.org/10.1093/bjc/azq039>

- Coelho, P., Reis, A. I., & Bonixe, L. (2021). *Manual de Reportagem*. Labcom Comunicação e Artes. <http://labcom.ubi.pt/book/357>
- Diniz, F. M. (2020). *Em palcos televisivos: do teatro ao jornalismo, a representação como estratégia discursiva*. [Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório Institucional da UFPB. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18558>
- Du Gay, P. & Nixon, S. (2002). Who Needs Cultural Intermediaries? *Cultural Studies*, 16(4) 495-500. <https://doi.org/10.1080/09502380210139070>
- Eco, U. (1971[1969]). Introdução In *A Indústria da Cultura*. Meridiano, 7-18
- Eco, U. (1984 [1968]) *Apocalípticos e Integrados*. 8ª ed. Espanha, Editorial Lumen [https://monoskop.org/images/c/c4/Eco\\_Umberto\\_Apocalipticos\\_E\\_Integrados\\_1984.pdf](https://monoskop.org/images/c/c4/Eco_Umberto_Apocalipticos_E_Integrados_1984.pdf)
- Esteves, V. L. D. S. (2021). *O papel da informação na representação ficcional do jornalismo: o caso Teorias da Conspiração* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.21/13195>
- Faro, J. S. (2014). *Apontamentos sobre jornalismo e cultura*. Buqui.
- Giner, S. (1979). *Sociedad masa: crítica del pensamiento conservador*. Ediciones Península.
- Habermas, J. (2006). O caos da esfera pública. *Jornal Folha de S. Paulo, Caderno Mais!* <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1308200605.htm>
- Harcup, T., & O'Neill, D. (2016). *What is News? News values revisited (again)*. *Journalism Studies*, 18(12), 1470-1488. <http://doi.org/10.1080/1461670X.2016.1150193>
- Horkheimer, M e Adorno, T. (2002 [1947]) *A Indústria Cultural: o iluminismo como mistificação de massas*, 169-214. <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1165>
- Kellner, D. (1995). *Media culture: Cultural studies, identity and politics between the modern and the post-modern*. Routledge. [https://eclass.uoa.gr/modules/document/file.php/ENL555/Week%206/Media\\_Culture.pdf](https://eclass.uoa.gr/modules/document/file.php/ENL555/Week%206/Media_Culture.pdf)
- Kristensen, N., & From, U. (2013). Blockbusters as Vehicles for Cultural Debate in Cultural Journalism. *Akademisk Kvarter*, 7, 51-65. <https://doi.org/10.5278/ojs.academicquarter.v0i7.2819>

- Kristensen, N., & From, U. (2015). Publicity, News Content, and Cultural Debate: The Changing Coverage of Blockbuster Movies in Cultural Journalism. *Communication, Culture & Critique*, 8(3), 484-501. <https://doi.org/10.1111/cccr.12094>
- Laraia, R. D. B. (1986). *Cultura: um conceito antropológico*. Schwarcz-Companhia das Letras.
- Lourenço, J. (2016). *Um olhar sobre o jornalismo de cinema na televisão portuguesa: O caso do Cinebox da TVI24* [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.21/6871>
- Lourenço, J. M. P. (2022). *Jornalismo de cinema em Portugal: Uma análise à imprensa, rádio, televisão e meios online em 2019* [Tese de doutoramento, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório Iscte. <http://hdl.handle.net/10071/26154>
- Lourenço, J., & Centeno, M. J. (2021a). A cobertura jornalística do cinema: géneros e discursos jornalísticos nos media portugueses em 2019. *Media & Jornalismo*, 21(38), 223-239. [https://doi.org/10.14195/2183-5462\\_38\\_11](https://doi.org/10.14195/2183-5462_38_11)
- Lourenço, J., & Centeno, M. J. (2021b). Jornalismo de cinema português: O caso da cobertura aos filmes Diamantino, Variações, A Herdade e Vitalina Varela. In P. Cunha, M. Penafria, F. Cabral, & T. Fernandes (Eds.), *Cinema em Português. XIII Jornadas*, 81-98. <http://hdl.handle.net/10400.21/13438>
- Lourenço, J., & Lopes, P. (2021). *Comunicação, Cultura e Jornalismo Cultural*. Lisboa: NIP-C@M. <https://doi.org/10.26619/978-989-9002-14-2>
- Lourenço, J., & Subtil, F. (2017). Tendências e desafios do jornalismo de cinema na televisão portuguesa: o caso do Cinebox. In S. Pereira & M. Pinto (Eds.), *Livro de Atas do 4.º Congresso: Literacia, media e cidadania: Por uma nova consciência do espaço público*, 238-250. LASICS – CECS. [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/article](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article)
- MacDonald, D. (1971[1962]). Masscultura e Mediacultura In *A Indústria da Cultura*. Meridiano, 67-149
- Maguire, J. S., & Matthews, J. (2012). Are we all cultural intermediaries now? An introduction to cultural intermediaries in context. *European Journal of Cultural Studies*, 15(5), 551-562. <https://doi.org/10.1177/1367549412445762>
- Maguire, J. S., & Matthews, J. (Eds.). (2014). *The Cultural Intermediaries Reader*. Sage. <https://bit.ly/3tDrSj5>

Mattelart, A. e Neveu, E. (2006) *Introdução aos Cultural Studies*. Porto, Porto Editora.

McChesney, R. W. (2008). *The political economy of media: Enduring issues, emerging dilemmas*. NYU Press.

Morin, E. (2002 [1962]). *Cultura de Massas no Séc. XX, O Espírito do Tempo* – 1. 9ª ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária. <https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/04/Cultura-de-Massas-no-s%C3%A9culo-XX-Neurose.pdf>

Patterson, T. E. (1997) The News Media: An Effective Political Actor? *Political Communication*, 14(4), 445-455. <https://doi.org/10.1080/105846097199245>

Pinto, M. N. G. S. (2019). *Análise editorial das peças com maior audiência da SIC* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Humanas]. Veritati - Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa. <http://hdl.handle.net/10400.14/28169>

Ramonet, I., 1999. *A Tirania da Comunicação*. Porto: Campo das Letras.

Reis, F. C. A. (2015). *As celebridades como valor notícia no Jornal da Uma da TVI* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa. <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/5614>

Ribeiro, A. F. S. (2016). *O direto como valor-notícia no Jornal da Tarde da RTP1* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.21/6864>

Ribeiro, M. (2021, 6 de janeiro). *O dia em que os irmãos Lumière mostraram o cinema ao mundo*. Milton Ribeiro - Improvisações sobre literatura, música, cinema e qualquer coisa, principalmente. <https://miltonribeiro.ars.blog.br/2021/01/06/o-dia-em-que-os-irmaos-lumiere-mostraram-o-cinema-ao-mundo/>

Rivera, J. B. (2003 [1995]). *El periodismo cultural*. Buenos Aires: Paidós.

Robson, E. (2014, 15 de dezembro). *Cultural Intermediaries*. Ela Robson. <https://ellarobson.wordpress.com/2014/12/15/cultural-intermediaries/>

Sabadin, C. (2018). *A história do cinema para quem tem pressa: Dos Irmãos Lumière ao Século 21 em 200 Páginas!* Editora Valentina.

Salmória, D. D. S. (2007). *O teatro na imprensa cultural: uma análise da cobertura de artes cênicas no jornal Zero Hora*. [Dissertação de licenciatura, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação]. Repositório Científico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://hdl.handle.net/10183/17046>

Santos, M. L. L. (1988). Questionamento à volta de três noções (a grande cultura, a cultura popular, a cultura de massas). *Análise social*, 689-702.

<https://www.jstor.org/stable/41011124>

Santos Silva, D. (2009). *A Cultura no Jornalismo Cultural – Contributos para uma Redefinição e Ampliação do Jornalismo Cultural Português, no Contexto das Indústrias Culturais e Criativas*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas]. Biblioteca Mário Sottomayor Cardia.

<https://catalogo.biblioteca.fcsb.unl.pt/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=63563>

Santos Silva, D. (2009). Tendências do Jornalismo Cultural em Portugal. In *Atas do VI Congresso SOPCOM / VIII Lusocom*, Lisboa.

[https://www.academia.edu/2448702/Tend%C3%A2ncias\\_do\\_Jornalismo\\_Cultural\\_em\\_Portugal](https://www.academia.edu/2448702/Tend%C3%A2ncias_do_Jornalismo_Cultural_em_Portugal)

Santos Silva, D. (2012). *Cultura e Jornalismo Cultural - Tendências e Desafios no Contexto das Indústrias Culturais e Criativas*. Lisboa: Media XXI.

Santos Silva, D. (2014). A Nova Dimensão Performativa do Jornalismo Cultural - Contributos do Roteiro e da Review. In C. Baptista (Ed.), *Cultura na Primeira Página: O lugar da Cultura no Jornalismo Contemporâneo - Caderno de Reflexões*, 1ª ed., 37-49. Mariposa Azul.

Santos Silva, D. (2015). *Cultural Journalism in a Digital Environment. New Models, Practices and Possibilities* [Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa]. Repositório Científico da Universidade Nova de Lisboa.

<http://hdl.handle.net/10362/17022>

Shils, E. (1971[1961]). A sociedade de massa e a sua cultura. *A Indústria da Cultura*. Meridiano, 153-186.

Silva, M. D. T. (2014). Jornalismo musical: estratégias enunciativas e retóricas. Contributos para uma análise discursiva. *Revista Comunicação Midiática*, 9(1), 12-35.

<https://run.unl.pt/handle/10362/54979>

Siqueira, D. D. C. O., & Siqueira, E. D. D. (2007). A cultura no jornalismo cultural. *Lumina*, 1(1).

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20990>

Sobreira, V. C. P. (2019). *A Cobertura do Cinema no programa "Cartaz" da SIC*. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas]. Repositório Científico da Universidade Nova de Lisboa.

<https://run.unl.pt/handle/10362/91576>

Subtil, F. (2020). *Explorações sobre a viragem cultural em França e na Grã-Bretanha e os seus primeiros ecos em Portugal*. Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2019/20: Geografias da diversidade, 149-163.

<https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/12552>

Stringer, J. (Ed.). (2003). *Movie blockbusters*. Psychology Press.

Traqueia, F. G. (2014). *“Em Direto”*. *A banalização da transmissão em tempo real na informação da SIC e da SIC Notícias*. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas]. Repositório Científico da Universidade Nova de Lisboa.

<http://hdl.handle.net/10362/13725>

Traquina, N. (1997). *Big Show Media: Viagem pelo Mundo Audiovisual Português*. Lisboa: Editorial Notícias.

Traquina, N. (2002). *O que é Jornalismo*. Lisboa: Quimera.

Tylor, E. B. (1871). *Primitive Culture: Research into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art and Custom*. Holt.

<https://archive.org/details/primitiveculture01tylouoft/page/n9/mode/2up>

Xavier, M. J. (2018). *Jornalismo cultural: as notícias sobre música nos blocos informativos da SIC*. [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Comunicação Social]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa.

<http://hdl.handle.net/10400.21/9452>

UNESCO (2002) Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Disponível em:

<http://portal.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>

# ANEXOS

## **Anexo 1.** *Napalm Girl* (Vietname, 1972)



Nick Ut / AP Images

## Anexo 2. Peças realizadas durante o estágio no Primeiro Jornal

Data	Nome da peça	Link <sup>62</sup>
26 março	Morte Taylor Hawkins	
1 abril	Concerto Solidário Laurent Filipe	
4 abril	Tempo frio aviso amarelo	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/frio-em-portugal-vila-real-braganca-e-guarda-com-aviso-amarelo/">https://sicnoticias.pt/pais/frio-em-portugal-vila-real-braganca-e-guarda-com-aviso-amarelo/</a>
5 abril	Tiroteio Sacramento Últimas	<a href="https://sicnoticias.pt/mundo/detido-o-suspeito-do-tiroteio-nos-eua-que-matou-seis-pessoas/">https://sicnoticias.pt/mundo/detido-o-suspeito-do-tiroteio-nos-eua-que-matou-seis-pessoas/</a>
6 abril	Manif e greve trabalhadores EDP	
7 abril	Manif trabalhadores Altice	
11 abril	Temperaturas Páscoa	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/meteorologia-como-vai-estar-o-tempo-na-semana-da-pascoa/">https://sicnoticias.pt/pais/meteorologia-como-vai-estar-o-tempo-na-semana-da-pascoa/</a>
13 abril	Nova Carreira de Bairro Carlos Moedas	
18 abril	Roubo cavalos e éguas Santarém	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/gnr-investiga-roubo-de-oito-cavalos-lusitanos-no-ribatejo/">https://sicnoticias.pt/pais/gnr-investiga-roubo-de-oito-cavalos-lusitanos-no-ribatejo/</a>
23 abril	Quartel do Carmo 25 abril	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/quartel-do-carmo-aberto-ao-publico-para-celebrar-os-111-anos-da-gnr/">https://sicnoticias.pt/pais/quartel-do-carmo-aberto-ao-publico-para-celebrar-os-111-anos-da-gnr/</a>
26 abril	Caso Alec Baldwin	
27 abril	Dia Aberto FCT NOVA	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/dia-aberto-da-fct-nova-faculdade-recebeu-5-mil-alunos-do-secundario/">https://sicnoticias.pt/pais/dia-aberto-da-fct-nova-faculdade-recebeu-5-mil-alunos-do-secundario/</a>
28 abril	Temperaturas sobem este fim-de-semana	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/temperaturas-sobem-e-podem-chegar-aos-28oc-no-fim-de-semana/">https://sicnoticias.pt/pais/temperaturas-sobem-e-podem-chegar-aos-28oc-no-fim-de-semana/</a>
3 maio	Palácio Biester aberto ao público	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/palacio-biester-abre-pela-primeira-vez-ao-publico/">https://sicnoticias.pt/cultura/palacio-biester-abre-pela-primeira-vez-ao-publico/</a>
3 maio	Met Gala 2022	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/met-gala-2022-era-dourada-da-moda-americana-marca-desfile-na-passadeira-vermelha/">https://sicnoticias.pt/cultura/met-gala-2022-era-dourada-da-moda-americana-marca-desfile-na-passadeira-vermelha/</a>
6 maio	Concentrações pólen na atmosfera	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/sofre-de-alergias-dicas-para-se-protoger-nos-proximos-dias/">https://sicnoticias.pt/pais/sofre-de-alergias-dicas-para-se-protoger-nos-proximos-dias/</a>
7 maio	Trimarã sustentável em Cascais	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/trimara-100-sustentavel-atraca-em-cascais-em-iniciativa-contr-a-poluicao-marinha/">https://sicnoticias.pt/pais/trimara-100-sustentavel-atraca-em-cascais-em-iniciativa-contr-a-poluicao-marinha/</a>
12 maio	Incêndio hotel e café no Rossio	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/incendio-num-hotel-no-centro-de-lisboa-faz-um-ferido/">https://sicnoticias.pt/pais/incendio-num-hotel-no-centro-de-lisboa-faz-um-ferido/</a>
13 maio	Manif trabalhadores da CME	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/cme-acusada-de-repressao-patronal-por-alegadamente-ter-tentado-despedir-o-delegado-sindical/">https://sicnoticias.pt/pais/cme-acusada-de-repressao-patronal-por-alegadamente-ter-tentado-despedir-o-delegado-sindical/</a>
17 maio	Discriminação LGBT	
19 maio	Primeiras mulheres na PSP	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/dia-internacional-dos-museus-com-exposicao-sobre-emancipacao-feminina/">https://sicnoticias.pt/pais/dia-internacional-dos-museus-com-exposicao-sobre-emancipacao-feminina/</a>
19 maio	Acordo salarial federação futebol EUA	<a href="https://sicnoticias.pt/desporto/futebol-nos-eua-homens-e-mulheres-passam-a-receber-o-mesmo-salario/">https://sicnoticias.pt/desporto/futebol-nos-eua-homens-e-mulheres-passam-a-receber-o-mesmo-salario/</a>
20 maio	Julgamento Johnny Depp e Amber Heard	<a href="https://sicnoticias.pt/mundo/julgamento-irma-de-amber-heard-acusa-depp-de-violencia-fisica-e-verbal/">https://sicnoticias.pt/mundo/julgamento-irma-de-amber-heard-acusa-depp-de-violencia-fisica-e-verbal/</a>
24 maio	Exposição 70 anos Força Aérea	
25 maio	Agricultores horta urbana Benfica	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/viver-na-cidade-e-cultivar-para-consumo-proprio-lisboa-tem-mais-de-20-parques-hortcolas/">https://sicnoticias.pt/pais/viver-na-cidade-e-cultivar-para-consumo-proprio-lisboa-tem-mais-de-20-parques-hortcolas/</a>
26 maio	Greve trabalhadores Copam	
27 maio	Carlos Moedas transportes públicos	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/acordo-assinado-para-garantir-transportes-gratis-em-lisboa/">https://sicnoticias.pt/pais/acordo-assinado-para-garantir-transportes-gratis-em-lisboa/</a>

<sup>62</sup> As peças sem link não foram publicadas no site da SIC Notícias.

1 junho	Chefs Michelin nas Berlengas	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/chefes-michelin-visitam-berlengas-para-alertar-para-pesca-sustentavel-e-seletiva/">https://sicnoticias.pt/pais/chefes-michelin-visitam-berlengas-para-alertar-para-pesca-sustentavel-e-seletiva/</a>
1 junho	Dia da Criança corrida carrinhos	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/uma-corrída-de-carrinhos-de-rolamentos-para-criancas/">https://sicnoticias.pt/pais/uma-corrída-de-carrinhos-de-rolamentos-para-criancas/</a>
3 junho	Prisioneiro fugitivo Texas	<a href="https://sicnoticias.pt/mundo/recluso-morto-no-texas-estava-em-fuga-ha-tres-semanas/">https://sicnoticias.pt/mundo/recluso-morto-no-texas-estava-em-fuga-ha-tres-semanas/</a>
6 junho	Turistas em Lisboa	<a href="https://sicnoticias.pt/economia/numero-de-turistas-em-portugal-ja-e-superior-ao-de-2019/">https://sicnoticias.pt/economia/numero-de-turistas-em-portugal-ja-e-superior-ao-de-2019/</a>
6 junho	Diário de criança retirada de Mariupol	<a href="https://sicnoticias.pt/mundo/conflito-russia-ucrania/tres-meses-de-guerra-atraves-do-diario-de-um-menino-ucraniano/">https://sicnoticias.pt/mundo/conflito-russia-ucrania/tres-meses-de-guerra-atraves-do-diario-de-um-menino-ucraniano/</a>
7 junho	Subida temperaturas no fim-de-semana	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/meteorologia-fim-de-semana-prolongado-sera-de-calor-muito-calor/">https://sicnoticias.pt/pais/meteorologia-fim-de-semana-prolongado-sera-de-calor-muito-calor/</a>
15 junho	Apple e Google empresas mais ricas	<a href="https://sicnoticias.pt/mundo/marcas-mais-valiosas-do-mundo-apple-vale-mais-de-908-mil-milhoes-de-euros/">https://sicnoticias.pt/mundo/marcas-mais-valiosas-do-mundo-apple-vale-mais-de-908-mil-milhoes-de-euros/</a>
21 junho	App de monitorização para doentes com Esclerose Lateral Amiotrófica	<a href="https://sicnoticias.pt/saude-e-bem-estar/2022-06-21-Portugueses-desenvolvem-aplicacao-para-ajudar-doentes-com-Esclerose-Lateral-Amiotrofica-ce6e74ca">https://sicnoticias.pt/saude-e-bem-estar/2022-06-21-Portugueses-desenvolvem-aplicacao-para-ajudar-doentes-com-Esclerose-Lateral-Amiotrofica-ce6e74ca</a>
22 junho	Caso violação Brasil	
23 junho	Início saldos verão	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/saldos-de-verao-regressam-esta-quinta-feira/">https://sicnoticias.pt/pais/saldos-de-verao-regressam-esta-quinta-feira/</a>
24 junho	Exposição prazer sexual feminino	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/inaugurada-exposicao-sobre-prazer-sexual-feminino-em-oeiras/">https://sicnoticias.pt/cultura/inaugurada-exposicao-sobre-prazer-sexual-feminino-em-oeiras/</a>
27 junho	Poluição dos oceanos	<a href="https://sicnoticias.pt/especiais/oceanos/plastico-e-o-maior-poluente-dos-oceanos/">https://sicnoticias.pt/especiais/oceanos/plastico-e-o-maior-poluente-dos-oceanos/</a>
28 junho	Dia do Orgulho LGBT	<a href="https://sicnoticias.pt/mundo/28-de-junho-uma-data-que-faz-historia-ha-53-anos/">https://sicnoticias.pt/mundo/28-de-junho-uma-data-que-faz-historia-ha-53-anos/</a>
29 junho	Fim carreira Woody Allen	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/woody-allen-realizara-no-maximo-mais-dois-filmes-antes-de-se-reformar/">https://sicnoticias.pt/cultura/woody-allen-realizara-no-maximo-mais-dois-filmes-antes-de-se-reformar/</a>
1 julho	Projeto ambiental The Trash Traveler	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/viagem-sustentavel-andreas-percorreu-mais-de-2-300-quilometros-numa-bicicleta-de-lixo/">https://sicnoticias.pt/pais/viagem-sustentavel-andreas-percorreu-mais-de-2-300-quilometros-numa-bicicleta-de-lixo/</a>

## Anexo 3. Grelha de análise

VARIÁVEIS QUALITATIVAS	CATEGORIAS DAS VARIÁVEIS
<b>DIMENSÃO TEMPORAL</b>	
1. MÊS	janeiro fevereiro março abril maio junho
2. DIA DA SEMANA	Segunda-feira Terça-feira Quarta-feira Quinta-feira Sexta-feira Sábado Domingo
3. DURAÇÃO	Curta (< 2min) Média (2 – 3 min) Longa (> 3min)
<b>DIMENSÃO ESPACIAL</b>	
4. PROVENIÊNCIA	Nacional Internacional Ambas
5. ÂMBITO NACIONAL	Lisboa ou Porto Outras regiões
6. POSIÇÃO NO ALINHAMENTO	Abertura Primeira parte Segunda parte Fecho

<b>DIMENSÃO FORMAL</b>	
7. EQUIPA DO JORNALISTA	Editoria de Cultura Primeiro Jornal Jornal da Noite Correspondência nacional Edição da Manhã Edição da Noite Sky News
8. ÁREA DA REPRESENTAÇÃO	Teatro Cinema Teatro e Cinema Séries ou novelas
9. TEMÁTICA CULTURAL	Artistas/celebridades Cerimónia de entrega de prémios Estreia de um documentário Estreia de um filme Estreia de uma peça Estreia de uma série ou novela Evento cultural Exposição Festival de cinema Fim de carreira Morte de ator/atriz Outra Produção cinematográfica Sala de espetáculos
10. PROTAGONISTA	Ator/atriz Figura institucional Grupo variado de artistas Não tem Outra celebridade Público Realizador ou encenador

11. REFERE GUERRA NA UCRÂNIA	Sim Não
12. GÉNERO JORNALÍSTICO	OFF Notícia Notícia com reações Reportagem Direto Perfil Entrevista cultural Crónica
13. PRINCIPAL VALOR-NOTÍCIA	Agenda do órgão noticioso Audiovisuais Boas Notícias Celebridade Conflito Drama Elite do poder Entretenimento Exclusividade Magnitude Más Notícias Potencial de Partilha Relevância Seguimento Surpresa
14. REPETIÇÃO	Sim Não
15. PROMO	Sim Não Não há promos
16. AUTOPROMOÇÃO SIC/IMPRESA	Sim Não

## **Anexo 4. Entrevista a André Antunes**

Coordenador do Primeiro Jornal  
Paço de Arcos, 27 de setembro de 2022

### **1) Existe espaço para a Cultura durante uma guerra?**

Existe espaço. Existe *menos* espaço. Às vezes temos aquelas situações monotemáticas: a guerra é uma delas. Nos primeiros dias em que a guerra rebentou, os jornais eram exclusivamente sobre guerra. E aí não havia mais notícia nenhuma. Foi guerra, de uma ponta à outra: a guerra passada lá e o impacto que a guerra depois teria cá em Portugal. Aí caíram outros temas: caiu muito Internacional, Cultura, Sociedade. Quando há uma guerra, é normal que este assunto roube mais tempo ao alinhamento.

### **2) No entanto, o mês da guerra não foi o mês com menos peças de teatro e cinema. Foi o mês do ataque, com apenas três peças. Porquê?**

Porque eu acho que se produziu menos peças de Cultura. Nós tivemos recursos mais limitados. Não havia eventos culturais devido à pandemia. Os assuntos colaterais que se faziam sobre a Cultura era o apoio aos músicos, o apoio aos técnicos. Quanto tivemos o ataque informático, nós ficamos completamente debilitados, em todas as áreas. E a Cultura foi uma delas. Os programas da SIC Notícias já não estavam no ar, pelo que também se produziu menos coisas sobre Cultura. Ou seja, tivemos que alocar recursos para dar resposta à Informação do dia-a-dia.

### **3) E também não houve promos... O primeiro que encontrei foi no alinhamento do Primeiro Jornal de dia 17 de fevereiro de 2022. Que obstáculo técnico impediu que tivessem promos?**

Não era possível pôr promos no ar por causa da mesa de mistura. Nós estávamos a funcionar por milagre. Tivemos um ataque informático brutal, que nos debilitou muito. Tivemos de arranjar maneiras muito criativas para continuar a fazer jornais porque ficámos com a maior parte das máquinas em baixo: não tivemos meteorologia, não tivemos promos, não tivemos um monte de coisas. Portanto, essa parte técnica gráfica do jornal não existia. Não existia grafismo também. Não havia maneira de o fazer porque as

máquinas estavam todas em baixo. As promos foi um dos casos. Era uma coisa que exigia um pouco mais ao pivot: tanto está a dar uma notícia alegre, como a seguir está a dar uma notícia triste. As promos muitas vezes servem para cortar isso. As peças eram arrancadas uma a uma; à mão; não podia haver mais do que um limite de peças seguidas.

#### **4) Porque era necessário alinhar tantos diretos no noticiário?**

Tinha de se alinhar um direto para se poderem carregar mais peças. Era uma espécie de uma pausa para que a edição de imagem, que só tinha uma máquina para lançar peças. Em condições normais, é tudo lançado da régie. Mas como a régie estava paralisada, não conseguíamos arrancar peças seguidas.

#### **5) Como foi a readaptação do *modus operandi* da redação após o ataque informático?**

Durante o ataque informático fomos aprendendo. Inventámos um ENPS, o nosso sistema de alinhamentos. Pedi à Susana Rangel, que nos faz a contabilidade da SIC, para construir um alinhamento em Excel a contar os tempos. Esta ferramenta de contabilização dos tempos do jornal é crucial para a coordenação porque me ajuda a perceber se me falta jornal ou se tenho jornal a mais. Apesar do ataque informático, para nós era ponto de honra que a Informação da SIC não saía beliscada disto. E isso, da nossa parte, envolveu muitos “neurónios mortos”. Tivemos de arranjar soluções, formas de trabalhar, reorganizámo-nos, tivemos de reaprender. Muitas das pessoas mais novas que trabalham já trabalham numa das redações mais avançadas do mundo. Há pessoas que querem mudar redações nos Estados Unidos ou na Europa, que vêm à SIC ver como é que isso se faz. E tens aqui pessoas que nunca trabalharam em modelos antigos, em formas de trabalhar antigas: máquina a máquina, analógica. Mas havia pessoas, é o meu caso – que vim trabalhar para a SIC há 21 anos – que apanharam esse processo de transição. Eu ainda trabalhei num sistema analógico e digital ao mesmo tempo, no tempo das cassetes. Portanto, nós ainda tínhamos alguma agilidade para pensar em soluções criativas de colmatar o ataque, por conhecermos o cenário técnico do jornalismo de há 20 anos.

**6) E, de facto, o aparato tecnológico da redação recuou aos anos 90 com o ataque informático...**

Completamente. No dia do ataque, ligaram-me às 4 da manhã a dizer: “Tivemos um ataque informático. Tens de vir fazer o jornal”. Nós entrámos num edifício que tinha basicamente água e eletricidade. Não tinha nada: tínhamos internet. Tive de pedir a um estagiário para ir a minha casa buscar um portátil e uma impressora. Não tínhamos impressoras; não tínhamos computadores, não serviam para nada. Por isso, voltar a ter promos foi uma espécie de início do regresso à normalidade.

**7) Qual o critério de escolha editorial para fazer promos de uma peça em detrimento de outra?**

Por um lado, faço uma promo quando eu, enquanto coordenador, acho que o assunto merece ser sublinhado ou interessa ao telespetador: interessa-lhe estar a ver aquilo mais à frente. Nós trabalhamos em televisão, não nos podemos esquecer que a imagem conta. E pode ser uma imagem espetacular, extraordinária, que faz com que a pessoa olhe para a televisão e queira ver mais à frente. A promo tem esse efeito. Ou às vezes pode ter um efeito de Surpresa qualquer. E, por outro lado, voltar a ter promos era uma espécie de regresso à normalidade. Voltámos a ter um jornal normal. Acho que muitas das pessoas lá em casa nem sentiram a falta das *promos*. Mas voltar a tê-las, para nós, era importante. Foi o início do regresso à normalidade.

As promos também ajudam a quebrar os assuntos. É muito estranho passares de um furacão na Ásia para, a seguir, um jogo da seleção. É estranho; não faz ligação. As promos ajudam-te a fazer essa quebra de forma natural.

**8) E qual é o critério que usas para escolher se uma peça de Cultura, nomeadamente de teatro ou cinema, entra no Primeiro Jornal ou não?**

É raro entrarem. Vão sempre para o fim, são sempre assuntos um pouco mais ligeiros. Mas o Primeiro Jornal é muito ingrato para a Cultura – e não só, para o Desporto também. Porque o Primeiro Jornal é um organismo vivo, e tu já tiveste oportunidade de ver isso. Imagina que compras um jornal em papel. Todas as páginas daquele jornal estão impressas: tem notícias para leres, desde a primeira página até à última. No Primeiro

Jornal, isso não acontece. Quando o jornal começa, é como se tivesse páginas em branco lá pelo meio. Tu vêes isso no nosso alinhamento: às 13h estamos com o jornal no ar e, às vezes, a segunda peça não está pronta; a terceira peça não está pronta. Algumas peças estão prontas. E isso, muitas vezes, condiciona o alinhamento porque às vezes tens de o mudar para que faça sentido, sem que em casa as pessoas estranhem as transições temáticas. As peças não são postas no ar pela ordem em que estão prontas, a sequência tem de fazer sentido.

E, depois, há um fenómeno que é consequência dessa. Como o jornal não está pronto quando começa, eu muitas vezes não sei a duração das peças. Caso tenha de alinhar uma peça a meio de maior duração, isso faz com que o trabalho de outro colega que há de vir mais à frente tenha de cair. Como o jornal é esse organismo vivo que se vai construindo à medida que o tempo avança e o jornal já está no ar, o fim do jornal é sempre uma incerteza. E o que é que está sempre no fim do jornal? A Cultura, o Desporto ou assuntos um pouco mais ligeiros. Chega a acontecer termos peças de Cultura que estão alinhadas até 10 minutos do jornal acabar e, às vezes, caem. É uma inevitabilidade.

#### **9) Mas, ainda assim, o Desporto tem mais destaque do que a Cultura nos alinhamentos do Primeiro Jornal...**

Tem um pouco mais de destaque porque tem a ver com o nosso preconceito, de acharmos que o Desporto vale mais do ponto de vista noticioso do ponto de vista do público. Concluimos isso do ponto de vista das audiências: um jogo de futebol faz um resultado muito maior do que a cerimónia de entrega dos Óscares.

#### **10) Qual a razão principal que motiva o desinvestimento da Cultura no Primeiro Jornal?**

Tem a ver com o perfil do público. O público que está a ver o jornal aquela hora não é o público que, se calhar, quer ir ver uma peça de teatro.

**11) É também devido ao público que tens um sentido de jornalismo regional muito apurado? E uma noção de cultura muito mais antropológica, também.**

Sim, porque vejo o país como um país inteiro. Eu não tenho uma visão centralista do país. E, para mim, Cultura não é só uma peça de fim de jornal. Cultura são as tradições, não é apenas a Cultura clássica – a peça de teatro que estreia amanhã ou o concerto de Jorge Palma. O meu conceito de cultura é muito mais abrangente do que isso: são as nossas tradições, valores e hábitos. Às vezes valorizo muito mais ter no alinhamento a tradição das lavadeiras de uma terriola qualquer, porque isso para mim é Cultura. A riqueza do povo, essa cultura do povo, está muito presente no Primeiro Jornal.

**12) Esta noção de cultura antropológica é muito mais presente no Primeiro Jornal do que no Jornal da Noite. O que explica a discrepância temática?**

Mais presente e mais real - esse conteúdo diz mais às pessoas. Tem a ver com o perfil do público. Para além do público do Jornal da Noite ser mais cosmopolita, estamos a falar de outras classes sociais, são as pessoas mais endinheiradas que estão em casa aquela hora a ver o jornal.

**13) E qual o perfil do público-alvo do Primeiro Jornal?**

É de tudo um pouco, mas podemos dizer que são mais mulheres, do litoral. Os perfis mudam. Mas, por exemplo, não faz muito sentido eu dizer que estreou o *Cars 3*: no Primeiro Jornal não há crianças a ver. Há algumas peças que não fazem sentido, precisamente porque temos um público mais envelhecido a ver televisão à hora de almoço, que se calhar liga mais aos 50 anos de carreira de Jorge Palma do que ao concerto de reunião dos D'ZRT. O meu papel é trazer às pessoas que estão em casa de todo o país, a riqueza de todo o país.

**14) Essa representatividade nacional do Primeiro Jornal também é conseguida graças ao trabalho dos correspondentes nacionais. Como funciona a logística desta correspondência?**

Eu faço questão que os correspondentes nacionais contribuam para o alinhamento do Primeiro Jornal, porque acho que isso enriquece as próprias peças. Porque é que há de ser

um jornalista aqui de Paço de Arcos, sentado no conforto da redação, a falar sobre o aumento do preço do gás em Leiria? Pode ser um correspondente a fazer essa peça, que se calhar até terá uma visão diferente do problema. Eu exploro bastante o recurso extra do correspondente. Acho que é, de facto, uma riqueza que nós temos e que nem sempre é bem aproveitada. Tenho pena que não tenhamos mais correspondentes e que não estejam mais disponíveis às vezes.

O Primeiro Jornal também tem outra coisa que o Jornal da Noite não tem, que ajuda a esta pluralidade porque obriga à produção de mais conteúdos: não temos rubricas grandes. Isso também é bom, porque sobra mais espaço para notícias. Logo, há mais espaço para receber os trabalhos de toda a gente: daí ser também uma boa equipa para integrar os estagiários.

**15) Uma das variáveis da análise é a repetição de peças: 16% são repetidas. O que te faz ir buscar peças de teatro e cinema transmitidas em noticiários de dias anteriores?**

A cultura faz falta. Sempre que houver espaço para a cultura, deve entrar. Às vezes chego ao fim do jornal e falta-me uma peça ou duas: porque houve um direto que caiu, uma peça que falhou, há dias em que é a tempestade perfeita. E já estás numa fase do alinhamento em que já não faz sentido voltar a falar da guerra ou de assuntos de política nacional. O jornal tem dinâmica, tem altos e baixos. A menos que seja uma coisa de última hora, o final do jornal já pede temas diferentes.

**16) Por isso é que há mais *faits-divers* no Primeiro Jornal do que no Jornal da Noite? Porque os “temas mais leves” costumam ocupar o fecho do teu jornal?**

Sim. Às vezes os *faits-divers* são curiosos. Eu acho que também têm interesse noticioso. O que é que as pessoas veem muitas vezes nas redes sociais? Não são *faits-divers*? Às vezes são os temas que mais partilham e que mais as prende. Não deixam de ser notícia, ou não deixam de interessar de alguma forma a algumas pessoas.

**17) Na academia estuda-se a pressão do jornalista refém dos interesses financeiros e publicitários da empresa-mãe. A análise conclui que há alguns momentos de autopromoção nas peças de cultura, nomeadamente de produções culturais da SIC ou da OPTO.**

**Esta pressão interna é uma realidade na SIC?**

Coordeno o Primeiro Jornal há cerca de 12 anos e, felizmente, nunca recebi pressão nenhuma, fosse de quem fosse, para pôr uma peça no alinhamento. Eu ponho essas peças porque acho importante. Porque é que hás de dizer que estreia hoje no cinema o novo filme do Batman - e porque não hás de dizer que estreou uma nova minissérie portuguesa, muito bem feita, numa plataforma que é nossa? Não deixa de ser notícia. Agora, é óbvio que não vamos dizer que estreou na plataforma da TVI.

**18) Claro que não deixa de ser notícia, mas há um interesse financeiro da empresa adjacente a essa escolha editorial...**

Claro. Nós não nos podemos esquecer que somos uma empresa privada: vivemos das audiências. Vivemos das nossas fontes de receita, sejam elas quais forem. A OPTO, neste momento, é uma fonte de receita – como outra qualquer. Nós vivemos da competitividade dos nossos programas.

**19) Há uma tese de mestrado publicada em 2019 sobre as peças com maior audiência da SIC. O estudo conclui que a “Cultura é a editoria que, em média, tem maior audiência (1 milhão e 82 mil espectadores) nos jornais” (Pinto, 2019, p.47).**

**Posto isto, porque é que a necessidade de sustentabilidade financeira da SIC não fomenta o investimento nesta editoria?**

Nesta média entra o Jornal da Noite. Este dado explica-se pelo horário. A curva do Jornal da Noite é exatamente ao contrário da curva do Primeiro Jornal. O PJ tem uma primeira parte sempre muito boa e uma segunda parte sempre a descer. Tem a ver com a erosão do público e com a aproximação da programação da tarde da SIC. O início do Primeiro Jornal é também a hora de almoço: as pessoas que foram almoçar a casa veem as notícias e logo a seguir voltam ao trabalho. Os primeiros 40 minutos do jornal são sempre altamente vistos. Temos quase um milhão de espetadores, muitas vezes – estamos a competir com

o *prime time*. À noite, as peças de cultura estão sempre a fechar o jornal. É quando é o pico da audiência: o jornal está no fim e as pessoas estão à espera da novela.

**20) Portanto, para ti não está relacionado com o conteúdo cultural da peça em si?**

Não, e posso dizer-te: trabalhei no Jornal da Noite para aí em 2007-2008. Fizeram-se testes nos alinhamentos, em que as peças de cultura às vezes entravam a seguir ao intervalo. Não faziam bem às audiências.

Há assuntos que eu tenho obrigatoriamente de dar, mas que nem sempre são bons para o nível da audiência. O futebol não é algo que faça particularmente bem às audiências do Primeiro Jornal. No entanto, eu tenho de dar e alinho sempre a notícia de desporto onde faz menos massa às audiências. Por exemplo, a notícia “Seleção joga hoje” – tenho de a dar. Hoje tenho de dar a Antevisão do jogo porque só faz sentido dá-la hoje. E amanhã dou o Resumo do jogo pelo mesmo motivo. Já as peças de Cultura nem sempre têm esta obrigatoriedade temporal: logo, caem mais facilmente do alinhamento. Posso passá-las amanhã.

A Cultura também é alinhada no fecho do jornal porque é um tema mais leve e já é onde as pessoas estão habituadas a vê-las. A menos que seja algo de maior magnitude, por exemplo, “Will Smith deu bofetada a Chris Rock nos Óscares”. Também já abrimos jornais com Cultura. E vamos fazê-lo sempre que se justificar necessário, por exemplo, imagina que um filme português ganha um Óscar.

**21) Esse caso do estalo de Will Smith demonstra o desinvestimento na crítica cultural, um dos géneros de excelência do jornalismo cultural. A agressão ofuscou a discussão jornalística que devia haver sobre as premiações. Porque é que o jornalismo segue esta tendência?**

É verdade. Mas no Primeiro Jornal não ofuscou, também noticiámos as premiações. E a magnitude da bofetada repercutiu-se pelo mundo inteiro. Não foi só aqui. Porque é uma coisa completamente insólita e tu não podes naturalizar a violência. Insistires nisso é uma forma de não compactuares com isso. Uma figura pública não pode não aceitar que façam uma piada sobre ele: essa sua exposição coloca-o nessa situação. E as pessoas não sabem distinguir, o Will Smith inclusive, o que é um ataque pessoal frontal a uma piada. Há

muita gente hoje em dia que se esquece disso: as redes sociais, por exemplo, estão cheias disso com a *cancel culture* mais intensa do que nunca. Nos estádios de futebol, também assistes à normalização da violência. Isto é algo inédito, nunca aconteceu na história dos Óscares: uma pessoa levantar-se do público e dar uma bofetada ao apresentador. Isto é notícia no mundo inteiro.

## **22) O caso de tribunal do Johnny Depp, por exemplo, também foi objeto jornalístico em oito peças do Primeiro Jornal.**

Foi um assunto que apaixonou a opinião pública, porque tinhas o público dividido. Houve milhões de pessoas na América e no mundo inteiro a seguir aquele caso. É um assunto que interessava. E nós temos esse papel e obrigação: se há aqui um assunto que interessa às pessoas, eu tenho de lhe dar representatividade. Eu não faço o jornal que eu gostava de ver. Se fosse o jornal que eu gostava de ver, acredita que era outra coisa completamente diferente. Eu tenho de me pôr no lugar do telespetador. Tenho de me imaginar no sofá da casa da “Dona Amélia” a ver o jornal que ela gostaria de ver. Tenho de fazer o jornal para toda a gente.

## **23) E como se faz esse “jornal para toda a gente” perante um público massificado?**

Às vezes chegas lá por intuição, outras vezes cometes erros – e depois arrependes-te no dia a seguir, quando vais ver as audiências. Outras vezes tens um *gut feeling* e pensas: “Vou pegar nesta história porque acho que isto vende”. Em último caso, qual é o meu negócio para além do jornalismo e das notícias? Eu tenho de ter resultados. Há uma frase do Doutor Balsemão que ouvi num encontro de quadros, e que acho que tem toda a razão: “Nós somos um canal privado, vivemos das audiências. Vivemos do lucro gerado graças aos resultados. A única forma que temos de nos manter livres e independentes é darmos lucro. No dia em que deixarmos de dar lucros e tivermos de pedir dinheiro a um banco, a uma instituição financeira, deixamos de ser livres”. Acho que ele tem toda a razão. Às vezes quando faço o alinhamento do jornal, tomo decisões questionáveis, mas que são também em função da competitividade do jornal. Felizmente, na maior parte das vezes estou certo, porque somos líderes há não sei quantos anos. Por exemplo, ainda hoje fizemos uma abertura que era muito pouco óbvia. Fomos ver as taxas Euribor e pegámos naquilo. Mais ninguém pegou naquilo, mas eu acho que é um assunto que é hoje realmente

importante para as pessoas. E se calhar é uma abertura de jornal pouco convencional, mas temos essa liberdade, essa margem.

**24) Estes dois casos do Johnny Depp e do Will Smith estão presentes em vários alinhamentos. Isto comprova que muitas vezes o que “mais vende” na cultura é o culto à celebridade? Onde fica a discussão cultural em torno de um filme ou de uma peça de teatro?**

Tens razão. Mas, ao mesmo tempo, hoje em dia tens tantas formas de obter essa informação... Tu tens um gosto em particular pelas artes e cultura; eu dei-te algumas peças porque percebi que tu gostavas dessa temática. Eu se quiser ver um filme dissecado até ao fim, provavelmente vou ao youtube. Vejo palestras com os realizadores, conferências, vídeos de comentário. Nas notícias não vais ter uma discussão com essa profundidade que tu, que tens interesse sobre a matéria, quererias.

## **Anexo 5. Entrevista a Catarina Neves**

Jornalista e realizadora de documentários sobre teatro

Mestre em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Paço de Arcos, 28 de setembro de 2022

### **1) Na tua opinião, porque não se investe mais na cobertura jornalística do teatro em Portugal? E na SIC, em particular?**

Porque há uma necessidade muito grande de vender um produto. Porque se acredita que é mais fácil vender esse produto, dando conteúdos de Sociedade, alguma coisa de Política, alguma coisa de Justiça. Porque há o preconceito, que começa nos jornalistas, de que a cultura é tendencialmente elitista. E que, portanto, só o que é Hollywood, novelas ou séries com atores muito conhecidos é que o público quer ver. E, na minha opinião, se há menos consumo, isso resulta mais da forma como as reportagens são feitas e não tanto do consumo que motiva as reportagens. Ao jornalista cabe descodificar, ser eficaz na transmissão da mensagem. E isso é tão complexo quando analisas o Orçamento do Estado, como quando analisas uma peça de Shakespeare ou de Beckett.

### **2) E como se torna o teatro cativante para o público?**

Mas “cativante” não é mau, atenção. É algo que deves tentar fazer, e fazer bem. Não minorizas o conteúdo quando o tornas cativante, pelo contrário.

### **3) E isso é conseguido na cobertura de teatro feita pela SIC?**

Faz-se muito pouca cobertura. Mas acho que se tenta... E alguns casos consegue-se, outros não. Isso teria de analisar peça a peça, depende um pouco dos produtos que estão a ser analisados e da mestria do jornalista naquele momento.

E faz-se pouca cobertura porque primeiro é preciso “encher a barriga”. Ter um teto, transportarmo-nos para o trabalho – e ter trabalho. E depois, a seguir, a cultura entra. A sociedade está montada assim. E porque a maioria de nós, e os jornalistas são pedras basilarnisto, somos preconceituosos e barramo-nos à partida. Nós não abrimos espaço para o teatro, e é muito triste que o jornalista faça isso. Aliás, no cinema documental também

acontece isso. Se olhares para fenómenos como o DocLisboa<sup>63</sup>, tu entendes, ano a ano, as tendências: agora é a comunidade LGBTQ+, há 4 anos era os refugiados. Nós somos assim, funcionamos por gavetas. Sendo que, no jornalismo, há temas transversais ano após ano: o emprego, a eletricidade... Os refugiados caíram.

**4) Há uma tese de mestrado publicada em 2019 sobre as peças com maior audiência da SIC. O estudo conclui que a “Cultura é a editoria que, em média, tem maior audiência (1 milhão e 82 mil espectadores) nos jornais” (Pinto, 2019, p.47).**

**Posto isto, porque é que a necessidade de sustentabilidade financeira da SIC não fomenta o investimento nesta editoria?**

Para mim, não se investe mais porque há preconceito. O jornalista era uma figura da cultura, um grande leitor, um grande consumidor de cultura, muito respeitado na sociedade, ganhava relativamente bem, distinguia-se. Isto nos anos 30, 40, 50, 60.

Dá-se o 25 de abril: a política assume um papel fundamental nos órgãos de comunicação social portugueses. Os jornalistas são altamente ativos. Se nós analisarmos alguns momentos muito quentes do pós-25 de abril da RTP, até ficamos em choque pela forma como o jornalista se envolvia. Hoje, estamos num momento de precariedade total com jornalistas a ganharem 700, 800 euros. Onde é que têm dinheiro para comprar um livro ou para irem todas as semanas ao teatro?

**5) O teatro ainda é uma arte do espetáculo capaz de gerar lucro, perante este cenário de precariedade salarial em várias profissões no nosso país?**

Gerar lucro sempre foi importante. Nos anos 30, só o Teatro Nacional Dona Maria II é que tinha apoio do Estado. O problema da cultura se massificar simplesmente para gerar dinheiro, é a cedência aos que é muito pobre em termos de qualidade. Mas a DGArtes distribui dinheiro pelas companhias de teatro em Portugal, e por isso é que os agentes da cultura pedem 1% no Orçamento do Estado. Este apoio é para que as companhias de teatro tenham um bocadinho mais de margem, um pouco mais de folga financeira para a criação. Mas também, e isto é um dado super interessante e raras vezes referido, para que tu, enquanto espectadora, só pagues 10 euros. Quanto é que tu pagas por um bilhete para

---

<sup>63</sup> A 20ª edição do festival internacional de cinema DocLisboa decorreu de 6 a 16 de outubro de 2022.

ver a Madonna ao vivo? 80 euros... talvez mais. Tu pagarias 80 euros para ver uma peça de teatro? Se fosse a custo de produção, se calhar sim. Mas isto não acontece. O Estado, desde que tu – enquanto companhia ou criador isolado – proves que tens um projeto artístico minimamente sólido, e que vais cumprir as tuas obrigações, dá-te algum dinheiro para tu criares. É para o público pague um bocadinho menos, para que todas as companhias possam fazer o Dia do Espectador, umas à quinta, outras à quarta, onde os bilhetes são 5 euros.

E há quem vá ao teatro, não há desinteresse por parte do público. As salas de Lisboa estão a abarrotar. O Meridional, o Teatro Nacional, a Comuna, o Teatro Aberto... estão cheios. Se ainda por cima se chega à conclusão que as peças jornalísticas de Cultura, mesmo com a fragilidade que às vezes têm a vários níveis, conseguem fazer picos de audiência... Eu acho que é preconceito de quem coordena.

**6) Quando se trabalha tópicos de cinema e teatro, o que tende a ser destacado e porquê? São mais valorizados os realizadores, os atores, produtores, etc.?**

No cinema, aqui praticamente só se trabalha cinema americano. Mesmo o português, é preciso que haja alguma ligação à SIC: ao leque de atores associados ao canal, aos Globos de Ouro, à OPTO. Se for cinema, são claramente os atores. A não ser que o realizador seja o Spielberg ou o Francis Ford Coppola: há uns quatro ou cinco realizadores que têm esse destaque. Tu não podes ir fazer a cobertura de um filme ou de uma peça de teatro e não falar nos atores e no encenador ou realizador. Vais falar no iluminador, no cenógrafo? Quer dizer, se for o José Pedro Castanheira, se calhar pões o cenógrafo na peça...

**7) Podia falar-se também no iluminador ou no cenógrafo, mas não se dá destaque à máquina humana que monta uma peça de teatro. Os atores e encenadores são os únicos protagonistas. Porquê?**

Porque as peças de jornalismo cultural que pões no ar têm 1 minuto e meio... E nesse tempo, não consegues dar esse destaque. A não ser que seja algo muito específico. Por exemplo, essa peça que tens na tua análise sobre Teatro Futebol d'O Bando. Se eu fosse fazer uma peça jornalística sobre o Teatro O Bando, muito provavelmente daria atenção à máquina de cena, porque é algo deslumbrante. Essa peça foi feita porque é futebol: pronto, é um critério de seleção. Mas O Bando tem coisas inacreditáveis! Vivem na

Margem Sul, em Palmela, têm uma horta: os atores cultivam a horta durante o dia, ensaiam à tarde e vão fazer a peça à noite. Vivem lá, ficam em residência. Fazem coisas incríveis, têm sempre máquinas de cena que o próprio encenador constrói, o João Brites. Nunca têm textos dramáticos, são sempre textos que ele adapta. E cobrimos muito pouco das produções d'O Bando aqui na SIC...

**8) Na tua atividade de jornalista, com que dificuldades te deparas na cobertura do teatro?**

A maior dificuldade para mim, como jornalista na SIC a trabalhar temas de cultura, é conseguir convencer os coordenadores a colocar essas peças nos alinhamentos. Sinto que qualquer coisa que eu diga aqui que envolva a palavra “teatro”, fogem. Se queres fazer alguma coisa ligada ao teatro, é uma carga de trabalhos, não aceitam. Basta dizeres que tem a ver com o teatro, é muito complicado. Eu fiz uma Reportagem Especial há 3 anos sobre teatro que correu muito bem em termos de audiência - foi a minha safá! - com o Luís Marçal a coordenar. Era sobre a companhia de teatro Terra Amarela, que faz inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência. Fiz aquilo que faço nos documentários, mas para televisão, uma versão mais leve. A reportagem correu muito bem, mas já acabou o *plafon* para teatro. Já chega, não querem mais.

## **Anexo 6. Entrevista a Graça Costa Pereira**

Editora de Cultura

Paço de Arcos, 27 de setembro de 2022

### **1) Porque existe um desinvestimento generalizado da reportagem nas peças de cultura?**

Não é necessariamente verdade que a falta de reportagem de cultura no Primeiro Jornal seja uma decisão editorial. É até às vezes uma questão de horário. A manhã reage muito às notícias daquela noite e daquela manhã. Portanto, o Primeiro Jornal é muitas vezes o reflexo do que vem dessa manhã. E por isso encontramos aqui muitas peças dos prémios, de coisas mais internacionais porque os Estados Unidos funcionam tardiamente e, portanto, reagimos na manhã seguinte. Por isso, tem às vezes mais a ver com o horário em si e com a disponibilidade e as imagens que nos são disponibilizadas e os serviços que são marcados do que com uma opção editorial. Por exemplo, não há ensaios de teatro durante a manhã. Os ensaios são sempre ao fim da tarde. No caso do cinema, é raro haver um *junket* – as entrevistas com os atores – que aconteçam durante a manhã. Pode acontecer que muitas peças estreiem mais tarde: as tais de reportagem, estreiam mais tarde e depois já não rodam até à manhã porque, entretanto, já fizeram um ciclo noticioso suficiente. Muitas peças que estão no Primeiro Jornal não têm cabimento no resto do dia a partir do final da tarde ou Jornal da Noite, porque o ciclo noticioso está a virar. Assim como pode haver peças de reportagem no Jornal da Noite que não vais encontrar a partir das 11 da manhã na SIC Notícias ou no Primeiro Jornal da SIC.

### **2) Assim sendo, o que explica a repetição de 14 peças no Primeiro Jornal vindas de outros noticiários?**

O que cada um de nós evita são repetições. Parte-se do princípio de que as pessoas que estão a ver a SIC Notícias às sete da manhã não serão as mesmas da uma da tarde. O que pode acontecer é que os telespetadores do Primeiro Jornal sejam os mesmos do Jornal da Noite. Mais ainda, uma peça do Jornal da Noite roda depois durante o resto da noite na SIC Notícias e toda a manhã do dia seguinte. Portanto, o Primeiro Jornal pretende fazer um *refresh*. No Jornal da Noite, não há nenhuma peça que venha do Primeiro Jornal. Às vezes, dá-se a volta a alguns temas que vêm do PJ, mas nunca é a mesma peça. Pretende-

se que haja um acrescentar da informação e, quando isso não é possível porque a informação está toda dada, conta-se a história de forma diferente para que as pessoas não pensem que estão sempre a ver a mesma coisa.

### **3) Existe espaço para a Cultura durante um ciberataque e uma guerra?**

Vamos começar pelo ataque informático, porque foi isso que parou a Cultura. A pandemia já tinha sido um problema para a Cultura, porque não havia nada para dizer, para contar, a não ser a parte das desgraças. Isto passou a ser monotemático, e durante esse período todo, a editoria adaptou-se ao novo esquema que dividiu a redação em dois grupos até meados de junho: um vinha trabalhar sete dias e folgava nos próximos sete; e o outro vice-versa. Assim, os dois grupos intercalavam de forma a garantir que não se cruzavam um com o outro. Nós ficámos a fazer um programa semanal, o Cartaz, que existia na sua versão semanal que dava ao fim-de-semana, e as notícias do dia com uma equipa que se dividia intercalada em sete dias. Como a editoria se adaptou a este esquema, não fazia sentido haver uma editora *tout court* – eu passei a acumular esse cargo com a coordenação da Edição da Tarde da SIC Notícias. A Sílvia foi para casa fazer apenas Internacional: na altura, covid em França; covid em Israel; etc. O resto da editoria de três pessoas (mais tarde quatro, com a entrada da Mariana) cá ficou, organizada nesta divisão da redação.

Ao fim-de-semana, tínhamos o programa “Cartaz” de 10 minutos muito focado nas alternativas que a cultura estava a dar em tempos de pandemia. Essa foi a altura em que nós deixámos de ter o programa diário, por causa da pandemia. Quando veio o ataque informático, nós perdemos todas as capacidades técnicas e todos os nossos meios técnicos tinham de ser aplicados ao essencial. E o essencial não passa por um concerto ou uma peça de teatro – até porque os eventos culturais ainda estavam a regressar muito lentamente. Na verdade, esses meses mais complicados devido ao ataque informático, também foram meses de regresso calmo e progressivo da área da cultura no geral. E quando nós íamos retomar um plano mais estratégico de voltarmos a ter o “Cartaz” com maior regularidade na antena, chegou a guerra. Isto passou a ser monotemático e as prioridades foram todas alteradas.

A editoria de Cultura na SIC tem dois fundamentos: fazer as peças diárias para alimentar a antena e assegurar a responsabilidade de manter um programa diário ou semanal na SIC Notícias: o “Cartaz”, que é a nossa imagem de marca, e que existe desde 2003. É até

anterior à editoria, formada em 2005. Fruto do ataque informático e da guerra, a equipa ficou reduzida a quatro pessoas com a saída da Iryna, que passou a cobrir apenas o conflito. Enquanto estivermos neste cenário, ela não virá para a Cultura, porque faz falta no outro lugar. A tua análise não inclui a cobertura da música e a época dos festivais de verão, que é sempre uma altura mais rica para a presença de Cultura na antena – daí que também não encontres tantas peças feitas pela editoria.

#### **4) E durante a guerra, qual o espaço dedicado à Cultura?**

De facto, a cultura perdeu espaço durante este período. Se a guerra ou o ataque tivessem acontecido em janeiro de 2020, talvez o espaço perdido não tivesse sido tanto. Vindo na sequência de uma pandemia e de praticamente 1 ano e meio sem conteúdos habituais, foi mais difícil. E agora o nosso ponto de partida tem sido: como é que se recupera outra vez a Cultura na antena?

#### **5) Há uma tese de mestrado publicada em 2019 sobre as peças com maior audiência da SIC. O estudo conclui que a “Cultura é a editoria que, em média, tem maior audiência (1 milhão e 82 mil espectadores) nos jornais” (Pinto, 2019, p.47).**

#### **Posto isto, porque é que a necessidade de sustentabilidade financeira da SIC não fomenta o investimento nesta editoria?**

Porque é relativo que as audiências se centrem no conteúdo exato e não naquela faixa horária. Eu defendo sempre que é por causa do conteúdo, porque sou parte interessada. Mas não é necessariamente verdade que seja só isso. Acontece muitas vezes, por exemplo, a concorrência já ter terminado o seu jornal ou as pessoas já estarem à espera da programação que vem a seguir. Obviamente ajuda teres um conteúdo a seguir que as pessoas queiram ver... Eu analisei, este ano, o trabalho em termos de audiências que nós fizemos nos festivais, e nós tivemos sempre momentos de liderança e momentos em que as audiências subiram. Portanto, claramente havia interesse por parte do público de verem coisas que as retiram um pouco dos seus problemas.

**6) Consideras que as peças de Cultura também têm esse efeito de catarse para o telespetador?**

Agora vamos entrar num momento de crise outra vez. As pessoas vão estar muito preocupadas com as suas contas e as suas finanças. Provavelmente, vão voltar a querer, de quando em quando, encontrar escapes. E a Cultura, muitas vezes, é um escape. É um escape que às vezes até custa mais dinheiro do que as pessoas possam gastar. Mas a verdade é que os eventos culturais voltaram em força, muitos deles cheios: houve uma procura imensa e uma oferta imensa nos últimos meses. Este período que tu analisaste é um período em que a oferta era bastante mais reduzida. Agora estamos outra fase a entrar numa fase em que o difícil é escolher o que vamos cobrir durante a semana: tanto nas principais cidades, como em sítios fora de Lisboa/Porto.

**7) De que forma é que essa escassez de oferta durante a pandemia se repercutiu na cobertura do teatro e cinema?**

Em relação ao cinema, houve muita coisa que teve de parar. Alguns estúdios tentaram adaptar-se durante a pandemia, mas a produção cinematográfica reduziu imenso. As coisas atrasaram. Houve muitas coisas a acontecer que estavam para estrear em 2020/2021 que foram chutadas para a frente. Nós temos aqui um ou dois casos de filmes que já tinham sido anunciados, mas que ainda não estrearam. Os processos foram todos atrasados nestas áreas e a diferença no número de produções que estrearam em Portugal foi abissal, comparado com 2019. Agora, começamos outra vez em crescendo. Eu tenho por princípio fazer sempre as estreias portuguesas: podes não tê-las encontrado no Primeiro Jornal, porque muitas vezes elas vão parar ao Jornal da Noite. Lá está, porque as coisas acontecem à tarde.

**8) A análise conclui que as peças de cultura são maioritariamente puxadas para a segunda parte ou para o fim do jornal. O que explica esta tendência de posição no alinhamento?**

O final do jornal não é “o que resta” do jornal. É apenas por uma questão de alinhamento natural: se comprares um jornal em papel, a cultura também está nas últimas páginas. Não significa que seja o último reduto, de todo. Muitas vezes, o final do jornal é um *boost* para o que aí vem. Não é maltratar a Cultura nesse sentido. O problema de a Cultura ficar para

o final do jornal não é por uma questão pejorativa, ou de discriminação pelas peças de cultura. É apenas pela opção de escolher o que é que vai cair, caso haja algum imprevisto os tempos do jornal. E o que cai, é o final.

**9) Mas na altura do coordenador decidir o que cai, mais facilmente cai a peça de Cultura do que a de Desporto. Porquê?**

Porque, muitas vezes, um filme ou uma peça de teatro podes ver amanhã se não vires hoje – o conteúdo não perde a atualidade. E o jogo de futebol acontece hoje, portanto a peça de antevisão tem de entrar hoje. A explicação às vezes é uma coisa muito simples, de logística e prática. A SIC tem uma coisa muito boa, que é a de manter uma editoria de Cultura a todo o custo. Mas eu nem sempre tenho cá a equipa toda, por questões de logística. É óbvio que há aí uma parte de decisão editorial e muito independente: os coordenadores são livres de poder escolher o que querem pôr nos seus jornais. Mas eu vejo que nem sempre consigo pôr Cultura nos jornais que eu coordeno: se eu não consigo fazer isso, compreendo perfeitamente que os outros não o consigam.

**10) No dia 1 de maio, foste tu a coordenar o Primeiro Jornal. Nesse dia, o alinhamento teve 4 peças e 4 promos de cultura. Como editora de Cultura e simultaneamente coordenadora, que estratégias adotas para trazer mais representatividade da tua editoria para os jornais que coordenas?**

Quando coordeno ao fim-de-semana, esses dias são mais apetecíveis para essas áreas. Eu tento sempre que o Primeiro Jornal tenha peças de cultura. Mas também sei que, se surgir um tema de Última Hora, a primeira coisa que vai cair é aquela peça. O que tento às vezes tento fazer como coordenadora é: decido que há uma peça, pelo menos uma, que não vai cair, dê por onde der. E organizo tudo para trás a pensar naquela peça de cultura que não vai cair. Mas isto não é fácil, e eu às vezes também não consigo.

Eu tenho duas coisas presentes: por um lado, a necessidade de ter esse conteúdo no ar; por outro, a necessidade de manter uma equipa motivada e a saber que o seu trabalho não é descartado todos os dias. Todos os jornalistas se queixam quando a sua peça não entra. Sobretudo nos jornais generalistas, na SIC Notícias já nem tanto. A Cultura está habituada a que isto aconteça. E não significa que as peças não sejam piores que as outras, são só aquelas que já não couberam por uma razão qualquer.

**11) A análise conclui que a maioria das peças são de proveniência Internacional: 52% do total. Porque são, no entanto, quase todas produções anglo-saxónicas?**

É uma questão absolutamente prática: tem a ver com o material que nos é disponibilizado pelas agências de notícias como a Reuters e a AP. É a partir do que nós recebemos e ao qual temos acesso, que nós conseguimos trabalhar. Às vezes até têm muita coisa, sobretudo asiática, mas é tudo à base de: “Filme com o Tom Hanks que estreou em Pequim”. É tudo neste ângulo. Se já demos a notícia da estreia em Los Angeles, não vale a pena irmos dar a notícia da estreia em Pequim, a menos que tenha alguma coisa diferenciadora. Se deres uma vista de olhos pelas agências e olhares para os vídeos de entretenimento, vês que a maior parte das coisas está focada nos Estados Unidos e Inglaterra.

Eu não gosto de pensar que sei o que as pessoas querem ver. Acho que têm o direito de dizer o que querem ver e de o escolher. Há muita coisa que vai para o ar que eu não quereria ver, que não é do meu interesse pessoal. E, no entanto, nós tentamos ser abrangentes. Enquanto jornalistas e coordenadores, é essencial termos a consciência de que isto não é para nós – isto é para o público.

**12) Sobre o género jornalístico das peças de cultura, porque é que não vemos reportagem ou crítica cultural?**

Se as nossas peças com 2 minutos nem sempre entram, imagina se tivessem mais do que isso. Toda a gente na equipa já tem esse foco, esse limite na duração. Se bem que já é muito difícil fazer peças curtas nas áreas culturais do cinema ou da música, por causa das respirações. Como é que tu mostras às pessoas aquilo sobre o qual estás a falar? Faz sentido mostrar-lhes um pedaço do que pode ser visto ou ouvido.

Há aqui um outro elemento em relação ao teatro e, sobretudo, ao cinema: aquilo que nos é permitido filmar. No cinema, muitos poucos filmes nos dão a oportunidade de irmos fazer essa tal reportagem. A coisa chega-nos já concluída: “Temos entrevista com o realizador e três atores de um certo filme; agora tomem lá estas imagens”. Isto não cria oportunidade de reportagem. Às vezes não consigo fazer a cobertura porque não têm mais material: muitas vezes só têm o trailer, com 1 minuto e meio, cuja maior parte é uma espécie de genérico. Há esta dificuldade, às vezes, de termos acesso a esse material extra.

Já no caso do teatro, os ensaios corridos não funcionam. Têm de ter um trabalho extra, que é fazer cenas repetidas. Nenhuma companhia quer fazer mais do que duas cenas repetidas, porque dá trabalho, porque os atores já estão cansados, porque nesse dia também têm de fazer um ensaio corrido. Portanto, nós vamos trabalhar com material limitado. E, com tudo isto, tens de construir a tua peça. Há coisas que são bastante importantes, mas não tens como contá-las melhor: porque não tens esse material.

### **13) A raridade de Grande Reportagem ou Reportagem Especial nas áreas do teatro e cinema também se justifica por essa falta de material?**

Não. Aí é porque, para teres uma Grande Reportagem, tens de ter um tema de grande magnitude. A última Grande Reportagem sobre cultura foi a do impacto da pandemia.

### **14) Então e reportagem, o mergulho numa realidade? Não estas notícias com reações que passam no ar todos os dias?**

Isso requer disponibilidade da nossa parte, o que não tem havido. É uma questão de pensares no investimento que isso implica; quanto tempo é que implica. Quantos dias vais ao sítio para depois pôr uma peça de 2 minutos no ar, porque não há espaço na antena? Não compensa. É um círculo vicioso.

E há outra questão, relacionada com a crítica que perguntaste há pouco. Porque é que termos o “Cartaz” era tão importante? Porque nos permite ter o que é fora do *mainstream*. Quando tu estás a trabalhar para os jornais generalistas, naturalmente que a tendência é oferecer aquilo que o jornal generalista te pede. E isso passa, por exemplo, por convencer o coordenador. Se eu for ter com o coordenador com uma ideia de uma peça sobre algo que ele nunca ouviu falar, ele vai torcer o nariz. E eu sei que, a determinada altura, essa é a peça que vai cair. E para que é que servia o “Cartaz”? Para esses projetos que acabaram por não passar, coisas mais pequenas, coisas mais experimentais, grupos artísticas que surgem.

**15) O Primeiro Jornal transmitiu 27 peças exclusivamente sobre teatro, equivale a apenas 30% do total dos seis meses de análise. Porque é que há pouca representatividade jornalística atribuída ao teatro?**

Eu sei que é difícil pôr teatro na antena generalista. Mas também tens de pensar que ela também é a visibilidade que tem em termos de público. O teatro também foi muito penalizado por este regresso lento pós-pandemia; começou a avolumar-se em meados de março ou abril. É difícil pôr teatro na antena por estas razões que te disse anteriormente: pela questão dos ensaios das companhias, pelo que nos é disponibilizado pelas agências, pelo tempo útil que temos para fazer as peças. E outra coisa muito importante: a duração das peças em cena. Há companhias e salas de espetáculos onde os espetáculos estão em cena durante dois, três dias. E é um risco para nós: se não a conseguirmos pôr no determinado dia, depois já não vale a pena transmiti-la e é trabalho deitado para o lixo. Há muitos casos em que não é possível dar uma longevidade ao tema. De 24 de fevereiro até abril, na verdade não tens praticamente temas nenhuns “extra-guerra”. E, portanto, o que nós tentámos fazer na cultura – tal como fizemos na pandemia – é adaptarmo-nos às circunstâncias.

**16) Daí a omnipresença temática da guerra nas peças de Cultura?**

Sim. É a única maneira de garantir que têm interesse na antena. Se não podes vencê-los, junta-te a eles: é um bocadinho esse critério. Se eu tenho uma janela de oportunidade muito pequena para pôr uma coisa no ar e sei que é mais provável que entre o tema da guerra, então farei essas peças. Os outros temas não entrariam, e seria trabalho deitado à rua.

**17) Essa escolha editorial era motivada por *guidelines* impostas pela Direção?**

Não, é uma decisão totalmente minha. Felizmente, nós temos uma grande liberdade de escolha editorial e de forma de trabalhar. Agora, cabe-nos também responder àquilo que a antena nos pede.

**18) Na academia estuda-se a pressão do jornalista refém dos interesses financeiros e publicitários da empresa-mãe. A análise conclui que há alguns momentos de autopromoção nas peças de cultura, nomeadamente de produções culturais da SIC ou da OPTO. Esta pressão interna é uma realidade na SIC?**

Temos de perceber que isso é necessário. Nós somos uma televisão privada e, por isso, temos de ser autossustentáveis. Não tenhamos ilusões: temos de fazer *cross-promotion*. Se a SIC tem envolvimento e investimento numa plataforma *streaming* como a OPTO ou novelas com atores que nós reconhecemos de outras produções culturais, e se isso for uma maneira de cruzar a cultura com aquilo que nós somos convidados a fazer, não há problema. Claro que eu percebo o que queres dizer em relação à editoria de Cultura ser ou não refém desta pressão. Não há, em nenhum momento, nenhuma obrigatoriedade de cobrirmos esses temas ou nenhuma penalização caso não o fizermos. Há uma tendência para “Isto deveria ser feito, era bom que fosse feito”. O que é que a mim me interessa? Que, ao cobrirmos a novela da SIC ou a série da OPTO, tenha qualidade maior, que seja feito de forma construtiva, não numa abordagem comercial do género “Já a seguir, não perca na SIC!”. Boa parte dos atores em Portugal trabalha nas novelas, e é uma profissão que faz parte da cultura portuguesa. Nós também não podemos ser altamente elitistas. É o que eu dizia há pouco: não tem de ser um jornal para mim ou para o coordenador. Se as novelas são os programas mais vistos em Portugal – juntamente com as notícias, felizmente – então porque é que havemos de achar que não vale a pena fazer uma peça sobre uma novela?

**19) Claro que é jornalisticamente relevante fazer a peça sobre a novela, mas a SIC nunca faria uma peça sobre a novela da TVI por ser a mais vista no país...**

Obviamente, e vice-versa. Também não tens na Disney+ um anúncio da melhor série de animação da HBO...

**20) Sim, mas porque as plataformas *streaming* são entretenimento financiado pela publicidade. O jornalismo, a Informação, é um serviço.**

Claro, mas isso nem é uma questão. Não faz sentido, não passa pela cabeça de ninguém. A menos que fosse, imagina, um prémio extraordinário recebido pela novela da TVI – algo que fosse incontornável. Mas não há coisas dessas incontornáveis. Além disso, por

exemplo, no caso dos filmes portugueses, todos têm chancela RTP. Todos têm apoio do canal público e nós fazemos porque entendemos que é um apoio institucional, é outro nível.

**21) Os interesses financeiros e publicitários da empresa-mãe não se sobrepõem ao serviço jornalístico da SIC, precisamente a editoria de Cultura?**

Não se sobrepõem, acompanham-se. Não podemos ser ingénuos: para que continuemos a fazer jornalismo de forma independente, precisamos de depender apenas de nós próprios.

**22) A transmissão das peças com tendências de autopromoção influencia a credibilidade jornalística da SIC?**

É a velha questão da *cross-promotion* de que falávamos há pouco. Se nós temos um produto, que é um jornal, que ainda para mais é um jornal alargado que nos permite falar de um outro produto – porque não? Nós também temos, muitas vezes, os nossos jornalistas entrevistados nos programas da manhã ou da tarde. Enfim, é normal que haja cruzamento de informação entre as várias plataformas do canal.

Por exemplo, a peça sobre a entrevista de Eunice Muñoz no Alta Definição, transmitida no dia da morte da atriz. O programa faz entrevistas a inúmeros atores e personalidade das artes da representação. Isto também é material jornalístico: há ali respostas e intervenções que nós não teríamos de outra forma porque não temos esse tempo na rotina jornalística. A mesma coisa com a peça que fechou o noticiário desse dia, a propósito do Globo de Carreira atribuído a Eunice<sup>64</sup>. É normalmente uma coisa trabalhada, com imagens, fotografias, uma história, que tende para o perfil, uma homenagem. É bom que seja possível recuperar esses conteúdos noutras circunstâncias. É uma forma de prestar homenagem, de enaltecer a memória dos artistas e de lembrar as pessoas dos seus feitos artísticos.

---

<sup>64</sup> Eunice Muñoz foi distinguida com o Globo de Ouro Mérito e Excelência na cerimónia dos Globos de Ouro de 2008.

## Anexo 7. Entrevista a Iryna Shev

Jornalista luso-ucraniana e enviada especial para a Ucrânia

Paço de Arcos, 28 de setembro de 2022

### 1) Na minha análise dos alinhamentos, este foi o teu primeiro direto que registei em Kyiv, a 7 de fevereiro.

Peça Situação Ucrânia PJ 7.02 - João Assunção

O presidente francês acredita que ainda é possível um acordo internacional para evitar a guerra na Ucrânia. Emmanuel Macron está hoje de visita a Moscovo para mediar o conflito e tentar travar a tensão cada vez mais perigosa.

{segue clip}

<

-- DIRETO Kiev - Iryna Shev

Em direto de Kiev temos os enviados especiais da SIC, Iryna Shev e Rui do Ó. Iryna, os ucranianos acreditam numa solução diplomática?

{segue clip}

<

Pivots de lançamento de 7 de fevereiro de 2022  
Primeiro Jornal da SIC

### Há quantos dias estavas no terreno a cobrir a tensão política que antecedeu a Guerra? E em que outras regiões da Ucrânia estiveste depois?

Eu saí de Portugal no dia 2 de fevereiro. Fui para Kyiv<sup>65</sup>; segui de lá para Kharkiv onde deveria ter ficado. Mas fiquei doente com covid em Kharkiv e acabei por regressar a Kyiv, no caso de a guerra começar durante a minha estadia e a do repórter de imagem Rui do Ó, que estava comigo na altura. Nós não poderíamos estar tão próximos da fronteira com a Rússia, que é a cerca de 40km, numa situação em que eu estava mesmo vulnerável porque eu fiquei mesmo doente. Fiquei de cama, então foi a decisão que tomámos: tivemos de cancelar as nossas reportagens e regressámos para a capital ucraniana, onde eu continuei a trabalhar, porque, entretanto, também já me sentia melhor e onde fomos apanhados pela guerra. Depois, acabámos por sair passado uma semana.

---

<sup>65</sup> “Kiev é o nome soviético e russo utilizado durante vários séculos para a denominação da capital ucraniana. Muitos meios de comunicação social norte-americanos e europeus já passaram para a denominação Kyiv. É mais uma das formas de apoiar a causa, porque se trata de um país independente, com o nome de uma capital em ucraniano”, segundo Iryna.

## **2) E ainda voltaste à Ucrânia, em maio, onde já foste para Odessa...**

No início de maio, fui com o Carlos Rosa e seguimos para Odessa. Neste caso foi uma escolha editorial de Direção. Decidiram enviar-nos para Odessa, porque nessa altura tínhamos outras duas equipas no terreno. Tínhamos a equipa do Bruno de Castro Ferreira e Rafael Homem, que estavam na zona de Zaporíjia, e também estavam um pouco mais flexíveis: também tinham estado em Dnipro, por aí nessa zona. E tínhamos também o fotógrafo Rui Caria, que estava a cobrir a guerra para a SIC na região do Donbass. Na verdade, era para lá que eu queria ir, mas, por ordens da Direção, nós fomos para Odessa, onde antes tinha estado a equipa de Nuno Pereira e José Silva. Nós fomos ocupar o lugar deles na cidade de Odessa porque a Direção achava que, tendo três equipas na Ucrânia, era o sítio onde era importante estar, tendo em conta que dizia sempre que a cidade de Odessa ia ser tomada qualquer dia. E nós fomos na altura do 9 de maio, que é o dia da vitória na Rússia, e, portanto, havia muita expectativa que Odessa iria ser atacada em força na altura. E, felizmente, não foi.

## **3) Em agosto, tive uma conversa com a Graça sobre a tua saída da editoria de Cultura para ir cobrir a guerra. Pelas suas palavras, “Nunca poderia pedir à Iryna para ir cobrir festivais de verão enquanto o seu povo é perseguido”.**

**Como ucraniana e também jornalista a cobrir o conflito, que estratégias tens adotado para manter uma certa imparcialidade jornalística, se é que tal é possível?**

É importante falar sobre estas questões da objetividade. E, como é óbvio, nós tentamos sempre ser o mais objetivos possível. Mas nem que seja o sítio para onde tu apontas a câmara, de forma consciente ou não, já é uma escolha editorial. Portanto, essa questão da objetividade acaba sempre por ser tanto ou quanto posta em causa. Agora, em relação ao meu trabalho em específico enquanto pessoa que nasceu na Ucrânia, mas que cresceu e passou maior parte da vida em Portugal. Portanto, tendo esta relação com os dois países muito próxima, o exercício que eu tenho de fazer quando estou no terreno é perguntar-me a mim própria: “O que é que eu estou ali a fazer? Estou ali enquanto cidadã ucraniana, enquanto cidadã portuguesa ou enquanto jornalista?”. E o meu primeiro papel ali é sempre enquanto jornalista. Eu estou a informar os portugueses daquilo que está a acontecer aqui, da melhor forma que eu conseguir, tendo em conta que eu tenho uma vantagem consciente

de que eu compreendo a mentalidade, quer seja do povo ucraniano, quer seja do povo português. E, portanto, eu tento usar essa ferramenta para aproximar um povo do outro.

**4) Para nós, isto é uma invasão: vivemos num país cuja liberdade de expressão nos permite chamar-lhe de *invasão*. E na cobertura da invasão da Ucrânia, damos o lado dos ucranianos e damos a “versão da realidade” dos russos.**

**Para ti, enquanto ucraniana, é possível não estabeleceres um envolvimento emocional com a realidade ao fazeres este exercício de teres de dar os dois lados da história?**

Quando estás no terreno, a realidade é muito diferente do que quando estás na redação. Na redação, tens uma imagem muito diferente daquilo que se passa, de facto, no terreno: e isso tem vantagens e desvantagens. Por um lado, não consegues ver a *big picture* porque estás muito focada na realidade que te rodeia. Enquanto aqui na redação, tens mais acesso ao panorama geral. Porque, quando estás no terreno, dormes pouquíssimas horas, comes pouco e mal... Ou seja, tens tantas preocupações e tanta coisa para fazer e com as quais lidar, que não consegues ter a *big picture*.

Eu conversei com vários jornalistas estrangeiros que lá estavam. Nomeadamente no Donbass, em Kramatorsk, estava lá um jornalista do Le Monde, já nos seus 60 e tal. Que, por acaso, tinha estado comigo no hotel quando a guerra começou em Kyiv no dia 24 de fevereiro. Conversei com ele sobre esta questão: “Tu consegues perceber a estratégia que está a decorrer nesta altura?”. E a resposta dele foi que não: “Eu preciso de sair daqui para perceber a estratégia e o panorama mais geral. E isso acontece quando tu estás no terreno. Porque, ali, o teu papel é de contar o que te rodeia. E enquanto jornalista com origens ucranianas, mas a trabalhar em Portugal, eu tento mostrar exatamente aquilo que me aparece à frente. Ou seja, se me aparecer alguém com argumentos pró-ucranianos, eu mostro-os. Se me aparecer alguém com argumentos pró-russos também os mostro, apesar da minha posição pessoal ser de uma forma que pode não coincidir com nenhuma das versões que eu estou a ouvir, nem de um lado nem do outro. Mas isso é um exercício que qualquer jornalista tem de fazer em qualquer área na qual está a trabalhar. Eu acho é mais difícil por fora. Não querendo simplificar demasiado isto, mas se tu sabes que és jornalista, focas-te no teu trabalho. E isso, mesmo para qualquer jornalista português que lá esteja, tem de se focar no seu trabalho. Porque quando tu trabalhas numa guerra, há

muita coisa que te toca. Porque são seres humanos que estão ali à tua frente, são seres humanos que estão em sofrimento. Enquanto profissional, é isso que tens de fazer para te protegeres a ti própria também enquanto ser humano: tens que te focar no teu trabalho para facilitar a tua própria perceção das coisas e a forma como tu consegues depois contar a história daquelas pessoas. Porque é difícil não só para mim, por ser ucraniana, como para qualquer jornalista português que estivesse estado na Ucrânia a cobrir este conflito.

**5) Tu saíste da editoria de Cultura para ir cobrir já a tensão política, antes da guerra. Como se seguiu depois a tua integração dentro da redação, quando voltaste da guerra?**

Eu pedi para ir para a Ucrânia já em novembro, quando havia dados que indicavam que havia uma quantidade de equipamento militar e de exército russo na fronteira com a Ucrânia. Aquilo percebia-se que alguma coisa não estava a correr de uma forma pacífica, digamos assim. E apesar de uma parte das pessoas dizerem que não vai acontecer nada, já era um pouco previsível para quem conhece a história da Ucrânia e da Rússia, do leste europeu, e para quem consegue compreender um pouco a mentalidade do ditador russo. Percebia-se que alguma coisa ia acontecer, por isso comecei a insistir. Comecei também a falar com alguns jornalistas ucranianos para tentar obter informação. E comecei a perceber que era urgente ir para lá. Fiz essa proposta à Direção, falei antes disso com a minha chefe direta, a editora de Cultura Graça Costa Pereira que sempre me apoiou nestas decisões, porque ela, sendo também jornalista, como é óbvio percebe a importância que isto tem. E ela percebe a importância que isto tem para mim, especificamente. Portanto também penso que a própria Direção percebeu que podia ter uma mais-valia em enviar alguém que compreende a língua e a cultura para um sítio que estava, como bem disseste, numa tensão muito efervescente.

Quando voltei, fiquei na equipa do Jornal da Noite a cobrir o conflito a partir da redação. Também foi por pedido meu, e por uma grande compreensão de toda a minha equipa e de toda a Direção e das minhas chefias. E a verdade é que, quando a guerra acabar, eu quero regressar para a equipa de Cultura, quero continuar a fazer Cultura, que é uma área que eu gosto muito e que acho que tem muito por onde ser desenvolvida. Mas nesta altura, esta é a minha prioridade.

**6) Como explicas a quase-extinção da editoria de Cultura ou a falta de representatividade editorial de peças de Cultura, tendo em conta esta rigidez monotemática imposta pela guerra?**

Esta alteração na editoria de Cultura já vem desde o início da pandemia. Quando a pandemia começa em 2020, nós começámos a trabalhar num regime de 7/7: sete dias em casa, sete dias na redação. Depois quisemos regressar, mas não tínhamos como fazer programas diários porque havia recursos humanos limitados: também porque tínhamos de fazer outras coisas. O André Pacheco, nomeadamente, foi puxado imensas vezes para o Primeiro Jornal para trabalhar outros temas do dia-a-dia. Como os recursos humanos da redação são limitados durante o período da pandemia; durante o período mais intenso da monotemática da guerra, também acabou por ser assim. Porque, como tu estagiaste cá, tu bem sabes que temos poucas mãos para fazer todas as coisas que é preciso fazer, e o quão difícil - e injusto - que isso acaba por ser para várias áreas, nomeadamente para a área da Cultura. Já antes de tudo isto, as peças de Cultura era sempre as primeiras a cair, infelizmente. Mas para isso também há uma explicação muito lógica. A maior parte das peças de Cultura que nós fazemos não são necessariamente temporais do próprio dia. Se tu passares a peça no dia a seguir, não perde atualidade. Se passares uma peça sobre o míssil que caiu em Zaporíjia e matou 10 pessoas, é daquele dia: não é propriamente uma coisa que faça sentido por ser no dia a seguir.

**7) Das peças de Cultura analisadas sobre teatro e cinema, a guerra na Ucrânia é referida nestas treze peças (mostrada a tabela X à entrevistada).**

**Estes protagonistas e eventos raramente são ucranianos. Se não estivessem envolvidos famosos norte-americanos, estas ocorrências teriam sido notícia?**

Não, provavelmente não. O que é uma notícia? Tens de ter alguns fatores para aproximar o público, para criar essa proximidade. Ao teres alguém conhecido que fale de uma causa, torna a situação numa notícia mais fácil de ser levada para o público.

**8) Claro... Mas é interessante porque são só protagonistas e famosos dos Estados Unidos. Não temos um ator francês que tenha feito o mesmo, ou um ator israelita... Não há esta representação de outras personalidades culturais de diferentes países.**

Porque se calhar se meteres o ator israelita ou francês, a maior parte do público não o vai reconhecer e não vai criar a tal proximidade de que falávamos há pouco.

**9) Do teu ponto de vista, estas notícias podem ser uma ponte de consciencialização que suscite a empatia do telespetador face às atrocidades da guerra?**

A guerra tem muitas faces. Quando um país está envolvido numa guerra, todas as faces do país estão em guerra. E a cultura da Ucrânia, nesta altura, está a sofrer imenso com as consequências do que está a acontecer. A Cultura, no fundo, quer seja teatro ou cinema, que é o foco principal do teu estudo, ou se falarmos em livros, música, todas estas coisas tornam-nos mais humanos e aproximam-nos mais uns dos outros. Portanto, sem dúvida que falar da guerra nas suas diferentes dimensões e abordá-la com vários ângulos e temáticas – não ser só o puro e duro da guerra no seu dia-a-dia mais estratégico e militar – como é obvio que, para um cidadão que está do outro lado, é mais próximo e consegue criar uma ligação maior com aquilo que está a ver. Essa é a minha perspetiva. E eu acho que isso funciona em todas as guerras.

Nestas 12 peças, só temos duas<sup>66</sup> diretamente sobre a cultura ucraniana. O resto é tudo muito baseado no poder que a cultura tem. A cultura tem mesmo muito poder. Acho fantástico o poder que a cultura tem de aproximar diferentes povos para se falar de questões que realmente importam: o deste caso, a guerra.

---

<sup>66</sup> Peça nº1 Sky News Teatro Lviv: <https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-03-04-teatro-em-lviv-transformado-em-centro-de-acolhimento-para-os-que-fogem-a-guerra>

Peça nº11 Ucranianos no Teatro PJ: <https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-05-20-teatro-nacional-de-s.-joao-atribuiu-sete-bolsas-a-artistas-ucranianos>

## Anexo 8. Listagem do *corpus*

Número e nome da peça	Link <sup>67</sup>
1. Globos de Ouro PJ 10 JAN	
2. Aniversário Rivoli PJ 12 JAN	
3. Morte Meat Loaf PJ 21.01	
4. Guerra dos Tronos Irlanda JN 3.2	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-02-05-Exposicao-da-Guerra-dos-Tronos-construida-num-dos-estudios-originais-da-serie-9b474889">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-02-05-Exposicao-da-Guerra-dos-Tronos-construida-num-dos-estudios-originais-da-serie-9b474889</a>
5. Terry Gilliam com RAP PJ 10.02	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-02-10-realizador-terry-gilliam-em-portugal-para-apresentar-o-homem-que-matou-dom-quixote">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-02-10-realizador-terry-gilliam-em-portugal-para-apresentar-o-homem-que-matou-dom-quixote</a>
6. Estreia OPTO - Futre O Primeiro Português JN 10.2	<a href="https://sicnoticias.pt/desporto/2022-02-10-futre--o-primeiro-portugues-esta-na-opto">https://sicnoticias.pt/desporto/2022-02-10-futre--o-primeiro-portugues-esta-na-opto</a>
7. Palhaços O'Pital PJ 12.02	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/2022-02-12-palhacos-dopital-celebram-hoje-9-anos">https://sicnoticias.pt/pais/2022-02-12-palhacos-dopital-celebram-hoje-9-anos</a>
8. Monólogo Funchal 12.02	
9. Cineconcerto Harry Potter PJ 13.02	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-02-13-mais-de-11-mil-pessoas-assistiram-a-harry-potter-e-a-ordem-de-fenix-em-concerto">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-02-13-mais-de-11-mil-pessoas-assistiram-a-harry-potter-e-a-ordem-de-fenix-em-concerto</a>
10. Carnaval Veneza PJ 14.02	
11. Nova novela SIC JN 14.2	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-02-15-por-ti-a-nova-novela-da-sic">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-02-15-por-ti-a-nova-novela-da-sic</a>
12. Processo Alec Baldwin PJ 16.02	
13. Banda sonora série SIC JN 18.2	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-02-20-banda-sonora-da-serie-da-sic-esperanca-disponivel-em-todas-as-plataformas">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-02-20-banda-sonora-da-serie-da-sic-esperanca-disponivel-em-todas-as-plataformas</a>
14. Netflix na Baixa PJ 22.02	
15. Sky News Teatro Lviv	<a href="https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-03-04-teatro-em-lviv-transformado-em-centro-de-acolhimento-para-os-que-fogem-a-guerra">https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-03-04-teatro-em-lviv-transformado-em-centro-de-acolhimento-para-os-que-fogem-a-guerra</a>
16. Bafta PJ	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-03-14-o-poder-do-cao-e-duna-foram-os-vencedores-dos-bafta">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-03-14-o-poder-do-cao-e-duna-foram-os-vencedores-dos-bafta</a>
17. Morte William Hurt PJ	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-03-13-morreu-o-ator-norte-americano-william-hurt">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-03-13-morreu-o-ator-norte-americano-william-hurt</a>
18. Morte Jorge Silva Melo PJ	
19. Famosos Apoio Ucrânia	<a href="https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-03-21-guerra-na-ucrania-gestos-solidarios-multiplicam-se-em-hollywood">https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-03-21-guerra-na-ucrania-gestos-solidarios-multiplicam-se-em-hollywood</a>
20. Criança Refugiada Frozen JN	
21. Artistas condecorados MC	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-03-23-nomes-do-teatro-independente-celebrados-com-medalha-de-merito-cultural">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-03-23-nomes-do-teatro-independente-celebrados-com-medalha-de-merito-cultural</a>
22. Óscares antecipação	
23. Óscares antevisão	
24. Óscares 2022 PJ	
25. Red Carpet Óscares	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-03-28-brilhos-caudas-e-folhos-marcam-a-passadeira-vermelha-na-94.-cerimonia-dos-oscares">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-03-28-brilhos-caudas-e-folhos-marcam-a-passadeira-vermelha-na-94.-cerimonia-dos-oscares</a>
26. Will Smith Últimas PJ	
27. Despedida palcos Simone JN	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-03-29-simone-de-oliveira-deixa-os-palcos-com-84-anos-para-deixar-um-perfume-bonito">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-03-29-simone-de-oliveira-deixa-os-palcos-com-84-anos-para-deixar-um-perfume-bonito</a>
28. Will Smith Últimas	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-03-30-sao-piadas-va-la-o-video-viral-com-30-anos-em-que-will-smith-conta-piada-sobre-musico-careca">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-03-30-sao-piadas-va-la-o-video-viral-com-30-anos-em-que-will-smith-conta-piada-sobre-musico-careca</a>
29. Will Smith Últimas	
30. Bruce Willis Termina Carreira	
31. Will Smith sai da Academia	
32. Protesto Artistas Unidos JN	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-07-artistas-unidos-podem-ficar-sem-teatro">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-07-artistas-unidos-podem-ficar-sem-teatro</a>
33. Atriz Lista de Schindler	<a href="https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-04-08-atriz-da-lista-de-schindler-torna-se-voluntaria-na-polonia">https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-04-08-atriz-da-lista-de-schindler-torna-se-voluntaria-na-polonia</a>
34. Entrevistas Filme Belfast	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-09-uma-historia-tao-comovente-sic-falou-com-protagonistas-de-belfast">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-09-uma-historia-tao-comovente-sic-falou-com-protagonistas-de-belfast</a>

<sup>67</sup> As peças sem *link* não foram publicadas no site da SIC Notícias. Tal como descrito no subcapítulo 3.2. sobre a metodologia da investigação, o visionamento destas peças foi feito no arquivo interno da SIC.

35. Will Smith banido 10 anos OFF	<b>Transcrição do OFF</b> <i>Will Smith foi banido dos Óscares durante dez anos.</i> {Segue Clip-OFF} <i>A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas anunciou esta sexta-feira o castigo ao ator pela agressão a Chris Rock na última cerimónia. A decisão, que abrange outros eventos ou programas da Academia, não impede, no entanto, a nomeação para os Óscares. Will Smith já reagiu...diz que aceita e respeita a decisão.</i>
36. Eunice Muñoz morte	
37. Eunice Muñoz perfil - 15 abril	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-15-morreu-a-atriz-eunice-munoz-3">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-15-morreu-a-atriz-eunice-munoz-3</a>
38. Direto Amareleja (terra Eunice)	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-15-amareleja-abriu-uma-casa-em-memoria-da-atriz-eunice-munoz-em-2021">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-15-amareleja-abriu-uma-casa-em-memoria-da-atriz-eunice-munoz-em-2021</a>
39. Eunice Muñoz Alta Definição PJ	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-15-eunice-munoz-parto-do-principio-que-vou-estar-em-paz">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-15-eunice-munoz-parto-do-principio-que-vou-estar-em-paz</a>
40. Eunice Muñoz reax	
41. Fecho Globos Ouro Eunice	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-15-o-retrato-de-uma-carreira-impar-a-distincao-de-eunice-munoz-nos-globos-de-ouro-de-2008">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-15-o-retrato-de-uma-carreira-impar-a-distincao-de-eunice-munoz-nos-globos-de-ouro-de-2008</a>
42. Eunice Cerimónias Fúnebres	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-16-dia-do-funeral-de-eunice-munoz-sera-de-luto-nacional">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-16-dia-do-funeral-de-eunice-munoz-sera-de-luto-nacional</a>
43. Eunice Últimas reaxs	
44. Direto Velório Eunice Muñoz	
45. Funeral Eunice Muñoz	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-19-eunice-munoz-recordada-pela-qualidade-inquestionavel-enquanto-atriz-e-humildade-com-que-pautou-a-vida">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-19-eunice-munoz-recordada-pela-qualidade-inquestionavel-enquanto-atriz-e-humildade-com-que-pautou-a-vida</a>
46. Johnny Depp Testemunho	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-26-johnny-depp-e-ex-mulher-em-tribunal-gravacoes-revelam-discussoes-violentas-entre-o-casal">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-26-johnny-depp-e-ex-mulher-em-tribunal-gravacoes-revelam-discussoes-violentas-entre-o-casal</a>
47. Caso Alec Baldwin PJ	
48. Alec Baldwin PJ	
49. Johnny Depp Caso	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-26-johnny-depp-e-ex-mulher-em-tribunal-gravacoes-revelam-discussoes-violentas-entre-o-casal">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-04-26-johnny-depp-e-ex-mulher-em-tribunal-gravacoes-revelam-discussoes-violentas-entre-o-casal</a>
50. Angelina Jolie Ucrânia	<a href="https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-05-01-angelina-jolie-obrigada-a-fugir-da-estacao-de-comboios-de-lviv">https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-05-01-angelina-jolie-obrigada-a-fugir-da-estacao-de-comboios-de-lviv</a>
51. Teatro Futebol	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-01-futebol-espetaculo-o-desporto-sobe-ao-palco-e-e-o-espetador-que-escolhe-as-personagens">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-01-futebol-espetaculo-o-desporto-sobe-ao-palco-e-e-o-espetador-que-escolhe-as-personagens</a>
52. Notre Dame em Chamas Filme	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-01-notre-dame-em-chamas-ja-pode-ser-visto-nos-cinemas-portugueses">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-01-notre-dame-em-chamas-ja-pode-ser-visto-nos-cinemas-portugueses</a>
53. Abertura Palácio Biester	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/palacio-biester-abre-pela-primeira-vez-ao-publico/">https://sicnoticias.pt/cultura/palacio-biester-abre-pela-primeira-vez-ao-publico/</a>
54. Met Gala	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/met-gala-2022-era-dourada-da-moda-americana-marca-desfile-na-passadeira-vermelha/">https://sicnoticias.pt/cultura/met-gala-2022-era-dourada-da-moda-americana-marca-desfile-na-passadeira-vermelha/</a>
55. Julgamento Johnny Depp	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-04-julgamento-que-opoe-depp-e-heard-entra-numa-nova-fase-defesa-da-atriz-comeca-a-argumentar">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-04-julgamento-que-opoe-depp-e-heard-entra-numa-nova-fase-defesa-da-atriz-comeca-a-argumentar</a>
56. Famosos Ucrânia	
57. Leilão Record Marilyn Monroe PJ	
58. Produção Netflix Portugal	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-15-novo-filme-da-netflix-rodado-no-convento-de-cristo-e-mosteiro-da-batalha">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-15-novo-filme-da-netflix-rodado-no-convento-de-cristo-e-mosteiro-da-batalha</a>
59. Depp - Heard julgamento	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-17-amber-heard-revela-alegado-episodio-de-violencia-domestica-durante-lua-de-mel-com-johny-depp">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-17-amber-heard-revela-alegado-episodio-de-violencia-domestica-durante-lua-de-mel-com-johny-depp</a>
60. Festival de Cannes	<a href="https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-05-17-zelensky-surpreende-com-discurso-na-abertura-do-festival-de-cannes">https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-05-17-zelensky-surpreende-com-discurso-na-abertura-do-festival-de-cannes</a>
61. Alunos realizadores	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-18-porto-post-doc-promove-projeto-educativo-mais-de-300-alunos-trabalham-em-pequenos-filmes">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-18-porto-post-doc-promove-projeto-educativo-mais-de-300-alunos-trabalham-em-pequenos-filmes</a>
62. Dia dos Museus	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-18-mais-de-300-iniciativas-em-todo-o-pais-para-assinalar-o-dia-internacional-dos-museus">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-18-mais-de-300-iniciativas-em-todo-o-pais-para-assinalar-o-dia-internacional-dos-museus</a>
63. Julgamento Johnny Depp 20.05	<a href="https://sicnoticias.pt/mundo/2022-05-20-julgamento-irma-de-amber-heard-acusa-depp-de-violencia-fisica-e-verbal">https://sicnoticias.pt/mundo/2022-05-20-julgamento-irma-de-amber-heard-acusa-depp-de-violencia-fisica-e-verbal</a>
64. Ucrânicos no Teatro PJ	<a href="https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-05-20-teatro-nacional-de-s.-joao-atribuiu-sete-bolsas-a-artistas-ucranianos">https://sicnoticias.pt/especiais/guerra-russia-ucrania/2022-05-20-teatro-nacional-de-s.-joao-atribuiu-sete-bolsas-a-artistas-ucranianos</a>
65. Filme Viagem de Pedro	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-23-filme-a-viagem-de-pedro-nos-dias-de-hoje-nao-podemos-ver-a-historia-com-um-olhar-antigo">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-23-filme-a-viagem-de-pedro-nos-dias-de-hoje-nao-podemos-ver-a-historia-com-um-olhar-antigo</a>

66. Cannes Mulheres	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-23-atriz-viola-davis-homenageada-no-festival-de-cinema-de-cannes">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-23-atriz-viola-davis-homenageada-no-festival-de-cinema-de-cannes</a>
67. Cultura Fecho Avenida da Liberdade JN	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-25-cultura-contra-o-fecho-do-transito-aos-domingos-e-feriados-na-avenida-da-liberdade">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-25-cultura-contra-o-fecho-do-transito-aos-domingos-e-feriados-na-avenida-da-liberdade</a>
68. Nova Novela SIC	
69. Realizador Ucrainiano Cannes JN	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-25-realizador-ucraniano-apresenta-em-cannes-filme-sobre-morte-de-civis-na-alemanha-durante-a-ii-guerra-mundial">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-25-realizador-ucraniano-apresenta-em-cannes-filme-sobre-morte-de-civis-na-alemanha-durante-a-ii-guerra-mundial</a>
70. Julgamento Johnny Depp 26.05	
71. Julgamento Johnny Depp 27.05	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-27-johnny-depp-nega-abusos-a-ex-mulher-amber-heard-queixa-se-da-pressao-da-opinio-publica">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-27-johnny-depp-nega-abusos-a-ex-mulher-amber-heard-queixa-se-da-pressao-da-opinio-publica</a>
72. Filme Elvis Cannes	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-27-elvis-estreu-no-festival-de-cinema-de-cannes">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-27-elvis-estreu-no-festival-de-cinema-de-cannes</a>
73. Festival de Cannes PJ	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-29-os-vencedores-da-75.-edicao-do-festival-de-cannes">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-05-29-os-vencedores-da-75.-edicao-do-festival-de-cannes</a>
74. Processo Johnny Depp	
75. Festa do Livro em Belém	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/2022-06-03-festa-do-livro-regressa-ao-palacio-de-belem">https://sicnoticias.pt/pais/2022-06-03-festa-do-livro-regressa-ao-palacio-de-belem</a>
76. Mercado Quinhentista Machico	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/2022-06-05-o-regresso-do-mercado-quinhentista-de-machico">https://sicnoticias.pt/pais/2022-06-05-o-regresso-do-mercado-quinhentista-de-machico</a>
77. Lua de Mel Nova	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-06-equipa-da-lua-de-mel-junta-para-assistir-a-estrela-da-novela">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-06-equipa-da-lua-de-mel-junta-para-assistir-a-estrela-da-novela</a>
78. Armas EUA Biden-McConaughey JMN	<a href="https://sicnoticias.pt/mundo/2022-06-08-o-apelo-emocionado-do-ator-matthew-mcconaughey-apos-massacre-numa-escola-do-texas">https://sicnoticias.pt/mundo/2022-06-08-o-apelo-emocionado-do-ator-matthew-mcconaughey-apos-massacre-numa-escola-do-texas</a>
79. Sem-abrigo no Teatro	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-08-E-uma-peca-em-que-os-protagonistas-estao-em-situacao-de-sem-abrigo-f3a1e253">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-08-E-uma-peca-em-que-os-protagonistas-estao-em-situacao-de-sem-abrigo-f3a1e253</a>
80. Warhol Exposição	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-10-Um-outro-lado-de-Andy-Warhol-que-se-da-a-conhecer-atraves-de-filmes-e-da-fotografia-a16f09a8">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-10-Um-outro-lado-de-Andy-Warhol-que-se-da-a-conhecer-atraves-de-filmes-e-da-fotografia-a16f09a8</a>
81. Encontro Estátuas Vivas	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-13-Estatuas-Vivas-em-Espinho-evento-e-referencia-para-criadores-e-artistas-b795647a">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-13-Estatuas-Vivas-em-Espinho-evento-e-referencia-para-criadores-e-artistas-b795647a</a>
82. Audiência Kevin Spacey PJ	
83. Filme Buzz Lightyear	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-16-SIC-falou-com-o-realizador-e-a-produtora-do-polemico-filme-Buzz-Lightyear-299539e7">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-16-SIC-falou-com-o-realizador-e-a-produtora-do-polemico-filme-Buzz-Lightyear-299539e7</a>
84. Recriação Romana Conimbriga PJ	<a href="https://sicnoticias.pt/pais/2022-06-20-Ruinas-de-Conimbriga-palco-de-recriacao-da-epoca-romana-abba20c3">https://sicnoticias.pt/pais/2022-06-20-Ruinas-de-Conimbriga-palco-de-recriacao-da-epoca-romana-abba20c3</a>
85. Mordomas Exposição	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-22-Exposicao-Mordomas-bailarinos-espanhois-e-portugueses-foram-inspiracao-0713b19c">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-22-Exposicao-Mordomas-bailarinos-espanhois-e-portugueses-foram-inspiracao-0713b19c</a>
86. Divórcio Murdoch e Jerry Hall	
87. Fim Carreira Woody Allen	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/woody-allen-realizara-no-maximo-mais-dois-filmes-antes-de-se-reformar/">https://sicnoticias.pt/cultura/woody-allen-realizara-no-maximo-mais-dois-filmes-antes-de-se-reformar/</a>
88. Desfile Gulbenkian	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-29-Cultura-portuguesa-serviu-de-inspiracao-para-desfile-de-marca-de-luxo-em-Lisboa-ad983b77">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-29-Cultura-portuguesa-serviu-de-inspiracao-para-desfile-de-marca-de-luxo-em-Lisboa-ad983b77</a>
89. Ensaios Velocidade Furiosa PJ	<a href="https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-30-Velocidade-Furiosa-em-Portugal-populacao-curiosa-com-aparato-de-Hollywood-3ea1b4b7">https://sicnoticias.pt/cultura/2022-06-30-Velocidade-Furiosa-em-Portugal-populacao-curiosa-com-aparato-de-Hollywood-3ea1b4b7</a>

# Anexo 9. Categorização do corpus

Peça nº	Nome no alinhamento	Autoria	Hora	Data	Mínutos	1. MÊS	2. DIA	3. DURAÇÃO	4. PROVENIÊNCIA	5. NACIONAL	6. POSIÇÃO	7. EQUIPA	8. ÁREA	9. TEMÁTICA CULTURAL	10. PROTAGONISTA	11. GUERRA	12. GÉNERO	13. VALOR-NOTÍCIA	14. REPETIÇÃO	15. PROMO	16. AUTOPROMOÇÃO
1	Globo de Ouro PJ 10 JAN	André Pacheco	14:28	10/jan	02:00	janeiro	segunda-feira	Média	Internacional	/	Fecho	Editoria de Cultura	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Figura institucional	Não	Notícia	Elite do poder	Não	Não há promos	Não
2	Aniversário Rivoli PJ 12 JAN	Susana Bastos	14:29	12/jan	01:36	janeiro	quarta-feira	Curta	Nacional	Lisboa ou Porto	Fecho	Correspondência nacional	Teatro	Sala de espetáculos	Figura institucional	Não	Notícia com reações	Boas Notícias	Não	Não há promos	Não
3	Morte Meat Loaf PJ 21.01	Mara Garcia	14:26	21/jan	01:46	janeiro	sexta-feira	Curta	Internacional	/	Segunda parte	Primeiro Jornal	Cinema	Morte de ator/atriz	Ator/atriz	Não	Perfil	Más Notícias	Não	Não há promos	Não
4	Guerra dos Tronos Irlanda JN 3.2	André Pacheco	14:08	05/fev	02:00	fevereiro	sábado	Média	Internacional	/	Fecho	Editoria de Cultura	Séries ou Novelas	Exposição	Grupo variado de artistas	Não	Notícia com reações	Entretimento	Sim	Não há promos	Não
5	Terry Gilliam com RAP PJ 10.02	André Pacheco	14:30	10/fev	02:17	fevereiro	quinta-feira	Média	Ambas	Lisboa ou Porto	Fecho	Editoria de Cultura	Cinema	Estreia de um filme	Realizador ou encenador	Não	Notícia com reações	Relevância	Não	Não há promos	Não
6	Estreia OPTO - Fute JN 10.2	Catarina Coutinho	14:30	11/fev	02:34	fevereiro	sexta-feira	Média	Nacional	Lisboa ou Porto	Fecho	Jornal da Noite	Cinema	Estreia de um documentário	Outra celebridade	Não	Perfil	Agenda do órgão noticioso	Sim	Não há promos	Sim
7	Palhaços O'Pai PJ 12.02	Catarina Lúcia Carvalho	14:06	12/fev	02:08	fevereiro	sábado	Média	Nacional	Outras regiões	Segunda parte	Correspondência nacional	Teatro	Artistas/celebridades	Grupo variado de artistas	Não	Notícia com reações	Boas Notícias	Não	Não há promos	Não
8	Morfológia Funtax 2.02	Marta Castro	14:12	02/fev	01:47	fevereiro	quarta-feira	Média	Internacional	/	Fecho	Editoria de Cultura	Cinema	Estreia de uma peça	Realizador ou encenador	Não	Notícia com reações	Exclusividade	Não	Não há promos	Não
9	Cincoentesário Harry Potter PJ 13.02	Mariana Xavier	14:05	13/fev	02:20	fevereiro	domingo	Média	Ambas	Lisboa ou Porto	Fecho	Editoria de Cultura	Cinema	Evento Cultural	Público	Não	Notícia com reações	Magnitude	Não	Não há promos	Não
10	Camaval Veneza PJ 14.02	João Maldonado	14:28	14/fev	01:26	fevereiro	segunda-feira	Curta	Internacional	/	Segunda parte	Primeiro Jornal	Teatro	Evento Cultural	Público	Não	Notícia com reações	Magnitude	Não	Não há promos	Não
11	Nova novela SIC JN 14.2	Mariana Xavier	14:32	15/fev	01:41	fevereiro	terça-feira	Curta	Nacional	Lisboa ou Porto	Fecho	Editoria de Cultura	Séries ou Novelas	Estreia de uma série ou novela	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Agenda do órgão noticioso	Sim	Não há promos	Sim
12	Processo Alec Baldwin PJ 16.02	Teresa Canto Noronha	14:02	16/fev	01:59	fevereiro	quarta-feira	Curta	Internacional	/	Segunda parte	Primeiro Jornal	Cinema	Artistas/celebridades	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Drama	Não	Não há promos	Não
13	Banda sonora série SIC JN 18.2	Cristiana Reis	14:06	20/fev	02:32	fevereiro	domingo	Média	Nacional	Lisboa ou Porto	Fecho	Editoria de Cultura	Séries ou Novelas	Outra	Outra celebridade	Não	Entrevista cultural	Agenda do órgão noticioso	Sim	Sim	Sim
14	Neflix na Baixa PJ 22.02	Cristiana Cardoso	14:26	22/fev	02:55	fevereiro	terça-feira	Média	Ambas	Lisboa ou Porto	Segunda parte	Primeiro Jornal	Cinema	Produção cinematográfica	Figura institucional	Não	Notícia com reações	Conflito	Não	Não	Não
15	Sky News Teatro Livv	Sky News	14:27	04/mar	02:07	março	sexta-feira	Média	Internacional	/	Segunda parte	Sky News	Teatro	Sala de espetáculos	Figura institucional	Sim	Reportagem	Drama	Não	Não	Não
16	Baifa PJ	Sílvia Lima Rato	14:34	14/mar	02:30	março	segunda-feira	Média	Internacional	/	Segunda parte	Editoria de Cultura	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Grupo variado de artistas	Sim	Notícia com reações	Elite do poder	Não	Não	Não
17	Morte William Hurt PJ	Maria Sobral	14:36	14/mar	02:04	março	segunda-feira	Média	Internacional	/	Fecho	Primeiro Jornal	Cinema	Morte de ator/atriz	Ator/atriz	Não	Perfil	Más Notícias	Não	Não	Não
18	Morte Jorge Silva Melo PJ	Cristiana Reis	14:39	15/mar	01:45	março	terça-feira	Curta	Nacional	Lisboa ou Porto	Fecho	Editoria de Cultura	Teatro	Morte de ator/atriz	Ator/atriz	Não	Perfil	Más Notícias	Não	Não	Não
19	Famosos Apoio Ucrânia	Diana Pinheiro	14:20	21/mar	02:40	março	segunda-feira	Média	Internacional	/	Segunda parte	Primeiro Jornal	Cinema	Artistas/celebridades	Grupo variado de artistas	Sim	Notícia com reações	Audiovisuais	Não	Não	Não
20	Criança Refugiada Frozen JN	Kathleen Araújo	14:34	22/mar	02:40	março	terça-feira	Curta	Internacional	/	Segunda parte	Correspondência nacional	Cinema	Outra	Público	Sim	Notícia	Potencial de Partilha	Sim	Não	Não
21	Artistas concordados MC	Cristiana Reis	14:38	23/mar	02:36	março	quarta-feira	Média	Nacional	Lisboa ou Porto	Fecho	Editoria de Cultura	Teatro	Cerimónia de entrega de prémios	Grupo variado de artistas	Não	Notícia com reações	Relevância	Sim	Sim	Não
22	Oscars antecipação	Mariana Xavier	14:39	25/mar	01:51	março	sexta-feira	Curta	Internacional	/	Fecho	Editoria de Cultura	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Grupo variado de artistas	Sim	Notícia	Elite do poder	Não	Sim	Não
23	Oscars antevisto	André Pacheco	14:08	27/mar	01:57	março	domingo	Curta	Internacional	/	Fecho	Editoria de Cultura	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Grupo variado de artistas	Sim	Notícia	Elite do poder	Não	Sim	Não
24	Oscars 2022 PJ	Mariana Xavier	14:28	28/mar	03:38	março	segunda-feira	Longa	Internacional	/	Segunda parte	Editoria de Cultura	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Ator/atriz	Sim	Notícia com reações	Elite do poder	Não	Sim	Não
25	Red Carpet Oscars	Susana Bastos	14:32	28/mar	01:32	março	segunda-feira	Curta	Internacional	/	Segunda parte	Correspondência nacional	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Grupo variado de artistas	Não	Notícia	Relevância	Não	Sim	Não
26	Will Smith Últimas PJ	Susana Bastos	14:23	29/mar	02:40	março	terça-feira	Média	Internacional	/	Segunda parte	Correspondência nacional	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Seguimento	Não	Sim	Não
27	Despedida palcos Simone JN	Cristiana Reis	14:38	29/mar	02:36	março	terça-feira	Média	Nacional	Lisboa ou Porto	Fecho	Editoria de Cultura	Teatro e Cinema	Fin de carreira	Ator/atriz	Não	Entrevista cultural	Exclusividade	Sim	Não	Não
28	Will Smith Últimas	Raquel Loureiro	14:30	30/mar	01:28	março	quarta-feira	Curta	Internacional	/	Segunda parte	Primeiro Jornal	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Ator/atriz	Não	Notícia	Potencial de Partilha	Não	Não	Não
29	Will Smith Últimas	Teresa Canto Noronha	14:27	31/mar	02:19	março	quarta-feira	Curta	Internacional	/	Segunda parte	Primeiro Jornal	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Seguimento	Não	Sim	Não
30	Bruce Willis Termina Carreira	Marcia Torres	14:29	31/mar	01:47	março	quinta-feira	Curta	Internacional	/	Segunda parte	Correspondência nacional	Cinema	Fin de carreira	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Más Notícias	Não	Não	Não
31	Will Smith sai da Academia	Cristiana Cardoso	14:01	02/abr	00:46	abril	sábado	Curta	Internacional	/	Segunda parte	Editoria de Cultura	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Ator/atriz	Não	Notícia	Seguimento	Não	Sim	Não
32	Protesto Artistas Unidos JN	Sílvia Lima Rato	14:24	07/abr	01:30	abril	quinta-feira	Curta	Nacional	Lisboa ou Porto	Segunda parte	Editoria de Cultura	Teatro	Sala de espetáculos	Grupo variado de artistas	Não	Notícia com reações	Conflito	Sim	Não	Não
33	Anriz Liza de Schindler	Susana Bastos	14:07	08/abr	01:28	abril	sexta-feira	Curta	Internacional	/	Segunda parte	Correspondência nacional	Cinema	Artistas/celebridades	Sim	Notícia com reações	Supresa	Não	Não	Não	Não
34	Entrevista Filipe Belfást	André Pacheco	14:26	09/abr	02:21	abril	sábado	Média	Internacional	/	Segunda parte	Editoria de Cultura	Cinema	Estreia de um filme	Realizador ou encenador	Não	Entrevista cultural	Exclusividade	Não	Sim	Não
35	Will Smith bandeia 10 anos OFF	Francisca Carrapatoso	14:29	09/abr	00:44	abril	sábado	Curta	Internacional	/	Fecho	Editoria de Cultura	Cinema	Cerimónia de entrega de prémios	Ator/atriz	Não	OFF	Seguimento	Não	Sim	Não
36	Emicue Muñoz morte	André Pacheco	13:00	15/abr	01:27	abril	sexta-feira	Curta	Nacional	Lisboa ou Porto	Abertura	Editoria de Cultura	Teatro	Morte de ator/atriz	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Más Notícias	Não	Não	Não
37	Emicue Muñoz perfil - 15 abril	Cristiana Reis	13:02	15/abr	02:41	abril	sexta-feira	Média	Nacional	Lisboa ou Porto	Primeira parte	Editoria de Cultura	Teatro	Morte de ator/atriz	Ator/atriz	Não	Perfil	Más Notícias	Não	Não	Não
38	Direto Amareleja (terra Emicue)	Pedro Galego	13:05	15/abr	01:51	abril	sexta-feira	Longa	Nacional	Lisboa ou Porto	Primeira parte	Correspondência nacional	Teatro	Morte de ator/atriz	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Más Notícias	Não	Não	Não
39	Emicue Muñoz Alta Definição PJ	André Pacheco	13:08	15/abr	03:05	abril	sexta-feira	Longa	Nacional	Lisboa ou Porto	Primeira parte	Editoria de Cultura	Teatro	Morte de ator/atriz	Ator/atriz	Não	Entrevista cultural	Más Notícias	Não	Não	Sim
40	Emicue Muñoz reax	Miguel Domingos	13:12	15/abr	03:05	abril	sexta-feira	Longa	Nacional	Lisboa ou Porto	Primeira parte	Primeiro Jornal	Teatro	Morte de ator/atriz	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Más Notícias	Não	Não	Não
41	Fecho Globo Ouro Emicue	Sílvia Lima Rato	14:01	15/abr	02:28	abril	sexta-feira	Média	Nacional	Lisboa ou Porto	Fecho	Editoria de Cultura	Teatro	Morte de ator/atriz	Ator/atriz	Não	Crónica	Más Notícias	Não	Sim	Sim
42	Emicue Cerimónias Fúnebres	André Pacheco	13:15	16/abr	01:43	abril	sábado	Curta	Nacional	Lisboa ou Porto	Primeira parte	Editoria de Cultura	Teatro	Morte de ator/atriz	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Más Notícias	Não	Não	Não
43	Emicue Últimas reax	André Pacheco	13:17	16/abr	03:07	abril	sábado	Longa	Nacional	Lisboa ou Porto	Primeira parte	Editoria de Cultura	Teatro	Morte de ator/atriz	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Más Notícias	Não	Não	Não
44	Direto Vêloiro Emicue Muñoz	Sílvia Lima Rato	13:37	19/abr	02:44	abril	terça-feira	Média	Nacional	Lisboa ou Porto	Primeira parte	Editoria de Cultura	Teatro	Morte de ator/atriz	Ator/atriz	Não	Direto	Más Notícias	Não	Sim	Não
45	Funeral Emicue Muñoz	Fernanda de O Ribeiro	13:40	19/abr	02:41	abril	terça-feira	Média	Nacional	Lisboa ou Porto	Primeira parte	Primeiro Jornal	Teatro	Morte de ator/atriz	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Más Notícias	Não	Sim	Não
46	Johnny Depp Testemunho	Andrea de Melo	14:27	26/abr	03:07	abril	terça-feira	Longa	Internacional	/	Segunda parte	Edição da Manhã	Cinema	Artistas/celebridades	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Drama	Sim	Não	Não
47	Caso Alec Baldwin PJ	Estela Santos	14:30	26/abr	01:27	abril	terça-feira	Curta	Internacional	/	Segunda parte	Primeiro Jornal	Cinema	Artistas/celebridades	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Drama	Não	Sim	Não
48	Alec Baldwin PJ	Miguel Domingos	14:24	27/abr	01:21	abril	quarta-feira	Curta	Internacional	/	Segunda parte	Primeiro Jornal	Cinema	Artistas/celebridades	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Seguimento	Não	Não	Não
49	Johnny Depp Caso	Gaspar Castro	14:35	28/abr	02:05	abril	quinta-feira	Média	Internacional	/	Segunda parte	Correspondência nacional	Cinema	Artistas/celebridades	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Seguimento	Não	Não	Não
50	Angelina Jolie Ucrânia	Mariana Xavier	13:42	01/mai	01:52	maio	domingo	Curta	Internacional	/	Primeira parte	Editoria de Cultura	Cinema	Artistas/celebridades	Sim	Notícia	Relevância	Não	Sim	Não	Não
51	Teatro Futebol	Mariana Xavier	14:01	01/mai	02:08	maio	domingo	Média	Nacional	Lisboa ou Porto	Segunda parte	Editoria de Cultura	Teatro	Estreia de uma peça	Grupo variado de artistas	Não	Notícia com reações	Entretimento	Não	Não	Não
52	Noite Dura em Chamas Filme	Mariana Xavier	14:06	01/mai	02:01	maio	domingo	Média	Nacional	Lisboa ou Porto	Segunda parte	Editoria de Cultura	Cinema	Estreia de um filme	Grupo variado de artistas	Não	Notícia com reações	Entretimento	Não	Sim	Não
53	Abertura Palácio Biester	Estela Santos	14:25	03/mai	01:35	maio	terça-feira	Média	Ambas	Lisboa ou Porto	Segunda parte	Primeiro Jornal	Cinema	Outra	Não tem	Não	Notícia com reações	Supresa	Não	Não	Não
54	Met Gala	Estela Santos	14:38	03/mai	02:09	maio	terça-feira	Curta	Internacional	/	Fecho	Primeiro Jornal	Cinema	Artistas/celebridades	Não tem	Não	Notícia com reações	Relevância	Não	Sim	Não
55	Julgamento Johnny Depp	Filipa Pereira	14:29	04/mai	02:06	maio	quarta-feira	Média	Internacional	/	Segunda parte	Primeiro Jornal	Cinema	Artistas/celebridades	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Seguimento	Não	Não	Não
56	Famosos Ucrânia	Joana Teixeira	14:23	09/mai	01:31	maio	segunda-feira	Curta	Internacional	/	Segunda parte	Primeiro Jornal	Cinema	Artistas/celebridades	Não tem	Sim	Notícia	Relevância	Não	Sim	Não
57	Leilão Record Marilyn Monroe PJ	Carolina Figueiras	14:41	10/mai	00:52	maio	terça-feira	Curta	Internacional	/	Fecho	Primeiro Jornal	Cinema	Outra	Ator/atriz	Não	Notícia	Supresa	Não	Não	Não
58	Produção Netflix Portugal	Tomás Duran	14:21	15/mai	04:51	maio	domingo	Longa	Ambas	Outras regiões	Fecho	Correspondência nacional	Cinema	Produção cinematográfica	Não tem	Não	Notícia com reações	Supresa	Não	Sim	Não
59	Depp - Heard julgamento	Mariana Xavier	14:26	18/mai	01:48	maio	quarta-feira	Curta	Internacional	/	Segunda parte	Editoria de Cultura	Cinema	Artistas/celebridades	Ator/atriz	Não	Notícia com reações	Seguimento	Não	Não	Não